O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(Episodios da invasão dos francezes em 1809)

POR

ARNALDO GAMA

PRIMEIRO VOLUME

PORTO
Typographia do Commercio
Ferraria de Baixo n. 108

1863

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(Episodios da invasão dos francezes em 1809)

POR

ARNALDO GAMA

PORTO
Typographia do Commercio
Ferraria de Baixo n. 108

1863

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

I

Vós não haveis de mandar
Em casa sómente um pello;
S'eu disser isto é novello,
Haveil'o de confirmar.
E mais quando eu vier
De fóra, haveis de tremer,
E cousa que vós digais
Não vos ha-de valer mais
D'aquillo que eu quizer.

GIL VICENTE

O viajante, que, sahindo de Barcellos e subindo pela margem esquerda do Cávado, parar, a hora e meia de caminho, na aldeia de S. João de Areias, encontra-se em amêna e fertil planície, que, se não é das localidades mais mimosas e mais bem ajardinadas do Minho, é indubitavelmente uma das mais pittorescas.

Imagine o leitor um tracto plaino de terreno, de extensão a perder de vista, mas de pouco mais

que tres quartos de legua de largura — todo cultivado e dividido em campos de differentes tamanhos, a que servem de extremos frondosas fileiras de castanheiros enlaçados de vides. No meio d'elles branquejam, como lançadas a êsmo, aqui uma casa sobradada, alli uma térrea, acolá uma cabana palhiça. Todas são, em geral, exteriormente caiadas de fresco e com o esmero, com que o minhoto se apura n'esta sua usança favorita — usança que não pouco contribue para avivar, em qualquer panorama do Minho, aquelle aspecto de mimo e de frescura, que tanto concorre para o affigurar, quando visto de um alto, immenso e formosissimo jardim, retalhado em canteiros irregulares.

As arraias, que delimitam, aos lados, este plaino, ainda lhe acrescentam mais no delicioso e no pittoresco do aspecto. De um lado, a noroéste, estreita-o o Cávado — rio que, de verão, se reduz as mais das vezes a cinco ou seis pequenos regatos, cada um dos quaes se transpoem facilmente de um salto; mas que de inverno transmonta caudaloso, lambendo em torrentes as margens, e que, depois de atravessar a Penida em salto de cavallo selvagem e furioso, corre até Espozende, onde se lança no mar. Borda-lhe as margens frondosa e quasi ininterrompida alamêda de pinheiros gigantes e seculares, e de castanheiros e carvalhos, que verdejam copados de parras brotadas dos innumeraveis braços, com que os enlaçam as cepas plantadas de encosto a elles. Defronte, na margem direita, jaz a aldeia de Manhente, couto antiquissimo; e, mais ao lado, a casa solar de Azevedo, na esplanada da encosta, a branquejar por entre os pinheiros, com as suas dezeseis columnas de polido granito e a sua torre senhorial, que recorda os tempos gloriosos, em que viveu alli o famoso Lopo Dias de Azevedo, um dos

capitaens de Aljubarrota, e o não menos famoso Martim Lopes de Azevedo, um dos doze de Inglaterra —lenda romanesca que inspirou a Camoens magnificas estancias, e cuja possibilidade não está tão longe da verdade historica como muita gente imagina.

Taes são os limites pittorescos, que bordam a noroéste a formosa planicie. A sudeste levanta-se a montanha de Airó, braço gigantesco que o Gerez estende para o Cávado, cultivado até mais de meia altura, e coberto de aldeias, de campinas e de arvores sempre verdejantes, atravez das quaes alvejam as casas dos lavradores, e levantam-se os campanarios das igrejas. O cimo alteroso, sobre o qual se vêem muitas vezes pousadas as nuvens, achata-se em vasta planura, assombrada a espaços por denso arvoredo, por entre o qual jorram fontes naturaes de agua limpidissima. Da aresta avista-se Braga, Barcellos, Caminha, Espozende, Vianna, aldeias, rios, campinas — immensa paísagem emfim no mais formoso panorama, que se póde alcançar do alto de qualquer montanha do Minho, até mesmo do cimo dos píncaros do Gerez, d'onde a vista se espraia em verdade por mais dilatado território, mas d'onde o panorama é menos bello, por ficar a maior distancia, e por isso mais nebuloso e menos perfeito.

N'esta aldeia de S. João de Areias, á margem do Cávado, e no meio d'esta formosa paísagem assim delimitada, levanta-se o mosteiro de Villar de Frades, a antiga casa capitular dos padres loyos — os beguínos ou bons homens de Villar, como por muito tempo os denominaram os nossos maiores.

A primitiva fundação do mosteiro de Villar data, segundo dizem, da segunda metade do seculo VI; mas foi sómente desde os principios do seculo XV que pertence aos padres loyos, os quaes, apossando-se d'elle, architectaram sobre o acanhado e

mesquinho cenóbio, que os benedictinos tinham abandonado, o magestoso edificio que ainda hoje se levanta n'aquelle local. (*) D'esta epoca é que data tambem a sua celebridade. Desde então o mosteiro de Villar foi sempre tido em conta de um dos mais famosos do Minho. E com justiça o era, não só em razão da magestade do edificio e do pittoresco do sitio, mas, e sobretudo, em respeito das grandes riquezas que possuia, e dos vastos dominios que senhoreava. O reitor dos beguínos de Villar, além de muitas outras possessoens, era senhor donatario dos coutos de Villar e de Manhente, e coudel-mór e alcaide-mór dos mesmos coutos, onde nomeava a justiça civel. Apresentava sessenta abbadias e curados, e as suas terras coutadas eram isemptas de um sem numero de impostos. Em razão de donatário era tambem capitão-mór das ordenanças dos dous coutos. Estes altos e poderosos cargos, por incompativeis com a santa paz e doçura dos habitos monásticos, eram exercidos, em delegação, por um official secular subalterno do reitor e d'elle dependente. Este official era o sargento-mór das ordenanças dos coutos; do que o leitor póde desde já inferir que o sargento-mór de Villar, que é o principal heroe d'esta novella, era um verdadeiro potentado, que dispunha a seu bel-prazer e capricho d'aquellas dilatadas povoaçoens.

Posto isto, e supposto como cousa possivel que o leitor faz perfeita ideia do que era um couto e da organisação das ordenanças ou *bicha*, (**) como plebeiamente as epithetavam, entro sem mais demora na minha narrativa.

No dia 13 de março de 1809, João Peres de

(*) Not. I.

(**) Vid. not. II.

Villalobos, opulento lavrador da freguezia de S. João de Areias, era sargento-mór dos coutos de Villar e de Manhente. Havia quatro geraçoens que este officio andava na familia d'elle ; e por isso havia quatro geraçoens tambem que os passados de João Peres tinham deixado de trabalhar na lavoura, desconheciam a rabiça do arado, e viviam das suas rendas, ociosamente e á laia de fidalgos. Estas *rendas* não chegavam em verdade a prefazer a magra somma de quinze *moêdas de oiro;* mas juntas aos pingues proventos da sargenteria-mór, tinham habilitado os Villalobos a acrescentar ao caldo, borôa e vinho, sustento ordinario de qualquer lavrador minhoto, um arratel de arroz e uma farta talhada de presunto nas tres comidas do dia, e, ao domingo, uma pouca de vacca cozida e pão de trigo para o chefe da familia. Gallinhas, frangões e pombos do pombal da casa, esses eram a granel e quando appeteciam; perdizes, lebres e coelhos, d'esses não se fazia caso, porque eram aos milhares ahi nos montados e mattas dos coutos, onde ninguem podia caçar sem licença do reitor do mosteiro ou d'elle sargento-mór.

João Peres de Villalobos era homem de cincoenta e cinco annos de idade, de estatura regular, bem construido e athleticamente fornido de espáduas. As mãos eram grossas, cabelludas e d'estas capazes de abrirem a fronte de um boi com um só murro; os pés podiam servir de alicerces a uma torre. Tinha a cara grossa e n'ella grandes bochechas, cobertas de pelle dura e de côr vermelha sobre o tostado. Os olhos eram pequenitos, vivos, scintillantes e assombrados por duas espessissimas e vastas sobrancelhas pretas; o nariz grosso e de ventas felpudas e arrebitadas; e a bocca rasgada e de beiços grossos e vermelhos, quasi escondidos por

traz de um enorme e espesso bigode, já rarejado de brancas, que se unia sobre as bochechas com duas felpudissimas suissas, que pareciam dous novelos de pello de bode, recurvados em foicinha. O genio e o caracter d'este varão não desdiziam o que as feiçoens prognosticavam. João Peres era franco, leal, valente e generoso como legitimo minhoto que era; mas rude e sobretudo destemperado de modos, como o são todos aquelles que á natural rudeza de genio ajuntam caracter fogoso e arrebatado. Não era dotado de grande agudeza e prespicacia; mas tinha razão bastante clara, que inspirada pela natural generosidade do animo, pensava sempre rasoavelmente, todas as vezes porém, e estas infelizmente eram poucas, que o genio casmurro e teimoso o não punha em opposição com os outros. Era portanto capaz das mais nobres e generosas acçoens, e n'este sentido irrompiam sempre n'elle os primeiros impulsos; mas espicaçado pela cólera ou pelo espirito da contradicção, não recuava diante do disparate nem mesmo da vingança villã, que n'essas occasioens, seja dito de passagem, não se lhe affigurava tal. A sua posição financeira azava-lhe frequentes vezes de manifestar estas virtudes e estes defeitos. A' mesquinha herança paterna e aos mais avantajados proventos de sargento-mór tivera elle a ventura de ajuntar sessenta mil cruzados em bom dinheiro, final liquidação da herança de um tio materno, que lhe morrera na America. Mais de metade d'essa somma empregou-a elle em acrescentar o patrimonio territorial dos seus antepassados; a outra metade andava a juros, ou antes á razão de juros, pelas mãos dos fidalgos dos arredores, e não só pelas d'elles, mas até pelas dos mais pobres jornaleiros da aldeia. João Peres nunca negou o seu dinheiro, a quem

lh'o pedia com as lagrimas da necessidade nos olhos; mas pela mais somenos embirração, pela mais tola frioleira ou pela mais esquipática venêta que se lhe apossasse do cráneo, dava por paus e por pedras, e arruinava um devedor com tanta maior facilidade que tinha a justiça da casa, como sargento-mór que era do couto.

Antes de ser sargento-mór de Villar e chefe da familia dos Villalobos, João Peres havia sido soldado. D'aqui a origem dos bigodes, que destoavam com as antipathias minhotas, mas de que elle usou toda a vida. A razão d'este tirocinio bellicoso foi o que vou dizer. João Peres era filho segundo, e o pae, que queria fazer casa no mais velho, entendeu que o melhor meio de impedir a futura divisão ou empenho do seu pequeno patrimonio, era metter João ao modo de vida de padre. Recalcitrou elle ferozmente ao principio; mas o pae applicou lhe sobre os hombros flexivel vergasteiro zurzido por mãos de minhoto, e o pobre, *torto collo et invita Minerva*, entrou a estudar grammatica latina nas aulas do convento. Foi pelos cabellos até o *alteruter*, mas em *alteruter* desesperou. Um dia que o padre-mestre lhe quiz applicar uma duzia de palmatoadas para lhe avivar a memoria, João Peres envinagrou-se, fez em pedaços o *Novo Methodo*, saltou de uma janella abaixo, e correu, amaldiçoando o pae e o padre Pereira, a deitar-se a afogar no Cávado. Felizmente, porém, João Peres, como todos os rapazes ribeirinhos, sabia nadar como qualquer dos saborosos salmoens do seu rio. Por mais que fez, não pôde morrer afogado. Mettia a cabeça debaixo da agua, mas, apenas lhe faltava deveras o ar, emergia-a instinctivamente ao lume d'ella; tentou outros expedientes, mas todos pela mesma razão lhe falharam. Emfim vendo que não podia

morrer afogado, e não lhe lembrando por então outro genero de morte, resolveu-se a nadar para terra. Mal chegado, sentou-se ao sol e durante a meia hora que esteve a seccar, meditou a situação, e occorreu-lhe a ideia de cortar a difficuldade, alistando-se de soldado no segundo regimento do Porto. Pensal-o, resolvel-o e partir para a cidade foi tudo um. Tres dias depois João Peres de Villalobos era militar. Tinha então dezenove annos—idade ainda muito de palmatoria n'aquelles felicissimos tempos!

Passou-se isto no anno de 1772. Durante vinte e tres annos João Peres de Villalobos não procurou noticias da familia, nem a familia as procurou d'elle. A coragem e a energia, de que era dotado, abriram-lhe facil caminho na vida militar. Em 1795, ao acabar a guerra do Roussillon com a paz de Basilea, já era capitão, posto que alcançára por distincção no assalto de Belver. João Peres voltou á patria muito cheio de si e soberbo do posto que merecera. Vieram-lhe então muito naturalmente os antojos de se apresentar á familia e de se vingar da embirra despótica do pai com o esplendor da patente, com a côr dos cordoens da banda e com o tirlintar da espada recurvada, com que acutilára os francezes em Banhuls e em Puig-Cerdá. Pediu portanto licença, e poz-se a caminho. Eil-o emfim na aldeia natal.

Mas como tudo estava differente d'aquillo que João Peres deixára ao fugir, e que imaginava que ainda vinha encontrar! Ao bom do capitão do segundo regimento do Porto, quando por essas terras de Christo pensava na familia e na patria, jámais occorrera a ideia de que o tempo corria para os outros da mesma maneira que para elle corria. A fantasia representava-lhe sempre as cousas no mesmo estado, em que as havia deixado. Via o pai

robusto e espadaúdo, ora de marmeleiro empunhado e embirrando furioso em que o filho João havia de ser padre por força; ora de casaca verde e de alabarda na mão, funccionando despóticamente como sargento-mór de Villar. Via a mãi, santa mulher, rezando e rosnando á lareira *padres-nossos* e *ave-marias*, rodeada dos rusticos criados a bocejar como asnos, do marido a roncar como porco, e dos filhos a cabecear como frades de sabugo. E por fim via-o a elle, ao irmão mais velho, aquelle em favor de quem fôra sentenceado a ser padre, de arcabuz caçadeiro ao hombro, rodeado de barulhenta matilha de caens e abusando desenfreádamente da sua posição de filho do sargento-mór. A par d'isto via tambem, de quando em quando, tres ou quatro moçoilas da aldeia, a quem dissera á surrelfa palavras de ternura, e para quem nas esfolhadas procurára ancioso a *rainha*.(*) E ellas sempre as mesmas — as mesmas que elle conhecera havia vinte e tres annos, frescas, repolhudas, coradas e transudando vigor e saude por todos os póros do corpo.

Diante d'estas visoens João Peres empertigava-se com o olho arregalado na farda. Como não havia de ser admirado pelas cachopas da aldeia! Como o pai e o irmão se haviam de espantar á surrelfa no esplendor irradiado pelo capitão do segundo regimento do Porto! Quantas cruzes e quantas bençãos não havia a mãi de fazer chover sobre as illustrissimas costas de tão respeitavel filho! João Peres de Villalobos não cabia dentro da pelle, ao imaginar centralisadas na sua pessoa todas as attençoens e todas as curiosidades da aldeia.

Partiu — chegou — e viu...

Que desillusão!..

(*) Not. III.

A mãi tinha-lhe morrido, e o irmão mais velho havia sido assassinado por não sei que demasias de capitão-mór, praticadas na visinha freguezia da Pousa. O pai esse era vivo; mas fôra mais feliz se tivera morrido. Como estava tão outro do que tinha sido! O homem robusto, irascivel e temido mais que abantesma nos coutos, estava agora reduzido a um miseravel velho alquebrado pelos desgostos e pela doença, que já a ninguem impunha respeito, e que até o proprio reitor de Villar ameaçava lançar do officio, em razão de o julgar incapaz de o exercer.

Ao achar-se diante d'estas realidades, tão tristes e tão ao revez do que imaginára, João Peres sentiu-se tonto e como se cahira das nuvens. Mas logo ao primeiro impulso os seus nobilissimos sentimentos galgaram por cima de todas as desforras inspiradas pelas recordaçoens do passado. Resolveu immediatamente não desamparar mais o pai, e jurou, com um cento de pragas, que havia de salvar a dignidade da familia e obrigar os bargantaços, que tinham escarnecido e abusado da imbecilidade do velho sargento-mór, a respeital-o e a veneral-o ainda mais do que o santo mais milagreiro do altar-mór do convento. Pediu portanto a reforma, alcançou-a, e ficou. Imagine agora o leitor o que faria o rude e corajoso soldado de Ceret e de Belver, ao achar-se dominador da alabarda do sargento-mór de Villar.

O velho sargento morreu mezes depois do filho chegar, e morreu venerado até á humildade por toda a gente d'aquelles arredores. Desde aquella epoca ninguem mais ousou passar por elle sem se desbarretar em respeitosissima mesura, a menos que não quizesse ir parar com os ossos á cadeia de Manhente ou sentir as costellas apalpadas pelo primeiro ramo de cerquinho, com que João Peres

deparasse ao perpassar pelo individuo. Depois da morte do pai, o sargento-mór de Villar ficou só com duas affeiçoens n'este mundo. Era objecto de uma o seu compadre, amigo e camarada Fernão Silvestre de Encourados, filho segundo da nobilissima e antiquissima familia dos senhores de Encourados; da segunda era-o uma filha que lhe nascera, em 1789, de uma senhora com quem casára no Porto, e de quem enviuvára anno e meio depois de casado.

Estremecia a filha com ternura e dedicação de amante extrêmoso. A' menor palavra d'ella, ao seu menor desejo, a um beijo apenas que lhe désse, aquelle genio casmurro e irritavel embrandecia, e curvava-se de modo que de leão furioso ficava transformado em mansissimo cordeiro.

Estremecia com igual affecto o amigo. Questionava é verdade com elle, e contradizia-o por habito em todas as cousas; mas por fim cedia, resmungando sempre, mas cedia. A este, além das razoens de amisade, ligavam-no tambem razoens de gratidão por serviço de tal ordem que João Peres, ainda mesmo depois de em Banhuls lhe ter salvado a vida com apertado perigo da sua, continuava a confessar-se-lhe devedor insoluvel. Este serviço fôra-lhe prestado em 1793, ao partir para a campanha do Roussillon. N'esse tempo Villalobos achou-se gravemente incommodado por não saber o que havia de fazer da filha, que tivera até então em casa de uns parentes da fallecida esposa, mas por quem receiava agora em razão de lhe faltar a sua vigilancia. Fernão Silvestre acudiu então ao amigo, offerecendo-se-lhe para mandar a sua afilhada para o solar de seus pais, onde seria educada por sua cunhada, excellente e nobilissima senhora. João Peres acceitou, e a linda e intelligente creancinha partiu para o paço de Encourados, onde a carinhosa

esposa do morgado a tractou e educou com todos os mimos e com todos os regalos de verdadeira fidalga. Alli passou ella a infancia, alli cresceu e medrou até á puberdade, alli viveu ainda alguns annos depois que o pai se estabeleceu definitivamente em S. João de Areias, e d'alli sómente sahiu quando os primores da mais rara belleza principiaram a despontar n'ella, e advertiram ao pai e ao morgado de que, *pro prudentia et pro decentia*, a filha do sargento-mór de Villar não devia continuar a viver debaixo do mesmo tecto com o filho primogénito e unico herdeiro do senhor donatario de Encourados.

Estas duas ternissimas affeiçoens—a filha e o amigo—já tinham sido azo de grandes desgostos para o bom do sargento-mór.

Camilla, o seu beijinho, a filha benjamim já o pozera nos apuros que sabemos quando elle teve de partir para o Roussillon; e mais tarde, quando a trouxe de Encourados, para Areias, tambem lhe não tirou poucas noutes de somno, por se lhe ter despertado a consciencia de que a filha estava finalmente mulher.

Fernão Silvestre, o amigo querido, esse ainda lhe tinha dado maiores penas. Depois da restauração do Porto, em 1808, Fernão Silvestre foi accusado de jacobino, por ser intimo amigo do célebre capitão Mariz e de Luiz Candido Furtado. (*) O odio e a exaltação popular, que já n'esse anno prognosticavam os horrorosos acontecimentos de 1809, perseguiram-no até Villar de Frades, onde veio acolher-se em casa do sargento-mór. O povo levantou-se contra o jacobino, e cercou a casa para o matar. Ao ver o amigo n'aquelle trance, e desacatada a sua despótica authoridade, João Peres demen-

(*) *Not. IV.*

tou-se de furor. Tomou a espada de Belver e de Puig-Cerdá, e, acompanhado de alguns amigos que lhe acorreram e auxiliado sobretudo pelo seu antigo camarada, velho soldado do Roussillon, que com elle vivia, depois que juntos deixaram o serviço, cahiu sobre os amotinados, acutilou uns, metteu outros na cadeia de Manhente, e multou toda a freguezia, dando por essa occasião prova cabalissima do poder de um capitão-mór em 1808.

O motim dispersou, mas Fernão Silvestre entendeu que devia deixar a casa do amigo, e o sargento-mór ficou desde então notado de jacobino, nome que ninguem lhe ousava chamar cara a cara, mas que todos mentalmente lhe davam, e que n'aquelles tempos revoltosos não era dos mais appeteciveis.

Tal era o sargento-mór de Villar, João Peres de Villalobos, homem, em verdade, que mais que ninguem precisava de trazer sempre diante dos olhos aquella copla do nosso poeta philosopho, que diz:

> Olha que em tudo o soffrimento val,
> A cabeça não corra mais que os pés,
> Seja a razão o guia principal: (*)

mas a quem apesar dos defeitos de arrebatado, casmurro e grosseiro, não se podiam negar excellentes qualidades, todas aquellas emfim que dão ao homem direito a ser classificado entre os verdadeiros nobres de espirito. Parece-me que o leitor já o deve conhecer bem, por isso passo agora a apresentar-lh'o em pessoa.

Pouco passava das cinco horas da manhã do

(*) Sá de Miranda. Ecloga IV.

dia 13 de março de 1809. O sol principiava a despontar no horisonte, e o céu estava limpo de nuvens e tinto da mais bella e pura côr de anil. Mas o monte de Airó e as campinas comarcans estavam cobertas de neve, e a aragem fresca que soprava de leste, correndo por sobre ella, enregelava as faces e as mãos, e parecia levar até o coração o frio glacial que fazia.

Ao dar a ultima pancada das cinco no velho relogio de um só ponteiro, que sobre esguio e comprido tubo de pau de pinho se erguia a um dos cantos do quarto do sargento-mór, este acordou, sentou-se na cama, bocejou, espreguiçou-se, e benzeu-se. Depois rosnou uma praga, saltou ao meio da casa, e, apesar do frio, foi, como estava, direito á janella, que não tinha vidraças, e abriu-a de par em par. Debruçou-se então um pouco para fóra, e poz-se a bradar pelos criados.

— O' Chanisco! — gritava elle—Ah! ladrão! Então ainda estás no quente, alma do diabo! E a égua sem estar apparelhada!.. O' Zé Vogas, ai, desavergonhado, que vou lá que te arranco as orelhas, entendes? Pois ainda não sahiste com o gado, maldito! A que horas has-de chegar a Barcellos, ladrão dos meus peccados! O' Domingos, poem-te a pé senão vou lá com um arrocho, entendes? E a égua sem estar apparelhada!.. Estes ladroens querem dar cabo de mim ... mas eu arrebento-os... O' Chanisco, alma de cantaro...

— Que diabo está vocemecê a barregar? — disse então com modo rude e sacudido um homem de cara arrenegada e de grandes bigodes, que de repente appareceu no eirado, ainda descalço e atacando os calçoens—Agora amanheceu, não vê? E' todos os dias o mesmo bradorio. A égua vai apparelhar-se. Escusa de berrar. Está ahi a fazer esse

destempero, e o almoço ainda não está prompto. Quer sahir sem almoçar?

— Sem almoçar!—exclamou João Peres, arregalando os olhos no seu interlocutor, que era nem mais nem menos que o supracitado camarada, velho soldado tão casmurro como o amo, mas de muito mais bom sensó, e que era o unico que com elle ousava ter e tinha impunemente estas liberdades.

— Sem almoçar, sim senhor—replicou o veterano com mau modo — E' como lhe digo. A varanda (*) ainda está fechada. A moça ainda está dormindo.

— Que dizes, homem! Pelo inferno! — exclamou o sargento-mór, dando um salto para dentro do quarto.

Atacou então á pressa uns calçoens, abriu a porta do quarto, e poz-se a berrar pela criada que tratava de cosinha. Era ella mulher já de idade, e de muitos annos familiar da casa dos Villalobos; sonsa e matreira a mais não poder ser, e que por isso fazia ouvidos de mercador aos brados do amo, e ao rumorejar das criadas da lavoura, que, logo aos primeiros berros, principiaram a dar signal de si. João Peres continuou a gritar por muito tempo sem que a velha se resolvesse a ouvir; provocado por fim por aquella teimosa surdez, segurou com a mão esquerda os mal atacados calçoens, e correu para a porta do quarto d'ella, que ficava ao fundo do corrédor, pegado com a cosinha.

— Arriba, Jabel, que ahi estão os francezes! — gritou, batendo ao mesmo tempo com o punho cerrado duas ou tres pancadas na porta.

— Credo, senhor! Anjo bento! — responderam de dentro em voz nasal e sobresaltada; e

(*) Not. V.

ao mesmo tempo sentiu-se baquear no sobrado massa pesadissima, que gemeu dolorosamente.

—Upa, mulher, que já são comnosco!—replicou João Peres, repetindo as punhadas.

Depois retirou-se, sorrindo da gracinha com que, a seu parecer, amedrontára a criada, e dando manifestos signaes, que, apesar dos berros com que salvára o dia, o rude e casmurro sargento-mór de Villar amanhecera, benza-o Deus, prasenteiro e bem humorado. Recolheu-se então ao quarto a preparar-se e a vestir-se; acto em outro qualquer dia de nenhuma importancia, mas n'este muito sério e de muito trabalho, pelas razoens que o leitor saberá brevemente.

D'ahi a pouco tudo estava em reboliço n'aquella casa. A velha Jabel accendeu na lareira um monte de vides e de achas de pinheiro, que depois de fazerem fumaceira tal que, a havel-a no inferno, não haveria condemnado para dous dias, levantou grandiosa fogueira, ao calor da qual a sorna da velhinha requentou n'um momento o caldo da vespera, que impingiu como novo aos criados, e de que reservou sufficiente porção para o amo. D'ahi a meia hora os moços da lavoura sahiram almoçados para os seus misteres; e José Rodrigues, o Trinta e tres, como João Peres lhe chamava por habito da numeração do regimento, levantou-se resmungando e praguejando a velhacaria da criada, e foi apparelhar a alentada e possante égua do sargento-mór, sobre a qual silhou enorme e largo albardão estufado, com muitos tópes vermelhos, e que terminava em alto bico, a prumo do rabicho, no topo do qual balouçava uma borlasinha de seda e um alentado cornipinho entre vistosa laçaria amarella.

Tres quartos de hora depois, o sargento-mór,

que, ao ser intimado para almoçar, ordenára que os criados fossem almoçando, e não esperassem por elle, como é de uso e cortezia nas casas dos lavradores minhotos, deu copia por fim da sua pessoa, sahindo para fóra do quarto. E sahiu, não como a galhofa da madrugada faria esperar que sahisse; mas grave, carrancudo, a passo batido e compassado, e com ar de muita authoridade e despotismo.

A razão d'esta mudança inesperada trazia-a elle mesmo em cima dos hombros. João Peres trajava a farda de sargento-mór de Villar, e todas as vezes que a envergava, por mais prasenteiro e communicativo que estivesse , tornava-se assim. Cobria-lhe a cabeça enorme chapeu de dous bicos, de mau feltro e sem guarnição alguma, pela parte posterior do qual descia sobre as costas o comprido e farto rabicho do cabello, atado e adornado de grande laço de fita de seda preta. O pescoço, curto e grosso, vinha assoberbado por monstruoso lenço de cambraia branca, por cima do qual subiam ao lado das faces dous enormes collarinhos bordados, que lhe trepavam até os cantos da bocca, guerreando ferozmente as suissas. As compridas pontas do lenço, que eram tambem bordadas, cahiam-lhe sobre o peito da camiza, rico egualmente de ramalhudas bordaduras. Vestia casaca do panno verde-gai, que era a farda dos sargentos-móres, de góla singella e alta, e com dous alamares por dragonas. Trazia por debaixo um collete de velludo côr de vinho, e, em lugar de calçoens, umas calças do uniforme do segundo regimento do Porto -- innovação que os inglezes tinham introduzido em Portugal em 1808, e que João Peres adoptára a instancias do seu amigo Fernão Silvestre, que embirrava de ver um militar de calçoens. A' cinta trazia os cor-

doens, que então serviam de banda, e a espada do Roussillon, que, ao sahir do quarto, suspendia repousada sobre o braço esquerdo.

Com este apparato entrou o sargento-mór na sua cosinha, que, no Minho, é sala de comer do lavrador por mais abastado que seja.

— Ui! onde vai vocemecê assim de madrugada?—disse a velha Jabel, mettendo-se a abelhuda, animada pela galhofa do romper do dia.

— E que lhe importa a você, sua excommungada? — respondeu desabridamente o sargento-mór, parando junto da cadeira espaldar, que se via á cabeceira da enorme meza de castanho, que, rodeada de bancos de pinho, estava defronte, mas a distancia, da lareira.

Jabel (ou Izabel, como se diz cá fóra do Minho) encolheu-se toda, sem ousar dizer mais palavra. Depois deitou o caldo na *malga* (*) do amo, e veiu pôr-lh'o defronte, bem como um prato com um succulento naco de toucinho cozido, cercado de enorme arrecife de couves gallegas, tudo a fumegar.

João Peres bascolejou então uma alentada cabaça que estava junto d'elle, e rosnou um grunhido de nada contente ao sentir o estrago que os criados da lavoura tinham feito no conteúdo. Em seguida encheu de vinho uma pequena malga, que ainda hoje, no Minho, é copo commum a amos e criados, arredou o toucinho depois de meditar indeciso um instante, e aproximou de si a malga do caldo. De repente, e como acomettido pela recordação de um

(*) Ao leitor pouco familiar com a fraselogia minhôta é preciso advertir, que *malga* ou *covilhete* significa tigella de louça branca. A todas as outras chamam tigellas, excepto ás vermelhas, que distinguem pelo nome de barreiras.

dever que lhe ia esquecendo, poz-se de pé, levantou devotamente as mãos, e, de chapeu de bicos na cabeça e de olho meio fechado, resmungou alguns segundos inintelligivelmente, e ao cabo d'aquella oração, que bem se podia chamar mental, cerrou a ceremonia lançando uma larga benção a tudo o que estava sobre a meza.

Depois esfarelou sobre o caldo quasi meia boroa, remexeu tudo aquillo, que nada menos era que mistura indigesta de couve gallega, de nabos e de feijão frade, e poz-se a comer. Acabado o caldo, bebeu o vinho, e, depois de limpar á toalha os beiços e os bigodes, poz-se de pé.

— Jabel — disse então gravemente e em tom authorisado —hoje é dia grande em Encourados. Eu vou para lá, e não volto com a menina senão d'aqui por quatro dias, entendes? Tu ficas senhora da praça. Portanto, se quando a menina voltar houver transtorno na casa...entendes? Se me consta que mettes cá alguem de fóra... entendes? Se não déres bem de comer aos criados ... se me não tratares bem dos porcos... se me déres cabo do pombal e das gallinhas ... entendes? Se me deixas morrer o papagaio... Se me deixas ir o gato ao pintasirgo... entendes? Se me não tiveres as camas bem feitas...o quarto da menina bem apparelhado... a cosinha bem composta...as cebollas enrestadas, e as batatas estendidas na sala da capella...Por esta que trago á cinta, corto-te as orelhas. Entendes?

Aqui João Peres arregalou os olhos *ad terrorem* para a velha, que, acostumada a estes sermoens do amo, voltou-lhe sem ceremonia as costas, e pozse a mexer no panellão, que tinha sobre o fogo da lareira.

O sargento-mór sahiu então pela porta fóra.

— Trinta e tres!—bradou ao chegar ao meio da escada, que da varanda descia para o eirado.

O veterano appareceu, puxando pela arreata á égua. João Peres desceu para junto d'elle.

— Trinta e tres—disse-lhe por fim depois de o fitar gravemente um instante — tu ficas tenente-rei d'esta praça. Eu não volto com a menina senão d'aqui por quatro dias, entendes? Confio-te, pois, a guarda da minha casa. Imagina-te dentro de Belver ou de Puig-Cerdá, e guarda-me a minha propriedade...entendes? como guardarias aquellas fortalezas, se d'ellas tivesses prestado homenagem ao principe regente, nosso senhor. Portanto, se o Chanisco mandrionar....entendes? e não me tratar bem do gado, pau n'elle; se o Vogas não andar diligente com os carretos para Barcellos, pau n'elle; se o Chancudo me cavalgar no potro...entendes? pau n'elle, Trinta e tres, pau n'elle; se a Jabel metter gente de fóra cá em casa, pau n'ella... Mas... n'ella não; deixa-a cá por minha conta, que já é velha. Entendes? E, portanto, adeus.

Assim dizendo, metteu o pé no mourisco estribo de pau, bifurcou-se de um salto no alteroso albardão, e dirigiu-se para a porta do eirado, que o veterano abriu de par em par. Ao chegar porém á soleira da porta, fez revirar a égua, e voltou para dentro.

— Trinta e tres, sentido!—bradou, levantando energicamente a mão—Sentido, Trinta e tres! Entendes? Não sei por onde andas ha dous mezes com essa cabeça, tresnoutado, fóra de casa e por leiras do diabo... Eu não sei o que isto é, Trinta e tres. Mas seja o que for, vou socegado, porque sei que me és fiel... entendes? e que nem ao proprio satanaz voltas a cara.

— Vá, homem, vá, com um milhão de diabos

—interrompeu-o aqui o veterano, bufando de impaciente—Vá, e vá sem cuidado. Que lhe importa a vocemecê com a minha vida? Já tenho idade para me saber governar.

— Está bom, basta palavra. Portanto, olho n'elles... e se for preciso...entendes? pau n'elles, Trinta e tres, pau n'elles, pau n'elles...

E a berrar *pau n'elles*, *pau n'elles*, espicaçou a égua com a enorme espora de ferro, que levava na bota do pé direito, e despediu como um foguete pela porta fóra.

II

> Mostre por prova melhor,
> Quem o contrário presume,
> Se viu amor sem ciume
> Ou ciume sem amor?
>
> F. R. LOBO. *Primavera.*

A freguezia de S. Thiago de Encourados está situada, parte d'ella nas abas do monte de Airó, e outra parte estendida por elle acima, do lado do noroéste. A poente fica-lhe Villar de Frades. No extremo da freguezia, e no ponto, onde ella mais se eleva, estava situado o paço e solar do fidalgo, senhor donatario do couto, fundado sobre a extensa rechã, em que a montanha se collea, ao chegar áquella altura. O panorama da aldeia, estendida em amphitheatro de verdura pela encosta, salpicada pelas casas dos aldeoens, que apparecem aqui e alli, e no alto, a cavalleiro d'*ellas, e como* que a vigial-as, o solar do se-

nhor donatario, era uma das mais formosas vistas que, ainda no principio d'este seculo, se encontravam na nossa provincia do Minho.

O paço de Encourados, de que apenas restam hoje as ruinas, era um vasto e magnifico edificio, mixto extravagante de differentes architecturas. A fundação primitiva fôra uma fortissima torre, semelhante ás tantas outras edificadas nos seculos X e XI, quando a conquista christã mal se podia resguardar contra as repetidas e subitas invasoens dos serracenos, ainda então poderosissimos na nossa peninsula. Mais tarde, no seculo XIII, um descendente d'aquelle que fundára a torre, edificou pegado a ella um alcacer acastellado, ao abrigo do qual os ricos-homens de Encourados desafiaram durante uns poucos de seculos as justiças de el-rei, e guerrearam competencias e caprichos com os ricos-homens comarcãos. Durante este longo espaço de tempo, o alcacer soffreu differentes modificaçoens, tendentes ora a adornal-o, ora a fortalecel-o mais, segundo a indole d'aquelle que as mandava fazer. Quasi todos deixaram n'elle fundos vestigios, mas nenhum lhe mudou a feição principal. No seculo XVI foi que elle se transformou inteiramente. Na segunda metade d'esse seculo, um senhor de Encourados, voltando da India, opulento de glória e não menos de riquezas, emprehendeu tirar ao paço senhorial a feição rude e bellicosa, que recordava os tempos turbulentos, em que fôra edificado, a dar-lhe aspecto mais em harmonia com a epoca faustuosa, em que elle vivia. Em conformidade com este plano, a barbacã e a muralha foram derribadas, servindo para entulhar a cava; e a frontaria do alcacer, a que se podia chamar principal, foi substituida por outra modelada pelo gôsto architectónico da epoca. O paço perdeu assim o aspecto guerreiro

que tinha, e o velho castello dos baroens do século XIII ficou exteriormente transformado em palácio de cortezão opulento. Ao interior porém não chegou a reforma assoladora. Por traz da frontaria moderna, ficou o paço, a torre da menagem, a sala d'armas e todos os outros repartimentos do antigo castello; porque o senhor de Encourados contentou-se com enxertar feiçoens novas no velho gigante, e deixou-lhe o seio intacto e apenas modificado nos adornos. Nos fins do seculo XVII o paço soffreu nova alteração. Um outro descendente dos antigos ricos-homens, que viveu muito tempo em Pariz, mandou construir de encontro á porta principal do edificio um vasto corpo saliente, de magnifica fachada, e que tinha por sobre-céu um bello terraço, para onde se sahia por uma porta aberta no panno fronteiro da velha torre, que ficava por traz e a cavalleiro do edificio do seculo XVI. Sobre a grandiosa e elegante porta principal d'esta fachada é que se via, esculpido em granito, o escudo das armas dos Encourados, que eram — em campo de prata uma cruz de vermelho firmada no escudo, elmo aberto com paquife de prata e vermelho; por timbre um meio touro arremettente de prata, armado de vermelho. (*)

Estas alteraçoens, sem unidade de plano, davam ao paço de Encourados aspecto extravagante e irregularissimo, mas não deixavam tambem de concorrer para a magestade imponente, com que elle se erguia sobre a gigante rechã da montanha.

Em 1809 Vasco Mendes de Encourados era o senhor donatario do couto e o proprietario do solar. Vasco Mendes era pela índole, pelo orgulho, pela corpulencia e pelas forças gigantescas dignis-

(*) Vid. not. VI.

simo representante dos cavalleiros, que haviam fundado a torre e o alcacer. Mas estes peccados eram n'elle remidos por virtudes altamente aquilatadas. Era bom pai, bom esposo, bom irmão e bom amigo. A soberba heráldica, que era o defeito mais saliente, que tinha, tornava-o ás vezes desconversavel e duro; mas a generosidade e a bondade, de que era dotado, faziam não poucas vezes que o soberbo e repellente fidalgo, que fallava a todos de chapéu na cabeça, voz grossa e sobrecenho encrespado, entrasse na choupana do mais pobre dos seus vassallos, a levar-lhe soccorros offerecidos com tão bondosas palavras de consolação, que não só escureciam totalmente o ridículo pavoneamento, com que fallava dos seus quarenta nobilissimos avós, mas faziam-no adorar por todos os plebeus de muitas leguas de arredor. Além d'este peccado da soberba heráldica, Vasco Mendes era em alto grau sujeito a outro, que, desde remotissimas eras, foi sempre como que essencial a todos os fidalgos portuguezes. Este peccado era o da perdularidade, no qual já primára seu pai, seu avô, seu bis-avô e toda a sua geração, mas que n'elle chegava até ao extremo em razão da muita bondade e caridade que tinha. D'aqui succedia que Vasco Mendes herdára uma casa não muito grande, mas muito empenhada, a qual tinha de deixar ao successor em estado que era impossivel empenhal-a mais.

Vasco Mendes era casado com D. Luiza de Aboim, senhora tão nobre como elle, mas que não tinha a respeito de fidalguia as ideias exageradas do marido. Era filha de uma casa nobilissima da fronteira, e em razão de ter perdido a mãi, sendo ainda muito creança, fôra educada n'um convento do Porto, d'onde sahiu, contra vontade do pai, para casar com Vasco Mendes. Tinha tido educação primoro-

sa, e a natural lhaneza de caracter fizera-a naturalmente escapar á denguice freirática, que n'esses tempos ficava sempre indelevelmente estampada em todas as meninas educadas em convento. A bondade de D. Luiza emparelhava com a do marido, excedendo-a porém em nunca ser empanada sequer por uma olhadella de soberba, que offendesse nem ao de leve a dignidade dos outros. D'esta união nascera apenas um filho, e como elle tem de em breve apparecer ao leitor, se hei-de mais tarde dizer-lhe o preciso para lh'o fazer conhecer, vou-lh'o dizer desde já.

Luiz Vasques de Encourados tinha, em 1809, vinte e quatro annos de idade. Possuia todas as qualidades do pai, e não lhe tinha nenhum dos defeitos. Dos ricos-homens seus antepassados herdára tambem o espirito cavalheiroso e a validez muscular; mas não herdára a corpulencia. N'este ponto a natureza modelára-o em fórmas mais próprias para incendiar as cabeças das raparigas romanescas e imaginativas. Era de estatura mais que regular, airosamente desempenado, e de cabeça alta e nobremente assombrada. As feiçoens eram perfeitissimas, e notaveis pela expressão varonil, que annunciava, logo á primeira vista, o cavalheirismo d'aquelle nobilissimo espirito e a coragem e a impavidez de que era dotado. Demais em ninguem como n'elle se podia dizer que o rosto é o espelho da alma. Todas as paixoens, todos os sentimentos se reflectiam no d'elle com tal vigor e com tal perfeição, que por mais momentáneo que fosse o abalo, ainda assim era tão sensivel a expressão do semblante, que logo o deixava conhecer com a mesma facilidade, com que se conhece sobre a superficie do mar em calma todas as alteraçoens de mais ou menos vigor que as brizas lhe fazem ao passar.

Vasco Mendes empenhára-se em vigorisar no filho os sentimentos e as propensoens da raça illustrissima a que pertencia; D. Luiza em lhe desenvolver as virtudes, apontando-lhe as do pai e prevenindo-o ao mesmo tempo delicadamente contra os pequenos defeitos que este tinha. Outra circumstancia concorreu não menos para fazer de Luiz Vasques modêlo de cavalheiros; e esta circumstancia fôra o ter sido educado conjuntamente com Camilla, a filha predilecta do sargento-mór de Villar. Era Camilla uma d'estas organisaçoens angélicas, a que alguem já chamou, e com razão, notas desferidas das harpas dos anjos, tão sensitivas nascem, tão delicada e poética é n'ellas a sensibilidade. Luiz Vasques era mais velho do que ella cinco annos. A doçura d'aquelle anjo, que lhe acompanhára a infancia, acrisolou-lhe até á perfeição a natural poesia do espirito; a fraqueza d'aquelle ser tão mimoso, a cujo lado se achára desde o berço, engrandecera n'elle aquelle sentimento de protecção cavalheiresca, que inspira a heroicidade ao homem, incendiando-lhe o brio que eleva a sua superioridade orgánica muitas vezes além dos limites, que a natureza parece ter demarcado.

Se a educação de Luiz Vasques tivesse corrido unicamente dependente do pai, nunca o moço fidalgo saberia mais do que escrever mal o seu nome, jogar as armas, montear e cavalgar com perfeição. Se n'ella tivesse influenciado exclusivamente a mãi, Luiz não passaria de um bom homem de bem, e porventura de um litterato medíocre. Mas, felizmente, era elle filho de duas pessoas que se presavam extremosamente, e o resultado d'esta mutua affeição era a mutua condescendencia. Assim Luiz Vasques aprendeu a jogar as armas, a caçar e a cavalgar como qualquer dos mais rijos dos seus an-

tepassados; e ao mesmo tempo aprendeu a ler e a escrever correctamente, e frequentou latim e humanidades nas aulas do convento. Além d'isto Vasco Mendes, por conselho da esposa, tinha tomado para pedagogo do filho um velho padre irlandez, homem excentrico, mas altamente conhecedor de línguas, que um dia imaginára o capricho de viajar a pé por toda a Europa, e que no fim d'esta extravagante peregrinação parára ao passar em Encourados. A estes dotes de educação juntava Luiz Vasques uma tal ou qual experiencia do mundo, grangeada nos saloens dos fidalgos do Porto que o pai o obrigava a frequentar; e sobretudo na ultima campanha, em que o mandára militar voluntário, e na qual assistíra a todos os pequenos combates, que se deram pela independencia nacional, e por ultimo aos dous da Roliça e do Vimeiro. Esta experiencia do mundo, sobretudo a alcançada na vida dos acampamentos, desempoeirára totalmente a grande alma d'aquelle moço, e déra-lhe certa firmeza de acção, que fazia sobresahir o joven morgado de Encourados entre todos os morgados mais ou menos alarves das visinhanças.

Tal era o senhor de Encourados e a sua familia. De um outro membro d'ella, que já de passagem apresentei ao leitor, mais tarde terei de fallar. Isto diz respeito a Fernão Silvestre de Encourados, irmão mais novo de Vasco Mendes, e amigo, compadre e camarada do sargento-mór de Villar.

Eram dez horas da manhã d'aquelle mesmo dia, em que o sargento-mór sahira, de uniforme, para Encourados, deixando de sentinella aos penates o seu fiel Trinta e tres. O dia, que amanhecera frigidíssimo, entepidecera aquecido pelos raios do sol de março, o que acontece quando a atmosphera está em plena calma, e de horisonte a horisonte não

apparece uma nuvem. As flores da primavera começavam a matizar as campinas; e o vasto e formoso jardim do paço de Encourados, obra do fidalgo do seculo XVII e agora recreio e cuidado da vida sem nuvens de D. Luiza, começava tambem a inflorar-se de mil formosas boninas, espalhadas pelos canteiros e pendentes de um sem numero de braços de trepadeiras, que se enroscavam pelas paredes de buxo, que ladeavam as bem arruadas avenidas e passeios. Distante do palacio havia um grande lago, encerrado dentro de espessa e alta parede de cedros, artisticamente sujeitados uns aos outros. Do lado opposto ao castello pegava com ella, e para dentro d'ella tinha entrada, um extenso e copado bosque de muitas arvores differentes, alabaryntado por um sem numero de ruas, que todas por fim convergiam para um grande portão aberto no alto muro, que cercava a quinta do fidalgo.

Eram pois pouco mais ou menos dez horas da manhã do dia 13 de março de 1809. A grande porta envidraçada, que do paço dava sahida para o jardim, abriu-se, e por ella sahiu a mais gentil e mimosa creatura, que vós, leitores, podeis imaginar por mais poética e oriental que tinhaes a imaginativa.

Era Camilla, a linda filha do sargento-mór de Villar.

Camilla era um d'estes seres que se não descrevem; que se imaginam, e que só se podem imaginar aos quinze annos, na idade em que o homem, ao desabrochar na juventude, immaculado, cheio de vida e de poesia, cahe a cada passo em sonhos vagos, em abstracçoens, que antevêem a espaços o ceu, e nas quaes o instincto do amor lhe faz apparecer um sêr aério, puro e formosíssimo, que é d'elle o primeiro objecto. Camilla era pela belleza vapo-

rosa das fórmas e pola expressão maviosa e infantil, do semblante a realisação do mais delicado typo d'esses sonhos. O pol-a de par com outro qualquer simil falsearia infamemente a pintura. Comparal-a com as péris travessas do ceu de Zoroastre, seria mentira; confrontal-a com as lascivas houris do eden de Mahomet, seria blasphemia. Não, Camilla não era nada d'isso. Era... era aquelle sonho; era o archetypo da Eva de Milton, o unico poeta que, depois de Deus, soube comprehender a mulher, quando pela primeira vez sente que vive, porque sente que precisa de amar.

Camilla encaminhou-se pela extensa avenida, que conduzia para o lago, entrou para dentro do cerrado dos cedros, e foi sentar-se n'um banco de pedra, ao lado da porta que dava para o bosque, a qual ficava fronteira áquella por onde havia entrado. Depois passeou os olhos por cima dos canteiros, por cima da agua limpidíssima do lago, pelos festoens de flores que as trepadeiras penduravam pela parede dos cedros abaixo; seguiu aqui o saltitar de um passarinho, acolá o vôo de outro; e por fim cahiu n'aquelle vago e delicioso scismar, em que a solidão enleva as almas que deus formou para amarem, e para apreciarem os mimos da creação. A's vezes um sorriso angélico confrangia-lhe ao de leve os labios de carmim; outras os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas, e o seio arfava-lhe ao impulso dos suspiros caprichosos, que se lhe desprendiam da alma.

Esteve assim por mais de um quarto de hora n'este doce enlevo dos sentidos, e assim estaria muito tempo, se não fosse despertada pelo ruido de passos apressados, que do bosque se dirigiam para o lago. A linda menina estremeceu, as faces purpurearam-se-lhe, e os olhos irradiaram-lhe aquella

celestial sensação indefinivel, que enleva a donzella, ao sentir aproximar-se o homem que ama, e cujos passos o amor lhe ensina a distinguir a distancia, e ainda mesmo que soem no meio de muitos.

Um momento depois Luiz Vasques de Encourados assomou á porta, que dava para o bosque. Trazia na cabeça um chapéu de felpudo pêllo de seda, de copa mediana e de abas largas e redondas. Por cima do collete, afogado até meio do peito, vestia um casaco de panno inglez, de côr escura e forrado internamente de magnificas pelles. Este casaco, segundo a moda da epoca, era bastante comprido, e tinha a gola alta, curta e ligeiramente enroscada. As calças, que vestia, eram muito justas, e justavam cada vez mais á medida que desciam para a parte inferior da perna, onde em fim se mergulhavam nos altos canos de umas primorosas botas, acanhoadas de branco, que lhe subiam até mais de meia canella. Este traje, que, apesar do ódio que tínhamos então aos francezes, era pouco mais ou menos o usado pelos republicanos de 1792, alterado depois ao de leve pelos partidários do império, era moda mais que geral entre os pintalegretes do meio dia da Europa, e Luiz Vasques apurava-se n'elle em razão das suas frequentes visitas ao Porto. Aquelle grande chapéu, e sobretudo a alta e enroscada gola d'aquelles fartos casacos, nem a todos ficavam christãmente; mas n'elle lustrava tudo bem em razão da elegancia das fórmas, da magestade do porte e do airoso do passo. Trazia nas botas umas pequenas esporas de prata, afiveladas ao lado por estreita e lustrosa correia; e na mão um chicote de punho tambem de prata, affeiçoado á semelhança de garra de ave de rapina.

Ao ver o moço, Camilla aconchegou mais sobre o seio o capote de fina casemira branca, fimbrado de

seda, que, ao uso da epoca, trazia por cima do vestido, enfiado pelas mangas, e fitou-o com indizivel expressão de amor. Luiz, entrando pela porta do bosque, ladeára para a direita do lago, de fórma que não viu Camilla, que estava sentada a pequena distancia, mas do lado opposto áquelle por onde elle se encaminhára. A linda menina, enlevada na contemplação do seu querido companheiro da infancia, deixou-o ir ávante, sem que aquelle arroubamento lhe consentisse forças para dar signal de si. Luiz ia já quasi a sahir pela porta opposta do cerrado, quando ella tossiu ao de leve.

Voltou-se o moço. Quando apparecêra, trazia o semblante pensador e como reflectindo imaginaçoens, que indecisas lhe agitavam a alma. Ao dar com os olhos na linda menina, o rosto de Luiz Vasques quasi que sumiu de todo a expressão que trazia, e os olhos brilharam-lhe de subito como quem se sentia abalado pela repentina apparição do objecto do pensamento que o perturbava. Mas para logo, esta expressão descahiu para a da mais sincera e viva satisfação, sem comtudo vencer completamente umas ligeiras tintas, que lhe ficaram do primitivo cuidado.

— Tu aqui, minha Camilla! — disse o moço, voltando para traz e dirigindo-se a ella.

—Vim gozar este formosissimo dia... aqui, onde tantos gozamos ambos brincando—respondeu ella, fitando-o com um olhar angélico.

Os olhos de Luiz brilharam com a mais viva expressão de castissimo amor, de amor todo d'alma.

— E' verdade! — replicou, sentando-se ao lado da linda menina, e levando aos labios uma das mãos d'ella — Oh! què dias... que dias formosos aquelles! Que innocentes prazeres! que deliciosos folguedos! Não vale a pena ser homem. Aquelles

dias — acrescentou em voz mais baixa — não tinham cuidados, não tinham nuvens...

A entoação da voz de Luiz, e a expressão que o rosto lhe tomou ao proferir estas palavras, condiziam cabalmente com o semblante pensador, com que havia entrado no cerrado, e se suppunha comsigo a sós. Camilla estremeceu, e voltou-se rapidamente para elle.

— Que tens, Luiz? Porque dizes isso? — exclamou com anciedade e com os olhos arrazados de lágrimas.

— Por nada, querida Camilla, — respondeu elle, simulando completo socego de espirito — por nada que te deva fazer receiar pelo teu amigo da infancia. O que eu disse, refere-se unicamente aos tempos revoltos que vão. O futuro não se antolha muito de rosas, querida irmã. Estamos em tempo de guerra, e ameaçados de nova invasão. Os francezes occupam toda a margem direita do Minho, e ameaçam atravessal-o á viva força. Estamos em vesperas de grandes acontecimentos, Camilla... Quem sabe o que será? Depois, quem tem pessoas que estima e que présa mais que a propria vida, sente-se agitado, sente-se commovido por estes temores e por estas incertezas, anda mal....

E o moço parou de subito, e ficou um momento seguindo com os olhos a ponta do chicote, com o qual rabiscava na terra.

— Crês em agouros, Camilla? — perguntou de repente, mal podendo soffrear a violenta agitação que pouco a pouco se fôra assenhoreando d'elle.

— Não, Luiz — respondeu a linda menina, cada vez mais opprimida. — Creio só em deus e na virgem, nossa senhora, que ha-de arredar de nós as desgraças de que tanto te arreceias.

O moço não respondeu logo; ficou alguns momentos callado e seguindo sempre com a vista os mil recortes, que machinalmente traçava no chão com a ponta do chicote.

— Eu tambem não creio em agouros — disse finalmente, fitando Camilla e sorrindo com um sorriso, que debalde queria apparentar aberto e prazenteiro. —Mas emfim ás vezes ha cousas... Ha antipathias taes... Olha, Camilla, tenho o presentimento de que o dia de hoje ha-de-me ser fatal.

— E porquê ?—balbuciou ella a tremer.

—Porque me rompeu mal agoirado, Camilla; porque a primeira pessoa que vi esta manhã, foi o unico homem por quem sinto desprêso e até ódio, o homem cuja vista me faz mal, porque é o maior infame e o maior malvado que deus consente sobre a face da terra. E não só o vi, Camilla, mas fallei-lhe, ou melhor, fallou-me elle, e disse-me cousas que me denegriram o espirito, que me escureceram a alma. Quando sahi, ia feliz, ia alegre, respirava bem este ar da primavera; depois que lhe ouvi a voz, fiquei com o espirito agitado, fiquei mal, tudo me desgosta, até as flores me incommodam...

Aqui Luiz Vasques interrompeu-se, e, fitando em Camilla olhar prescrutador, acrescentou em voz sacudida e secca :

— Conheces Braz de Paiva, isso que chamam por ahi morgado da Barca ?

Camilla empallideceu levemente.

— Conheço — balbuciou em voz trémula da commoção, em que a lançára a voz e os gestos sacudidos de Luiz.

— E sabes a historia do infame procedimento d'aquelle villão para com o irmão mais velho, que devia succeder no morgado, o desgraçado Francisco de Paiva, que o povo appellida *De profundis*?

— Por alto a ouvi a meu pai — respondeu ella cada vez mais convulsa.

Luiz Vasques ergueu-se subitamente de pé, e poz-se a passear agitado de um lado para o outro.

—Oh! maior villão do que aquelle não se aquece de certo aos raios do sol — dizia elle.—E' o protótypo dos grandes infames, é a realidade da astucia e da malvadez de satanaz. Tu não fazes ideia do que é aquella fera, Camilla; e não sabes de certo toda a hediondez da historia que endoideceu o pobre *De profundis*. Oh! Camilla, custa a acreditar que a justiça de deus consinta homens como aquelles sobre a face da terra!

E Luiz callou-se um momento, continuando a passear agitado.

— Se ha justiça no céu — irrompeu finalmente — é impossivel que toda aquella familia não esteja condemnada. Pai, mãi... e até a esposa, concorreram concertadamente para aquelle grande crime. E' impossivel que consigam perdão no austero tribunal divino. Se a justiça de deus alcançasse tão longe, o inferno estaria vasio.

Acabando de dizer estas palavras, Luiz Vasques veio sentar-se ao lado de Camilla, fazendo por asserenar-se, e por socegar a agitação que perturbava aquelle pobre anjo.

— Olha, Camilla, — disse-lhe por fim — vou contar-te a historia d'aquelle grande malvado, para que tu dês razão a este ódio que sinto, e ao presentimento de mau agouro que tenho. São duas palavras apenas. A historia do desgraçado *De profundis* conta-se em dous minutos.

E depois de um instante de pausa, continuou:

— Eu conheci *De profundis* e aquelle seu infame irmão mais novo ainda na eschola, onde fomos companheiros. Francisco era uma creança meiga,

franca e corajosa; Braz era uma féra, tençoeiro, refolhado, denunciante e traidor. A differença de caracter que havia entre os dous irmãos, lia-se-lhes no rosto: Francisco era um lindo rapaz com feiçoens que revelavam a alma; Braz tinha cara e olhar de coruja, aspecto de ave de mau agouro. Taes eram os dous irmãos; mas, cousa incomprehensivel! — o pai, a mãi e toda a familia odiava Francisco, e estremecia Braz, lastimando que aquelle tivesse nascido primeiro, e fosse por isso o successor da casa. Esta ideia produziu logo desde o principio os effeitos que se deviam esperar em gente avillanada e sem educação. Os mimos, as preferencias e os ócios eram para Braz; para Francisco ficavam os trabalhos, os castigos e os maus modos. Sob o peso d'esta differença ominosa, o caracter do pobre moço foi-se melancolisando e intimidecendo; o do outro medrou em orgulho, em soberba e em astucia. Cresceram elles... crescemos todos. Francisco resistiu aos maus tratos, e chegou a ser homem. E homem, á parte a melancolia e a timidez, era o que em creança prognosticava que viria a ser—franco, generoso e leal. Braz ficou sempre o mesmo — infame, tençoeiro e traidor. E o ódio e a preferencia da familia medrou á medida que elles foram medrando. Chegou por fim a tocar os derradeiros limites. Aquelles pais desnaturados imaginaram um plano para inutilisar o filho mais velho, endoidecendo-o, a fim de que o mais novo viesse a ser, ao menos de facto, senhor d'aquella casa. E puzeram-no em prática. Sequestraram Francisco de todas as affeiçoens da familia; obrigaram-no a rigores e práticas religiosas, aproveitando-se ao mesmo tempo da timidez e fraqueza, a que tinham reduzido o pobre moço, para lhe aterrarem o espirito com superstiçoens e fábulas pavorosas; e por fim começaram a zombar de

tudo o que elle fazia, a fim de lhe persuadirem que estava louco, e fazerem acreditar os outros na apregoada loucura. N'outro homem estas infámias produziriam o ódio e a ferocidade, que inspiram o parricídio. N'elle não; n'elle deu em resultado o acanhamento completo, e abríu caminho ao idiotismo. Por fim, quando entenderam, que era occasião propria, alancearam-no com o ultimo golpe. Haviam-no casado, e d'este casamento nascera um filhinho. Amava elle a esposa e o filho, como aquelle homem era capaz de amar. Infelizmente, Clara, a esposa do pobre moço, era muito inferior á posição em que a sorte a collocára. Para ser o anjo consolador d'aquelle desgraçado era preciso ser mulher que sympathisasse com o infortúnio, que comprehendesse aquelle, e que tivesse a coragem e a grandeza d'alma precisas para o defender e para o revocar ao sentimento da propria dignidade. Clara nada d'isto tinha; era estúpida e orgulhosa. A estupidez fazia-a cega para a origem das desgraças do marido, e o orgulho fazia-lhe ter pejo de se ver unida para sempre a um homem que a familia tinha em conta de doido, e cuja timidez não ousava repellir o conceito, em que era tido acintemente por ella. Os pais d'elle aproveitaram os defeitos d'aquella mulher, incendiaram-nos, e um dia Clara abandonou o marido, e fugiu para um convento de Braga, onde de ante-mão preparára entrada.

Aqui Luiz Vasques poz-se de novo a pé, trémulo de cólera e mal podendo soffrear os ímpetos da indignação.

—E Braz de Paiva,—exclamou momentos depois em voz convulsa—o infame em prol de quem se commettiam todos estes crimes, que provocava a desgraça do irmão, que a instigava, que o escarnecia, que o espancava.... aquelle malvado foi quem

tratou da entrada da cunhada no convento...quem a acompanhou a Braga... e ao passar o Cávado cahiu no rio... cahiu com o sobrinho nos braços, percebes, Camilla?.. e a pobre creancinha de seis mezes, o filho do irmão mais velho,morreu afogado, e o malvado salvou-se a nado!..

De novo parou o nobre mancebo suffocado pela indignação. Esteve um pouco sem poder continuar, até que, serenando, seguiu assim o fio da historia que estava referindo:

—Os pais correram então a dar parte ao filho mais velho do que havia acontecido, e zombaram do facto, e zombaram do doido. Ao saber da fugida da esposa e da morte do filhinho, Francisco cahiu por morto em terra. Levaram-no para o leito nupcial,agora só d'elle,-e alli jazeu o triste, entre a vida e a morte, durante trinta dias. Quando se levantou, estava louco; ou melhor, levantou-se n'esse estado de espirito que pende entre a loucura e o idiotismo. Mudaram-se então as scenas. Até alli a familia fugia d'elle; agora fugia elle da familia, que tambem não procurava encontral-o. Não apparecia dias a fio em casa. Vagueava pelos arredores, entoando sempre cançoens funebres,e os cánticos dos mortos. D'aqui lhe veio a alcunha de *De profundis* em memoria do seu canto favorito. Os lavradores ora fugiam d'elle, ora lhe davam por caridade o sustento. Tomava-o elle d'onde o encontrava; de cima de uma pedra,do subpedáneo de uma cruz de um adro, de junto de uma árvore, d'onde emfim lh'o iam pôr, segundo a direcção em que o sentiam vir aproximando. Por esses lugares tambem dormia, n'elles se acoutava,de verão e de inverno, chovesse ou fizesse sol. Os pais nem tratavam de saber d'elle. Estavam satisfeitos os desejos d'aquelles villãos. A obra estava completa. Francisco, o filho mais velho, era o

De profundis; Braz, o mais novo, era o administrador do morgado...

— E o outro... o *De profundis?* Ha tanto tempo que se não sabe d'elle... — balbuciou Camilla, commovida por aquella tristissima história.

— Desappareceu — replicou Luiz Vasques. — Ha seis mezes que o não vêem. Os pais crêem que morreu, ou afogado n'algum dos poços do Cávado ou despenhado por ahi em algum barranco. Comtudo elle é vivo, e vive para quando a justiça de deus ordenar que elle appareça.

A entoação da voz do moço era tão solemne ao proferir estas últimas palavras, que Camilla estremeceu. Estava affeita a ver n'elle apenas o companheiro da sua infancia, e n'aquelle momento reconhecia que elle era mais do que isso, mais do que o compartilhador dos seus innocentes folguedos e pensamentos; reconhecia emfim que era um homem sujeito a paixoens violentas, como ella nunca pensára que existissem, e que podessem concitar alguem.

Luiz continuou então:

— Eu fui sempre muito amigo d'aquelle desventurado. Creio que já então presentia n'elle as desgraças, com que de futuro havia de sympathisar. Imagina pois o despreso e o ódio que me deve inspirar o miseravel que as causou, e com que espirito agoireiro devo considerar qualquer encontro com elle. Encontrei-o, como te disse hoje; foi a primeira pessoa que vi, e demais a mais fallou-me... E sabes o que me disse, Camilla? — acrescentou, fitando-a — Quando o avistei, desviei para o lado o cavallo, mas o villão atravessou o d'elle diante do meu. Cumprimentou-me civilmente, e depóis disse-me com a mais aprimorada cortezia:

«— Snr. Luiz Vasques, tencionava procural-o, mas já que tenho a felicidade de o encontrar, peço-

lhe licença para aqui mesmo lhe fazer uma pergunta, que entre velhos pareceria desasisada, mas que entre rapazes deve ser considerada e correspondida com franqueza.

«— Diga — balbuciei seccamente.

« — V. s.ª tem algumas tençoens a respeito da filha do sargento-mór de Villar?

— Ao ouvir estas palavras, senti vontade de lhe cruzar a cara com este chicote. Contive-me porém, e respondi:

« — Com que direito se reputa o senhor para me fazer essa pergunta?

«— Perdão; —replicou elle — eu não quero offendel-o, nem me arrogo outro direito que não seja o de apellar para a franqueza, que deve existir entre dous moços. A minha pergunta significa até uma prova de consideração por v. s.ª Eu me explico. Gosto d'aquella menina, e aquelle casamento convem-me. Tenho-me apresentado como pretendente umas poucas de vezes, e de todas tenho sido repellido. Eu, snr. Luiz Vasques, persuado-me que nem a minha familia, nem a minha casa estão nas circumstancias de serem menospresadas pela filha de um sargento-mór de Villar. Puz-me por isso a scismar na razão d'este menospreso, e lembrou-me ... Perdão, eu bem sei que a antiquissima nobreza da casa de Encourados repugna com tal união; a minha, com quanto me faça superior a um sargento-mor, tolera mais facilmente esta desigualdade, porque, como v. s.ª sabe, a nobreza da minha casa data de meu bisavô, que foi nobilitado por el-rei o senhor D. João V, que Deus haja, e que constituiu o morgado da Barca, o qual...

— Eu já estava de todo fóra de mim.

« — Snr. Braz de Paiva — exclamei pois interrompendo-o — poupe-me por favor á história da

sua fidalguia villã. Em quanto á pergunta, que me fez, repito que lhe não reconheço direito algum para tamanho atrevimento; e da repugnancia de Camilla, se porventura tem sido repellido por ella, procure as razoens na infamia do procedimento, com que roubou o seu desgraçado irmão.

— Com isto voltei-lhe as costas, porque se o não fizesse, matava-o... tenho a certeza de que o matava. Estive quasi a acredital-o — acrescentou o mancebo, balbuciando e como a fallar comsigo —e se o chegasse a acreditar, se chegasse a persuadir-me que elle tinha ousado... Matava-o — repetiu em voz surda, e batendo furioso com o pé na terra, onde tinha os olhos fitados com ferocidade.

Camilla tremia convulsivamente, e tinha os olhos arrazados de lagrimas, fitos no moço.

— Luiz, eu nada sei d'aquelle homem—balbuciou em voz trémula de medo e de angustia.

III

> Despenhem-se primeiro estas montanhas,
> E a meu corpo infeliz seu peso esmague:
> Primeiro se confunda a natureza,
> Que eu cesse de adorar tua belleza.
>
> BOCAGE. Canção IV.

Luiz Vasques passeou por alguns minutos, inteiramente fóra de si, em frente de Camilla, até que, vencida a violenta agitação que o commovia, parou, e foi sentar-se ao lado d'ella.

— O infame mentiu, — disse então sorrindo—

mentiu como mente em todas as cousas, como mente á propria meza da communhão, quando toma o senhor. Mas aquella mentira, minha Camilla, — continuou em tom mais grave — foi um grito profundo de alarme que me despertou, advertindo-me de que é preciso que por fim nos definamos um para com o outro.

Callou-se de novo um momento; depois, tomando entre as suas uma das mãos da gentil menina, fitou-a, e disse em voz suave:

— Nunca te lembraste, Camilla, de consultar o coração a meu respeito? Nunca lhe perguntaste o que elle sentia por mim?

Assim dizendo, Luiz fitava a donzella com os olhos cheios de amor; e ella, com o rosto purpureado pelo pudor e resplandecente de felicidade, sorria enlevada na magia d'aquellas palavras dulcissimas, que ouvia pela primeira vez, e que ouvia sahidas dos labios do homem, que amava desde menina.

— Olha, minha Camilla adorada, —continuou o moço — é preciso que d'aqui por diante nos conheçamos bem um ao outro. Até hoje não nos temos considerado mais do que irmãos. Mas a nossa infancia acabou, Camilla; e talvez que ella durasse mais do que devia durar. Ha mais tempo que eu te devia ter dito o verdadeiro nome do sentimento que me prende a ti, e ha mais tempo tambem que devia ter pedido a nossos paes, que sanccionassem com o seu consentimento a união de duas almas, que elles proprios uniram indissoluvelmente desde a infância. E' imprudente protrahir por mais tempo este passo; mas para o dar é preciso que te consulte primeiro. Eu amo-te, — acrescentou, cobrindo-lhe de beijos as mãos pequeninas — amo-te, não como irmã, mas como a escolhida pelo meu coração para companheira da minha peregrinação n'este mundo. E tu, Camil-

la, e tu? Não vês em mim senão um irmão? O coração nunca te segredou a meu respeito outro sentimento, outro nome... um nome que te fizesse subir ao rosto o pudor da tua innocencia infantil? Responde, minha Camilla, — continuou, deixando-se escorregar de joelhos para diante da donzella, cujo rosto irradiava a felicidade suprema, e cujo seio arfava aos ímpetos do definir d'aquelle sentimento até alli mal avaliado por ella—responde, diz o que sentes por mim, sem te obrigares por consideração de qualidade alguma. Eu amo-te, Camilla, mas se o teu coração se não declarar a meu favor, se te não sentires para mim mais do que irmã, resignar-me-ei, porque nunca tentarei chegar á felicidade, passando por cima de sacrificio que te seja penoso. Responde, pois; o amor, que me tens, reduz-se apenas á casta affeição fraternal, ou vai mais longe, toca o céu mais de perto... é o amor da amante e da esposa?

Luiz parou, e ficou com os olhos cheios de anciedade fitados nos da linda menina. A ella o amor e a alegria agitavam-na, arfavam-lhe irregularmente o seio, e suffocavam-na a ponto que se aquelle excesso de felicidade, aquella angustia de prazer — deixem-me dizer assim—durasse muito tempo, Camilla morreria. Por fim escondeu o rosto nacarado no seio do amante, circulou-lhe o pescoço com os braços, e balbuciou:

— Amo-te... amo-te, meu Luiz adorado.

— E deus abençoará a vossa união, meus queridos filhos, e ella fará a felicidade da minha velhiçe — disse então junto d'elles uma voz meiga, que tremia commovida pela alegria.

Luiz Vasques ergueu-se de um pulo, e Camilla soltou um pequeno grito, e cobriu o rosto com as mãos.

Junto d'elles estava D. Luiza de Aboim, que entrára no cerrado havia minutos, e que se approximára d'elles sem que a sentissem, embebidos como estavam n'aquella conversação arrebatadora.

— O' minha mãi, minha boa mãi, minha santa mãi! — exclamou Luiz Vasques, tomando-lhe as mãos com ardor e cobrindo-lh'as de beijos.

Camilla lançou-se nos braços de D. Luiza, escondeu o rosto no seio d'ella, e, com ella abraçada, despeitorou alli a felicidade em lagrimas e soluços.

D. Luiza, por cujas faces corriam lagrimas deliciosas, fez levantar o filho, levou-o com Camilla para o banco de pedra, e n'elle se sentou no meio d'elles.

— Ouvi tudo, meus filhos; — disse então — e approvo e abençôo o vosso casto amor. Este casamento será a coroa da minha felicidade n'este mundo. Que eu o veja, e que depois o senhor me leve para si, quando for do seu agrado. Mas para que elle se realise, é preciso prudencia, Luiz, é preciso resignação, Camilla.

Os dous fitaram-na com olhar admirado.

— Cumpre não dissimular a verdade, meus filhos. O vosso amor, que é santo e agradavel aos olhos de deus, que é abençoado pelas lagrimas da alegria de tua mãi, Luiz, é impossivel aos olhos do mundo. Tu, Luiz, és herdeiro e representante de uma familia illustrissima, cuja fidalguia data de muitos seculos; e tu, Camilla, és filha de um simples lavrador, que não tem por si outra cousa mais que uma patente de capitão do exercito, uns poucos de mil cruzados e um officio subalterno n'um couto de frades. Aos olhos do teu amor, Luiz, tudo isto é nada; aos olhos da tua innocencia e da tua santa affeição, minha filha, nunca taes visoens se antolharam... não é assim? Comtudo o mundo está ahi

entre vós, e separa-vos por motivos que vós nem mesmo sonhaes...

— E que me importa a mim o mundo, minha mãi?—exclamou arrebatadamente o moço, carregando as sobrancelhas.

— Quererás tu ser mau filho, Luiz Vasques? Quererás que teu pai morra amaldiçoando-te?—replicou D. Luiza solemnemente.

O moço estremeceu diante d'estas palavras, e D. Luiza acrescentou:

— Teu pai é bom... mas teu pai pensa como o mundo, Luiz.

O rosto do moço irradiou de repente profunda tristeza e bem pronunciado desgosto. Camilla escondeu, a chorar, o rosto no seio de D. Luiza.

— Mas não desanimeis, meus filhos — acudiu esta ao vel-os assim — sereis um do ontro, que o desejo, que o quero eu, e que o merece o vosso amor tão puro e tão do coração. Mas para isso é que é preciso ter prudencia e resignação por algum tempo. Se a não tiverdes, acordareis o orgulho de teu pai, Luiz, e os brios do teu, Camilla. Podeis casar contra vontade d'elles, mas—e aqui D. Luiza abaixou melancólicamente a voz—os casamentos, que os pais não abençoam, têem bodas tristissimas. Eu casei contra a vontade de meu pai. Entre a minha familia e a de meu marido havia antiquissimo feudo. Nossos paes odiavam-se sem saberem pelo que... e eu e teu pai, Luiz, amamos-nos. Elles queriam que nós sacrificassemos o nosso amor áquelle ódio sem causa, e nós casamos-nos apesar d'elle. O casamento é para a mulher, que ama, o ponto culminante da felicidade. O meu tinha todos os requesitos necessarios para o ser. E comtudo o dia da minha boda foi de muitas lagrimas para mim *e de muitas* tristezas para o meu Vasco. Nada nos

faltava para sermos felizes; possuiamos tudo, excepto a benção de nossos paes. Deus não quiz levar mais longe o castigo da nossa desobediencia. Contentou-se com nos fazer triste o dia que para todos é de suprema alegria. Eu não tive dia de noivado.

D. Luiza interrompeu-se para limpar as lagrimas, e depois continuou :

— Prometto-vos que haveis de ser um do outro, e que no dia da vossa boda não vos faltará a benção de vossos paes. Mas para isso cumpre que vos entregueis inteiramente á minha direcção. Luiz, promettes-me que occultarás a teu pai o teu amor por Camilla, até o dia em que eu te mandar que lh'o descubras ?

— O' minha mãi , entrego-lhe toda a minha felicidade— exclamou o moço, cobrindo de beijos as mãos de D. Luiza.

— De ti, minha filha—continuou esta—de ti nada receio, minha Camilla. Sei de quanto as mulheres são capazes quando amam, e demais tu és a filha da minha creação. Deixai-me o cuidado da vossa felicidade. A empreza, assim mesmo, é mais facil do que vos parece... Mas quem anda aqui?

D. Luiza interrompeu-se com estas últimas palavras, porque sentiu remexer por traz da parede dos cedros junto da qual estavam sentados. Luiz ergueu-se rapidamente, e correu para a porta do bosque; mas, ao embocal-a, estacou, porque topou pela frente com um homem de figura singular, que a ella assomava então.

Era magro, alto e de fórmas bem torneadas e possantes de força nervosa. Os cabellos da cabeça, que trazia compridos e emmaranhados, eram côr de azeviche, variegada por muitas brancas, cuja precocidade era attestada pela juventude, que lhe irradiava do rosto. Era este comprido, ossudo e co-

lorido nas faces pelo rosado desbotado, que sobresahe sobre o pallor natural dos éthicos. Trazia a barba inteira e descurada. A fronte era alta e espaçosa, o nariz e a bocca graciosos, e os olhos esbugalhados de tal fórma que as córneas se destacavam completamente no meio da brancura da sclerótica. Vinha em mangas de camisa, da qual trazia desapertado o collarinho e todo o peitilho; e por cima vestia um collete velho e esfarrapado. Cobria as pernas até os joelhos com uns calçoens tambem velhos e rotos; d'ahi para baixo trazia-as nuas, e os pés mettidos n'uns sapatos esburacados. Vinha com a cabeça descoberta, e na mão não trazia cousa com que indicasse estar habituado a cobril-a.

Este homem assomou á porta do cerrado com um sorriso parvo nos labios, a cabeça acanhadaemente contrahida sobre o lado direito, e o corpo entortado para o mesmo lado.

Ao estacar diante d'elle, Luiz Vasques empallideceu.

— *De profundis clamavi ad te, domine* — entoou o recem-vindo em cantochão de defuntos, e estendendo ao mesmo tempo para Luiz a mão direita, secca, comprida e descarnada, com a qual sacudia a compasso uma tira de papel.

— Tu aqui, *De profundis*! — exclamou Luiz Vasques — Foi elle que te mandou?

— *Requiem eternum dona eis, domine* — respondeu *De profundis* no mesmo tom. E entregou-lhe a tira de papel.

Luiz relanceou os olhos por ella. Apenas alli se viam escriptos estes dous versos de Camoens :

Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos ao meu rei foram contrarios.

Ao ler estas palavras, o rosto do moço tornou-se momentáneamente cuidadoso e melancólico.

—Muito bem, *De profundis*, agora pódes partir. Diz-lhe que não faltarei. D'aqui a meia hora lá estou — disse por fim Luiz Vasques, acenando com a mão ao doido, como para o despedir.

De profundis não se mexeu. Fitou-o a sorrir com um sorriso alvar e coçando estúpidamente na cabeça.

— Aguenta, choupêlo! — exclamou por fim, misturando, segundo costumava, a linguagem do vulgacho das aldeias do Minho com a fallada pelas pessoas mais gradas e de mais alta posição — Aguenta! Cantê isso queres ser feliz? Bumba! Ouvi tudo... ouvi tudo... ouvi tudo... Parvo! A ventura n'este mundo não é senão para os marotos... e tu não és maroto, Luiz Vasques. A ventura... a ventura...a ventura... *Requiem eternum dona eis, domine.*

Interrompeu-se aqui de repente; e depois,a sorrir parvoamente, a coçar na cabeça, e torto e cambado para a direita, dirigiu-se acanhadamente e quasi que em bicos de pés para onde estava Camilla. Chegado diante d'ella, fitou-a um momento; depois poz-se a fazer mezuras profundissimas, e disse por fim:

—Minha senhora... minha senhora... A-dei como é guapa! Minha senhora... minha senhora, muitos parabens, muitos parabens. Desejo-lhe muitos annos e bôs, e muita felicidade ... Felicidade! — repetiu, estacando de repente e endireitando-se — felicidade!.. *De profundis clamavi... Requiem eternum... requiem eternum...*

A estas palavras deu de repente uma volta sobre si mesmo, e sahiu pela porta do cerrado fóra,en-

toando em cantochão funerário o *De profundis clamavi.*

— Eil-o ahi vai, Camilla; ahi tens o desgraçado—disse Luiz Vasques, seguindo-o com olhar melancólico e carregado.

As duas senhoras, vivamente abaladas pela figura, pelos gestos e ainda mais pelo canto fúnebre do idiota, olhavam com vago terror para o bilhete que Luiz ainda conservava na mão. Este, depois de um momento de íntima concentração, em que o espírito lhe vagueou tristemente pelas desgraças do pobre *De profundis*, relanceou casualmente o papel, pareceu acordar para a realidade, e dirigiu-se á mãi, a quem disse em voz, onde toava ainda a impressão por que passára:

— Preciso de deixal-a já, minha mãi. Eu bem te disse que o dia me tinha principiado agoirento, Camilla. Vês tu? Hoje que eu devia pertencer todo á minha familia, é que me vejo obrigado a separar-me d'ella, e talvez por todo o dia. Paciencia! — continuou, forçando um sorriso— desculpe-me para com meu pai, minha querida mãi. Elle ha-de agoniar-se, mas emfim, que lhe hei-de fazer? —a honra manda-me que parta...

— E aonde vaes tu, filho? — disse D. Luiza, aferrando-o machinalmente e deixando sentir na voz o vago receio que d'ella se apoderára.

— Onde vou, querida mãi? —respondeu o moço, sorrindo e cobrindo-lhe de beijos a mão que o retinha — vou por esse mundo fóra, mas perto ...

— Oh! não o deixe partir... não o deixe partir!— balbuciou Camilla, quasi desmaiada de terror e agarrando-se com força ao braço de D. Luiza.

Os terrores vagos, que esta sentia, augmentaram-se então ainda mais.

— Tu não sahes d'aqui, filho, tu não sahes

d'aqui — balbuciou, prendendo-lhe cada vez mais o braço.

— E' impossivel deixar de o fazer, minha mãi; — replicou Luiz, sentando-se a par d'ella — mas não tenha receio. Affiânço-lhe que me não ameaça perigo de qualidade alguma...

— Mas aquelle homem funesto ... aquelle homem agoirento ...

— O pobre *De profundis*! Triste rapaz! Se soubesse a affeição que elle me tem!.. E' capaz de se deixar matar por minha causa. Demais, n'este negocio, elle não intervem por outra cousa mais senão como portador de um recado. E a pessoa que m'o manda, minha querida mãi, presa-me tanto... tanto, que estou em dizer que nem a meus pais nem á minha Camilla consentiria que diante d'elle dissessem que me têem maior amisade. Soceguem; dou-lhes a minha palavra de honra, que não corro nem se quer sombra de perigo no logar para onde vou. E' possivel que eu volte em poucas horas, que volte mesmo antes do jantar. Vamos, soceguem, e não imaginem núncio de maus agouros o meu pobre *De profundis*. Aquella desgraça é muito respeitavel; recebe-se com lágrimas e não com prejuizos que ainda a fazem magoar mais.

E, desprendendo-se então da mão com que a mãi o aferrára, beijou esta na face e Camilla na fronte, e acrescentou, sorrindo e fugindo como a brincar:

— Não tenham medo. Adeus... até logo, até logo.

E abanando-lhes affectuosamente com a mão, desappareceu pela porta, por onde o louco tinha sahido ha pouco.

Ao vel-o desapparecer, Camilla deixou-se cahir a soluçar para o peito de D. Luiza.

— Filha!.. filha! — exclamou esta cheia de terror.

— Oh! Luiz vai morrer... vai morrer! — balbuciou a pobre menina entre soluços.

— Que dizes, filha? — exclamou D. Luiza, pondo-se de pé.

Camilla fez então um esforço supremo, e contou-lhe o que Luiz Vasques lhe dissera ácerca do seu encontro com Braz de Paiva.

— Oh! minha mãi, — acrescentou — eu não tenho querido dizer nada a Luiz, tenho tido medo do génio d'elle... Mas o que aquelle homem lhe disse, é verdade. Tem-se dirigido a mim por differentes vezes... por escripto sempre, e sempre a ameaçar-me com a morte de meu pai... com a morte de Luiz... e com vinganças que ha-de tirar se eu não quizer casar com elle. Oh! Luiz vai morrer... Luiz vai ser victima do ódio d'aquelle homem! — acrescentou, soltando aqui um grito doloroso e apertando as mãos com afflicção.

D. Luiza correu espavorida para a porta, por onde o filho tinha sahido. Mas de repente parou, pensou um momento, e depois voltou para junto de Camilla, com o rosto sereno e magestoso de toda a energia das almas verdadeiramente fidalgas.

— Louquinha! — disse então, beijando Camilla na face — E o caso é que tambem me puzeste medo! Receiar eu por Luiz! Meu filho é muito fidalgo para que um villão se atreva a levantar os olhos para elle; e a casa de Encourados nunca produziu covardes. Depois não ouviste que nos deu palavra de honra de que não ia correr perigo algum? O nosso Luiz nunca mentiu. Vamos embora, Camilla... Devéras, semelhante disparate na minha idade!.. Anda, vamos para casa, que já são horas de ir

para a egreja. Teu pai já deve tambem ter chegado. Anda, vamos.

Camilla cobrou ânimo, e sahiu com D. Luiza para fóra do cerrado do lago. As duas senhoras tomaram por uma avenida que ia dar ao vasto terreiro que havia na frente do palacio. Ao entrar para dentro d'elle, ouviram o tropear de uma cavalgadura, que entrava choutando para dentro do portão, que estava aberto de par em par n'esse dia.

Voltaram-se. Era o sargento-mór de Villar bifurcado sobre a pavorosa abantesma da albarda.

— Viva Encourados, e morram os francezes! — bradou elle, agitando em todas as direcçoens o seu gigante chapéu de dous bicos.

Depois, sem aguardar pelo criado, que, ao reconhecel-o, sahira apressado a segurar-lhe o estribo, atirou comsigo da égua abaixo, e correu todo berros e risos para as duas senhoras, que o esperavam uma como filha predilecta e mimada e a outra como dona de uma casa, onde elle era affectuosamente estimado.

IV

> Via que o seu aspecto uma vontade,
> E uma vontade firme, promettia.
>
> CORTE REAL. *Nauf. de Sepulveda.* Canto XII.

Luiz Vasques, depois que deixou Camilla e D. Luiza, sahiu para fóra dos muros da quinta, e encaminhou-se para o alto do monte. Depois de andar quasi um quarto de hora, chegou por fim á magnifica e

graciosa planura, que serve de corôa áquelle braço gigante das serranias do Gerez.

Eu já fallei da amenidade e da frescura do sitio, e do espléndido e magestoso panorama, que se desenrola diante dos olhos de quem sobe até ao cimo d'aquella elevadissima montanha. Grandioso é devéras o quadro, e grandiosos tambem os pensamentos que se incendeiam na cabeça de quem respira aquelle ar, n'aquella grande altura sobre a pequenez das miserias humanas, como suspenso entre a terra e o céu em cima de immenso pedestal de granito, sobre o qual a faísca ethérea que anima o homem parece querer desprender-se da materia e subir ás sublimes regioens de que dimana. E para que nada faltasse á grandeza d'aquelle lugar, ergue-se lá, para mais de metade da vasta planura, espesso e cerrado bosque de pinheiros, faias e carvalhos, que se estende, a norte, até meio dorso da montanha, e por entre as primeiras árvores do qual avultavam n'aquella epoca as ruínas denegridas e magestosas de sumptuosa e antiquissima ermida.

Aquellas ruinas tinham uma historia veneranda e poética. O fundador d'aquella ermida fôra primeiro um cavalleiro e depois um santo. Era descendente da nobre e antiquissima casa dos condes de Urgel, na Catalunha, e deu no mundo grande brado de si. Mas por fim, ulcerado nos affectos mais intimos e desenganado da inanidade das cousas humanas, trocou a armadura de cavalleiro pela esclavina de peregrino, atravessou a Espanha, entrou em Portugal, e parou alli n'aquelle monte, onde o que fôra grande e poderoso senhor viveu muitos annos de vida humilde e penitente, e morreu finalmente com o nome de Joanne, o pobre. (*)

(*) Vid. nota VII.

Luiz Vasques, depois de resfolegar do cansaço de tão ingreme subida, encaminhou-se para as ruinas, e, penetrando alguns passos no bosque, achou-se emfim na pequena clareira, que em frente d'ellas se abria. O portal da ermida estava vedado por uma forte e mal acabada porta de castanho, que pela parte de dentro se segurava com alentado ferrolho. Ao lado do portal havia um pequeno tanque, naturalmente cavado n'uma pedra e continuamente cheio por limpidissima veia de água, que descia saltando por entre as fragas lá do alto de uns poucos de penedos amontoados, que são o verdadeiro ponto culminante da montanha. Lá em cima aquella água repuxava por entre as fisgas da penedia em enormes borbulhoens, impellidos com tal força que a tanta altura não podia deixar de considerar-se ou effeito de um milagre ou de antiquissimas casualidades vulcanicas. O povo acreditava na primeira causa, e dizia que Deus a fizera brotar para recreio e consolação do seu servo Joanne, no tempo em que alli vivia.

Luiz Vasques tomou farta golfada d'aquella água, e depois aproximou-se da porta da ermida, e poz-se a espreitar pelas fendas para dentro.

A scena, que lá se representava, era digna do pincel de Ticiáno ou do scopro de Miguel Angelo.

Ali, no meio das paredes seculares d'aquella pequena capella e debaixo d'aquella abóbada esburacada, cujas pedras ameaçavam mergulhar de um só golpe para dentro, estava um homem sentado sobre uma pedra, em frente de uma tosca meza formada por dous cantos derribados da abóbada, pousados sobre um montão de pedras soltas.

A figura d'aquelle homem era nobilissima, era o protótypo do que a arte antiga sabia imitar, era um modêlo dos typos homéricos. Tinha a estatura magestosa, e era espadaúdo e reforçado de membros, e

de fórmas modeladas com donaire varonil. Tinha a fronte alta e escalvada, os olhos grandes, vivos e brilhantes da luz severa que reflecte a serenidade e a sublime coragem das grandes almas. Trazia curtos os cabellos da cabeça,que já eram encanecidos, e a barba, em que já tambem se avantajavam as brancas, usava-a inteira e comprida, mas não de fórma que nem ao de leve lhe affrontasse o peito. O vestuário realçava-lhe o aspecto venerando. Estava com a cabeça descoberta, e tinha vestida uma comprida e grossa japona, por baixo da qual se lhe via um collete de pelle enchumaçado. As calças eram de anta, e pouco abaixo do joelho mergulhavam n'umas botas grossas, em cujos calcanhares reluziam duas fortes esporas de prata. Cingia-se com um cinto de couro amarello apertado n'uma fivela de latão. No cinto tinha mettido um par de pistolas, e em cima da meza estava uma comprida espada desembaínhada. Este homem lia com profunda attenção n'um livro que tinha aberto diante de si, e que arredava dos olhos a todo o comprimento dos braços, que se apoiavam estendidos sobre a tosca meza de pedra.

Luiz Vasques poz-se a contemplar aquella scena. Assim enlevado,nem mesmo se mexia; mas apesar d'isso, minutos apenas passados, o homem voltou o rosto, fitou o ouvido, curvou-se, e affirmou-se mais. O hábito da solidão tinha-lhe apurado aquelle sentido até á perfeição,de que são dotados alguns animaes selvagens, que até as brizas distinguem a distáncia. Depois de escutar um momento,o homem da ermida fechou o livro, metteu-o com cuidado no bolso da japona, depois dirigiu-se dous passos para a porta, e disse em voz rija e desassombrada :

— Quem está ahi ?

Luiz não respondeu, embebido como estava na contemplação d'aquella figura magestosa, que, er-

guida no meio d'aquellas ruinas, affigurava homem de outras éras, resuscitado no meio de um edificio que a ellas pertencia. Então o homem empunhou uma das pistolas, engatilhou-a, e depois de lhe examinar cuidadosamente a escorva, bradou de novo, encaminhando-se á porta:

— Quem está ahi?

— Sou eu, meu tio, sou eu— respondeu Luiz Vasques, acordado pelo instincto da conservação.

— Ah! és tu, sobrinho —replicou o outro, que era, como o leitor bem póde ver, Fernão Silvestre de Encourados, o amigo e compadre do sargento-mór de Villar.

Depois metteu a pistola no cinto, e correu o ferrolho da porta.

— Porque não respondeste logo, sobrinho? — disse em tom de branda reprehensão—Bem sabes que o jacobino refugiado e atalaiado por inimigos mortaes, não abre sem saber a quem.

— Perdoe, tio; —respondeu Luiz Vasques — mas é que me esqueci a contemplal-o aqui, no meio d'estas ruinas, onde se me affigurava estar vendo um dos antigos heroes da nossa familia, um dos ricos-homens que em outros tempos sahiam da torre de Encourados á frente de muitas centenas de homens de armas.

Fernão Silvestre encolheu os hombros, sorrindo, e foi com o sobrinho sentar-se na pedra, d'onde ha pouco se levantára.

—Foi de propria lembrança que vieste, ou porque *De profundis* te deu o meu recado? — disse por fim.

— Foi por causa d'elle que vim, meu tio. Recebi o signal. Chegou porventura o tempo dos grandes trabalhos?

Fernão Silvestre abanou a cabeça, e com os

olhos fitos em Luiz, declamou machinalmente e meia voz:

> Vencerei não só estes adversarios,
> Mas quantos ao meu rei forem contrarios.

Ficou então por uns poucos de minutos com os olhos fitos no moço, depois disse, pousando lhe a mão no hombro:

— Sobrinho, sentes-te já homem?

Luiz Vasques estremeceu, e fitou-o com olhar surprehendido.

— Sentes-te capaz — continuou Fernão Silvestre — de não desauthorisar por teus feitos o nome de teus avós?

As faces do mancebo purpureáram-se de repente, e os sobr'olhos carregaram-se-lhe resentidos.

—Meu tio,—respondeu gravemente—aos vinte e cinco annos nenhum homem póde negar a si mesmo que é homem; e parece-me que o meu passado não envergonha aquelles que usam o nome a que tenho direito.

— Não, por Deus! —exclamou com orgulho o velho cavalleiro, sacudindo rudemente o sobrinho pelo hombro —Não, por minha honra! Tu serás a glória da linhagem de Encourados, por isso é que vélo por ti.

E depois de o contemplar um momento com as feiçoens radiosas de ufania e de satisfação, continuou com mais fogo:

— Sobrinho, chegou emfim o momento em que todo o portuguez, que cruzar os braços e preferir a ociosidade e o descanso a armar-se em favor da patria, é um covarde e um traidor.

Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança: —

— exclamou, batendo com a mão no lado, onde tinha mettido o livro. — A's armas, Luiz Vasques de Encourados; ás armas, descendente de um nome illustre! Portugal está em perigo de perder-se; a pátria chama ás armas todos os seus filhos. A's armas! que é chegada a occasião em que todo o portuguez brioso, e sobretudo aquelles que teem a honra de um grande nome a seu cargo, devem correr ás armas para salvaguardar a independencia da pátria contra os perigos, que lhe estão imminentes.

— Não o percebo, meu tio...

— Ha tres noites que se apagaram de todo os fachos dos píncaros de Barroso, e ha tres noites tambem que as montanhas de nordeste scintillam continuamente com fogachos que rápidamente se succedem uns aos outros. Sabes o que isto significa, sobrinho?

Luiz Vasques fitou-o sem responder.

— Significa — continuou o velho cavalleiro — que os francezes avançam para Traz-os-montes pelas alturas, e que, a estas horas, os soldados do corso maldito já nos pizam talvez o sólo da pátria.

— Mas os inglezes?.. Mas Francisco da Silveira? — balbuciou Luiz Vasques, fitando-o com espanto.

Fernão Silvestre cravou, por um momento, os olhos n'elle sem responder.

— Sobrinho, — disse por fim — cumpre que saibas a verdade. Inglezes, Silveira e o marquez de la Romana são puros feros e espalhafatos banaes, que teem servido até hoje para alentar a crédula confiança do povo. Mas agora, diante do perigo, reduzem-se ao que valem verdadeiramente; a nada, a fumo que enturva a atmosphera em tempo

sereno, mas que se dissipa e desapparece ao mais leve sopro de nortada. O exercito francez não se faz parar com palavras nem com bravatas; para o combater é preciso um exercito, e um exercito de soldados aguerridos e disciplinados. A invasão é irremediavel, porque não ha com que lhe resistir. Soult pizará como conquistador a terra portugueza, e chegará até onde Deus permittir que elle chegue. A unica vez que esses imbecis governadores do reino fallaram verdade á nação, foi quando francamente o confessaram. (*) E como o não confessariam — bradou aqui, batendo rijamente o pé no chão—como haviam de poder dizer o contrário, se a consciencia lhes está continuamente clamando que é á inépcia e á covardia d'elles que a facilidade d'esta invasão é devida?

Assim dizendo, Fernão Silvestre ergueu-se e poz-se a passear agitadamente a todo o comprimento da capella. De repente parou, exclamando:

— Oh! que tempos, que tempos!.. Que tempos e que homens! Onde está o Portugal que conquistou a India e a Africa? Em que degeneraram esses homens heroicos que eram, ainda ha dous séculos, a glória e o espanto da Europa? O que são os descendentes d'elles? O que são... o que são ... o que são? Vergonha e infamia! Como tudo está mudado!.. Então o patriotismo era uma religião, o amor da glória a inspiração de todos os portuguezes... Do rei até o lavrador tudo era soldado... Mas hoje ... hoje ... Dizes bem, dizes bem, grande poeta; a verdade está nas tuas palavras; dizes bem:

Um fraco rei faz fraca a forte gente.

(*) Na proclamação de 21 de janeiro de 1809, publicada na «Gazeta de Lisboa» de 28 de janeiro, n.º 4. Supplemento extraordinario.

—exclamou n'um brado temeroso, batendo enfurecido o pé na terra.

Depois callou-se, e poz-se de novo a passear agitado.

O enthusiasmo de Fernão Silvestre tinha-se communicado ao sobrinho. A figura magestosa e veneranda d'aquelle homem, e a grandiosa solidão do logar, onde se representava esta scena, produziram n'aquelle moço, cheio de vida e sublime pela nobreza dos sentimentos, a impressão que necessáriamente deviam produzir. Luiz Vasques sentia galopar o sangue nas artérias, que pareciam querer arrebentar; o corpo endireitára-se-lhe com o vigor da commoção, e os olhos, fitos no tio, brilhavam-lhe com o fogo das aspiraçoens sublimes.

— Meu tio, — disse então, não podendo soffrer por mais tempo o silencio — pois estaremos assim indefezos? Pois tão baixo terão descido os brios portuguezes, que os invasores não encontrem diante de si um só homem que lhes dispute a independencia da pátria?

Depois, forcejando por acalmar-se, continuou mais friamente:

— Parece-me, tio, que as cousas não chegaram ainda ao ponto de desesperar totalmente. Os inglezes occupam a Galliza, apoiados no exercito espanhol que commanda o marquez de la Romana. As nossas fronteiras do Minho estão guarnecidas pelas tropas de Bernardim Freire; e em Traz-os-montes Silveira está á testa de uma divisão sufficiente para, auxiliada pelo patriotismo dos povos, repellir qualquer tentativa de invasão. Com estes meios de defeza é porventura provavel que o pequeno, e, como dizem, desalentado exercito de Soult entre em Portugal a seu salvo? Demais a nação está em pé como um só homem, como um só soldado.

O ódio aos francezes é a palavra de alarme em toda a parte. A este grito, Portugal, de norte a sul, levanta-se armado. Quando as naçoens chegam a estes pontos de enthusiasmo, não se conquistam.

Fernão Silvestre tinha parado para o escutar. Quando Luiz Vasques acabou de fallar, o velho soldado fitou-o, sorrindo e abanando lentamente a cabeça.

— Conquistam-se, sobrinho; — disse por fim — o que acontece quasi sempre, e que quererá Deus que aconteça comnosco, é que estas conquistas não se podem conservar muito tempo. Desengana-te, Luiz Vasques, a invasão é irresistivel. Todas essas grandes forças, que tens ouvido apregoar, são apenas o que tantas vezes te tenho dito; são puras atoardas banaes, fanfarrices desasisadas, com que esses imbecis governadores do reino têem querido adular o enthusiasmo e os receios da nação, e cegar a propria inépcia e incapacidade. Depois do dia 20 de janeiro — continuou, pousando a mão no hombro de Luiz Vasques — depois da batalha da Corunha e da morte de sir John Moore, o unico verdadeiro general que a Inglaterra tinha para oppor aos generaes de Bonaparte, o exercito inglez desappareceu. Soult esmagou-o, esmagou-o litteralmente; e Hope, que succedeu no commando áquelle glorioso soldado, não podia refazer-se de tamanho desastre, ainda que tivesse o tino e a energia de que era dotado o seu antecessor. Os espanhoes e La Romana! Como, sobrinho! Pois tão longe estarás da verdade que não saibas que aquillo é uma guerrilhagem infame e covarde, incapaz de resistir dous minutos a qualquer dos aguerridos regimentos do corso? Não vês como La Romana se sente obrigado a retirar diante do general francez, a ponto de vir esbarrar nas nossas fronteiras, fugindo sem ver a cara ao

inimigo, e não parando nem mesmo diante das injurias com que Silveira o pretende demover a arriscar uma acção decisiva? De que serve uma gente assim? E Silveira?—que commanda Silveira? Uma horda de populaça armada de chuços e de espingardas de caça, e meia dúzia de soldados indisciplinados, que morrerão até o ultimo no ponto que uma vez occuparem, mas com quem se não póde contar para cousa alguma, porque só obedecem, quando querem. Brios! Os nossos brios! — continuou com mais fogo —Quem nega que o espirito da independencia concite a nação? que os brios portuguezes inspirem a resistencia a todo transe? Mas que importa isso? Que importa o patriotismo, que combate com chuços e com fouces, indisciplinado e em anarchia? As batalhas não se pelejam com enthusiasmos, pelejam-se com soldados; aos exércitos não se resiste com populaça armada em arruaça, resiste-se com exércitos que obedeçam á voz de chefes enérgicos e intelligentes. Os brios nacionaes, por maiores que sejam, não são por si só sufficientes para levantar de repente soldados. Levantam voluntários em chusma; mas só a fileira é que faz o soldado.

> A disciplina militar prestante
> Não se aprende, Senhor, na phantasia,
> Sonhando, imaginando, ou estudando,
> Mas vendo, tratando e pelejando —

—como diz o meu velho Camões, aquelle grande mestre de amor da patria e de amor da glória.

Fernão Silvestre callou-se de repente; sentou-se, pousou os cotovellos sobre os joelhos, mergulhou a cabeça entre as mãos e assim ficou alguns minutos sem dar palavra. Luiz Vasques não des-

pregava os olhos d'elle, mas não se atrevia a romper o silencio.

— Sobrinho—disse por fim o velho cavalleiro — a invasão é irremediavel ... é irremediavel. Nem soldados, nem generaes! Ha sete mezes que Junot sahiu de Portugal, ha sete mezes que o general Dalrymple deshonrou a Inglaterra, e inutilisou com a infame capitulação de Cintra o sangue derramado na Rolissa e no Vimeiro. Bonaparte tem-nos dado todo este tempo de descanço, todo este tempo de folga. Em sete mezes arma-se e disciplina-se uma nação de cem milhoens de habitantes. Como é que esses imbecis governadores do reino os aproveitaram para se prevenir contra a vingança do corso? Que fizeram? Nada ... nada... nada...

E Fernão Silvestre, sem mudar de posição, ficou alguns minutos callado, com os olhos alheadamente fitos no sobrinho.

— Nem soldados, nem generaes!—disse por fim, como seguindo o fio da ideia que até ahi se lhe fôra desenvolvendo mentalmente — Nem soldados, nem generaes! Esses patriotas governadores, que prenderam o Mariz, quizeram enforcar Luiz Candido, e concitaram a plebe, appellidando de jacobinos os que não queriam os bispos para generaes, nem para governadores da nação os ineptos, que gastavam em decretar banalidades despóticas o tempo que devia ser aproveitado em armar e fortificar o reino—esses miseraveis entregaram-nos assim, armados em arruaça, sem sermos capazes de nos defendermos, nas mãos do mais habil general de Bonaparte. Que têem elles para fazer frente ao marechal Soult e aos soldados aguerridos do Marengo? A plebe em anarchia, as ordenanças de chuços e de piques, e generaes que ignoram a arte da guerra!

Olhai se estaes seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

—como diz o poeta. E são, são; elles mesmos são os nossos próprios inimigos; não voluntários, não de coração, mas pela inépcia, pela ignorancia, pela falta de predicados precisos para salvarem a nação. Pobre Portugal!

Assim dizendo, Fernão Silvestre tornou a mergulhar a cabeça entre as mãos, e a alhear-se em silenciosa abstracção.

Passaram minutos: no fim d'elles, Luiz Vasques disse, como a medo de romper aquelle silencio:

— Apesar de tudo, meu tio, é contra essas proprias ordenanças, contra essa populaça armada de chuços e contra um d'esses generaes, contra Bernardim Freire, que os francezes, commandados por Thomier, teem esbarrado já por duas vezes, tentando atravessar o rio Minho.

Fernão Silvestre voltou a cabeça, e fitou-o.

— Pois acreditas, sobrinho, que n'essas tentativas hajam vislumbres de seriedade? Pois imaginas que Soult, se quizesse sacrificar soldados, já não estava áquem do Minho? Acredita, Luiz Vasques; com esses ataques frouxos e repetidos e com essas desfeitas que tem soffrido o general Thomier em Camarido e em Villa Nova de Cerveira, o francez pretende de certo mascarar algum movimento estrategico, que lhe abra as fronteiras de Portugal sem perda de gente. Soult, repito-o, é o melhor táctico que a França possue. Como tal, já deve de certo conhecer o que vale Bernardim Freire. Este—pobre homem!—é um soldado valente, um soldado arrojado e impávido. Mas general!.. Vê até que ponto se illudiu com a defeza ridícula que deixou a guarnecer a margem do Minho! Julgou-a tão segura que re-

colheu a Braga com tanta confiança, como se entre elle e os francezes estivesse a muralha da China! Pobre homem! Soult, que o conhece, apparenta, com ataques simulados, querer atravessar o Minho, e chamando-lhe toda a attenção para ali, faz com que elle não veja apagados os fachos da serra de Barroso, illude-o a ponto de desconhecer que é por muito distante das margens do Minho que os francezes pretendem invadir Portugal! Que soldados e que generaes!

Fernão Silvestre tornou a callar-se, pousando de novo os cotovellos nos joelhos e mergulhando a cabeça entre as mãos.

— Sobrinho, — disse por fim — ha muitos dias que penso no modo de remediar tamanhas faltas. Ha só um, e para o pôr em prática é que te mandei chamar. O tempo do descanso acabou, Luiz Vasques; hoje todos devemos trabalhar.

— Que é preciso fazer, meu tio? — replicou o moço serenamente.

Fernão Silvestre passeou alguns minutos silencioso, com a cabeça pendida para o peito e as mãos mettidas nos bolsos da japona.

— Sobrinho, cumpre que ámanhã mesmo partas para Braga — disse o velho cavalleiro, parando finalmente diante do moço. — Irás ter com Bernardim Freire e dir-lhe-ás, de mando de Fernão Silvestre de Encourados, que parta, que vôe para o Porto, a pôr em estado de defeza aquella cidade. E' necessario abandonar a provincia do Minho, porque o Minho mais cedo ou mais tarde está perdido...

Que para se evitar força tamanha
Não valerá dos homens resistencia —

— declamou aqui, em tom mais baixo, como para

si; e logo, levantando de novo a voz, continuou — Demais, quer invadam por aqui, quer por Traz-os-montes, os francezes não pararão senão no Porto. E' aquelle o seu primeiro fito, é ali onde querem firmar o seu verdadeiro ponto de apoio, para se lançarem sobre a capital. Conquistado o Porto, firme ali o dominio dos invasores, as provincias do norte ficam á mercê d'elles; depois, refociladas as forças, ser-lhes-á facil a conquista de Lisboa. E' pois diante dos reductos do Porto que a invasão deve parar, que deve sentir a verdadeira resistencia. Se não podér tomar aquella cidade, Soult perder-se á, porque lhe será impossivel sustentar-se sobre o vasto e montanhoso territorio d'estas provincias sem ver dentro em pouco fuzilado todo o seu pequeno exercito. Terá de retirar em massa compacta, como uma fortaleza ambulante, de outra fórma nem um só soldado francez sahirá de Portugal. Para isto é que serve o enthusiasmo da população. De traz de cada árvore, de traz de cada parede lhe hão-de fazer fogo. Ai d'elle se não tomar o Porto! Mas para que o não tome, é preciso fortifical-o, é necessário pôl-o em estado de poder resistir a um assalto. Sobrinho, diz a Bernardim Freire que não hesite um minuto, que parta, que vôe. Não é preciso ser muito atilado, para ver que é ao Porto a que Soult baliza o primeiro salto da conquista, e que se perdermos o Porto, metade de Portugal será desde logo dos francezes. Ser general, não é andar atraz do inimigo, seguir-lhe passo a passo os movimentos. N'esta occasião é preciso alguma cousa mais, é necessario prevenir tudo. Agora, mais que nunca, como diz o grande poeta:

...... nunca louvarei
O capitão que diga, não cuidei.

Cumpre não perder um momento. Partirás ámanhã mesmo, Luiz. E' este o teu primeiro sacrifício á pátria; depois...

— Porém, meu tio, como é que?..

—Como é que Fernão Silvestre de Encourados se atreve a dar conselhos ao general Bernardim Freire de Andrada, não ó assim, Luiz Vasques?— interrompeu o velho cavalheiro — Em circumstancias d'estas toda a gente tem obrigação de partecipar aos que governam, os males que descobre imminentes. Todo o homem, que ama a sua pátria, não deve callar-se na occasião do perigo. Ademais Bernardim Freire ha-de escutar-te, Luiz, quando lhe disseres que és sobrinho de Fernão Silvestre de Encourados,e que em nome d'elle é que fallas. Estamos de accordo ha muito tempo. Aconselhando-o, não só cumpro com o que devo á minha pátria, mas cumpro tambem com o que devo á amisade.. Vai sem receio; Bernardim Freire não estranhará a missão de que te incumbo.

— Mas... meu pai...

— Teu pai! Pois duvidas que Vasco Mendes de Encourados queira que o filho vá combater pela independencia de Portugal! Na nossa familia nunca houveram senão portuguezes, sobrinho, e os fidalgos portuguezes sacrificaram sempre o seu melhor sangue á honra e á glória da nação.

— Mas aqui tambem são precisos soldados, meu tio...

— Hesitas! Porventura começará desde hoje a arrefecer em ti o sangue dos nossos passados? Enganar-me-ia eu,Luiz Vasques? Esgotar-se-ia toda a nobreza dos teus pensamentos na pequena campanha do anno passado? Pensarás por acaso que são sufficientes á grandeza do nome, que herdaste,os louros colhidos por ti na Rolissa e no Vimeiro? Enga-

nar-me-ia eu, Luiz Vasques? enganar-me-ia eu, sobrinho?.. Será possivel que prefiras aos gloriosos trabalhos dignos de um fidalgo portuguez, a infámia villã d'aquelles

.... que em delícias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastàm as vidas, logram as devícias,
Esquecidos do seu valor antigo? —

Será possivel que sejas tu quem tenhas de lançar a primeira nódoa no brazão dos senhores de Encourados? Terei de córar de vergonha por ti, Luiz Vasques, por ti, filho de meu irmão? Será possivel que tu...

— Não, snr. Fernão Silvestre, não! — bradou Luiz Vasques, erguendo-se de um pulo e a tremer de raiva — Mente, por Deus!.. mente quem de mim tal pensar!

— Assim, sobrinho, assim...— exclamou Fernão Silvestre, aprumando-se com ufania diante d'elle e batendo com orgulho o pé no chão.

Luiz Vasques tornou a sentar-se, e esteve um pouco sem que a commoção, que sentia, o deixasse fallar.

— Meu tio, — disse finalmente com a voz ainda levemente trémula — sei o que devo ao nome dos meus passados, e, por vida de meu pai! não serei eu que o deshonre. Não me recuso á obrigação de servir a minha pátria, nem sei ainda bem o que é receiar pela vida. Não hesito, não, meu tio; mas combater por combater, prefiro ficar para defender o solar de meus avós e morrer esmagado debaixo das ruinas d'elle, a ir arriscar a vida longe dos logares que a honra e o dever me obrigam a defender. Se os francezes lograrem entrar em Portugal, cada

palmo de terra d'esta provincia será um campo de batalha. Aqui tambem serão precisos soldados...

— Não são, sobrinho, não são — interrompeu Fernão Silvestre. — Morrer aqui será um sacrificio inutil e inglório, será morrer entre villoens a morte ignorada dos guerrilhas. Tu, herdeiro de um nome illustre, não deves morrer assim. O teu dever é pôr o fito em mais alto destino, é acrescentar a honra do teu brazão com a glória de feitos praticados em campo mais vasto. Deixa a nós velhos o morrer encostados á soleira das nossas portas. Para defender o paço de Encourados, se porventura for precisa a defeza, aqui estamos eu e teu pai, para quem a idade já cerrou quasi que inteiramente o futuro. Vai tu pelejar á luz plena do dia, vai illustrar o nosso nome, sobrinho, onde as tuas acçoens possam ser apreciadas pelo mundo. Grande vai ser a occasião que se te aza para isso. E' impossivel que a Inglaterra veja indifferente a invasão de Portugal, e a realisação dos planos audaciosos do corso. Soou a hora de principiar uma guerra de gigantes, e a nossa pátria está destinada pelas circumstancias a ser o primeiro plano do glorioso theatro, onde se vão representar esses acontecimentos incalculaveis. E' no meio d'elles que tu deves apparecer, sobrinho; é ahi que tu tens de ir servir com o teu braço, com a tua actividade a nossa desgraçada pátria...

— Devo pois abandonar meus paes e o solar de meus avós indefesos...

— Indefesos, não, Luiz Vasques— interrompeu severamente o velho fidalgo — indefesos não. Eu e teu pai ainda não temos tão quebradas as forças que nos rendamos como velhas rabugentas, que já para nada prestam ... nem valem. Este braço ainda póde bem com uma espada—acrescentou, estendendo para elle o braço robusto e hercúleo

—e no couto de Encourados ainda ha uma vintena de veteranos, d'aquelles que acompanharam Fernão Silvestre ao exercito, que á voz d'elle estão promptos a renovar, quando for preciso, as glórias de Puïg Cerdá e de Banhuls.

—Meu tio, eu não duvido...

—Escuta, sobrinho — continuou, Fernão Silvestre sorrindo — vós os rapazes imaginaes que os velhos para nada mais prestam do que para aconselhar, e nem sempre aconselhar bem... dizeis vós. E comtudo, na vaidade dos vossos cabellos pretos, não reparaes que aquelles que os têem brancos são os que vos utilisam a virilidade, que, a não serem elles o enthusiasmo da inexperiencia annullaria de todo. Suppoens tu, Luiz Vasques, que eu o foragido, o jacobino, que não penso desde a mocidade senão em como honrar o nome portuguez, estarei assim, aqui no meio d'estas ruínas, ocioso, a rezar pelas contas á laia de ermitão? Enganas-te se o pensas, sobrinho; no logar onde te achas estúa um foco permanente de conspiração a favor da independencia de Portugal. Em torno d'elle reúno eu todos os dias os meus velhos companheiros da campanha, e aqui conversamos sobre as nossas glórias passadas, e sobre o que hoje nos cumpre fazer para lhes conservar o lustre. Tem por certo que se os francezes passarem n'estas cercanias, has-de ouvir dizer lá por onde andares, que acharam aqui um grupo de homens corajosos, que lhe fizeram guerra a todo o trance, guerra de morte, guerra de desesperados. Cada colina, cada árvore, cada penedo será uma bateria. A' minha voz essa gente ha-de mostrar que os velhos soldados do Roussillon são capazes de transformar-se em terriveis guerrilhas, quando a vingança da terra, onde nascêram, os obrigar a isso. Parte sem receio, sobri-

nho; o paço de Encourados tem quem o defenda, e a glória do nosso nome exige que procures campo mais vasto para os teus serviços e para as tuas acçoens.

Luiz Vasques ficou alguns momentos silencioso, com os olhos fitos no chão, meditabundo e abstracto.

— Que cumpre á honra do nosso nome que eu faça, meu tio? —disse finalmente, pondo-se de pé.

— Parte ámanhã para Braga, Luiz Vasques —respondeu o velho cavalleiro— o primeiro serviço que deves prestar á tua pátria, é ir ter com Bernardim Freire e desempenhar a missão que te incumbo. Depois lança-te dentro dos muros do Porto, e, se o Porto não poder resistir, corre a Lisboa, alista-te no exercito que Beresford está organisando, e marcha a combater pela salvação da pátria ... da Europa talvez.

Luiz Vasques ficou um momento sem responder.

— Adeus, meu tio—disse, apertando-lhe rudemente a mão, que em seguida levou aos lábios e beijou.

— Adeus, sobrinho — respondeu Fernão Silvestre, sacudindo com a mesma rudeza a mão, com que Luiz Vasques apertava a d'elle—Deus te abençoe, e te traga com honra ao solar de Encourados. Se assim não tem de ser, que ao menos te faze occasião de morrer com glória. Lembra-te sempre de quem és, e do que deves ao nome de nossos avós, os quaes, como diz o poeta,

Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria e obras valerosas,
E lá vos têem logar, no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

Adeus. Diz-me o coração que estes meus cabelos brancos ainda hão-de remoçar-se com o fumo da pólvora.... a teu lado, nas grandes batalhas que estão para se dar. Adeus.

Dizendo, sacudiu rudemente a mão do sobrinho, que lhe correspondeu da mesma fórma, e que em seguida se separou d'elle, tornando pelo caminho por onde viera.

Fernão Silvestre seguiu-o por um pouco com os olhos. Depois poz-se a caminhar apoz elle a passos largos e rápidos. Luiz Vasques ia a principiar a descer da planura para a encosta, quando sentiu sobre o hombro a mão pesada do tio, que se aproximára, sem que a abstracção, em que elle levava o espirito, lhe tivesse deixado sentir-lhe o ruido dos passos. Ao toque d'aquella mão, o moço voltou-se de repente. Então Fernão Silvestre, fazendo-o olhar para o logar, onde, ao longe, se via branquejar a casa do sargento mór de Villar, apontou para ella, e disse-lhe no tom da amizade franca e sincera:

— Vai sem cuidado; eu fico velando por ella.

Luiz Vasques fitou o tio como surprehendido e admirado; em seguida lançou-se-lhe nos braços, cingiu-o com força contra o peito, apertou-lhe a mão, e partiu depois em direcção ao solar de Encourados.

V

Pois que cuidavas ?
Que era algum escudeiro ou fidalgote
De tres ou quatro avós ? por este lado
Aparento c'os Piscos Sardoninhos.

DINIZ. *O falso heroismo.*

O dia 13 de março era dia de grande funcção no solar e na aldeia de Encourados. Era o anniversario do fidalgo. Os aldeoens vestiam-se de festa, o sino da igreja andava em bolandas, atroando os ares com festivo e continuado repique,e as não poucas espingardas caçadeiras, que havia no logar e nos arredores, sustentavam, desde o romper d'alva até o fechar da noite, um fogo ininterrompido, ora tiroteio franco, ora descarga cerrada.

Mal apontavam os primeiros arreboes da aurora, logo o festival repique do sino agoirava alegremente o dia,atroando a aldeia com os sonoros parabens do cura,apresentado pelo senhor donatário do couto. De pé eram logo os aldeoens mais ronceiros, que os mais madrugadores e dados a folias já andavam desde muito a espreitar a boieira. Rompia desde logo o fogo, e o solar principiava tambem a acordar e a dar signal de vida. Das oito para as nove começavam a entrar os parentes e os amigos. A's onze partiam todos em cirio para a igreja, fazendo acompanhamento ao fidalgo, que ia assistir a uma missa cantada em acção laudatoria dos seus annos. Entrado na igreja,e depois de receber do thuríbulo, empunhado pelo cura, os tres ductos(*) de incenso a que tinha direito, o fidalgo de Encourados tomava a

(*) Vid. not. VIII.

cadeira espaldar e com docel, e rodeado pelos amigos e parentes, sentados em bancos cobertos de velhos alambeis desbotados pelo uso de muitos annos, assistia, muito contente de si e com a consciencia tranquilla a respeito da sua superioridade, á funcção religiosa, que em sua honra se fazia. Seguia-se lauto e succulento jantar no solar; e no fim abria-se a porta ao povo, que, invadindo o terraço contiguo ao jardim, vinha ahi foliar em honra do fidalgo, bebendo-lhe á saude por sobre as balofas fogaças, a cuja distribuição a fidalga presidia em pessoa, uma ou duas pipas d'aquelle magnifico vinho d'Airó, cujas excellencias os nossos antigos memoraram com o anexim minhoto que diz — *vinho d'Airó bebe-o tu só*. Findava a noite com danças e cantares ao desafio, que tinham por fecho estrepitosa descarga geral, com a qual se despartia totalmente a funcção.

Tal era a festa a que o sargento-mór de Villar ia assistir, no dia em que o vimos sahir tão aperaltado de casa, e no qual tambem Luiz Vasques conversára com o tio no alto da planura do Airó, ácerca das proximas desgraças da nação.

Eram quasi onze horas da manhã. No salão do paço de Encourados — vasta quadra dos fins do seculo XVI, de elevado pé-direito, com as paredes forradas de magnifico azulejo até meio e d'ahi para cima pintadas a fresco—já por João Peres esperavam impacientes Vasco Mendes e os parentes e amigos que lhe assistiam, uns de pé e passeando no meio da casa, e outros, resmungando contra a insolente demora do villão, sentados nas altas e torneadas cadeiras de couro de Moscovia imprensado, que adornavam o salão, de que eram dignas contemporáneas. Esta espera condescendente não era consideração pelo plebeu sargento-mór de Villar, mas sim respeito e

veneração pelos mil cruzados que o tio lhe deixára, e de que a máxima maioria dos fidalgos presentes estavam na posse effectiva e real, e n'ella pretendiam conservar-se mais tempo.

João Peres de Villalobos, mal deixou as senhoras, que se recolheram para aparamentar-se com o luxo e com a opulencia condigna de tão grande festa, dirigiu-se ao salão, e n'elle entrou com o franco desempeno e expansiva alegria de velho soldado, que se sente contente por ver feliz aquelles que estima de coração.

— Ora seja Deus aqui — entrou dizendo —e vivam vossas senhorias por muitos annos, e viva sobretudo o meu grande amigo, o snr. Vasco Mendes de Encourados, e que por muitos annos e bons festeje este dia, e nós com elle, e praza a Deus, amen. Ora eis-me aqui, sã como um pero, para o acompanhar e venerar, e para lhe dizer, entende? que venham para cá francezes e herejes, que aqui está João Peres de Villalobos para lhes dizer que viva e reviva a casa de Encourados, e o snr. Vasco Mendes, e a snr.ª D. Luiza, e o morgadinho e o meu compadre Fernão Silvestre, e que venham para cá dizer que não, que digo eu que sim, com um milheiro de diabos! que assim o quero e tenho dito, entende?

E com este temporal desfeito de intimo contentamento, João Peres arremetteu de braços abertos para Vasco Mendes, que o recebeu nos seus com manifestos signaes de amisade. E não era esta fingida, nem boa cara de devedor; mas sim affeição bem sentida, porque o coração do fidalgo não podia furtar-se a reconhecer a sincera e teimosa estima, que o bom do sargento-mór dedicava a Fernão Silvestre e a tudo que pertencia á familia de Encourados.

Antes de passarmos adiante, digam-se duas pa-

lavras acerca de Vasco Mendes e d'aquelles que o acompanhavam.

Era Vasco Mendes homem bem apessoado e refeito. Não tinha a estatura gigantesca do irmão, nem o porte magestoso que n'aquelle se realçava; mas nem por isso deixava de ser digno de representar a velha prozépia dos ricos-homens de Encourados, e de authorisar pela nobreza do aspecto o respeito que a sua fidalguia impunha aos que não eram fidalgos, e mesmo áquelles que o eram. Tinha o rosto franco, aberto e bondoso; mas um tanto carregado pelo habito de se considerar superior aos outros, vaidade que sobretudo se lhe revelava no repuxado emproamento do pescoço. Vestia uma casaca direita de velludo vermelho, com passamanes de ouro, da qual, como Tolentino disse do seu famoso collete, podia elle dizer, se o orgulho lh'o consentisse, que estava

Encartada ha muito tempo
Em *casaca* de funcçoens.

Quero dizer com isto que a sobredita casaca tinha já servido a seu bis-avô, quando esteve na corte em tempo de D. João V; que depois servira sempre nas occasioens solemnes e mais funcçoens grandes da familia, a seu avô, a seu pai e agora a elle Vasco Mendes. Com ella trazia vestido collete e calçoens correspondentes em luxo e em moda, e nos pés uns sapatos com suas fivelas cravejadas de diamantes.

Dos que lhe assistiam, a saber—o morgado de S. Julião, o morgado de Cabreiros, o morgado de Bastuço, o morgado de Adaens e outros morgados, nada ha que dizer, nem o leitor perde cousa alguma, se o author, nos factos que vai narrar n'este capitu-

lo, se esquecer de historiar o que elles disseram, se por ventura disseram alguma cousa. Trajavam todos ampla casaca e ajustado calção, e um ou outro, que ainda era rapaz, um pouco mais ou menos segundo a moda do tempo. Basta pois saber que todos eram fidalgos e portanto todos primos.

Saltando pois por sobre elles, paremos emfim n'um personagem tambem assistente, que não era fidalgo, mas que desejava sel-o; que não era primo, mas que déra todos os dentes que ainda tinha na bocca para que lhe dessem, ainda que fôra por favor, esse titulo.

Era esse tal um padre, já de idade, alto, secco, levemente acurvado, figura macilenta e severo, e feiçoens intelligentes, mas assignaladas pela propensão para a mono-mania. Era cónego da collegiada de Barcellos, residia em Santa Maria de Abbade, e chamava-se João Valentim Nolasco.

O cónego Valentim era, como levo dito, homem intelligente e de conselho, e ademais erudito e dotado de bom senso litterario. Ouvido sobre qualquer ponto de litteratura ou discursando sobre a philosophia da vida, era para escutar-se. Mas tirado d'isso, era como são e têem sido muitos outros muito mais graúdos do que elle Valentim;era um mono-maniaco, um pateta dominado pela mais incommodativa toleima. Consistia esta nos seus antojos de grandeza. Aqui embicava a mono-mania. O cónego Valentim tinha ambiçoens impossiveis para um padre de aldeia; mas era pertinaz em as ter, e, se se lhe azasse occasião, era capaz de caminhar para o conseguimento d'ellas, fossem quaes fossem os meios que se lhe deparassem para isso. As suas ambiçoens fitavam muito alto. Não se contentava com qualquer abbadia pingue ou opulento bispado; sonhava com a séde patriarcal e com o logar de

confessor de el-rei. Até consta que teve pesadellos medonhos, em que se lhe affigurava que lhe queriam roubar o já possuido chapéu cardinalício. Esta era a mania do cónego, mania que o fazia reptil e zombaria de fidalgos, e que mais tarde o comprometteu por jacobino, motivo porque esteve em França emigrado, até que foi absolvido do crime de traidor á patria por sentença da casa da Supplicação de 17 de dezembro de 1821. Além d'estas inclemencias, passou pela não menor de ter de compor um folheto para explicar o seu procedimento; folheto que escreveu em mau portuguez, mas que é mais que certo que pagou em bom dinheiro corrente n'estes reinos. A tal preço lhe ficou a monomania da ambição; e por fim morreu sem mitra nem chapéu, no Porto, ahi para a rua Chã, no anno não sei quantos. O destino foi-lhe contrário até o fim. Do homem, que tão ardentemente desejou a grandeza e ambicionou os lugares mais elevados, nem mesmo se sabe hoje a sepultura! *In vanitate sua* (*) *apprehenditur peccator, et superbus et maledictus scandalizabitur in illis.*

Voltemos agora ao sargento-mór, e ao modo como foi recebido, e ao mais que depois succedeu.

Vasco Mendes apertou João Peres cordialmente nos braços, e respondeu-lhe assim ao retumbante cumprimento:

— Ora bem vindo seja o nosso sargento-mór de Villar — disse. — A modo que já nos ia tardando. Como assim! Pois é possivel que o nosso bom amigo João Peres de Villalobos fosse em tal dia o último a chegar!..

João Peres não percebeu a benevolencia epigrammática do morgado. Limpava com o lenço o suor que lhe molhava a fronte, quando lhe eccoaram

(*) Ecclesiasticus cap. XXIII. v. 8.

'nos ouvidos as últimas palavras da resposta ao seu cumprimento.

— Ah! fidalgo, — exclamou então, com o lenço ainda erguido na mão direita, e na esquerda o chapéu empunhado por um dos bicos e estendido á laia de barcaça — não me diga isso. Não foi por falta de boa vontade; mas é que,infinamente, vim por Cabreiros, para fallar alli com o sôr morgado, entende?.. para fallarmos a respeito de um potro que lhe quero comprar, eá para um certo amigo... Mas é verdade, onde está o Luizinho?

— O Luiz ainda não chegou—respondeu Vasco Mendes.— A propósito, deixe-me saber o que é feito d'elle. Ventura!

A este brado appareceu á porta da sala um escudeiro.

— Onde está o snr. Luiz Vasques? Vai dizer-lhe que estamos esperando por elle.

O escudeiro, velho criado que tinha estado alguns annos na côrte, e que acompanhava sempre Luiz Vasques nas suas digressoens pelo Porto, e por ahi havia aperaltado em parte a rudeza do aldeão minhoto, entrou poucos minutos depois, e, aprumando-se, disse cortezmente:

— A fidalga deseja fallar com v. exc.ª

—Concedam-me licença, senhores; —disse então Vasco Mendes — eu volto já.

Assim dizendo, sahiu,deixando o sargento-mór ainda occupado com os restos da limpeza da fronte.

— Snr. João Peres, — disse então do lado o cónego Valentim, que estava conversando com o velho morgado de S. Julião — que nos diz a respeito dos francezes?

— Dos francezes! —exclamou João Peres— Que um milhão de diabos os confunda, e que partidas tenham elles as pernas dentro e fóra do nosso

Portugal! E digam todos amen. Elles lá andam no Minho a turrar contra o general Bernardim. Cá não poem elles os pés d'esta feita. Entende? Digo-lh'o eu,e sei o que digo. E se vierem, por alma de meu pai! que lhes havemos de mostrar para o que somos! Está tudo revoltado, e o povo... e eu com a ordenança...

— O essencial é que elles não venham, amigo snr. João Peres —interrompeu, sorrindo, o cónego Valentim.

— E que venham, pelo inferno! — replicou João Peres — Aqui os esperamos a pé firme, como homens que somos, entende? Aqui hão-de ver que é mais facil entrar que sahir. De Portugal não vai um, por essa lhe fico eu. E tenho dito, entende?

— Isso é que é fallar, amigo João Peres; assim é que eu gósto dos homens! — exclamou o joven morgado de Adaens,notavel pela estupidez e pela força brutal—Nem um... nem um sahe. O que eu quero é que elles caiham na asneira de vir. Não me temo d'elles,como o snr. cónego Valentim, que com os seus modos cheira a jacobino...

— O' snr. morgado, jacobino eu! —interrompeu o cónego com gravidade offendida.

— Jacobino, sim senhor; quem tem medo dos francezes é jacobino — replicou o estupido fidalgo. — Um portuguez é para vinte francezes. Conta-se de meu avô que, não sei em que batalha lá por essas terras de herejes e de jacobinos,só de uma assentada agarrou dez á unha, como quem não quer a cousa, e depois trouxe-os para Adaens e fel-os trabalhar nas cavalharices e na nora como jumentos. Porque isto de herejes e de jacobinos são como jumentos. E vocemecê com esses seus modos cheira-me a jacobino, snr. cónego. Cá eu sou pelo que diz o snr. João Peres. A ordenança de um lado, o povo do outro,

os fidalgos com a sua gente... quem diabo ha-de cá vir? Eu já lá tenho prompto o cavallo para o que der e vier. Pena tenho de me ter morrido de lamparãos o meu baio. Optimo bicho! De um só salto passava por cima de um exercito. Vocemecê lembra-se, snr. João Peres? Então que me diz a isto?

— Eu? — replicou o sargento-mór — eu cá sou de infanteria. Digo, entende? que não tenho nem quero cavallo. Para comer, basta-me a égua. Mas tenho lá uma espada que já serviu... e bem; e, por alma de meu pai, entende? que d'esta feita ha-de tirar a desforra do tempo que tem estado em descanso. Em quanto ao baio, sinto que morresse, por causa d'aquellas doze moedas que v. s.ª me pediu...

— Mas, primo, —acudiu aqui o velho morgado de S. Julião — ouvi dizer que o Soult estava em Traz-os-montes... Disseram-te alguma cousa...

— Eu não sei d'isso, primo; —replicou o morgado de Adaens —o que sei é que se cá vierem, não sahe nem um. Vou-me aqui com a opinião do snr. João Peres. E demais digo que o meu cavallo ha-de servir. Optimo bicho! E' uma estampa. E' para ver como não soffre o castigo. Nem todos o montam. Não ha outro como elle por estes arredores.

— Isso lá has-de desculpar, primo — acudiu o morgado de Cabreiros. — Vai ver o meu Turco se queres ver o que é um cavallo. Hontem ergueu-se com o criado, que o que lhe valeu, foi montal-o de cabeçoens; que se não fôra isso, era defunto. Aquillo sim, aquillo é que é. Como elle é que não ha outro. Senão que o diga aqui o nosso amigo João Peres. E' pai d'aquelle potro...

— Sim, d'aquelle potro — interrompeu o sargento-mór. — V. s.ª quer por elle dezoito moedas. Mas sobre isso ainda havemos de dizer duas pala-

vras. Dezoito moedas, entende? custou a v. s.ª o seu Turco na feira de Famalicão. E não me diga que não, que fui eu por signal que lh'as emprestei. Ora vender o filho pequeno pelo mesmo preço do pai grande...Não me cheira, entende? Nada, nada, havemos ainda de dizer duas palavras; porque emfim, senhor...

— Ah! tempos, tempos! —acudiu aqui o morgado de S. Julião — se fosse n'outros tempos!.. Aquillo é que eram homens. Nos tempos dos meus antepassados, então sim, então é que os francezes se não atreviam a pôr cá o pé.

— Que, com um milheiro de diabos!—exclamou voz em grito o sargento-mór de Villar —Que falta nos fazem cá os seus antepassados? Hoje tambem ha homens. Por mim digo, entende? que se os francezes passarem o Minho...passem por onde quizerem,que os leve o diabo—que, á fé de João Peres, nem um torna a sahir. Hei-de mostrar-lhes queainda vivem os homens de Belver e de Puig-Cerdá. Entende? Que venham para cá, e tenho dito.

N'isto a porta da sala abriu-se, e Vasco Mendes entrou para dentro.

— Meus senhores,são horas de partirmos para a egreja— disse com o rosto carregado e dando visiveis signaes de ter recebido noticia de pouca satisfação.

—E o Luizinho?--perguntou o sargento-mór.

—Luiz Vasques sahiu paranegócio importante — disse seccamente Vasco Mendes. —Não estará em casa senão á noite.

— E esta! — exclamou o sargento-mór, abrindo grandes olhos — No dia de hoje...

—Snr. João Peres de Villalobos,--interrompeu quasi desabridamente Vasco Mendes — olhe cada

um pelos seus deveres, que não faz pouco. Meu filho faz o que deve. Primeiro o dever do que a devoção. Prouvera a Deus que elle cumprisse sempre com o que deve ao seu sangue, como actualmente está cumprindo.

Estas ultimas palavras foram ditas em tom desabrido e com visivel tenção. Depois de as dizer, o fidalgo voltou as costas, e dirigiu-se á porta acompanhado pelos parentes e amigos. João Peres ficou um momento atrapalhado; mas como a sua rude intelligencia lhe não deixava perceber o propósito do desabrimento, com que Vasco Mendes lhe dirigira as últimas palavras, e tinha a convicção de que d'aquella bocca nada podia sahir que lhe fosse offensivo, voltou a si da primeira surpreza, e tomou apoz elle logar na comitiva.

O círio seguiu até á igreja, por entre vistosa ala de aldeoens, que atroavam os ares com vivas e com tiros. A' porta do templo o cura veio receber o senhor donatário, de capa de asperges e thuríbulo em punho. Depois caminhou adiante d'elle até á cadeira espaldar. Vasco Mendes metteu-se debaixo do docel, e de pé—e de pé tambem todos os seus convidados—recebeu a mesura do cura e os tres ductos ou tres incensadellas do estylo, que elle acceitou de cabeça erguida com orgulho e passeando vaidosamente a vista por cima do povo que atulhava a igreja, e que espirrava em razão do péssimo cheiro do podre e velho incenso, que a elle cheirava tão suavemente, apesar da espessa fumaceira, em que por um momento esteve envolvido. E' escusado dizer que alguns dos primos, que não possuiam honra tão regalada e tão forte, olhavam invejosos aquelle fumo, aquelles ductos e aquellas contumélias do padre. Este, finda a incensação, fez nova mesura profundissima, e entregando o thuríbulo a um lapónio, reves-

tido de capa vermelha,subiu ao altar,e começou em voz fanhosa e latim derrancado a entoar o *Introibo ad altare dei.*

Acabada a ceremonia, o acompanhamento encaminhou-se para o solar.

Era uma hora da tarde, quando os convivas cercaram a meza do jantar na casa do refeitorio, como se diz no Minho, do paço-solar de Encourados.

Eram dezeseis os convidados que rodeavam a vasta meza de carvalho, coberta n'essa occasião por finíssima toalha de linho das famosas de Guimaraens. As louças eram da China, das mais puras e mais preciosas, eram emfim as que tinha trazido da India aquelle senhor de Encourados, que lá fôra *flibustear* no seculo XVI. Haviam poucos copos; mas em compensação haviam para beber magníficas canecas de louça tambem da India e jarros em que saltitava o famosissimo vinho do Airó. O jantar era digno de um velho fidalgo sertanejo do Minho. Sobre as enormes travessas e bacias de porcellana chineza não fumegavam os primores culinarios de que o célebre Domingos Rodrigues fizera uma verdadeira sciencia no tempo de D. João V. Haviam muitas gallinhas cozidas, muitos peruns e patos assados, duas enormes bacias de louça de Estremoz com arroz do forno, muitos vegetaes cozidos e guizados, e sobretudo duas magníficas postas de vacca cozida, salpicoens sem numero, e um naco enorme, quasi manta, de presunto fumegante,que tentaria um santo na própria Thebaida, se o dito santo tivesse a felicidade de lá deparar com tal maná. Era um jantar portuguez de lei, jantar como nós homens de hoje não somos capazes de comprehender... nem sequer de tentar a digestão d'elle.

Poucas palavras se deram durante mais de tres quartos de hora. Os convivas,empenhados em guer-

rear até o extermínio aquella opulenta fartura, não tinham bocca para mais, e nem ousavam desaproveitar o tempo de se refocilarem para a próxima campanha com os francezes. Por fim chegou-se á penultima parte do opíparo banquete, chegaram ao caldo. Era este gordo e de repolho, servido em magníficas tigellas de louça da India, mas de taes dimensoens, que a vista de uma só puzera em fugida o mais famigerado papa-jantares do nosso tempo. Esfarellada a necessaria boroa sobre a montanha de repolho, e levado o caldo até meia tigella, o cónego levantou-se, e propoz um brinde á fidalga e ao fidalgo, que foi enthusiásticamente apoiado e desmarcadamente bebido.

— Vinho do Airó bebe-o tu só, diziam os nossos antigos — perorou o cónego, pousando a caneca por que bebera. — E tinham razão. Famoso vinho em verdade, snr. Vasco Mendes!

— Famoso e famosissimo! — bradou João Peres, pondo-se de pé, com os olhos a chisparem centelhas, vermelho até á raiz dos cabellos, e emfim mais que sufficientemente aquecido pelas suas demasiadas provas de amor pelo vinho do monte d'Airó — Famoso, famosissimo! E havemos de assim entregal-o aos francezes sem mais tir-te, nem guar-te! Irra! Fóra, herejes; fóra jacobinos! Não, pelo inferno! Que venham para cá, que não sahe nem um só. Entende, snr. cónego? E tenho dito.

— O cónego é jacobino, fique n'esta, snr. João Peres —bradou o morgado de Adaens, que estava ainda mais embriagado que o sargento-mór.

— Snr. morgado!..—exclamou com indignação o cónego Valentim.

— Jacobino, isso não, snr. morgado;—acudiu João Peres—jacobino, isso não, por alma de meu

pai! Medroso, covarde, irra! isso sim... Com um milheiro de diabos. Entende?

— Jacobino, e tenho dito —gritou o morgado.

— Digo, e redigo, jacobino não—bradou João Peres.— Jacobinos e herejes são ladroens. E tenho dito, entende, snr. morgado?

—Vocemecê atreve-se a desdizer-me? A mim! — bradou o morgado, pondo-se de pé.

— A si e a cem mil, com um milheiro de diabos! —vociferou João Peres, já de todo perdido — Entende? Todos me conhecem. Chamo-me João Peres de Villalobos, sargento-mór de Villar. Se quer alguma cousa, é sahir ao caminho. Entende? E tenho dito.

— Snr. João Peres... Primo ... Isto que é? ....Em minha casa! —bradou Vasco Mendes, fazendo troar a voz por cima da dos dous contendores.

Estes sentaram-se, bufando como dous toiros, e olhando-se com olhares enfuriados.

Passados alguns minutos de silencio, o morgado de S. Julião, homem pacífico por índole e idade, reanimou a conversa em tom brando, dirigindo-se d'esta maneira ao cónego:

— Vocemecê que tão lido é, snr. conego Valentim, póde dizer-nos alguma cousa ácerca d'aquellas ruínas que se vêem no alto da serra? O povo tem-nas em conta de restos de morada de um santo. E parece que Deus approva esta ideia popular, porque tudo alli é do melhor. Quanto mais para o alto, tanto melhores são os vinhos, as fructas e as águas. Em que dia do anno se festeja o santo que alli viveu, e morreu?

O cónego Valentim sorriu-se com o sorriso do erudito, que ouve asnear um ignorante. Provou uma vez mais o vinho d'Airó, repotreou-se na cadeira,

semi-fechou os olhos, e abanou pausadamente a cabeça.

— O homem de Deus que alli viveu, snr. morgado, — disse por fim — ainda não está no calendário, porque ainda não foi canonisado.

— Pois devia-o ser — gritou o morgado de Adaens.—Quem fez com que haja tal vinho...

— Silencio, primo! —disse gravemente o morgado de S. Julião.

— Qual silencio, nem qual diabo! — bradou João Peres — E' canonisal-o, entende? E' como elle diz, e está dito, que lh'o digo eu, entende?

— Psiu! — assoprou de lá Vasco Mendes, vendo que o cónego queria continuar.

—A historia falla-nos pouco claramente d'aquelle homem, — continuou o cónego Valentim — mas a tradição local descreve-o com traços mais amplos. Quem era Joanne, o pobre? A historia só nos diz que era descendente dos condes de Urgel; que se fez ermita depois de ser cavalleiro; que a raínha a senhora D. Filippa, esposa de el-rei o senhor D. João I, e o senhor D. Affonso, primeiro duque de Bragança e filho d'aquelle excellente monarca, o mandava consultar como santo; que morreu por fim aqui santamente, e que os frades de Villar vieram buscar o cadaver, e como bemdito o levaram processionalmente para o convento, na egreja do qual o sepultaram. Eis o que nos diz a historia, snr. morgado; mas pouco nos diz, como vê, porque diante d'ella Joanne, o pobre, continúa a ser um enigma.

Aqui o cónego fez uma pequena pausa, e em seguida continuou assim:

— A famosa e nobilissima casa de Urgel, snr. morgado, tinha acabado ha muito tempo, quando Joanne, o pobre, viveu. Confundira-se primeiro com a casa dos condes de Barcelona, que foram de-

pois reis de Aragão. A linha varonil d'estes terminou no rei Martinho, que foi o último d'aquella antiga familia, e que morreu deixando por successora uma filha. Esta casou com o principe Fernando de Castella, que por este casamento veio a ser Fernando I de Aragão. Foi no tempo d'este que viveu Joanne, o pobre, e a circumstancia de todos os historiadores serem concordes em dizerem que era descendente dos condes de Urgel, faz-me crer que pertencesse á familia dos Ponces de Cabrera, ramo segundo d'aquella casa, os quaes disputaram á filha do rei Martinho o condado de Urgel, por serem representantes de varão, e no condado não poderem succeder fêmeas. Os Ponces de Cabrera foram infelizes na contenda, apesar de a sustentarem tenazmente durante muito tempo. Quando não podéram luctar mais, tiveram de fugir á vingança e á perseguição de Fernando I. D. João Ponce de Cabrera asylou-se em Portugal, e desenganado das cousas do mundo veio penitenciar e morrer n'esta montanha, trocando o seu nobilissimo nome pelo tão humilde de Joanne, o pobre. A tradição acrescenta a estes motivos de desalento outros ainda mais fortes, porque tocam mais de perto o coração do homem honrado e de sangue e espírito quasi que real.

Nova pausa fez aqui o erudito cónego, e d'esta vez por tanto tempo, que o morgado de S. Julião, que o ouvia attentamente, teve de o fazer voltar a si, perguntando-lhe com curiosidade :

— E que motivos foram esses tão fortes, tão fortes que pesaram mais no animo do illustre cavalleiro do que a perca da patria, e o ver-se impunemente despojado dos bens que lhe pertenciam ?

— As causas, snr. morgado, — replicou o cónego — as causas a que a tradição attribue a vida eremítica de Joanne, o pobre, ou, segundo penso,

D. João Ponce de Cabrera, foram as que vou dizer.

E aqui o cónego fez outra pausa para molhar os beiços com mais um trago de vinho d'Airó, e em seguida continuou:

— Diz a tradição que Joanne, o pobre, no tempo em que fôra cavalleiro, amára ternamente uma dama, fidalga sim, mas de sangue menos illustre que o d'elle. Por ella passou o bom e leal cavalleiro muitos trabalhos e inclemencias, já em contendas domésticas, porque o orgulho da sua família não levava a bem taes amores, já correndo as mais famosas côrtes da Europa, onde proclamou a formosura da sua dama, e acabou em honra d'ella grandes feitos. Quando el-rei Martinho morreu, e D. João se empenhou na guerra da successão do condado de Urgel, já elle se achava casado clandestinamente com a mesma senhora. Parece porém que era a dama leviana e volteira; porque, segundo se diz, levada da galhardia de um valido de Fernando I, não só atraiçoou a honra do marido que tanto a amava, mas vendeu-lhe ao inimigo os segredos, e foi a causa primária da perdição dos Ponces de Cabrera. No primeiro ímpeto da paixão, D. João procurou vingar-se como se vingam os homens do mundo; mas, dando-lhe o decurso do tempo espaço bastante para se compenetrar bem da negrura do facto, tirou d'aquella meditação concentrada a funda convicção da inanidade das cousas humanas, e, apossado da melancolia e descoroçoamento que se segue apoz esta convicção, voltou as costas ao mundo, e virou-se todo para Deus, que é a suprema verdade e a suprema virtude. Movido d'esta santa resolução, tratou o mundo como merece ser tratado. Poz de parte todas as ideias de vingança, abandonou os homens aos homens, e, entregando á justiça do eterno juiz o desforço da sua justa causa, depoz as vaidades e as

glórias sociaes, despiu o saio de cavalleiro,abraçou-se com a cruz, e aos pés d'ella morreu aqui santamente. São estes, snr. morgado, os fortes motivos que fizeram, segundo a tradição,com que o poderoso cavalleiro, legítimo representante da nobilissima casa de Urgel, viesse morrer aqui, na planura do nosso monte d'Airó, com o nome de Joanne, o pobre. Santa e gloriosa resolução! Feliz e judicioso o homem que a tomou!

O cónego parou, e todos ficaram por um momento concentrados na história,que acabára de narrar. Por fim o sargento-mór começava a preludiar o rompimento do silencio com uma tossidella estrepitosa, quando o morgado de Adaens,dominando a atonia da embriaguez, exclamou brutalmente:

— Valente pateta por certo era o tal Joanne, o pobre! Commigo fôra o feito que não era para o filho de meu pai o vir prantear como villão açoitado o desavergonhamento da marafona. A ser commigo, ai da vaganoa! Torcera-lhe o pescoço, e pagára-me da pouca vergonha. Assim se devem haver os verdadeiros fidalgos, e mau mez para ser santo.

— Santo em todo o caso, — bradou o sargento-mór de Villar,em quem ainda picava o rancor da referta de ha pouco — santo em todo o caso, e renego de quem disser o contrário, que por tal deve ser logo tido na conta de hereje e de jacobino. Santo em todo o caso, mas estava ahi um bom cerquinho; era tomal-o ás mãos ambas, e depois desancar a bilhardona, entende? até gritar por Deus, amen.

— Digo e sustento que é melhor ser cavalleiro que santo...

—Digo e re-digo, entende? que quem não quer ser santo é jacobino e hereje...

E os dous,o morgado e o sargento, pondo-se de pé, começaram com olhos turvos e enfurecidos a vo-

ciferar um contra o outro, fallando ao mesmo tempo e atroando os ares tão estrepitosamente, que não deixavam ouvir a voz de Vasco Mendes, que impunha irritadamente silencio.

A entrada do lacaio, que veio annunciar, que o café ia ser servido na sala visinha, despartiu finalmente a contenda. Os convivas ergueram-se, e começaram a dirigir-se para a sala indicada com passos mais pesados e menos firmes, do que tinham vindo para a meza.

— Snr. João Peres de Villalobos, — disse então Vasco Mendes gravemente, — desejo fallar-lhe em particular. Peço-lhe por isso que me acompanhe ao meu gabinete.

Estas palavras troaram como um trovão nos ouvidos do sargento-mór de Villar; quasi que o desembriagaram completamente. Aquella puridade em tal occasião cheirava-lhe assim a modo de pedido de emprestimo, e o bom do sargento achava-se, ao tempo, inteiramente desprevenido de dinheiro. Mas negar dinheiro a Vasco Mendes, ao irmão do seu Fernão Silvestre, ao homem em cuja casa a filha lhe fôra educada, era cousa que elle não comprehendia como podésse fazer-se, sobretudo depois de tão succulento jantar. Mas como acceder ao pedido, se estava sem mealha? Agitado por estes pensamentos, seguiu sem replicar apoz o fidalgo, e com elle se encaminhou como autómato, como fulminado por medonho pesadello, para o gabinete particular.

Chegado ahi, Vasco Mendes aproximou duas pesadas cadeiras de braços, sentou-se n'uma, e convidou João Peres a sentar-se na outra. Este, boquiaberto e sem saber o que havia de fazer para sahir-se airosamente e a seu sabor da entaladura imminente, desfazia-se em mesuras ceremoniosas, sem

atinar a sentar-se. Apertado por Vasco Mendes, sentou-se por fim.

Este fitou-o um momento como tambem violentamente embaraçado ; por fim rompeu d'esta fórma o silencio :

— Eu, snr. João Peres de Villalobos, sou o representante de uma familia antiquissima, cuja fidalguia se perde atravez dos seculos, e é uma das mais notaveis de Portugal...

— Sinto muito, meu bom amigo snr. Vasco Mendes...

— Eu é que sinto, snr. João Peres, eu é que sinto que vocemecê não possua igual nobreza, como é merecedor, e era preciso que tivesse para que se realisassem os seus e meus desejos. Mas para que desculpe o meu procedimento, o qual é filho dos deveres que a minha fidalguia me impoem, quero que saiba bem a fundo a antiguidade da minha familia e a sua grande nobreza. Para isso basta...

— O' meu grande amigo, eu sei-o muito bem, faço d'ella perfeita ideia. Mas é que na presente occasião...

— Na presente occasião é que é preciso mais que nunca que vocemecê a conheça. Não quero que me tenha na conta de ingrato á sua provadissima amisade...

— Oh! meu bom amigo, eu sei muito bem... eu sei muito bem... Valha-me Deus! Mas emfim eu verei.. cá darei as minhas voltas, e tudo se ha-de arranjar, tudo se ha-de arranjar...

— Arranjar! — repetiu Vasco Mendes, sorrindo com tristeza—arranjar! Infelizmente é impossivel arranjar-se nada; e, para que vocemecê o reconheça e me dê razão, é que desejo que saiba bem a fundo a fidalguia da minha linhagem. Para isso basta citar-lhe as relaçoens de parentesco de dous il-

lustres e antiquíssimos ascendentes meus. Peço-lhe que me escute sem me interromper.

O sargento-mór esfregou com força a testa, porque entendia cada vez menos o fidalgo, e principiava a desnortear. Do que ouvia, antolhava-se-lhe que a questão, felizmente, não respeitava a dinheiro. Mas o que queria Vasco Mendes dizer com todo aquelle extenso aranzel genealógico? Esfregou pois a testa com toda a força, e fitou n'elle os olhos muito abertos e muito curiosos:

— O snr. D. Sueiro Mendes de Encourados, meu illustre ascendente,—disse por fim Vasco Mendes, depois de pensar um momento — existiu ha mais de seis séculos, e foi casado com a snr.ª D. Urraca Gil, filha do snr. D. Gonçalo Gil de Airó. Depois d'elle é que a minha familia principiou a usar do nome de Encourados que hoje tem. Isto ha seis séculos, seiscentos annos, snr. João Peres, e antes d'estes seis séculos, já pelo menos haviam outros seis, que os fidalgos de Encourados existiam sem usarem tal appellido. Agora escute vocemecê a nobreza que de uma tal alliança dimanou para a familia dos Encourados.

— Mas, meu grande amigo, snr. Vasco Mendes, não é preciso... sim, entende?..

— E' preciso, é, snr. João Peres — replicou crudelissimamente Vasco Mendes. — A snr.ª D. Urraca Gil, esposa do snr. D. Sueiro Mendes de Encourados, foi filha do snr. D. Gonçalo Gil de Airó, que mataram na Corma, como diz o conde D. Pedro—logar que, segundo pensa o padre Carvalho e eu com elle, é a serra da Corveã — e da snr.ª D. Urraca Annes, a qual foi filha do snr. D. João Lourenço de Maceira e de sua mulher a snr.ª D. Maria Fernandes Acha...

— Porém veja, snr. Vasco Mendes, que tudo se há-de arranjar. Eu lhe prometto...

— O snr. D. João Lourenço de Maceira—continuou imperturbavelmente o fidalgo — era filho do snr. D. Gomes Pires de Maceira, que foi origem da familia dos Maceiras, e que fundou pelos annos de 1200 e tantos o mosteiro de Santa Maria do Souto no termo de Guimaraens. Este foi casado com a snr.ª D. Moninha Osores, irmã de D. Sarrazinho Osores, ou, como outros dizem, com a snr.ª D. Maria Paes, filha do snr. D. Payo Vasques de Bravaens e da snr.ª D. Sancha Soares,de uma das quaes teve o famoso D. Lourenço Gomes de Maceira, que esteve na conquista de Sevilha em 1242, e o sobredito snr. D. João Lourenço de Maceira, que, como disse, foi pai da snr.ª D. Urraca Annes, esposa do snr. D. Gonçalo Gil de Airó e mãi da snr.ª D. Urraca Gil, esposa do meu illustre ascendente, o famoso snr. D. Sueiro Mendes de Encourados.

Aqui Vasco Mendes quiz fazer uma pausa, mas, vendo que João Peres ia fallar, acudiu logo:

— A snr.ª D. Maria Fernandes Acha, esposa do sobredito snr. D. João Lourenço de Maceira, era filha do snr. D. Fernão Ramires, o qual foi filho do snr. D. Ramiro Quartela, progenitor da illustrissima familia dos Quartelas. *Acha* lhe puzeram de alcunha por um notavel feito, e foi este o ter seu pai, o snr. D. Fernão Ramires, raptado de noute sua mãi a snr.ª D. Christina Soares,antes de casar com ella, e raptada a levar, á luz de muitas achas, para sua casa, onde concebeu d'elle esta sua filha, que foi a primogénita d'este acontecimento. A snr.ª D. Christina Soares, snr. João Peres, era filha do snr. D. Sueiro Mouro e da snr.ª D. Urraca Mendes de Bragança. Attenda vocemecê bem a esta filiação. Por ella entronco com o famosissimo snr. D. Arnal-

do de Bayão, illustrissimo progenitor de todas as familias mais nobres da provincia do Minho. D'aqui já vocemecê vê, snr. João Peres de Villalobos, que, por este lado, a minha familia entronca com os Airós, com os Quartelas, com os Maceiras e com os Mendes de Bragança.

— Mas, snr. Vasco Mendes, — conseguiu por fim allegar o sargento-mór de Villar—para o nosso caso não é preciso citar os snrs. Maceiras, nem os snrs. Quartelas. Eu já lhe disse, entende? que tudo se arranja...

— Arranja, snr. João Peres, arranja! — replicou Vasco Mendes, abanando a cabeça e sorrindo incredulamente.

— Arranja, sim senhor, arranja. Digo-lh'o eu, entende? arranja, ainda que eu haja para isso de dar uma volta no inferno...

—Ah! snr. João Peres, vocemecê não pensa bem no que diz — exclamou Vasco Mendes. — Ora veja se é possivel arranjar. Attenda...

— Porém, fidalgo...

— Attenda, attenda. Do snr. D. Sueiro Mendes de Encourados foi filho o snr. D. Fernão Silvestre de Encourados, de quem meu irmão e seu grande amigo tem a honra de usar o nome, o qual foi casado com a snr.ª D. Urraca Gomes, filha do snr. D. Gomes Ramires e da snr.ª D. Gontinha Nunes. O snr. D. Gomes Ramires...

— Mas, snr. Vasco Mendes, que temos nós para o caso presente com todos esses senhores? — exclamou de repente o sargento-mór, principiando a perder a paciencia.

— O snr. D. Gomes Ramires, sogro do meu illustre ascendente o snr. D. Fernão Silvestre de Encourados, foi filho do snr. D. Ramiro Ayres e da snr.ª D. Tareja Pires, filha do snr. D. Pedro Affon-

so de Dorraens e da snr.ª D. Gontinha Hueriz, e neto do snr. D. Ayras Carpinteiro e de sua mulher, a meana (*) de Selheriz e Leomar, hoje Lamar, padroeira do convento de S. Salvador de Tabosa, freguezia do julgado de Vermuim, onde já se não vêem nem sequer as ruínas do sobredito mosteiro. Este snr. D. Ayras Carpinteiro é o primeiro ascendente conhecido das illustres famílias dos Carpinteiros e Ramires.

— Mas, por alma de meu pai, snr. Vasco Mendes, não me porá v. s.ª em pratos limpos...

— Attenda, attenda — replicou Vasco Mendes, acenando-lhe com a mão para que escutasse. — A snr.ª D. Gontinha Nunes, esposa do snr. D. Gomes Ramires...

— Por vida minha, fidalgo!..

— Foi filha do snr. D. Nuno Vida, descendente das illustrissimas famílias dos Azevedos, Viegas e Coelhos...

— Snr. Vasco Mendes, — bradou já desesperado o sargento-mór de Villar — affigura-se-me que tenho estado enganado, entende?.. V. s.ª quer dizer alguma cousa...

— Tenha paciencia por mais um pouco, snr. João Peres; — interrompeu Vasco Mendes, erguendo a voz de enfadado — é preciso que vocemecê saiba alguma cousa mais. Escute, portanto.

O sargento-mór atirou-se com mau modo e a tremer de impaciencia para o espaldar da cadeira, e Vasco Mendes continuou depois de brevissima pausa:

— Do snr. D. Ramiro Ayras, pai do snr. D. Gomes Ramires, que foi sogro do snr. D. Fernão Silvestre de Encourados, foi tambem filho o snr.

(*) *Meana* correspondia nos seculos XII e XIII á palavra moderna *senhora*. Vid. Viterbo, Elucid.

D. Paio Ramires. E por aqui é famosissima a minha ascendencia, porque o snr. D. Paio Ramires, casando em segundas núpcias com a snr.ª D. Gontrode Soares, filha do snr. D. Sueiro Paes Correia, dos Correias de Fralaens, e da snr.ª Urraca Hueriz, teve d'ella o snr. D. Gomes Paes de Piscos, que viveu em Santiago de Piscos, freguezia do julgado de Vermuim, e foi o ascendente da illustrissima familia dos Cunhas; e teve mais o snr. D. Gualdim Paes, famosissimo mestre do Templo, fundador dos castellos de Thomar, de Pombal e de Almourol e outros muitos lugares, o qual foi, como diz o conde D. Pedro, mui bom cavalleiro de armas e muito honrado homem. Tanto o snr. D. Gomes como o snr. D. Gualdim nasceram *a par de Braga*, como diz o dito conde, e o snr. D. Gualdim deixou tudo o que tinha á ordem do Templo, de que era mestre. Como descendente, portanto, do snr. D. Fernão Silvestre de Encourados, bem vê vocemecê, snr. João Peres, que aparento com as antiquissimas famílias dos Carpinteiros, Ramires, Azevedos, Viegas, Coelhos, Cunhas e Correias de Fralaens, tendo ademais a subida honra de contar na minha familia aquelle famosissimo heroe, o snr. D. Gualdim Paes. Mas a honra da minha ascendencia não pára aqui. Do snr. D. Fernão Silvestre de Encourados e da snr.ª D. Urraca Gomes foi filho o snr. D. Lourenço Fernandes de Aboim...

— Mas, com um milheiro de diabos! — exclamou de todo impaciente o bom do sargento-mór — v. s.ª não me dirá para que me está ha mais de meia hora a alardear a sua prozápia, snr. Vasco Mendes?

O fidalgo cravou espantado os olhos n'elle.

— Pois vocemecê não percebe?..

— Nem palavra, por alma de meu pai! nem palavra. E se não m'o diz, fico doudo, entende?

Vasco Mendes fitou-o de novo, e depois accrescentou gravemente:

— E' para lhe fazer ver que não posso consentir no casamento de meu filho com sua filha.

—Casamento!..—balbuciou João Peres,abrindo grandes olhos.

— E' preciso não nos disfarçarmos, snr. João Peres de Villalobos — continuou com gravidade o fidalgo. — A sua Camilla tem ousado levantar os olhos para o morgado de Encourados, e Luiz, esquecendo o que deve ao seu sangue, anima este louco procedimento. Ainda esta manhã... Eu sei tudo,snr. João Peres; mas não posso,não devo dar o meu consentimento,porque, vocemecê bem o vê...

Vasco Mendes não pôde continuar. Aqui João Peres de Villalobos ergueu-se de um salto em pé, roxo de colera, os dentes cerrados e a tremer convulsivamente. Com os punhos fechados pela raiva, fitou o fidalgo com os olhos a chisparem centelhas, e como quem se reprimia a custo de se arremessar sobre elle.

— Se não fôra irmão de Fernão Silvestre!.. — regougou — Com um milhão de diabos! —rompeu então, assentando tal murro sobre o espaldar da cadeira, que ella saltou, apesar do peso , no ar, com o espaldar feito em pedaços —Com um milheiro de diabos! Pois eu já lhe pedi o seu consentimento? Pois eu já lhe disse que queria que minha filha casasse com seu filho? Pois suppoem que lhe invejo nem por pensamento os taes Maceiras e os taes Quartelas e Carpinteiros, que o diabo confunda e a si com elles?

— Snr. João Peres de Villalobos! —bradou o fidalgo, erguendo-se trémulo de cólera.

— E' como lhe digo,—continuou o sargento-mór, voz em grita—é como lhe digo. Minha filha,

para casar, entende? não precisa de seu filho. Quando eu pensar n'isso, entende? hei-de encontrar muitos homens honrados, que a queiram, sem perguntarem se ella é aparentada com Carpinteiros ou Quartelas. Guarde a sua fidalguia para quem lh'a desejar, e acredite que o sargento-mór de Villar tem mais honra em ver sua filha casada com um lavrador honrado do que com o fidalgo mais fidalgo de Portugal. Villão nasci, villão foram meus paes, e honrados villoens morreram tambem. Quero acabar como elles, quero que minha filha viva e morra no credo de seus avós, sem se lembrar nem sequer um momento da vergonha de se alliar com aquelles que vivem na ociosidade, predulariando o suor do pobre povo.

— Snr. João Peres, lembre-se que está em minha casa — bradou Vasco Mendes, torvo de cólera.

— Lembro-me que estou fallando com o irmão de Fernão Silvestre de Encourados — replicou no mesmo tom o sargento — que a não ser assim, fallaria de outra fórma, em sua casa ou fóra d'ella, onde quizesse. Snr. Vasco Mendes de Encourados, diz muito bem; é muito fidalgo para se ligar com o villão. Minha filha seria uma nódoa na sua familia, mas creia, entende? fique-se bem com isto na memória, entende? que para eu dar licença para minha filha casar com seu filho, era preciso que me gritassem muitas vezes aos ouvidos que elle é sobrinho de meu compadre Fernão. Entende? Ademais que o moço é honrado, não o nego; mas é seu filho e tanto basta. Pelo inferno! — acrescentou com um grito de raiva medonha — pois eu já lhe pedi que consentisse no casamento? Pois suppoem que sequer tal ideia me passou na cabeça? Nunca... nunca... nunca, entende? Agora ainda que vocemecê m'o peça de joelhos.

Depois parando, fitou-o com verdadeiro escárneo, o escárneo da raiva,o escárneo que fulmina, e exclamou com ironia :

— Oh ! o grande fidalgo que se peja que o filho pretenda a filha de um villão, e que se não envergonha de vir de chapeu na mão pedir ao villão a esmola de lhe emprestar dinheiro ? Pois olhe, se isto é fidalguia, entende ? guarde-a, e limpe depois a mão á parede, que ha-de ficar n'ella signal que faça fugir os que tiverem bom cheiro, entende ?

Aqui o sargento-mór levou desesperado as mãos á cabeça,e as lágrimas saltaram-lhe pelos olhos fóra. Vasco Mendes, hirto e pállido como um cadaver, fitava-o sem dar palavra. E' que ambos se sentiam impellir um para o outro pelo affecto de muitos annos, e conheciam ao mesmo tempo que de um lado o orgulho heráldico e do outro o genio irritavel e o brio do homem honrado estavam cavando entre elles um abysmo, que os separava eternamente.

— Snr. Vasco Mendes—disse por fim o sargento-mór, procurando acalmar-se — de hoje por diante nem eu nem Camilla tornaremos a pôr aqui os pés. Fique descançado a esse respeito, entende? Finja que nunca me viu, nem conheceu.

— Snr. João Peres—disse gravemente o fidalgo—acredite que, apesar de tudo o que acaba de dizer, nunca deixarei de ser seu amigo. Desculpo-o, á conta da paixão que o cega. Em quanto ao consentimento para o casamento de meu filho com sua filha, nunca o darei.

Isto foi deitar de novo fogo á mina.

— Com um milheiro de diabos! —bradou João Peres, batendo com o pé no chão—pois eu peço-lh'o, pois eu quero-o,pois eu consinto? Nunca... nunca... nunca. Seria mais facil matal-a com as

minhas próprias mãos, do que consentir em que ella case com um filho seu, entende? Eu vou-me já d'aqui embora; tenho medo até de sujar as solas das botas, mas sempre lhe quero dizer antes de sahir, que quando nos encontrarmos lá fóra não me salve, nem sequer me salve, entende?

Assim dizendo, dirigiu-se á porta; mas, chegando junto d'ella, parou, e, retrocedendo alguns passos para dentro da sala, bradou rijamente:

—Olá, snr. fidalgo, mande-me pagar o que me deve, senão olhe que o mando citar.

Vasco Mendes não respondeu palavra. Conhecia-se-lhe porém os esforços que fazia para conter-se.

João Peres sahiu, estonteado e como um touro, do gabinete do morgado. Parecia lançar fogo pelos olhos, e que o sangue lhe queria romper pelas faces fóra. D'esta fórma entrou na sala, onde se tomava o café, e onde D. Luiza e Camilla aguardavam, uma que chegasse o marido e a outra o pai.

— A pé, filha, a pé —bradou o sargento-mór, dirigindo-se á filha — saihamos d'esta casa, com um milheiro de diabos! Nunca tu aqui tiveras entrado, ou então que uma bala me tivesse lambido lá pelas guerras onde andei. A pé, não ouves? Com tres raios de daibos! se não saio d'aqui arrebento, entendes?

Camilla poz-se maquinalmente de pé, e deixou-se conduzir por elle, sem saber o que fazia nem para onde a levavam. Os convidados olhavam todos espantados esta scena tão inesperada como despropositada.

— Que é isto, snr. João Peres? —exclamou D. Luiza, fazendo parar Camilla.

— Deixe-a ... deixe-me, snr.ª D. Luiza — bradou o sargento-mór fóra de si.

— Mas que é? que aconteceu?

— Que aconteceu? Aconteceu que não torno a pôr aqui mais os pés, entende? Seu marido acha-me villão de mais para elle. Só para lhe emprestar dinheiro é que não. Olá, meus fidalgos — acrescentou, dirigindo-se ao grupo dos primos — é pagarem-me dentro em oito dias o que me devem, entendem? Olhem que se me não pagam, mando-os citar, e metto-lhes a penhora de portas a dentro. Veremos se lhes valem os Quartelas e os Carpinteiros.

Assim dizendo, voltou-se, puxando por Camilla para a porta.

— Snr. João Peres, pelo amor de Deus! socegue, diga-me o que foi isto—balbuciou D. Luiza.

— Socegue!—exclamou João Peres—Eu estou socegado, snr.ª D. Luiza. Olhe que não tenho pena nenhuma de cá não voltar, entende? Não pense que a tenho, pelo inferno! Assim como assim, para que diabo hei-de ter pena? Seu marido insultou-me, entende? insultou-me como ninguem ainda me insultou até hoje, entende? Póde gabarse d'isso, mas tambem póde dizer-lhe que se lh'o soffri foi por causa de meu compadre Fernão, entende? e... e... e tambem pela senhora, pelo inferno! e tambem por amor do Luizinho... Ai que eu arrebento!—exclamou aqui, levando os punhos cerrados aos olhos, por onde as lagrimas queriam saltar quatro a quatro.

Assim dizendo, puxou violentamente por Camilla, e com ella desceu a correr a escada, bramindo e vociferando, e tão atordoado e fóra de si que nem sentia que ia em cabello, e que deixava por despojos d'aquella triste campanha o seu famoso chapeu de dous bicos.

A poucos passos de Villar, viu-se obrigado a

parar pelos amiudados brados de um creado que corria apoz elle, levando-lhe o precioso objecto. João Peres tomou o chapeu, metteu-o ás tôas na cabeça, depois partiu de esfusiada com a filha, continuando a bramir, a regougar e a vociferar sem se lhe entender palavra, e sem que elle mesmo se lembrasse de que a pessoa, que assim levava quasi a rastos, era a sua mimosa e querida Camilla, que não estava affeita áquellas caminhadas a pé e a passo dobrado.

A alguns passos mais adiante, João Peres topou pela frente com Luiz Vasques, que desembocava de uma azinhaga lateral. Ao ver o rosto afogueado do sargento-mór, os seus gestos azougados, e as lágrimas a deslisarem pelo rosto de Camilla, Luiz correu para elles, e atravessou-se-lhes diante.

— Que aconteceu, snr. João Peres? — bradou com anciedade.

— Deixe-me, com um milheiro de diabos! — respondeu o sargento-mór sem querer parar — vá dizer a seu pai que me pague, senão que o mando citar. Em quanto a si, não me torne a pôr os pés em casa, entende?

O rosto de Luiz Vasques tingiu-se repentinamente do rubor da indignação e da cólera; mas os olhos de Camilla fitaram-se n'elle tão anciosos e tão supplicantes, que o moço, sem replicar palavra, arredou ao lado, e deixou-os passar.

VI

Por muito que a ventura me persiga,
Pois quiz que a minha glória fosse amar-te,
Que outro mal póde dar-me ou que tormento
Que se eguale com este apartamento ?

ANDRADE. *Cerco de Diu.* Cant. III est. 64.

A noite, que se seguiu áquelle azangado dia 13 de março, foi noute formosissima—fria, mas de céu tão límpido e de luar tão claro e tão brilhante que mais o não sonhou de certo o grande Shakespeare, quando imaginou os veronezes Romeo e Julietta a fallarem de amor no jardim dos Capuletos.

A esta hora um homem, montado n'um bello e possante cavallo preto, com a cabeça coberta por um chapéu desabado, e o rosto meio embuçado na gola de um capote de cabeçoens, que o envolvia até os pés — capote da raça d'aquelles que ainda hoje apparecem no Minho, medonhos de fartura e de peso, transumpto, quanto a mim, dos memoraveis ferragoulos dos nossos passados — attravessou Villar de Frades, e entrou em S. João de Areias, em direcção á quinta do sargento-mór, cujos muros serviam de estremas ás duas aldeias.

Chegado ao pequeno largo, sobre o qual abria o portão da quinta, o cavalleiro fez parar o cavallo, e, lançando-lhe para a garupa o capote, desmontou-se de um salto. Depois tomou o cavallo pela rédea, e prendeu-o ao tronco de um velho carvalho que ahi havia.

O recem-vindo era Luiz Vasques de Encourados. Depois de se certificar que o cavallo estava bem preso, compoz o capote de fórma que não resvalas-

se da garupa a qualquer movimento do animal, e em seguida poz-se a caminhar ao longo dos muros, levando sobraçada uma espada de dous gumes e de copos de aço polidissimo, que comsigo trazia.

Os muros da quinta do sargento-mór eram, como o são geralmente todos os muros das propriedades minhotas, que não foram de frades ou de fidalgos, de pouca altura e de pedaços de granito, de differentes dimensoens, postos uns em cima dos outros. A pouca distancia ao longo d'elles, Luiz Vasques parou em frente de um logar, onde houvera em outro tempo um *portêllo* (*), e que então se achava quasi derribado de todo. Reconhecido o logar, saltou para dentro do muro, e encaminhou-se em direcção á casa, por uns carreiros emmaranhados, que atravessavam uns campos, mas que elle pizava como perfeito conhecedor. Ao descer um socalco assombrado por uma vinha e por alguns castanheiros cobertos de videiras, ergueu-se diante d'elle o vulto de um homem, que ao reflexo do luar clarissimo, que fazia, distinctamente se desenhava com uma espingarda na mão. Luiz Vasques parou.

— Trinta e tres! — disse a meia voz.

O homem tornou a sentar-se, tossindo grosso. Luiz aproximou-se d'elle.

— Trinta e tres, — disse-lhe, pondo-lhe a mão familiarmente sobre o hombro — obrigado, amigo. E's um homem honrado e leal. Aqui estou.

— Vamos a contas, snr. Luizinho — respondeu casmurramente o velho camarada do sargento-

(*) Portêllo chamam no Minho a qualquer meio arranjado n'um muro para o transpôr sem necessidade de entrar pela porta. A's vezes servem de portêllo duas, tres, quatro pedras — o numero é segundo a altura — salientes, collocadas em fórma de escada; outras uma abertura em semi-circulo defendida aos porcos por uma cova; outras é até portêllo um pedaço do muro cahido.

mór. —Amigos amigos, mas negócios á parte. Sou muito seu amigo e da menina; mas por fim de contas não sou homem que me metta n'estas alhadas, sem lhe saber o fim. Então qual é o seu sentido para com a menina?

— Já t'o disse, amigo—respondeu Luiz Vasques—Seja o que for, hei-de casar com ella.

—Vamos por partes—volveu o velho soldado. —Eu não sou homem para cousas no ar. Pão pão; queijo queijo,e sem isso nada feito. V. s.ª disse-me hoje, quando me contou aquella negregada disputa entre seu pai e o meu capitão, e me pediu que dissesse á menina que precisava fallar-lhe esta noute por força, disse-me que havia de casar com ella, e que não casava com outra. Ella disse-me, pedindo-me que lhe protegesse a escapatória, que havia de casar comsigo. Porém, senhor, tudo isto não passa de palanfrório, e n'estes negocios quero cousa mais certa; porque, senhor, se v. s.ª faltar ao que me prometteu, dou-lhe um tiro tão certo como deus ser deus. Nunca ninguem me faltou, que m'as não pagasse. Portanto olhe em que se mette. Que me diz, senhor?

—Amigo,—respondeu Luiz Vasques, pondo-se de pé—juro-te por Deus, pela minha honra e pelo nome de meus pais, que não casarei senão com Camilla. Vivo ou morto serei d'ella. A minha honra e a minha vida respondem-te pela minha palavra.

— Bem, estamos entendidos;—disse o veterano, erguendo-se—v. s.ª é homem honrado; conheço-o, fico por fiador da sua palavra. Se a não cumprir, o fiador está aqui — acrescentou, batendo no cano da espingarda.—Nunca ninguem me faltou, que m'as não pagasse. Ora bem, senhor, vá v. s.ª ali para junto da margem do rio,e espere-me que vou buscar a menina.

Dizendo isto, o veterano moveu-se para caminhar, mas Luiz Vasques sustou-o por um braço.

— Aguarda um pouco, amigo, tenho que te fallar—disse o moço, depois de estar um momento pensativo.

O veterano parou, e fitou-o com olhar curioso e desconfiado.

— Trinta e tres, é preciso que te diga tudo — disse por fim o joven morgado.—Torna-se necessario que tu me empenhes tambem a tua palavra de cumprires uma missão que em razão da promessa que exigiste de mim, tenho direito a encarregar-te, e que espero da tua amizade que cumpras fielmente.

— Diga—rosnou o veterano.

— Não sei se será esta a última vez que, por muito tempo, tornarei a ver a minha Camilla...

— A última vez!..

— Os francezes ou já entraram ou estão a entrar em Portugal...

— Que me diz, senhor!..

—Esta é a verdade, amigo. Soult illudiu o general Bernardim Freire. Thomiéres ficou entretendo as nosssas tropas na margem do Minho, e Soult, com o grosso do exercito, avançou para Traz dos Montes. A estas horas é possivel que já tenham entrado em Portugal. Os fachos da serra de Barroso já se apagaram. Vai portanto recomeçar a guerra, e eu, como vês, tenho de novo de me alistar n'ella...

— E' o seu dever—bradou o velho soldado.

—Que hei de cumprir, como fidalgo que sou —replicou o morgado de Encourados.—A guerra vai portanto começar; quando acabará não sei, e portanto não sei tambem quando tornarei a ver Camilla. Longe d'ella e com a inimisade que o snr. João Peres tem hoje á minha familia...

— Qual inimisade, nem qual diabo! — interrompeu o veterano—Tudo aquillo são feros; eu conheço-o bem. A'manhã já nada lhe lembra. E' mais facil elle arrebentar por todas as costellas, do que deixar de ser amigo de toda a sua familia, e sobre tudo de seu tio e de si, snr. Luizinho. Vá com isto que lhe digo, fidalgo; eu conheço bem o meu capitão.

— Eu assim o espero tambem, amigo;—replicou Luiz Vasques—confio que o snr. João Peres ha-de conhecer que um erro de meu pai...

— Muito mal feito, com um milhão de diabos! Nunca tal pensei do snr. Vasco Mendes, por vida minha!

— E' preciso perdoar-lhe, Trinta e tres;—replicou o moço—assim o crearam; não póde ser superior áquellas ideias. A estas horas já está de certo arrependido, porque meu pai ama Camilla como filha, e é incapaz de sacrificar a minha felicidade a qualquer preconceito, por mais forte que seja. Mas eu vou estar muito tempo ausente, amigo, e o snr. João Peres póde esquecer-me, e querer casar Camilla...

—Qual casal-a, nem meio casal-a, com um raio de diabos!

— E Braz de Paiva pretende-a... ha-de empregar todos os meios para a obter... e eu ausente... Tu sabes de que elle é capaz...

— Com um milhão de diabos! se se aproxima, arrebento-o! — exclamou o veterano, tomando a espingarda ás mãos ambas.

— Dás-me a tua palavra de defender Camilla, de a proteger contra todos ... contra seja quem for?...

O veterano deu um passo para traz, depois exclamou, estendendo a mão para elle:

—Juro-lhe pela minha salvação, juro-lhe pela minha honra, que a Camillinha não casará senão com quem ella quizer, e que, entretanto que v. s.ª for vivo e ausente, não casará com outro, quer ella queira quer não.

— D'ella estou eu seguro. Obrigado, mil vezes obrigado. E's um verdadeiro amigo; nunca o esquecerei — disse Luiz Vasques, apertando-lhe a mão com gratidão.—Agora vai dizer-lhe que estou aqui.

O veterano tomou então apressado o caminho da casa, e Luiz Vasques encaminhou-se para o lado do rio, que ficava a pequena distancia.

Alguns minutos passados appareceu Camilla acompanhada pelo veterano.

— Menina, — disse este ainda a distancia do moço—acolá está o snr. Luizinho. Vá ter com elle, mas não se demorem muito. Eu vou dar uma volta de olhos á quinta, e depois vou pôr-me de sentinella, que não vá o diabo acordar seu pai. Quando voltar, o Luizinho que a acompanhe até á porta; fica encostada.

Camilla correu para o logar, onde Luiz Vasques esperava por ella. O veterano seguiu-a algum tempo com os olhos, depois voltou-se, e tomou em direcção opposta.

— Só pelo diabo! — resmungava elle, caminhando — Eu mettido a capa de amores! Que diria o meu capitão se viesse a sabel-o?..Raios de diabos! A culpa é d'elle. O rapaz é uma pérola, e a pequena quer-lhe mais do que aos olhos da cara. Para que havia o capitão de enfunar-se com o tolo do pai? Adeus; está decidido. Se se zangar, ha-de ouvir-me quatro verdades tezas na cara. E tenho dito.

Camilla chegára entretanto ao logar onde estava o moço morgado. Este, mal a sentiu, correu para ella, e a pobre menina lançou-se a tremer nos

braços d'elle. Luiz cingiu-a com amor ao coração, depois fel-a sentar n'uma pedra que havia quasi á margem do rio, entre algumas das formosas árvores, que o bordam.

— Camilla, minha adorada Camilla,—disse então o moço, ajoelhado junto d'ella, com as mãos d'ella entre as suas, e fitando-a com os olhos cheios de amor e de afflicção — quem havia de dizer, ainda esta manhã, que eram precisas todas estas cautellas para eu te poder fallar!

— Ai, meu Luiz adorado, — replicou a linda menina a tremer — que medo que tive quando vi meu pai assim!.. E o que tenho soffrido depois que elle me disse o que se passou!

—Bem o dizia minha mãi, Camilla; bem o previa ella!

— E agora... que havemos de fazer?

— Ter esperança em Deus, e confiar no amor d'aquella santa.

E depois de um momento de silencio, continuou:

— E o peior, minha Camilla... ainda tu o não sabes, querida. Quiz hoje fallar por força comtigo, porque preciso de ouvir outra vez da tua bocca que me amas, que nunca serás de outro. Porque eu, Camilla, eu... venho dizer-te adeus... parto, talvez que para muito tempo...

— Tu, Luiz... tu, meu Luiz!

— A guerra vai recomeçar, Camilla, e a honra manda-me que vá alistar-me para defender a nossa pátria...

— Tu... tu... tu!.. — bradou a pobre menina com os olhos espantados e circulando o amante com os braços como quem o queria reter.

O moço roçou com um beijo cheio de amor a fronte, que a pobre innocente pendia para elle; de-

pois ficou a contemplal-a com os olhos húmidos de pranto e como atonisado pela dôr. De repente fez um esforço sobre aquella fraqueza, ergueu-se,e sentou-se ao lado d'ella.

— Camilla, anjo da minha vida, — disse então em voz ainda trémula,mas onde já eccoava com toda a clareza a sublime virilidade d'aquella alma— é preciso que não succumbamos. A minha partida é irrevogavel, é forçosa. A honra e o dever exigem que eu parta...

— E deixas-me! Abandonas-me aqui....sósinha, entregue ao continuo receio de te perder?

— Camilla... Camilla, por Deus! não me tortures assim. Anjo....anjo da minha vida, tu que Deus destinou para companheira da minha existencia, não me queiras ver deshonrado...não queiras que eu seja um infame. Camilla, se eu não partir, se me deixar aqui ficar, sem ir reunir o meu nome ao nome de tantos valentes que vão arriscar a vida pela pátria, sabes o que dirão de mim, sabes o que dirão do homem que tem de sustentar a glória e a honra do brazão de Encourados?..

— Parte, meu Luiz, parte, —disse a linda menina em voz que parecia soar de dentro do coração com melodia tão triste e tão melancólica que o moço sentiu-se apossado de terror — parte... e depois não esqueças a tua Camilla, ao menos recorda-te d'ella com uma lágrima...

—Camilla... Camilla, que querem dizer essas palavras? — bradou o moço, delirando de terror e apertando-a com força contra si.

— Luiz, — replicou ella em voz triste — suppoens que eu possa viver muito tempo com o pungir d'este sobresalto! Olha, sinto que principío a morrer!

Luiz Vasques soltou um grito apavorado, e,

cingindo-a com mais força, fitou n'ella o olhar desvairado. A cabeça de Camilla cahiu-lhe então quasi desanimada sobre o hombro.

Alguns minutos depois o moço recuperou a virilidade do espirito. Beijou ternamente a amante na fronte, e, animando-a com affagos e caricias, conseguiu fazer reviver aquelle ente franzino e delicado como a sensitiva.

— Escuta, Camilla—disse-lhe por fim em voz maviosa. — Isto é um sonho, não póde ser mais do que um sonho. Pois é possivel que tu, que me amas desde o berço, queiras matar-me assim, deixando-te morrer, não forcejando por viver para que eu viva tambem? Camilla, minha Camilla, torna a ti. Não, não é possivel que tu, a cujos pés eu desejára lançar enfeixados todos os sceptros do mundo; que tu, anjo que me allumias a vida; que tu...que tu te deixes morrer porque eu não quero ser um infame. Deus protege o nosso amor, querida; Deus ha-de guardar-me nos campos de batalha, porque Deus não quer que tu morras, porque Deus fez a minha vida necessária á tua...

— Oh! Luiz... Luiz, se morreres...

— Não, não hei-de morrer, querida. Voltarei em breve tempo, tu o verás; e digno de ti, mais digno ainda do teu amor, porque voltarei merecedor de que tenhas orgulho de me amares, porque voltarei com um grande nome...

Aqui o moço interrompeu-se, e, pondo-se de pé, exclamou com os olhos cheios de enthusiasmo:

—Escuta-me, Camilla, e por Deus, não me deixes partir só com a saudade e sem a convicção de que a mulher, que amo, é digna de ser amada por mim, porque me segue aos combates com oraçoens que pedem a Deus a minha vida...mas a minha vida com honra e com glória. Camilla, Camil-

la, repara bem; se eu não partir, se me deixar ficar para ahi como um covarde ao canto do solar de Encourados, no fim da guerra, quando os nossos visinhos voltarem cobertos de louros e de glória, serei notado como um miseravel, e tu como a mulher de um infame, que se recusou a combater pela independencia da patria; que se furtou á glória, porque, para a alcançar, era preciso expor a vida ás balas do inimigo. Mas se partir.... quando voltar — que hei-de voltar, Camilla, que me diz o coração que hei-de voltar, e Deus quer que eu volte — quando voltar, trarei um nome famoso, merecedor do teu coração. Os que te virem, hão-de admirar-te, hão-de invejar-te; porque, por vida tua! juro-te pelo nosso amor, que Luiz Vasques de Encourados ha-de ser digno do nome dos seus passados e digno de ser amado por ti. Camilla, minha Camilla adorada, preferes ser espôsa de um infame, e de um villão deshonrado, a sel-o de um homem benemerito do seu paiz e glorioso por feitos eguaes ao grande nome que herdou?

—Parte, parte, meu Luiz—balbuciou a linda menina, esforçando-se para apparentar coragem.

—Oh! bem hajas tu, anjo, bem hajas tu! Agora promette-me, Camilla, que te não hasde deixar morrer de saudade, que has-de viver para mim...

— Luiz, parte... vai, mas dá-me sempre noticias tuas. Olha, poem esta imagem sobre o coração... nunca a deixes; entretanto que a trouxeres lá... viverei.

E dizendo, a linda menina tirou do seio um pequeno crucifixo de ouro, que trazia pendente por um cordão do mesmo metal.

O moço tomou o crucifixo, e levou-o com fogo aos lábios.

— De toda a parte te escreverei, — exclamou

elle—terás a cada momento noticias minhas. O saber a miúdo de ti é necessário para que não esfriem nem a minha coragem, nem a minha dedicação pela pátria. Terás contínuas noticias minhas, contínuas; e nunca esta imagem me sahirá de cima do coração. E se morrer — acrescentou, erguendo a mão para o céu — juro-t'o por ella, juro-t'o pelo nosso amor, que virei do outro mundo a annunciar-t'o com um beijo... com um beijo sobre os lábios da minha esposa... sobre os teus lábios, e para que saibas que cumpri a minha promessa, deixarei este crucifixo junto de ti, quando dormires. Camilla, voltarei vivo...oh! voltarei, voltarei, que m'o diz o coração, porque tu juraste que nunca pertencerás a outro, e que não te deixarás morrer. Voltarei, porque sei que estarás á minha espera. Oh! bem hajas tu, meu anjo adorado, bem hajas tu que consentes na glória do meu nome, e que me não embaraças os passos com medos pueris e indignos de nós ambos.

Assim dizendo, o moço deixou-se outra vez cahir de joelhos junto d'ella, e cobriu-lhe de beijos as mãos. Apesar do enthusiasmo e da virilidade, que aquellas palavras respiravam, ainda assim era facil de conhecer, que Luiz Vasques illudia com aquelle arrebatamento a vivissima dôr que o pungia.

— Deixa-me olhar bem para o teu rosto, querido anjo, — continuou por fim—deixa-me contemplar-te bem. Poucos momentos me restam para o fazer antes de terminar o intervallo indefinido que vai medear entre este instante e a nossa felicidade futura. D'aqui a duas horas devo estar em Braga. Vou fallar com Bernardim Freire, vou começar ao lado d'elle a minha vida de soldado, a minha vida de glória. Depois lançar-me-ei dentro dos muros do Porto. E' ali onde os francezes hão-de achar o que são verdadeiros portuguezes. Oh! Camilla, que subli-

me e vasto não é o campo, onde vou colher a glória do nosso futuro! Do nosso futuro, sim, Camilla, que eu voltarei.... voltarei...

— E quem lhe assegura que ha-de partir? — soou então uma voz de dentro da sombra, que uns poucos de troncos de árvores muito juntas faziam mais espessa no meio da luz tíbia, que coava atravez do arvoredo mais espaçado.

E ao mesmo tempo sahiu do meio d'aquellas árvores um homem, de estatura mediana, armado com uma clavina, que trazia aperrada.

O luzir d'aquelles olhos de coruja, o nariz adunco e na ponta muito revirado para a bocca, e os lábios contrahidos por um sorriso de ironia satánica, deram logo a conhecer o perseguidor de *De profundis*, o infame morgado da Barca.

—Ah! ah! — disse, soltando uma gargalhada de escárneo ferocissimo — que diria o honrado sargento-mór de Villar se soubesse que a innocentissima e cándida filha está a conversar a sós com um homem, aqui ao luar, a estas horas mortas da noite? Por minha fé, que estou tentado a ir baterlhe á porta e advertil-o da innocencia d'esta querida pombinha. Bem me parecia a mim que tanta virtude era inspirada por estas torpezas. Mas emfim, um bom dote...

Braz de Paiva não pôde continuar. Ao reconhecel-o, Luiz Vasques respondera ao grito de terror de Camilla com um brado de raiva selvagem; mas a linda menina enlaçára-se tenazmente n'elle, e embaraçára-o o tempo preciso para o morgado da Barca ter tempo de vociferar todos aquelles insultos. Luiz libertou-se por fim dos braços de Camilla, e arremessou-se de um salto para elle. Braz de Paiva levou então a clavina á pontaria, e fez fogo.

O tiro passou, porém, muito por cima da cabeça

do moço senhor de Encourados. Ao mesmo tempo que Braz de Paiva levou a clavina á cara, um homem saltou como um animal selvagem de cima de uma das árvores, ergueu a clavina com a mão, e o tiro partiu com pontaria ás estrellas. Braz de Paiva voltou-se animado pela raiva de um demónio.

— Ah! foste tu, maldito!—bradou, levantando a clavina sobre a cabeça do recem-vindo.

Este cozeu-se de repente com elle, ergueu o braço secco e descarnado, e assentou-lhe o punho fechado em cheio sobre o cráneo. Braz de Paiva cambaleou, e cahiu para a frente.

— *De profundis clamavi*... *Requiem eternum* — entoou o recém-vindo; e, dando de repente um grande salto para traz, desappareceu n'um instante atravez do arvoredo.

Luiz Vasques, cego pela colera, a ponto que mal distinguiu estes factos que rápidamente se succederam uns aos outros, colheu Braz de Paiva pela gola, quando elle ia a cahir atordoado pelo murro que *De profundis* lhe assentára na cabeça. Colhel-o, erguel-o em peso com a mão esquerda, e leval-o de encontro a uma árvore que havia junto do rio, foi tudo um momento. Soltou-o então da presa com que o levava aferrado; e elle, a espumar sangue pelos cantos da bocca, cahiu com a cabeça de encontro á raiz da árvore, parte da qual já era banhada pelas aguas do rio. Luiz poz-lhe então um pé sobre o peito, e fitou-o com um olhar torvo de ferocidade, entretanto que a espada, que tomára, ao arremessar-se sobre elle, lhe tremia convulsivamente na mão direita.

Então ouviu-se um grito de agonia profundissima, e o baque de um corpo que cahira. Este grito e este som fizeram voltar Luiz Vasques a si. Olhou, e viu Camilla estendida por terra, como morta. Es-

queceu de repente o morgado da Barca, correu a ella, ajoelhou, e cheio de afflicção e de anciedade, levantou-a a meio corpo, e tomou-lhe a cabeça sobre o joelho.

O pobre moço, delirante e sem saber o que havia de fazer, tentou reviver a mimosa menina com beijos, com affagos, e por todos os meios que a afflicção lhe suggeria. Esteve assim uns poucos de minutos, estorcendo-se na tortura da mais viva agonia, sem conseguir d'ella o mais pequeno signal de vida. Então viu erguer de novo Braz de Paiva. Os olhos de Luiz Vasques reluziram como os olhos de uma fera. Empunhou de novo a espada, e sem abandonar Camilla, fitou-o com olhar lampejante e os dentes cerrados pela raiva.

Braz de Paiva ergueu-se pállido e ensanguentado, como cadaver de homem assassinado. Olhou duas ou tres vezes como estonteado em volta de si; por fim fixou a vista em Luiz e em Camilla. A bocca encrespou-se-lhe então com o seu sorriso de ironia satánica. Caminhou alguns passos para elles, e disse, parando:

—Trégoas, snr. Luiz Vasques de Encourados, façamos trégoas por hoje. Bem vê que é preciso cuidar d'essa senhora; de outra sorte póde morrer-nos assim.

A estas palavras, que pronunciou com ironia bem accentuada, parou um instante, e depois acrescentou, em voz mais baixa e como respondendo ao pensamento que lhe pairava na cabeça:

— O doido teve razão. Era vingança pobre de mais para mim. Devo vingar-me de outra sorte. Mas emfim, a não ser elle... O que estava feito, estava feito. Elle m'as pagará.

A estas palavras tomou o chapéu desabado, que trouxera na cabeça, e, dirigindo-se ao rio com pas-

sos ainda desiguaes, encheu-lhe de água a copa, e voltou para junto de Luiz.

— Lance-lhe uma pouca de água no rosto, — disse, estendendo o chapéu para elle—deve fazel-a tornar a si.

Luiz Vasques mediu-o de alto abaixo com olhar desconfiado e arrogante; depois sujeitou a folha da espada debaixo do joelho que tinha em terra, e tomando uma pouca de água com a mão, espargiu-a sobre o rosto de Camilla.

A linda menina estremeceu violentamente,e depois começou a debater-se ao de leve nos braços de Luiz. Este seguia-lhe os movimentos com um olhar cheio de affliçção; ao mesmo passo que Braz de Paiva, curvado um pouco para ella e ainda com o chapéu cheio de água nas mãos, observava aquelle voltar á vida com a anciedade de quem receia perder algum objecto de grande valor, e ao mesmo tempo com a ironia cínica e fria de quem estuda passo a passo os lances de uma agonia em que se revê.

— Não tarda que volte a si; — disse por fim — mas antes que volte, permitta-me que aproveite esta occasião, em que pela última vez podemos conversar sem perigo,para lhe dizer duas palavras, que desejo dizer-lhe.

O moço morgado relanceou-o com um olhar de profundo desprêso,e voltou de novo o rosto para Camilla.

— Snr. Luiz Vasques de Encourados, —continuou Braz de Paiva — convem-me casar com essa senhora, e convem-me porque não conheço outra n'estes arredores,que seja tão rica como ella, e que esteja em tão boas condiçoens de familia para casar commigo.

Luiz Vasques soltou um rugido abafado, e levou machinalmente a mão ao punho da espada; mas

um movimento mais convulso de Camilla fel-o de novo esquecer o miseravel, que se aproveitava covardemente d'aquella occasião, para lhe fazer a affronta de lhe dirigir a palavra.

— Já vê, — continuou Braz de Paiva — que n'èstas circumstancias ser-me-ia sempre difficil o deixàr de proseguir na realisação d'esta ideia. Não sou homem para abandonar, por meras consideraçoens, qualquer plano que formo. Os meios nunca faltam a quem quer verdadeiramente; e eu querò, e não sou dos que param diante da escolha dos meios. Comtudo, palavra de cavalheiro, se esta manhã v. s.ª me tratasse como eu tenho direito a ser tratado, não sei o que faria. E' muito provavel que tivesse procurado em outra parte. Agora ou eu ou v. s.ª . . .

— Miseravel!—balbuciou Luiz Vasquès, trémulo de colera.

Braz dè Paiva sorriu-se irónicamente, e em seguida continuou:

— O expediente, de que ha pouco quiz fazer uso, era o mais prompto. Assim terminavam todas as competencias. Falhou, paciencia. Mas visto que falhou, previna-se, que vai haver guerra de morte entre nós, e o inimigo que tem pela frente não morre de abafas, nem succumbe diante de féros. Não lhe cedo a posse d'essa mulher, senão com uma condição. Deixo-lh'a, consinto no seu casamento com ella, se, pelo valor do dote d'ella, quizer hípothecar-me os rendimentos da casa que ha-de possuir no futuro. Decida-se, que é esta a última vez que póde haver transacção entre nós. Passada esta occasião, não me contento com menos do que possuir tudo, a mulher e o dote. Que responde, snr. Luiz Vasques?

Luiz Vasques ergueu-se automáticamente n'um ímpeto de raiva; mas o peso de Camilla, que susten-

tava ainda quasi immovel nos braços, advertiu-o da impotencia de se vingar n'aquelle momento.

— Villão, foge de diante de mim... senão mato-te! — balbuciou em voz abafada.

— Menos fogo e mais prudencia, meu nobre fidalgo — replicou Braz de Paiva irónicamente. — Ao menos deve concordar que me pórto n'este momento muito cavalheirosamente comsigo, não indo bater áquella porta e bradar pelo bom do sargento-mór para que venha presenciar esta scena.

— Infame!

— Não vou, isto é tudo por fallar. Não tenha cuidado; eu não perco a cabeça com essa facilidade. Prevejo o que poderia acontecer; mas de tudo o que acontecesse nenhum proveito se me podia seguir. Ora pois, está a guerra francamente declarada entre nós. De hoje ávante não tem de que se queixar de mim. Previna-se, que lhe juro pela luz que nos allumia, que nunca será marido de Camilla, e que eu hei-de ser senhor da fortuna do sargento-mór de Villar. Em quanto a ella, eu a saberei curar d'essa paixão, não tenha dúvida.

N'este entretanto Luiz Vasques já tinha sentado Camilla na pedra, onde ha pouco estivera, e com ella encostada a si, fitava Braz de Paiva com olhar scintillante e a ponta da espada, que tinha na mão, como que machinalmente voltada para elle. Ao ouvir-lhe as últimas palavras, a cólera cegou-o de todo. Sem reparar no que aconteceria á pobre menina, correu sobre elle, soltando um rugido abafado.

Camilla tinha porém voltado a si, e ouvira as palavras do morgado da Barca, a tremer de medo e sem se atrever a dar rumor de vida. Ao sentir-se abandonada do amparo do amante, soltou um grito, e ergueu-se hirta de pé. Este grito eccoou no coração de Luiz Vasques, e fel-o parar. Voltou-se, e fi-

tou-a um momento; depois mediu Braz de Paiva instantaneamente.

— Anjo, obrigado — balbuciou, voltando-se de novo para ella—seria deshonrar-me!

Assim dizendo, passou de repente a espada para a mão esquerda, e correndo, para o morgado da Barca, exclamou:

—Infame, villão, assassino·miseravel, arreda d'aqui; não me sujes mais com a tua presença!

E com estas palavras empurrou-o com força para a frente, e levou-o a pontapés na distancia de alguns passos em direcção ao muro. Um novo grito de Camilla fel-o parar, e correr outra vez para ella.

Braz de Paiva tinha ido ás tôas e como uma péla diante do bico da bóta, que o morgado de Encourados impellia contra elle com força, a que não podia resistir. Quando parou, voltou-se, e fitou-o com um olhar chammejante e com um sorriso de ironia ferocissima.

— Tu m'as pagarás! — rosnou por fim em voz sumida e meneando ameaçadoramente a cabeça.

Depois dirigiu-se a passos ligeiros para o muro, e desappareceu, saltando por sobre elle.

Luiz Vasques correra para Camilla, que estava hirta e espantada de medo.

— Camilla, minha Camilla adorada! — exclamou elle, cingindo-a com os braços.

— Luiz... eu morro! — balbuciou a pobre menina, cahindo-lhe a tremer nos braços.

— Camilla... anjo, sou eu... não tenhas medo... sou eu, repara, sou Luiz. De que temes?.. de que temes?.. Estou aqui — balbuciava o pobre moço de todo perdido e sem saber o que dizer, nem fazer.

Camilla olhava-o com olhos espantados, a balbuciar palavras inintelligiveis, e sem forças para

se sustentar de pé logo que lhe faltasse o auxilio dos braços d'elle.

Felizmente o Trinta e tres appareceu n'este momento, caminhando apressadamente para elles.

—Que é isto, snr. Luizinho? — disse um pouco atrapalhado — que tiro foi aquelle? Que tem a menina? que aconteceu? que foi isto?

Luiz Vasques informou-o rápidamente do que tinha acontecido com Braz de Paiva.

— Com um milhão de diabos! — bradou o veterano, batendo impaciente com o pé na terra—porque m'o não disse logo?

E, acabando de dizer estas palavras, correu ao muro, saltou de um pulo para cima do parapeito, e, agarrando-se ao ramo de uma árvore, estendeu um pouco o pescoço, e poz-se a vigiar para a frente com o rosto tinto pelo rancor e com a vista de lince, com que a maior parte dos homens das aldeias d'esta parte das margens do Cávado espiam o inimigo mesmo por entre as trevas da noite.

—Pelo inferno! — disse por fim — já vai longe, já vai fóra do alcance da minha espingarda. Até outra vez, meu ladrão.

Depois saltou abaixo do muro, e correu para onde estava Camilla. Ao vel-a n'aquelle estado, o veterano tomou-lhe rudemente as mãos, e bradou n'aquella entoação de voz, que a afflicção costuma tomar em taes homens:

—Então que é isto, menina; que tem?..Raios de diabos! Quer perder-me? Não vê que seu pai póde acordar? Isto só pelo inferno!

E, dizendo, sacudia com força as mãos delicadas e mimosas de Camilla. O abalo d'aquella bruteza produziu porém o effeito desejado. Camilla voltou rápidamente a si, e, fitando os olhos n'elle, exclamou como n'um cicio:

— Aquelle homem... Braz de Paiva... esteve aqui...

— Raios e diabos! — exclâmou o veterano — E que importa? Se o pilho, escaco-o, pelo inferno! Vamos para casa, e deixe-se de tolices. Está aqui o Trinta e tres. De que tem medo? Ande, que não vá acordar seu pai.

Estas palavras acabaram de chamar Camilla á consciencia do perigo d'aquella situação. Poz-se então a caminhar, vagarosamente, encostada a Luiz e amparada pelo veterano. De quando em quando parava, e fitava o amante com os olhos resplandecentes de melancolia, mas não lhe dizia palavra. Por fim chegaram á porta da casa. Camilla desencostou-se então do braço e do hombro do moço. Este ficou-lhe diante, com os olhos fitos n'aquelle rosto angélico, e com as mãos d'ella presas nas suas. Assim esteve um momento, fitando-a, mas sem que a voz lhe podésse passar na garganta.

— Camilla, adeus; eu volto em breve... Vive para mim — balbuciou finalmente em voz sumida.

— Adeus, meu Luiz adorado — respondeu ella tambem em voz sumida, mas sem deitar uma lágrima e com voz entoada por aquella firmeza e aquelle valor tão sublime como passageiro, que anima a imbecilidade do organismo das mulheres nos lances extremos. — Adeus, meu Luiz adorado; não te esqueças do meu crucifixo.

Luiz Vasques ainda a fitou da mesma fórma um momento; mas sentindo quasi perdida a coragem de que tanto precisava n'aquella occasião, curvou-se-lhe de súbito sobre as mãos, cobriu-lh'as de beijos, e arredou-se rapidamente, balbuciando para o veterano:

— Cumpre a tua palavra; tu respondes-me por *ella*.

Luiz Vasques sahiu, sem mais olhar para traz, para fóra do portão da quinta. Então o veterano recolheu para dentro de casa a pobre Camilla, que se movia automáticamente.

D'ahi a instantes o joven senhor de Encourados galopava a toda a brida pela estrada de Braga fóra; e o sargento-mór de Villar continuava a roncar todas as bemaventuranças de um primeiro somno, que n'elle costumava ser quasi o dobro do que era em todo o outro fiel christão. Era para ver que um tiro de bacamarte fosse capaz de o acordar a elle—a elle que tinha somno mais firme e mais pertinaz do que o de pedra em fundo de poço — a elle que no assédio de Gerona, em 1795, adormecera muitas vezes ao so-pé das carretas da artilheria, e ahi dormira bons somnos inteiros apesar do estampido dos canhoens, obrigados inesperadamente a funccionar em razão de qualquer movimento do inimigo.

VII

Eu pasmava de ver-te sem mudança
Fazer bello o caracter dos rigores,
E até fazer formoso o da vingança.

PAULINO CABRAL.

A casa, onde habitava o sargento-mór de Villar, estava, como eu já disse, situada na freguezia de S. João de Areias. O muro baixo e tosco, que lhe circumdava a propriedade, servia de estrema a esta freguezia e á de Villar de Frades. Tudo porém estava dentro dos limites do couto de Villar.

Era a casa vasta, mas de apparencia mediocre

e pouco bem combinada, como quasi todas as dos mais opulentos lavradores do Minho. Tinha duas entradas. A principal, a nobre, que se abria sómente em occasioens solemnissimas, dava sobre um pequeno páteo, para dentro do qual primitivamente se entrava por uma cancella, que fôra assim transformada em porta pela ostentação do sargento-mór. Do lado opposto á casa estava uma pequena capella, que era tambem pertença d'ella. A outra entrada, a que ficava na trazeira, era a porta do serviço da lavoura, e abria sobre uma espaçosa varanda, coberta por sólido e largo telhado sustentado sobre columnas de castanho mal lavrado. D'esta varanda descia-se, por uma escadaria que tinha ao so-pé uma pequena fonte, para outro páteo, que, ao uso minhoto, se tapetava todos os annos de tojo hirsuto e rispidíssimo, que amansava, e se tornava pizavel só mezes depois de lançado e de continuamente trilhado por homens e animaes, e sobretudo depois de apodrecido pela acção do tempo e pelas águas da chuva. A isto é que os lavradores do Minho chamam *estriqueira;* e sem isto é que não ha encontrar uma só casa das aldeias de toda a provincia.

A varanda, requisito essencial de casa edificada por lavrador opulento, corria, como o geral d'ellas, a toda a largura d'aquella face da casa, vasta, espaçosa e de pavimento de madeira de castanho. O fim d'ellas é multíplice: serve para as donas da casa trabalharem de inverno ao sol, isto já se vê se são das que não trabalham no campo e por isso são tidas em conta de *fidalgas;* serve de abrigo a objectos de lavoura, e serve até de eira, e de muitas outras cousas mais.

Sobre a varanda do sargento-mór abriam-se uma porta, que dava entrada para a cosinha, e uma

janella, entre a qual e a porta estava collocado um banco de madeira com uma taboa de encosto. A porta dava para a cosinha, que era, por aquelle lado, o unico local por onde se podia communicar com o interior da casa.

Disse eu mais atraz, e é isto geralmente sabido por todos, que a cosinha é tambem a sala de jantar dos lavradores do Minho. A do sargento-mór era uma vasta e larga quadra, que a um lado tinha espaçosa lareira, coberta por enorme chaminé em fórma de docel, que do tecto se estendia para a frente, alargando e crescendo sempre, até abrir sobre ella, a menos da altura de um homem, desmarcado boqueirão, pelo qual se sumia todo o fumo, por maior que fosse o *raízeiro* ou a quantidade de lenha que ardesse debaixo d'elle. Aos lados haviam duas compridas *preguiceiras*, bancos de pinho assim chamados por servirem de assento para *estar ao lume* nas frias e compridas noutes de inverno. Uma das preguiceiras era forrada de cortiça, o que indicava que pertencia exclusivamente ao uso particular dos donos da casa.

Do lado opposto á lareira estava collocada a comprida meza de castanho, da qual e dos bancos, sem encosto, que a cercavam, já fiz menção no primeiro capitulo d'esta novella.

Eram sete horas e meia da noute, tres dias depois d'aquelle em que tiveram logar os factos narrados antecedentemente, isto é, era o dia 14 de março. —E não embique o leitor com o rigor chronológico, com que levo o meu conto, porque assim é preciso para enfiar com verdade a historia dos acontecimentos que em breve vai ler.

Eram pois sete horas e meia da noite. Tudo estava a ponto para ceiar em casa do sargento-mór. A cosinha estava regaladamente aquecida pelo ca-

lor da enormissima fogueira que ardia na lareira; no consabido panellão fumegava, papejando a ferver, o caldo de nabos,feijão e couve gallega;o Trinta e tres roncava, fingindo dormir, commodamente repotreado na preguiçeira do lado nobre; os criados da lavoura, uns mais próximos, outros mais affastados do lume,algaraviavam todos á uma casos e histórias do dia, e no meio de tudo isto a Jabel sarandilhava desempenadamente de um lado para o outro,rosnando, ralhando e mexendo no panellão, como senhora despótica e unica dominadora d'aquella colónia de comedores.

A meza via-se coberta por uma toalha de panno de linho, sobre a qual estavam tres enormes boroas e uma infuza de vinho com sua malga pequena a socairo. Do lado, onde estava a cadeira espaldar, haviam tres pratos com seus garfos e facas, cada um em frente de um assento separado;a saber, um em frente da cadeira patriarcal, outro em frente de uma cadeira estofada que estava á direita d'aquella, e que fôra dadiva de D. Luiza a Camilla, e outro á esquerda, mas no logar a que ainda chegava, para assento, o banco commum. Tambem d'esta parte estava um grande candieiro de ferro com tres bicos, n'um dos quaes ardia enorme pavio de algodão; e na outra cabeceira dava luz uma grande candeia espetada n'um dos buracos do alto e sebento braço de um *mancebo* (*) feito de pau de pinho denegrido. Ora deve o leitor saber que, no Minho, *mancebo* vale tanto como velador n'outra parte.

Estava pois tudo em ponto de ceia,e Jabel prin-

(*) O velador ou *mancebo* nada mais é do que uma taboa redonda, toscamente talhada, do centro da qual se levanta um pau alto, crivado de muitos buracos, uns apoz outros, para pendurar a candeia mais acima ou mais abaixo, segundo a conveniencia de quem se quer allumiar.

cipiava a impacientar-se pela desusada tardança do sargento-mór, quando este entrou na cosinha precedido por Camilla.

As feiçoens da delicada e mimosa donzella revelavam a mais não poder ser a mágoa que a atormentava. Aquelle rosto formosissimo, onde a innocencia e a candura da alma reluziam d'antes com expressão tão angélica e tão infantil, estava agora tinto da pallidez da cera virgem; e os olhos, alquebrados pelas lágrimas e já não podendo chorar mais, reflectiam a tristeza e a doce melancolia da resignação que mata, porque não é a que acceita o facto, e se curva diante d'elle, mas a que só d'elle se identifica com o resultado, isto é, com o pungir intimo que não se gasta com lagrimas, mas que vai, lançada a lançada, acabando com a dôr, porque vai acabando com a vida. Era esta a só expressão do suave e meigo rosto da filha do sargento-mór, que entrou machinalmente, e como autómato se dirigiu á cadeira, onde se sentou, e ficou sem alteração de gesto nem de fisionomia.

O rosto do sargento-mór exprimia tambem grande torvação de espírito, manifestava a muda, mas horrivel tempestade que se lhe enfuriava lá dentro. As espessas sobrancelhas cerravam-se-lhe quasi inteiramente por sobre duas fundas rugas, em que confrangiam o espaço intermediário; os olhos chispavam irritados e inquietos, e as ventas dilatavam-se-lhe fóra do uso habitual. Conhecia-se-lhe perfeitamente a tormenta, que lá dentro lhe redemoinhava, e que desejava despeitorar sobre alguem ou mesmo alguma cousa, que de qualquer fórma lhe provocasse a sanha. Ora é de saber que havia já tres dias que João Peres andava assim, porque á irritação que lhe causára a scena em casa de Vasco Mendes, acrescia o ver agora a sua Camilla, o seu ben-

jamin, entregue a tão funda tristeza, que elle instinctivamente conhecia que a podia matar.

Quando o sargento-mór e a filha entraram na cosinha, os criados ergueram-se respeitosos. O cariz da fisionomia do amo fazia com que o respeito n'aquella occasião se aproximasse do medo. O Trinta e tres levantou-se tambem, e carrancudo e sem levantar os olhos, foi apoz elle, e collocou-se em frente do prato que havia á esquerda da cadeira de espaldar, para onde João Peres se dirigira. Os criados rodearam immediatamente a meza, mas tudo tão callado e tão silencioso como se tivesse havido morte n'aquella casa. João Peres lançou então, como ao acaso, uma comprida e larga benção sobre a meza, e todos se sentaram.

— Então vem essa ceia?—gritou elle, mal se assentou, voltando-se para a lareira, onde a Jabel passarinhava apressadamente e como ás toas.

Era que a sonsa da velha, conhecedora do genio do amo e da má hora em que elle se achava, procurava apressar a sahida de uma gallinha para fóra de uma panella pequena, que tinha ao lume, e acommodal-a com a maior brevidade possivel n'um alentado prato redondo, no qual já puzera um enorme traço de presunto, ladeado das indispensaveis couves, que tirára do bojo do panellão.

A' voz do amo Jabel correu com o prato, que poz em frente d'elle, e depois voltou para a lareira, e, despejando n'uma malga um pouco do caldo de gallinha, foi pôl-o em frente de Camilla. Em seguida encheu do caldo commum as *malgas* do amo e do Trinta e tres, e logo principiou a distribuir tigellas d'elle aos criados. Estes foram-se acommodando cada um com seu espantoso naco de borôa, da qual esfarelaram o miolo sobre as couves, e reservaram as côdeas para apresigar com ellas.

Entretanto que elles se entretinham n'esta operação, o Trinta e tres remexia lentamente com o garfo nas suas couves, com a cabeça curvada para a tigella e os olhos affincadamente pregados no caldo; e João Peres fitava Camilla sem atinar com o que havia de dizer, e bebendo n'aquella melancolia toda a tortura de um pai extremoso, que vê uma filha adorada no estado em que elle via a sua. Por fim cortou um bocado do peito da gallinha, e lançou-lh'o no prato.

— Vamos, filha, — disse em voz meiga — come hoje alguma coisinha. Anda, minha filhinha, come, vá... pela alma de tua mãi — acrescentou em tom tão carinhoso e magoado que Camilla estremeceu, e dirigiu para elle os olhos que distrahidamente tinha fitados na luz.

João Peres continuou a ameigal-a com mimos de que ninguem o dissera capaz. Por fim cortou elle mesmo um bocado de gallinha, e levou-lh'o carinhosamente á bocca. Camilla tomou-lhe então da mão o garfo, e comeu; e em seguida cortou outro bocado, que egualmente metteu na bocca. O rosto de João Peres desennevuou-se jubiloso. Havia tres dias que Camilla nada tinha comido, e que d'ella só conseguira que tomasse os caldos de gallinha. Ao vel-a partir o terceiro bocado, João Peres estremeceu de verdadeira alegria. Mas ao leval-o á bocca, a linda menina deixou cahir o braço, e, voltando-se para o pai, disse-lhe em voz de gratidão carinhosa e com duas lágrimas a tremerem-lhe nos olhos :

— Oh ! meu pai... não posso mais !

João Peres ficou como pasmado em novo ímpeto de afflicção. Chegou-lhe o caldo, e pozse a arrefecel-o com uma colhér. Camilla tomou então a tigella, e começou a tomal'o aos golés.

O Trinta e tres continuava n'este entretanto a remexer no seu caldo, sem ainda ter levado nada d'elleá bocca. O sargento-mór, ao relanceal-o casualmente, reparou n'isto.

— Por alma de meu pai! — exclamou, arremeçando para elle o prato com o presunto e com a gallinha.

— Não quero comer—replicou casmurramente o velho soldado.

— E porquê? —volveu João Peres, dando um salto de cólera.

— Porque não tenho vontade.

— Raio de diabos! Não tens vontade!..Olhem o melindroso! Não tens vontade! Come, pelo inferno! quem não come, morre; entendes?

— Já lhe disse, não quero. Coma vocemecê, e não lhe importe com os outros. Metta-se com a sua vida. E' como lhe digo.

João Peres fitou os olhos n'elle, chammejantes como dous carvoens accezos.

— Por alma de meu pai! — exclamou um momento depois — este ladrão quer-me endoidecer! Pois não é para a tua cara, entendes?

Assim dizendo, arremetteu com o presunto, do qual trouxe meia manta para o prato, e poz-se a devoral-o com toda a rapidez que a agitação nervosa lhe prestava aos movimentos. Ao levar á bocca a malga com o vinho sufficiente para auxiliar só d'aquelle trago toda a digestão, deu com os olhos n'um dos criados, que casualmente olhava para elle n'aquelle momento.

— Que estás tu a olhar para mim, Chaniseo? — gritou depois de esvasiar a malga — Nunca me viste, alma de cántaro? Querem ver que o ladrão não me deu de beber á égua! Pois olha que te arrebento, entendes?

—A égua bebeu, que lhe dei eu de beber — disse o Trinta e tres rápidamente.

— E diz cá, Chancudo, diz cá, bragantaço, ladrão do diabo, — acudiu o sargento-mór, mudando a direcção das invectivas — para que me levaste hoje o gado para a bouça nova, maroto?

— Vocemecê foi quem mandou — replicou o criado tímidamente.

— Eu! Ainda tu mais dirás, alma damnada! Pois eu havia de mandar o gado retoiçar ...

— Foi vocemecê, foi, sim, senhor; escusa de negar, que eu bem o ouvi. E' como lhe digo — resmungou o Trinta e tres.

— E o carro tambem t'o mandei levar ao ferreiro da Graça, ladrão? —continuou o sargento-mór, sempre em direcção do devotado Chancudo — Pois havia de mandar-te a casa de um hereje, de um jacobino, entendes?..Aquelle ladrão não vai á missa, e tu vaes a casa d'elle, alma de cántaro? Responde, que te arrebento, entendes?

—Vocemecê deú-me ordem para que eu o mandasse lá pelo rapaz—replicou o Trinta e tres.—Coma, e deixe-se de berrar.

— Ai que eu arrebento! — bradou o sargento-mór, e arremetteu novamente com o appetitoso presunto.

Tudo ficou em silencio profundissimo, que durou tres ou quatro minutos.

—Fallem — gritou então João Peres. —Estes ladroens parece que perderam a falla! Fallem, entendem? O' Chanisco, que te disse o morgado de Adaens? Déste-lhe o recado que te mandei?

— Eu fui fallar com o fidaurgo — respondeu o rapaz — e elle diche-me que agora nom ha dinheiro, porque bomecê bem sabe que ahi estom os francezes em riba de nós. A-dei, senhor, tornei-me, e no ca-

minho dei co as ventãs na porta do Zé Beiriz, que me delatou um tudonadica a dizer-me que os jacobinos queriam entregar tudo áquelles herejes, e que os grandes estom todos comprados, e portanto que era bom dar-lhes uma enchina...

—Callócio! —bradou enfurecido o sargento-mór.

Ficaram todos de novo em silencio, e assim estiveram até o fim da ceia. Então João Peres levantou-se e com elle todos os criados. Toda a companhia ergueu as mãos, e poz-se em oração; depois João Peres abençoou para a direita e para a esquerda, e, apoz esta benção, os criados começaram a sahir pela porta fóra e a dirigir-se á *barra*, especie de taboleiro que serve de tecto á córte dos bois, e que serve de cama commum aos criados e filhos varoens solteiros do lavrador do Minho, que ahi dormem a somno franco e regaladamente sobre uma pouca de palha solta, entre dois lençoes de estopa e cobertos apenas com uma manta grosseira.

Pouco depois de os criados se retirarem, Camilla ergueu-se, e acenou a Jabel, que se aproximou immediatamente.

— A sua benção, meu pai — disse a linda menina em voz meiga e fraca, levando á bocca a mão do sargento-mór.

— Vai, filhinha, vai, — disse este, abençoando-a com os olhos a brilharem de amor e de cuidado — vai deitar-te, que são horas, e para quem está fraquinha... O' Jabel, fica-me lá de sentinella ao pé da menina, entendes? e olha que se te deixas dormir ou te descuidas d'ella, entendes? racho-te, minha sórna, racho-te!

E assim dizendo, estendeu ameaçadoramente o punho para a velha, e depois acariciou, e abençoou Camilla, a qual entrou em seguida para o interior da casa, acompanhada por Jabel.

Os dous velhos soldados do Roussillon ficaram finalmente a sós.

O Trinta e tres ergueu-se, e, tirando da algibeira uma chave, abriu com ella um pequeno armário mettido na parede, e trouxe de lá dous cachimbos bem queimados e uma bolsa de couro com tabaco.

João Peres metteu machinalmente a mão na bolsa, carregou o cachimbo, e accendeu-o. O veterano fez o mesmo, e os dous puzeram-se a fumar defronte um do outro, sem dizerem palavra.

— E que te parece este caso, Trinta e tres? — disse por fim o sargento-mór, fitando no companheiro um olhar expressivo da violenta vexação de espírito, que o agitava.

—Que caso? — perguntou casmurramente o veterano.

—Este, pelo inferno! este, entendes? Pois não me vai a pequena de foz em fóra por causa da minha turra com aquelle maldito Vasco Mendes!

— A culpa é sua — replicou o velho soldado.

— A culpa é minha! —exclamou João Peres, atirando-se de repellão para as costas da cadeira, e pasmando no camarada os olhos espantados — A culpa é minha! Pois vem cá, homem do diabo, que querias tu que eu fizesse n'aquelle caso?

— Que queria? — volveu o Trinta e tres, deitando pela bocca e pelas ventas espessissima nuvem de fumo — Queria que vocemecê tivesse mais juizo do que elle.

— Pelo inferno! — exclamou o sargento-mór — Pois aquillo era cousa que se soffresse? Pôr assim em desprêso a minha filha, e fazer pouco caso de mim —entendes?—por não sei que Quartellas e que Carpinteiros, que o diabo confunda e mais a elle! Irra! Isto é de ensandecer! — bradou mais de rijo, batendoenraivecido com o punho na meza—Que um

homem haja de perder assim um amigo velho, por quem déra até os olhos da cara, por não sei que macacos de nomes herejes, lá do tempo dos Affonsinhos, e que ainda por cima a filha lhe ande pasmada e para finar-se, por um homem não querer soffrer uma entaladella d'estas, entendes?.. Irra! pelo inferno! Isto não se soffre!

— Homem, vocemecê com esse seu genio hade sempre deitar tudo a perder. Pois venha cá, senhor; pois vocemecê ainda não percebeu que a Camillinha quer mais ao morgado...

— Como assim! Isso não póde ser, homem. Por alma de meu pai! tu estás a levantar falsos testemunhos, perro aleivoso! Pelo inferno!.. Entendes?..

— Ah! já nós lá vamos!—rosnou o Trinta e tres, tirando o cachimbo da bocca e fitando o sargento-mór com olhar carregado—Pois agora é que eu lhe digo, com cem diabos! que vocemecê está doido, doido varrido...Pois vocemecê nega aquillo que eu vi mesmamente como se fôra commigo...

— Isso não póde ser, entendes? isso não póde ser.

— Não póde ser...não póde ser!—balbuciou o Trinta e tres com os dentes cerrados—Pois é, pois é, com um milhão de diabos! que ainda tres-antehontem ás onze horas da noute lhe foi ella fallar ao morgado, alli no fundo da quinta, e, pelo inferno! não me diga que não, que fui eu que a levei lá, e que fechei a porta, e presenciei tudo...

— Tu, traidor, tu!.. —balbuciou o sargento-mór, fazendo-se roxo e agarrando-se convulsivamente aos braços da cadeira.

O veterano ergueu-se com a rapidez de quem se sente tocado por um ferro em braza, e, pállido como um defunto, fitou o sargento-mór com olhar

chammejante. Via-se que queria fallar, masque a commoção lhe embargava a voz na garganta.

—Eu, sim, eu,—disse por fim— eu, sim, pelo inferno! e não me arrependo, e tenho dito. Vocemecê imagina que sou capaz de deixar morrer a pequena,só porque vocemecê é um casmurro, um homem de mau genio, sem alma, nem consciencia? E' como lhe digo; e não me diga que não. Vocemecê é um mau pai, com um milhão de diabos! e o Luizinho é um grande rapaz, e quer á nossa Camilla mais do que á vida, e prometteu-me que não casava com outra. E vocomecê não tem tripas nem coração, porque quer matar a sua filha. Porque ella morre, digo-lh'o eu, porque quer muito áquelle bom rapaz, e tem razão,por que vocemecê não tem alma nem consciencia. Raios de diabos! Vocemecê não é capaz de querer mais á pequena do que eu, pelo inferno! que quasi a vi nascer. E tenho dito. Vou-me embora d'esta casa, que não quero aqui estar mais, porque, com mil diabos! se diante de mim...E ella morre, e por sua causa. Vou-me embora, e tenho dito; porque ella morre ... e eu quero-lhe muito... morre...e... e...

O veterano não pôde dizer mais. Os labios tremiam-lhe convulsivamente, tinha os dentes cerrados uns contra os outros e os olhos chammejantes e cheios de lágrimas. Ao parar aqui, fez tal ímpeto para sahir que o pesado e comprido banco, em cuja extremidade estava sentado, foi parar a distancia de pernas ao ar.

A esta rude, mas sentida expressão de amor pela sua Camilla, o sargento-mór cahiu de toda a altura da violenta cólera que o agitava. A palavra *morre, morre,* eccoára-lhe medonhamente nos ouvidos, e tanto mais medonhamente, que o som da voz que a elle lh'a levara,fôra a do homem que ex-

ercia sobre elle influencia decidida, e a que elle se acurvava instinctivamente e sem mesmo dar por isso.

— Homem, escuta, que dizes ? — exclamou um momento depois—Isso não póde ser. A minha filha não morre. . .Homem, isso não é assim. . . entendes ?. . isso não é assim. . .

— E' como lhe digo; que os dous querem-se muito um ao outro, e depois, senhor, na idade d'elles... Pois venha cá, pelo inferno ! pois vocemecê não casou, e porque foi ?

— E' como dizes, por vida minha ! Eu sou um pedaço de asno. Mas olha , entendes ? senta-te aqui, homem... Mas como ha-de ser isto ? Se ella me morre. . . entendes ? Mas como ha-de ser isto? Então,por alma de meu pai! como ha-de ser isto?. . .

— Como ha-de ser isto ? como ha-de ser isto? — disse atrapalhado o veterano — Homem, eu sei lá ? A pequena está n'aquelles pontos, e depois o morgado partiu para o exercito,que dizem que esses malditos francezes, que o diabo confunda. . .

— Má morte apanhe os francezes, jacobinos, hereges ! E tenho dito—gritou o sargento-mór. — Mas, homem, o que se ha-de fazer, entendes ? Se ella morre, como ha-de ser isto?

O veterano ficou um momento pensativo,e sem responder.

— Senhor, — disse por fim — deixe-a cá commigo. Porque emfim eu queró-lhe como filha , e áquelle valente rapaz. Não diga vocemecê nada, e não dê mais largas a esse seu maldito genio, e, quando eu fallar do Luizinho, diga muito bem d'elle, finja que lhe quer muito...

— Qual finja, nem qual diabo ! Se lhe quero verdadeiramente, se lhe quero como a filho, entendes ? Tu bem o sabes, Trinta e tres...

— E elle que o merece, e quer á nossa Camilla...

— E ella, homem, e ella, se nos morre...

— Qual morrer, nem qual diabo! Não se morre assim, e eu prometti ao Luizinho...

Ao chegar aqui, o veterano foi interrompido por tres violentas pancadas na porta, que dava para a varanda. Os dous fitaram-se de relance um ao outro, e as pancadas repetiram-se então com mais força.

— Quem está lá?—perguntou o sargento-mór, ao passo que o velho soldado se dirigia para a porta.

—Abre, João, abre que sou eu —responderam de fóra.

A estas palavras o veterano abriu sem mais reparos a porta,e Fernão Silvestre de Encourados entrou para dentro da cosinha do sargento-mór de Villar.

— Pois és tu, compadre, és tu? Quem diabo o havia de dizer! — exclamou João Peres, erguendo-se e correndo a recebel-o nos braços.

— Bem vês, João, que a outras horas não posso vir — respondeu Fernão Silvestre. —O jacobino, o traidor á pátria — acrescentou, sorrindo com ironia e desprêso magestoso — não póde descer da planura do Ayró, senão quando descem os mochos e as corujas, a menos que não queira ser corrido como lobo por estes patriotas lapoens do teu couto.

— Ah! marinellos!—bradou o sargento-mór, estendendo o punho cerrado para a porta e consubstanciando n'aquelle movimento todo o couto e o seu accionado ameaçador.

— Dá-me d'ahi um trago de vinho, Trinta e tres — disse Fernão Silvestre. — Estou cansado; venho de longe, e preciso de refocilar as forças. Andei avisando os nossos camaradas da grande cam-

panha; — continuou depois de ter bebido — é necessario reunirmo-nos na serra, para prepararmos a guerra de morte que devemos fazer ao inimigo; porque os francezes estão ahi comnosco, compadre...

— Que dizes, homem !

—Devem chegar ámanhã de manhã a Ruivaens. Mandou-m'o dizer Bernardim Freire. Depois de ámanhã...

— Depois de ámanhã — interrompeu o sargento-mór— depois de ámanhã ainda lá estarão, pelo inferno! Ruivaens é forte posição, e os excommungados soldados do corso hão-de por fim esbarrar as ventas ali !

Fernão Silvestre mediu um pouco o sargento-mór, e depois disse com firmeza :

—Depois de ámanhã estarão ás portas de Braga, amigo; depois de ámanhã serão senhores de toda a campanha. Parece incrivel que tu, que foste soldado, não conheças o que vale a disciplina de tropas aguerridas.

— Mas todo esse povareu...

— Abandonarão Ruivaens, digo-t'o eu, e depois Salamonde, e depois o Carvalho d'Este, e a Ponte do Porto, e tudo, porque emfim são guerrilhagem. Ainda não viram a cara aos francezes, e já dizem d'elles mil abusoens, já lhe estão com medo...

—Como, homem! Pois ainda os não viram...

—E que esperas tu do populacho desordenado? Pois que queres que façam homens que se vão oppor ás tropas disciplinadas e aguerridas de Soult, desconcertados, em confusão, e armados de paus, de foices e de espingardas caçadeiras? Todo aquelle enthusiasmo, aproveitado pela disciplina, daria em resultado um exército invencivel; mas assim não passa de feros e bravatas, que occultam lá dentro

muito medo; porque tu bem sabes, João,o medo que a paisanada tem á tropa, e que as cousas ouvidas de longe affiguram-se maiores, e poem mais espanto; porque, como diz o poeta—

> ... nos perigos grandes o temor
> E' maior muitas vezes que o perigo.

Tu o verás, compadre; mal se aproximarem os francezes, não fica um. Fogem todos, fogem de roldão até Braga, desamparam todos os postos, por mais fortes que sejam. Tu o verás.

—E o general? E Bernardim Freire?

—Que lhe ha-de fazer? Sem soldados não se faz a guerra,e um general só por si não ganha batalhas. Bernardim Freire vai retirar sobre o Porto, para organisar a defeza d'aquella cidade importantissima, e fazer parar finalmente a marcha triumphal dos francezes...

—Mas então é um traidor, entendes, compadre? Pelo inferno! bem diz o povo,que elle é jacobino...

— Tão jacobino como eu,João Peres. Bernardim Freire faz o seu dever. E' impossivel defender Braga, e é preciso defender o Porto a todo o risco. Entretanto que os francezes se não apoderarem d'aquella cidade,a invasão não está realisada. Será apenas um passeio militar,que o populacho armado tornará perigosissimo. Eu proprio aconselhei ao general a retirada...

—Mas então, que ha-de ser de nós, compadre? Os francezes ficarão senhores de toda a provincia. Que havemos de fazer?

— Para isso é que eu vim aqui, João...

— E então, por vida minha! diz...

— Em primeiro lugar é preciso pôr Camilla

em segurança, e aquillo que tiveres de mais precioso...

— Mas onde?.. mas onde, se os francezes ficam senhores de toda a provincia, entendes?

— No paço de Encourados; é lá onde deves ir resguardar tua filha...

— No paço de Encourados! Isso nunca! — bradou João Peres arrebatadamente.

— No paço de Encourados—replicou com firmeza o velho cavalleiro. — Não fallemos mais no que passou, João Peres.

— Porém, Fernão Silvestre, tu bem sabes...

—Sei que meu irmão andou como um louco para comtigo, e que tu não devias esquecer as muitas provas de amisade que elle te tem dado, e sobretudo que o irmão de Fernão Silvestre de Encourados nunca podia ter intenção de offender João Peres de Villalobos.

— Porém, compadre, é que tu não sabes...

— Sei, sei tudo; — interrompeu rudemente o velho cavalleiro — sei que vos houvestes ambos como dous sandeus, como duas creanças desatinadas...

— Bem dito, snr. Fernão Silvestre, bem dito. E' isso mesmo, por vida minha! — bradou então de lá o Trinta e tres, fitando o sargento-mór com olhar de perrice satisfeita.

— A'manhã— continuou em tom decisivo Fernão Silvestre — Camilla recolherá ao paço de Encourados, e com ella mandarás, para lá ser arrecadado, tudo o que tiveres de mais precioso em casa.

— Mas se os francezes ficam senhores de toda a provincia... sim, entendes?.. Bem vês que... — disse aqui João Peres como a medo.

— Os francezes não podem deixar atraz de si muita gente. Toda a que têem, não é bastante pa-

ra sitiarem o Porto, se o Porto fôr bem defendido, e a gentalha não embaraçar a defeza com o nome de jacobinos na bocca. O paço de Encourados, tu bem o sabes, compadre, é sufficientemente forte para resistir a qualquer partida solta, que de passagem o pretenda atacar.

João Peres callou-se, sem ousar replicar.

— Em quanto a nós — continuou Fernão Silvestre — pôr-nos-emos á frente d'essa brava companhia de velhos camaradas das nossas campanhas, que me seguem, e que eu ha tanto tempo centraliso com todas as forças da velha disciplina. O nosso quartel general será alli, no alto da planura do Airó. De lá nos arrojaremos ao inimigo quando nos convier; de lá lhe faremos guerra de guerrilhas, mas guerrilhas que sabem o que é guerra, já que não lhe podemos fazer mais do que isto. Assim viveremos até que as cousas mudem, porque hão-de mudar, espero-o em Deus, porque, como diz o poeta :

Assi vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal, o gôsto co'a a tristeza.

Todos os dias iremos tendo mais gente, João Peres, e tendo portanto maiores meios de fazer aqui a guerra aos inimigos da nossa pátria. Quando os habitantes d'estas aldeias se reunirem a nós, faremos d'elles soldados disciplinados; e quando chegarem os inglezes, que hão-de chegar em breve, teremos preparado aqui um núcleo de defeza regular, de campo de batalha sanguinolento, d'onde é impossivel que saiha com vida um só dos soldados do corso maldito...

— Pois tu crês, que estes marinellos se reunam a nós, compadre? — interrompeu o sargento-mór — Nem um, pelo inferno! nem um, entendes? Se

até para a ordenança é preciso levar estes madraços a pau!.. Quanto mais quando a cousa cheirar a pólvora! Os que viriam, andam já por lá; dos outros nem um, entendes? nem um. Eu conheço-os bem.

— Não digas isso, João Peres, não digas isso! — exclamou o velho cavalleiro, fitando no sargento-mór os olhos abrilhantados pelo enthusiasmo — Isso que dizes não é assim; é impossivel que seja assim.

Como, da gente illustre portugueza
Ha-de haver quem refuse o patrio marte?
Como, d'esta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte,
Ha-de sahir quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

Disse-o o grande poeta, aquelle grande mestre de glória e de amor pátrio, o meu velho amigo Camoens; — acrescentou, batendo enthusiasticamente com a mão no lado do bolso interior da japona — disse-o elle, e o que elle diz nunca falha. Não, por vida minha! não. E' impossivel que, n'esta valente provincia do Minho, haja um só homem que se recuse a pegar em armas para defender a independencia da nação. Enganas-te, compadre, e para ver se te enganas, olha com que valor e com que enthusiasmo essa boa gente, sem disciplina e sem armas, se offerece em sacrificio pela pátria, correndo á morte certa e inevitavel, que outra cousa não póde esperar quem vai pôr-se d'esta sorte diante das tropas aguerridas de Soult.

— Pois veremos, compadre, veremos. Eu conheço-os bem, entendes? E tenho dito.

Fernão Silvestre ergueu-se então, e, lançando para os hombros o amplo capote de cabeçoens, em

que viera embrulhado, arranjou melhor as pistolas que trazia no cinto, sobraçou a larga espada de copos de aço, e depois poz o chapéu na cabeça, e disse:

— Muito bem, João, estamos concordados. A'manhã Camilla recolherá ao paço de Encourados; e para lá deves tambem mandar tudo o que tens de bom em casa. Trinta e tres, toma tambem tu sentido n'isto. Em quanto ao mais, não ha-de haver novidade. Lembra-te de Banhuls e de Puig-Cerdá, e demais, como diz o poeta:

> Desbaratareis tudo o que quizerdes,
> Quanto mais a quem já desbaratastes.

Assim dizendo, deu um abraço no sargento-mór e outro no Trinta e tres, e depois sahiu.

João Peres de Villalobos ficou por algum tempo sem se mover e como alheado em íntimo pensamento. N'este entretanto o veterano acabára de aferrolhar a porta com toda a segurança.

— Trinta e tres, — disse então o sargento-mór em voz de commando — d'aqui não sahe nada de casa sem nova ordem, entendes?

— A menina vai ámanhã para Encourados, como disse o snr. Fernão Silvestre, e depois ha-de ir o mais.

— Como, alma do diabo! Quem é o senhor d'esta casa? Quem manda aqui, entendes? Tenho dito, sem nova ordem não sahe nada...

— Vá dormir sobre o caso, ande. Nosso Senhor lhe dê boa noute.

Assim dizendo, o Trinta e tres tirou do *mancebo* a candeia, e com ella se dirigiu por uma escada interior para o cubículo, ao rez do chão, que lhe servia de quarto de dormir.

— Nosso Senhor lhe dê boa noute, capitão—

disse por fim do limiar da porta, que em seguida cerrou sobre si.

João Peres, ficando só, rodeou enraivecido os olhos pela casa.

— Como não! —vociferava elle— Quem manda aqui n'esta casa? Nem um tamanco, por mais charro que seja, nem uma soga velha, raios de diabos, entendes?.. O senhor aqui sou eu, tenho dito. Bragantaços, almas do diabo, quem manda aqui?.. quem manda aqui?.. entendem?

Parou então de repente, levou as mãos á cabeça, e exclamou, batendo o pé na casa:

— Isto é para ensandecer, irra!

Tomou então o candieiro, e, a vociferar em alta voz, recolheu-se ao quarto onde dormia. Cinco minutos depois tinha a cabeça poisada no travesseiro; e, mal a poisou, principiou logo a solemnisar com roncos profundissimos aquelle beatífico somno, que em duração e em imperturbabilidade faria inveja ao mais pintado e mais glorioso de todos os sete dormentes.

VIII

> Não de outro modo a confusa gente
> Com torvado furor discorre, e grita,
> Louvor futuro e temor presente
> A grandes feitos n'este caso a incita.
>
> L. PEREIRA. *Elegiada.* Cant. XVI. est. 9.

Ao romper d'alva do dia seguinte, João Peres de Villalobos foi interrompido de sopapo e estrepitosamente nas bemaventuradas funcçoens d'aquelle somno ferrado, com que usava enfiar todas as noi-

tadas desde o principio até ao fim. A'quella hora, desde então memoravel nos fastos decubitários do sargento-mór de Villar, a porta do quarto abriu-se-lhe de repente e com estampido, e por ella dentro entraram de roldão a Jabel e as criadas da lavoura, que todas de mistura foram esbarrar de encontro á cama do amo.

João Peres, sobresaltado, sentou-se de um pulo na cama. Ao ver aquella turba de mulheres assim no seu quarto, a berrar como doidas e sem proferirem outra cousa mais que sons inarticulados e gestos de afflicção, o bom do sargento-mór sentiu-se apavorado. Recuperou-se porém logo, e exclamou furioso:

— Que é isto? Que mariolada é esta, pelo inferno!

— Os francezes! Os francezes! — exclamaram as mulheres, gritando todas á uma.

A esta palavra, João Peres atordoou. Sem reparar no estado em que estava, lançou-se de um salto da cama abaixo, e atacou apressado as calças do uniforme, que ainda ahi estavam á cabeceira da cama, desde que elle as despira, vindo da funcção de Encourados. Então deu mais tino de si, e reconheceu que havia alguma cousa de extraordinario na aldeia. Os ares zumbiam atroados pelo borborinho de muita gente alvoroçada, sentia-se o rufar de tambores, e o sino da ordenança tocava com toda a força a rebate.

O sargento-mór principiou então a vestir-se a toda a pressa. Envergava a casaca verde, quando o Trinta e tres assomou á porta, azafamado e com visiveis signaes de violenta agitação.

— Trinta e tres, que é isto? Quem mandou tocar o sino da ordenança? Vós m'as pagareis, entendes?

— Ande d'ahi,com um milheiro de diabos! — replicou o veterano — Ande d'ahi, que chegaram os francezes!

— Os francezes!..

— Chegou ha um quarto de hora um homem de Adaens, que diz que já os viu no Carvalho d'Este. O reitor mandou tocar o sino da ordenança. Os frades estão a armar-se; vai tudo n'um cortado no convento. O reitor já perguntou por vocemecê.

João Peres tinha então acabado de afivelar o cinturão da espada de Belver. Ao ouvir as ultimas palavras do velho soldado, lançou de súbito a mão á alabarda insignia da sargentaria-mór, e arremessou-se com ímpeto pela porta fóra, passando como furacão por meio das criadas e deixando mais de uma a gemer atropellada por terra.

Ao sahir para fóra do portão da quinta, encontrou já um magóte de homens, armados de chuços, de mangoais e de espingardas caçadeiras. Estavam parados e olhando com maus olhos para a porta d'aquella casa, por onde já devia ter sahido, e ainda não viam sahir, o chefe da ordenança do couto. O epiteto de jacobino e de hereje já começava a sussurar por entre elles,ainda surdamente e como a medo, mas de modo que bem demonstrava que aquella tardança ia animando as suspeitas, que os aldeoens tinham d'elle, em razão da amisade que o ligava a Fernão Silvestre; suspeitas que davam azo a entibiar-se o respeito que lhe tinham, e que em occasião propícia, como esta, podíam facilmente rebentar em revolta.

Felizmente o espirito de rebellião ainda não tinha chegado ao ponto de apagar no ânimo dos homens do couto o respeito e o medo, que tinham ao seu sargento-mór,quando João Peres assomou á por-

ta de casa, armado de ponto em branco e revestido de todas as insígnias da sua temivel dignidade.

Ao ver aquella turba de homens armados, João Peres tomou por demonstração de confiança o que era em verdade e unicamente resultado da suspeita que ha muito inspirava, e da má vontade com que os aldeoens olham geralmente as authoridades, a quem obedecem. Ao vel-os, João Peres suppoz que aquella boa e fiel gente aguardava o seu sargento-mór, e, enthusiasmando-se, arremessou-se ao meio d'elles, e gritou-lhes em voz de trovão e inspirado pelo fogo da coragem, de que Deus o dotára:

— A elles, rapazes, aos francezes! Morram os jacobinos!

— A elles! Morram os jacobinos! — respondeu voz em grita a turba-multa, lançando-se apoz do seu sargento-mór, que tomou apressado o caminho do convento.

Reinava a maior confusão em todo o couto. Os caminhos estavam atulhados de homens, de mulheres e de creanças, que discorriam em todas as direcçoens, ora soltando gritos bellicosos, ora gemendo e lastimando-se. Aqui via-se um, armado de um mangoal ou de uma fouce roçadoura, correr com a vista incendiada e o rosto feroz da coragem das populaçoens amotinadas, bradando e concitando a multidão, que o seguia, em tropel para o largo do convento. Ali um outro batia á porta do visinho, que respondia de dentro com vozes de enthusiasmado, e que em breve apparecia armado, e se reunia á turba inflamada. Acolá um magóte parava em frente de alguma casa suspeita, e apedrejava-a aos gritos de — *morram os herejes e os jacobinos!* Mais além era uma mulher com o filhinho ao collo, chorando e doida de pavor, que a fazia vaguear sem ella saber por onde; mais cá uma multidão de rapazes

bradando bellicosamente, armados de pedras e de paus, e amedrontando na passagem algum outro mais pequeno, que ia lentamente pelo caminho fóra, chorando por se ver abandonado dos paes. Aqui os velhos paravam pasmados e sem saber o que haviam de fazer; ali outros, que mais attentavam por si do que pelo interesse geral da população, tratavam de pôr a salvo as roupas e os haveres de mais valia em logares, que reputavam seguros do alcance dos invasores. E por cima de tudo isto a vozeria e o arruido da gente das aldeias visinhas, que vinha reunir-se á gente do couto, o som pavoroso dos brados tumultuósos, os tambores e os bombos da aldeia a atroarem infernalmente, e o sino da ordenança, os do convento e os das egrejas comarcãs a tocarem com toda a força e sem parar a rebate.

Quando. João Peres chegou ao largo do convento, achou-o litteralmente atulhado de gente. (*) Eram para mais de mil homens armados diversamente, entre os quaes vociferavam furiosas as virágos do povo, e choravam apavoradas algumas mulheres menos enthusiásticas e mais mulheres do que as outras. A portaria do convento abria-se tambem n'esta occasião, e por ella fóra sahiam os frades, vestidos á paisana e armados de espadas e pistolas, e cada um com sua espingarda ao hombro. Na frente marchava o reitor, capitão-mór do couto, vestido de casaca direita, chapéu de bicos na cabeça e ao lado uma espada recurvada, pendente a tiracollo pelo cordão de seda verde e borlas da mesma côr, que era uma das insígnias do cargo.

João Peres rompeu, a contoadas de alabarda, caminho por entre o povo, até que chegou ao reitor. Parou então, e desbarretou-se cortezmente e com

(*) **Puramente historico.**

todo o respeito, ficando perfilado diante d'elle com toda a firmeza militar.

— Sargento-mór, faça reunir a tropa —disse o reitor, pondo em João Peres olhos de pouco satisfeito, e engrossando a voz para dar á desbarbada virilidade fradesca o aspecto marcial, que com ella repugnava pertinazmente.

— Ordenança, sentido! Chega á fórma, com um milheiro de diabos! — bradou o sargento-mór, erguendo a alabarda, e arremettendo aos encontroens, com os que estavam mais pegados com elle.

Levou bem meia hora de trabalho a metter em ordem desordenada a *tropa* do capitão-mór de Villar. Mas á força de muito sôcco, de muito empurrão e de muita alabardada, João Peres conseguiu finalmente enfileirar n'uma extensa linha em ziguezagues a turba-multa da ordenança. Era ridículo e muito ridículo o aspecto d'aquelle exército de aldeoens vestidos de rabonas, e de carapuças ou enormes chapéus de Braga na cabeça, aprumados desgeitosamente, e tendo cada um ao hombro uma espingarda de caça, um mangoal ou uma fouce roçadoira; mas o enthusiasmo que ánimava aquella multidão indisciplinada manifestava bem ao vivo que, arregimentados militarmente, os homens semi-selvagens das margens do Cávado e das fraldas da serra do Airó seriam muralha inexpugnavel, de encontro á qual era mais que provavel que se esmagassem inutilmente os soldados aguerridos de Soult.

Milhares de desesperos e de raivas custára porém ao bom do sargento-mór a metter aquella populaça em linha. Se assim como durou trinta, durasse trinta e um minutos, aquella empreza quasi impossivel dava de certo com João Peres doido varrido.

— Ah! bruto, não ouves? chega mais atraz — bradava esbaforido. E logo um encontrão n'um

selvagem, que, por mais que elle lhe tinha gritado, não atinára a pôr-se hombro a hombro com o camarada.—O' Zé da Cancella, poem essa perna unida á outra, alma de cántaro! O' Thadeu Capote, dá ahi um cachação n'esse bruto que tens á esquerda! Isso, homem; mais rijo, entendes? Metter em linha, lá os da direita. Ai que eu arrebento, ladroens dos meus peccados! — E n'isto era alabardada que te parto n'um renque de alarves, que não acertavam a enfileirar, e que continuavam a pôr-se ora de um lado ora do outro, e alguns até de costas, ás vozes do sargento-mór —O' Zé do Nuno, poem essa espingarda ao hombro, ladrão: olha que te racho, entendes? Assim. Um, dois...Sentido! Um passo em frente. Ai, que alarves estes! Lá se vai com seiscentos diabos a fórma!

E aqui o sargento-mór, cego de cólera, desandou a alabardada por toda a linha, que á voz de *um passo em frente*, tinha-se desorganisado por tal maneira que quasi se tornára a misturar em multidão.

A este modo muito expressivo e muito habitual de enfileirar a ordenança, cada um tratou de pôr-se o mais depressa que podia hombro a hombro com o companheiro. Alguns porém não tomaram a graça tanto a contento, que os epítetos de jacobino e hereje não respondessem em rosnadellas irritadas, acompanhadas de olhares de raiva, ás alabardadas, com que João Peres malhava n'elles, como quem malha em ferro frio.

Por fim a *tropa* logrou alinhar-se. João Peres tirou então o chapéu de bicos, e limpou o suor que lhe escorria pela cara abaixo. Tinha o rosto tinto de um formoso roxo-terra o apoplético.

Depois de tomar folego, bradou:

— Ordenança, sentido!

— Morram os jacobinos! Morram os herejes!

Vamos aos francezes!—trovejou a multidão, oscillando e tendendo já para a desalinhação.

— Se me sahem da fórma, vai tudo com seiscentos diabos, entendem?—bradou o sargento-mór, empertigando os braços para a frente, como querendo acudir, ao cataclismo que ameaçava a disciplina, que tanto lhe custára a elle.

— Ordenança, sentido! — tornou a bradar — Vai proceder-se á chamada.

E dizendo, tirou do farto bolso da casaca um grande caderno todo ensebado, que era o registro da ordenança do couto.

— Sentido! . . . Zé do Rio?

— Prompto.

— Thadeu Capote?

— Prompto.

— Manoel Sapateiro?

— Pariu-lhe hontem a mulher; não póde vir.

— Ah! ladrão madraceiro! Antonio da Preza?

— Prompto.

— Thomé Alves?

— Fugiu-lhe a bácora; anda atraz d'ella por Cabreiros.

— Ah! bargantaço! Zé Perpetuo?

— Está torto de um pé; não póde vir.

— Multado n'um carto d'oíro (*), multado n'um carto d'oíro!.. Este não escapa! E dois dias de cadeia, entende? Eu lhe darei ensina d'esta feita, ladrão de uma figa! Zé Pancada?

— Prompto.

—Sargento-mór, escusa-se chamada. Está gente a maior — disse o reitor, já enfastiado, como o leitor o estará tambem, com estas minudencias da ordenança.

(*) Em frase minhota quer dizer um quartinho 1$200 réis.

— Nada de chamada, nada de chamada! — gritou a turba voz em grita — Está gente a maior. Viva o nosso reitor capitão-mór!

— Callócio! Leva rumor, senão vai tudo com seiscentos diabos!—bradou o sargento-mór, tomando a alabarda pelo conto e levando-a a geito de pancadaria.

Era a unica desforra, em que podia despeitorar a sua reprovação aos alentos, que dava o reitor á indisciplina da gente da ordenança.

A'quelle meneio tudo se callou. O reitor acenou então com a mão, e disse em voz grossa e tom meio fradesco meio militar:

—Ordenança, sentido! Ahi estão os francezes; vamos a elles com a ajuda de Deus! Aquillo são uns herejes e uns jacobinos, que tiraram os olhos ao nosso santo padre de Roma, e comem até creanças! *Deus pro nobis prœliat*, Deus combate por nós, e quer a extirpação d'aquelles excommungados, que cortaram a cabeça ao seu rei, insultaram a nossa santa religião, e andam feitos com o Bonaparte, que é o ante-christo. A elles, filhos! Não escape um só! Francez que se apanhe, é dar cabo d'elle, que o santo padre de Roma concede cem annos de indulgencias por cada francez que matarmos. E digam todos amen. Vai cantar-se um *Te Deum* em acção de graças a Nosso Senhor pela victória que vamos alcançar dos francezes. (*)

Assim orou o reitor capitão-mór. E não pense o leitor que esta trovoada de tolices era resultado da estupidez do bom do padre. Era elle homem letrado e bem visto nos mais intrincados casuístas. Sabia de cór as decisoens da Rota, e era chavão de commentadores, por mais obscuros e emmaranhados que fos-

(*) Isto é puramente historico, e contado ainda hoje por gente, que assistiu a esta farçada.

sem. O que dizia e o que fazia, fazia-o e dizia-o muito de propósito e com perfeita consciencia das toleimas que proferia; mas dizia-as, porque a fallar e a obrar de outra maneira, era o mesmo que fallar grego ao mais atilado dos habitantes do couto.

Ao findar aquelle discurso, o reitor voltou-se, e, acompanhado pela fradaria, dirigiu-se á egreja, cuja porta principal estava aberta de par em par.

— Ordenança, sentido! Marcha! — bradou o sargento-mór, correndo a enfileirar-se na reçaga dos frades.

A ordenança abalou, e n'um momento desorganisou-se, e amontoou-se em multidão compacta, que se rolou em onda vertiginosa, a quem mais depressa podésse chegar, até á porta da egreja. Depois invadiu-a em turba-multa. Mas a egreja era pequena para tamanho concurso de gente. A máxima parte ficou, com grande despeito seu, da parte defóra. D'ella alguns engatinharam pelas umbreiras, fazendo finca-pé nos hombros dos mais visinhos; outros treparam-se acima de algumas árvores que haviam no largo, mesmo em frente da porta da egreja.

Reinou por alguns minutos profundo silencio. Então Thadeu Capote, homem franzino e pequeno, e de nariz ponteagudo e olho vivissimo, que estava armado de um mangoal duas vezes maior do que elle, e tinha na cabeça um chapéu de feltro de um terço da altura que Deus concedêra ao dono, puxou por uma perna a um alentado marmanjo, que se encarrapitára n'um carvalho, de sobre o qual se enfiava a vista pela porta da egreja dentro até o altar-mór, e disse-lhe em voz que todos ouviram:

— O' André Prelada, que estom os homes a fajer lá dentro?

— Home, callócio!

— Mas que diacho estom fajendo, André?

— Lá pousarom os frades as armas.

— Onde, onde as pousarom?

— Nas cadeiras do coro, e sentarom-se. O nos so reitor lá pega no bribiario.

O vozeirão de toda a fradaria resoou então pe lo largo, entoando em cantochão o *Te Deum* an nunciado.

— Dije cá, André; o reitor está de capa de as perces?

— Não, home. Callócio!

— Mas dije; antom como 'stá?

— 'Stá de capitom-mór.

— De capitom-mór! Antom nom bale.

— Como nom bale, home, se antes de começar deitarom-le ao pescoço a chave do sacrario por uma fita benta?

— Ah! dije-me d'essas. Antom sim, antom sim.

Alguns minutos passados, a multidão oscillou

— Que é isso, ó André?

— O reitor lá entrega o bribiario e a chabe d sacrario —respondeu o outro.—Acabou a funcçom Lá tomom os frades as armas. Lá fajem continenç ao aurtar-mór. Santa Maria! Como bem féros!

N'isto o ondear da turba-multa recresceu ca da vez mais, e logo arremesseu-se em tropel pel porta da egreja fóra. Em seguida appareceram a el la o reitor e os frades.

— Sargento-mór, faça metter a tropa em fór ma —disse o reitor. — Vamos marchar para Braga

— Ordenança, sentido! Metter em fórma, qu se vai marchar para Braga — bradou o sargento mór, levantando a alabarda e desandando em bor doada regularisadora sobre aquelles rebeldes á dis ciplina.

A' voz—marchar para Braga — viu-se do cou

ce da turba-multa fugir a todo o correr alguns homens em differentes direcções. Foram poucos porém os que fugiram; não chegaram talvez a trinta. Os outros ficaram, e bradaram com enthusiasmo bellicoso:

— A Braga! A Braga! Morram os jacobinos! Morram os francezes!

A multidão enfileirou-se n'uma tal ou qual ordem. O sargento-mór acenou então ao Trinta e tres, que estava a distancia, olhando com compaixão desdenhosa para aquella guerrilhagem, e que tinha na mão as grossas esporas de correia, de que usava o sargento-mór quando cavalgava.

Ao aceno do seu capitão, o veterano aproximou-se.

—Trinta e tres, — disse-lhe João Peres a meia voz — vai haver muita pancadaria, homem. Parece-me que já me cheira a pólvora. Eu vou que não ha remedio, e não sei quando voltarei. Portanto, entrego-te a minha casa e a minha filha. Cuidado n'ella, Trinta e tres, cuidado n'ella, entendes? Vou descansado porque tu ficas, e sei como és amigo d'ella. Portanto, dá cá as esporas e adeus.

— Vocemecê não quer que lhe vá buscar a égua?

— Homem, não; estes madraços eram capazes de m'a roubar. Ademais em casa fica mais segura. Por lá não faltam bestas. Adeus. Cuidado com a menina, entendes? cuidado com a minha filha.

— Vá descansado, meu capitão; para vigiar por ella é que eu fico; senão, raios de diabos!.. Mas porque não quer vocemecê ir a cavallo na égua?

— Homem, nem por penso. Isso era a mór asneira da minha vida, entendes?

—Porém de que lhe servem então as esporas?

— Eu cá sei, eu cá sei. Deixa estar. Anda cá, choupêlo (*)—continuou, dirigindo-se a um rapaz anazado e magrissimo, mas de olho arregalado e vivo, d'estes emfim que logo denunciam na infancia que hão-de ser na velhice uns verdadeiros figos passados. — Anda cá, toma-me conta d'estas esporas, entendes? e depois m'as darás; que, por vida minha!, que vou agora a pé, mas faço conta de vir cavalleiro no melhor cavallo, que trouxerem os francezes.

N'isto o reitor e alguns dos frades já tinham cavalgado n'umas doze ou treze mulas e trotoens do convento, que alguns criados lhes tinham trazido, para irem aos poisos até Braga.

— Sargento-mór, — disse o reitor — toca a marchar.

— Trinta e tres, adeus; toma conta da minha filha. Adeus, amigo; cautella, entendes?

O veterano acenou com a mão em signal de intelligencia, e desviou vagarosamente ao lado.

— Ordenança, marcha! — bradou então João Peres.

A esta voz a multidão abalou, precedida pelo sargento-mór de alabarda em punho, e de tres tambores e dous bombos que serviam nas funcçoens do couto, e que iam agora atroando os ares com um barulho infernal.

A meia duzia de passos a formatura desbaratou-se, e a ordenança do couto de Villar tornou-se massa confusa e desordenada de homens de chuços, de mangoaes e de foices roçadoiras, que atroavam os ares com o som dos bombos, com o estrepito dos tamancos, com vivas e morras tumultuosos, e com a vozeria do fallatorio vasconço d'aquelles quinhentos a seiscentos selvagens da Europa do principio d'este século.

(*) *Choupêlo* quer dizer rapaz, em linguagem minhota.

D'esta fórma — n'esta desordem e n'esta vozeria — atravessaram elles até Braga, seguindo por Areias, Encourados, Martim e Anaia, freguezias que lhes ficavam na passagem. De caminho ia-lhes crescendo o numero com a gente que d'ellas se lhes unia, uns de grado, outros de força. Era um valente bravatear o com que solemnisavam a marcha e a futura campanha; e, sempre a andar, iam bradejando para a direita e para a esquerda aos velhos, ás creanças e ás mulheres, a todos aquelles emfim que lhes sahiam ao encontro, e que não obrigavam a ir ávante com elles por serem incapazes do serviço. A marcha era o caminhar do povo revolucionado. O enthusiasmo suppria na maior parte a disciplina; comtudo roubos houveram feitos por alguns, em quem nem mesmo elle era capaz de desnortear a bossa da rapina, que é quasi geral na gente d'aquellas localidades. Sobretudo gallinhas, frangos e até porcos anafados e taludos soffreram o mais que sufficiente para se suspeitar que tinha por alli passado uma horda de salteadores ou pelo menos um exército invasor e inimigo. Se os francezes seguissem apóz elles, não teriam em que exercer indústria. Achavam tudo litteralmente esgotado.

N'estas gentilezas, n'estes berreiros e n'estes recrutamentos á força, gastaram quatro horas, para andar um caminho que, quando muito, leva hora e meia a percorrer. A ordenança tinha sahido de Villar ao meio dia, e quando chegou a Braga já passavam das quatro horas da tarde.

No campo de Sant'Anna parou, fazendo retumbar os ares com uma trovoada de vivas. O general Bernardim Freire estava fóra. Tinha ido visitar os póstos de Salamonde e Ruivaens; mas devia chegar n'essa tarde. Os bravos do couto de Villar acamparam então, e trataram de refocilar as forças

perdidas, á custa da cosinha dos habitantes da cidade.

N'esse momento Braga achava-se na maior agitação. Estava em face da anarchia, que d'ahi a dois dias havia de estuar medonhamente dentro d'ella. A gente gráda atravessava, como a medo e como suspeitosa, de umas ruas para as outras. A arraia miuda tumultuava desenfreada e preparando-se para os terriveis acontecimentos que iam seguir-se. Nos rostos dos primeiros reluzia o receio e a anciedade pela incerta ventura que proximamente os aguardava em poder dos invasores estrangeiros; na canalha havia a superexcitação do enthusiasmo, que, chegadas as grandes occasioens, se desfaz quando muito em féros e bravatas sómente. Espalhára-se na cidade a noticia de que os francezes estavam em marcha sobre Ruivaens e Salamonde, isto é, entre cinco e nove léguas distantes de Braga; e esta noticia amedrontára uns e déra azo á loucura dos outros. As difficuldades, com que Bernardim Freire luctava, baldo a tudo que é preciso para fazer a guerra; as ordens e disposiçoens que tomava para retirar sobre o Porto e cobrir esta cidade importante, como lhe fôra ordenado pelo governo supremo do reino (*), eram interpretadas pela gentalha e mesmo por algumas pessoas que o não eram, como provas de jacobino e de traidor á patria. Desgraçadamente esta errada persuasão era alimentada na plebe pelo caracter do activo general, de quem não tardaremos a fallar mais detidamente; e sobretudo pela imprudencia que tinham commettido os governadores do reino, em lhe darem para quartel-mestre-general um official, que no anno anterior elles proprios tinham deshonrado, fazendo-o

(*) Aviso regio de 24 de janeiro de 1809.

conduzir preso no meio de uma escolta a Lisboa por suspeito ou *inconfidente*, como então se dizia. Fôra uma monstruosa injustiça, porque o unico crime do engenheiro Villasboas era o ter partilhado com o capitão Mariz e Luiz Candido Furtado o pensamento de crearem um governo sensato e forte, que provesse ao armamento geral do paiz, excluindo Beresford e os inglezes de toda a influencia n'aquelle grande feito nacional. O povo não via porém as cousas assim;e Bernardim Freire estava despopularisado e notado de jacobino, não só pelas únicas providencias sensatas que em tal conjunctura se deviam e podiam tomar, mas tambem por ter por quartel-mestre-general o engenheiro Villasboas.

A anarchia estava portanto a arrebentar por momentos. O terror apossára-se de toda a gente. De um lado eram os francezes que se aproximavam com todos os males da conquista;do outro a gentalha que se remexia, e ameaçava a cidade com todos os horrores da desordem. Combinavam-se pois ali dois elementos inteiramente oppostos um ao outro; o pavor concentrado e ancioso da gente séria, e a ironia feroz e tumultuosa da canalha,que se declara conhecedora de crimes publicos, os quaes suppoem não só ter direito, mas até obrigação, de punir.

Braga apresentava então aspecto aterrador. Nas ruas tumultuava a plebe, em magotes, ameaçadora e armada;as portas das lojas estavam fechadas; aqui e ali ouvia-se um sino tocando a rebate, e ao longe o continuo tanger dos das freguezias ruraes. Era um borborinho apavorador ; e quem n'aquelle momento entrasse em Braga, e se achasse no meio d'aquelle tumultuar, cercado de paisanos armados,e topando aqui e ali com ranchos de homens, que, acompanhados por tambores e com bandeira arvo-

rada, percorriam as ruas, dando *morras* atroadores, parando aqui para apedrejar uma casa, ou marcando as portas de outras a golpes de chuço, não se demoraria um instante, ainda que jogasse a opulencia na perca dos interesses urgentes, que ali o tivessem levado.

Tal era o estado em que estava Braga, quando o sargento-mór de Villar entrou no campo de Sant'Anna á frente da ordenança dos coutos de Villar e de Manhente, e de muito outro populacho que se lhe tinha aggregado no caminho.

A's cinco horas e meia da tarde Bernardim Freire entrou em Braga, acompanhado por Ayres Pinto de Souza seu ajudante general, e pelos seus dous ajudantes de campo D. João Correia de Sá e Gonçalo Barba Alardo. O general vinha carregado e descontente. Não só conhecia a impossibilidade da defeza, e dava-lhe grave cuidado a perda irremediavel da provincia do Minho; mas tinha sido pela primeira vez insultado em S. Gens, a cinco leguas de Braga, e n'esses insultos reconhecêra, não só que estava despopularisado totalmente, mas tambem que a vida lhe corria perigo imminentissimo no exercicio de uma authoridade, que a honra lhe não permittia abandonar.

— Ordenança, metter em fórma. Apresentar armas—bradou João Peres, fiel á disciplina militar, mal Bernardim Freire entrou no campo de Sant' Anna, e se dirigiu para a casa que lhe servia de aposentadoria e de quartel general.

A populaça da ordenança não cumpriu a ordem do seu sargento-mór, não só porque lhe era impossivel fazel-o com a rapidez e precisão necessaria, mas tambem porque a communicação com a gentalha da cidade já a contaminára das loucas predisposiçoens que havia contra Bernardim Freire.

Assim poucos homens lhe obedeceram, e d'esses uns apresentaram armas caçadeiras, outros chuços e outros malhos de lavoura. Era sobre o sargento-mór, que tinha recahido o completo commando d'aquella força; porque o reitor capitão-mór e a fradaria de Villar havia-se adiantado á divisão, e desapparecêra sem se saber para onde.

Bernardim Freire guiou o cavallo para a ordenança de Villar, que cumprimentou tirando o enorme chapéu agaloado que, ao uso do tempo, trazia atravessado na cabeça; depois, dirigindo-se ao sargento-mór, disse-lhe com agrado e de modo que toda a gente ouviu:

— Snr. sargento-mór da ordenança de Villar, estimo conhecer os muitos e leaes vassallos que o principe regente, nosso senhor, tem n'esta provincia do Minho; e congratulo-me de coração com vocemecê pelo bom espirito, disciplina e valentia das tropas do seu commando. Póde vocemecê estar certo que farei conhecer aos senhores governadores do reino a dedicação e o patriotismo da valente ordenança do couto de Villar de Frades; e desde já espero que vocemecê e a sua brilhante divisão prestem os serviços que o bem da pátria requer. Os francezes avançam sobre Ruivaens, mas eu espero em Deus que lhes façamos lá como no Minho; espero que não poderão forçar aquelle posto, que está guarnecido por gente valorosa e aguerrida. Vocemecê marchará immediatamente a reforçar aquelles valentes, e ficará em Salamonde para o caso dos francezes forçarem Ruivaens, o que Deus não ha-de permittir. Vai-se distribuir uma ração á tropa, e depois marcharão — acrescentou em tom de authoridade.

— General, — replicou João Peres — não é preciso. Estes madraços estão fartos e mais que fartos.

Com um milheiro de diabos! Os malditos não foram pêcos para isso, apesar de que me parece, entende?, que não servem para nada mais. Portanto, não tenha cuidado. Eu vou partir já para Salamonde, e por alma de meu pai! entende? que por ali não passe nem um francez vivo, com um milheiro de diabos!

Depois deu dois passos atraz, e fez a rigorosa continencia militar.

—Vmc. militou... pelo que vejo—disse então Bernardim Freire.

— As dragonas que tenho, ganhei-as no assalto de Belver.

—Tambem eu lá estive,—replicou em tom melancólico o general — e melhor me lá tivesse acertado uma bala — accrescentou em tom mais baixo.

Assim dizendo, cortejou a ordenança, e, voltando o cavallo, dirigiu-se para o quartel general, atravessando vagarosamente por entre o povo, que se não arredava, como que o fazendo acinte e para o desauthorisar. Aos ouvidos chegaram-lhe até, em rosnadellas, epítetos de jacobino e traidor; mas o bom e leal portuguez fingiu não dar por isso nem pelos olhares provocadores e cheios de ameaças, que de propósito o fitavam, e como que irónicamente o mediam.

Mal o general se arredou, João Peres de Villalobos voltou-se para a sua divisão, e bradou:

— Ordenança, leva arriba. Marcha!

Alguns homens fizeram um movimento, mas o todo da *bicha* não se mexeu, rosnando descontente. O sargento-mór lembrou-se então da velha disciplina que tinha aprendido no exercito; empunhou a alabarda pelo conto e arremettendo com a turba, exclamou com os dentes cerrados:

— Marcha, com seiscentos diabos! E tenho

dito. Quem se não mover, arrebento-o, entendem?

— O' snr. sargento-mór,—gritaram então os da gentalha—ha por ahi alguns jacobinos?

— Morram os traidores!

— Morram os jacobinos!

— Queimem-se os herejes!

A ordenança de Villar poz-se toda de pé. João Peres viu o conflicto imminente, porque conhecia a fundo a gente que commandava.

— Quaes traidores nem quaes diabos!—bradou de repente — Aqui tudo são portuguezes leaes, que marcham para combater pela independencia da nação. Ordenança de Villar e Manhente, marcha.

A multidão poz-se em movimento, e abalou atraz do seu sargento-mór, não sem ter primeiro deixado cahir um bom par de mangoais e foices roçadoiras pelas cabeças dos valentoens, que a tinham insultado, mas que não se atreveram a replicar diante d'aquella massa compacta de gente, que não parecia muito para graças.

Hora e meia depois a confusa multidão da ordenança de Villar passava para além do forte posto do Carvalho d'Este, e quatro mais tarde, entrava em Salamonde. Era perto da meia noite. N'aquella fortissima posição encontraram já para cima de tres a quatro mil paisanos armados; mas as únicas fortificaçoens, que tinham, eram as agruras da montanha que alli corre parallela ao Cávado. A mais d'isso nem uma trincheira, nem uma estacada, nem sequer meia duzia de pedras amontoadas, por traz das quaes podessem fazer fogo a coberto.

IX

> **Suspende a todos um temor incerto,**
> **Que perigo rebente, ou se vem perto.**
>
> QUEVEDO. *Aff. Africano.* Cant. II.

A's oito horas da manhã do dia seguinte—16 de março — Braga em peso agitava-se tumultuosamente. Correra o boato de que os francezes haviam forçado os postos de Ruivaens e Salamonde. As portas fechavam-se com ruido, os sinos tocavam a rebate, e por toda a parte se via gente correndo em differentes direcçoens, inquirindo apavorada e anciosa ácerca da verdade do que se dizia.

A gentalha principiava tambem a desenfrearse do respeito da authoridade. Aqui e alli parava aos magotes, insultando, dando morras e apedrejando esta e aquella casa. No campo de Sant'Anna, e sobretudo em frente do quartel general de Bernardim Freire de Andrada, era onde ella tumultuava com maior fogo, com enthusiasmo que principiava a descambar para a licença, para a exaltação anárchica, que dementa as populaçoens ignorantes e rudes, fazendo acachoar n'ellas os preconceitos e as illusoens estupidas,que as irritam até ao ponto da ferocidade selvagem.

Bernardim Freire achava-se então reunido com parte do seu estado-maior em torno de uma grande meza,collocada no centro da melhor sala da casa que lhe servia de quartel.

Bernardim Freire, com a cabeça descoberta e vestido com uma farda, no peito da qual brilhava uma commenda de Aviz, e que,em razão das tres estrellas de prata nas dragonas de ouro e do ramo de

ouro, que tinha bordado na gola e pela parte de fóra da abotoadura, que lh'a apertava de alto abaixo, indicava a sua patente de tenente-general, passeava a todo o comprimento da sala a passos largos e agitados. Do lado, em que elle passeava, estavam sentados Custodio José Gomes Villasboas, e Ayres Pinto de Souza, dos quaes o primeiro era seu quartel-mestre-general e o segundo seu ajudante-general. Junto d'estes estava tambem Gonçalo Pereira Caldas, general das armas da provincia. Do outro lado estavam Manoel Ferreira Sarmento e João Malheiro de Abreu, ajudante de campo de Bernardim Freire; Pedro da Cunha Sottomayor, ajudante de ordens de Gonçalo Pereira, e pegado com este João Nogueira Gandra, secretario do general em chefe. De pé e mais distantes da meza os outros dois ajudantes de campo D. João Correia de Sá e Gonçalo Barba Alardo.

Entretanto que o general Freire passeava agitado e meditabundo, Villasboas estudava attentamente um mappa que tinha diante de si; Ayres Pinto, voltado para elle de lado e com o cotovello esquerdo apoiado na meza, estendia-se tambem com toda a attenção para o mappa; e Gonçalo Pereira, encostado para o espaldar da cadeira, estava de mãos nos bolsos, e com os olhos fitos na mesma direcção, mas deixando ver no olhar distrahido o pensamento empregado em ideia differente. Os tres ajudantes fitavam tambem o mappa como quem esperava a solução do estudo de Villasboas; e Gandra, recolhido e meditabundo, assistia immovel e sem dar palavra áquella scena, a que os gritos do tumulto e os sinos a tocar a rebate imprimiam um certo todo apavorador.

D'estes personagens cumpre que o leitor conheça a fundo os dous primeiros.

Bernardim Freire de Andrada e Castro, general em chefe de todas as forças da provincia do Minho e do partido do Porto, era descendente de uma das mais nobres e mais antigas familias portuguezas, principiada, *si vera est fama*, no conde D. Mendo, irmão de Desiderio, rei dos longobardos, que, no tempo do nosso conde D. Henrique, passou com mais quatro cavalleiros a Portugal, e serviu nas guerras contra os mouros. Era cunhado do conde da Feira, D. Miguel Pereira Forjaz, que fôra seu ajudante-general no governo das armas do Porto; e tinha por irmãos Nuno Freire de Andrada, então general commandante em Coimbra; e o desgraçado Gomes Freire de Andrada, que n'esse tempo estava ao serviço de Napoleão I, na divisão portugueza, commandada pelo marquez de Alorna, e que mais tarde, em 1817, por influencia de Beresford, havia de subir ao primeiro cadafalso, em que, n'este paiz, se derramou sangue liberal. Sangue liberal, deve-o o leitor saber, era n'essa epocha o de todos aquelles que não queriam que Portugal continuasse a ser verdadeira colonia ingleza, como o gabinete britanico o pretendia conservar, apparentando governar-nos com as ordens e com as leis de el-rei D. João VI.

Bernardim Freire estava em todo o vigor da idade. Nascera em Lisboa a 18 de fevereiro de 1759; tinha portanto cincoenta annos apenas de idade. Era de estatura mais do que alta; grosso, espadaúdo e um pouco nutrido. Usava o cabello cortado muito curto, e da espessa barba negra que tinha, deixava creseer apenas uma pequena suíssa ao lado das orelhas. As feiçoens eram grosseiras, a bocca rasgada, o nariz grosso, e os olhos grandes e cheios de vida e de intelligencia. (*) Era dotado de

(*) Vid. not. IX.

intrepidez e de coragem temerária, e de energia e tenacidade pouco vulgar. Na vida privada era dotado de tal bondade que attrahia amigos sinceros; e de um cavalheirismo digno do appellido illustrissimo, de que tantos grandes feitos se narram nas nossas velhas crónicas. O seu único defeito eram uns longes d'aquelle espirito indeciso e irresoluto, que perdeu mais tarde o desgraçado Gomes Freire, e que n'elle se pronunciavam sobretudo nos casos imprevistos, e em que lhe era preciso abandonar o procedimento franco e rasgado, e transigir hypócritamente com a dissimulação. Era o nosso melhor general d'essa epóca. Cobrira-se delouros na Rolissa e no Vimieiro, onde commandava a divisão portugueza, e onde a sua intrepidez, vista segura e sangue frio inalteravel se fez admirar pelos inglezes. Depois de formar uma resolução, era tenaz e aferrado a ella, e, sobretudo se a honra e o dever o aconselhavam, não cedia a consideração de qualidade alguma. Assim foi elle o unico portuguez que protestou contra a infame capitulação de Cintra, a qual embaraçou por todos os modos em quanto pôde, dando causa, com este procedimento, ao conselho de guerra que a Inglaterra se viu obrigada a mandar fazer a sir Hew Dalrymple, em satisfação á opinião publica desvendada pelo nosso valente general. Da sua energia a prova mais grandiosa é a defeza do Minho, depois que foi nomeado general em chefe das forças da provincia, em razão da morte de sir John Moore e da derrota dos inglezes na batalha da Corunha. Nomeado pelo aviso regio de 24 de janeiro de 1809, tomou o commando a 30 do mesmo mez. Partiu immediatamente para a provincia, e ahi sem dinheiro, sem soldados, sem armas e sem muniçoens, organisou de tal maneira a defeza popular, que obrigou Soult a prescindir da ideia de atravessar

o rio, e a conceber o plano audacioso de marchar pelas alturas de Barroso, e dirigir-se a Traz dos montes, por onde effectivamente entrou em Portugal.

A campanha de 1808 e a sua resistencia á convenção de Cintra fizeram-n'o popularissimo; e em razão d'essa popularidade é que o péssimo governo do reino o fez governador das armas do Porto, depois da expulsão de Junot. Mas os inglezes não esqueceram a affronta de sir Hew Dalrymple; e aproveitando a entrada de Soult pela Veiga de Lille, lançaram a responsabilidade d'ella á conta de Bernardim Freire, e, graças ás intrigas do ambicioso barão d'Eben, conseguiram transformar-lhe a popularidade no rancor e no ódio que levou depois a plebe a assassinal-o.

Custodio José Gomes Villasboas, seu quartel mestre general, era official de engenharia, homem intelligente e de muito saber. Foi o primeiro engenheiro, a quem se incumbiu a canalisação do Cávado, assumpto sobre que deixou escriptas algumas memórias e bastantes mappas manuscriptos. Era homem alto, secco, fronte espaçosa e elevada, e aspecto carregado e meditabundo. Gosava de toda a confiança e amizade de Bernardim Freire, a quem tinha auxiliado valiosamente com o seu saber e com a sua energia na organisação da defeza do rio Minho. A circumstancia porém de já ter estado preso por *inconfidente*, fazia-o odioso á plebe, que desde muito o tinha na conta de jacobino convicto, e de traidor e inimigo da patria.

Havia já mais de dez minutos que durava a scena muda, que descrevemos, em torno de Villasboas, ao mesmo tempo que Bernardim Freire passeava agitado a todo o comprimento da sala.

Um morra terrivel e medonho, o primeiro em-

fim em que a anarchia se desmascarou totalmente, fez estremecer todos os officiaes e parar o general.

—Então, snr. Villasboas?—disse este para o quartel-mestre, que era o único que tinha ficado impassivel e sem o mais pequeno signal de dar fé do tumultuar da multidão—então em que ficamos?

— General — replicou Villasboas — continúo a sustentar a minha opinião. E' tempo de retirarmos sobre o Porto, e abandonar inteiramente a provincia do Minho.

— Mas a rèspeito da defeza do Ave?

— A minha opinião é que façamos convergir todas as forças para o Porto; que fortifiquemos o Ave na Trofa, e que ahi demoremos a marcha do inimigo, até que se completem de todo as fortificaçoens do Porto.

Bernardim Freire deu mais dois outros passeios ao longo da sala, e durante elles o rosto carregou-se-lhe mais melancólico e mais triste.

— A minha opinião — disse por fim — é que morramos todos aqui, n'algum d'esses postos avançados. E' isso melhor do que ir morrer com má fama e deshonradamente dentro dos muros do Porto.

— General, permitta-me v. exc.ª que lhe diga que exaggera...

— Exaggero o que, snr. Villasboas? Pois não vê o que diz o brigadeiro Parreiras?

— Mas perdão, senhor, a presença de v. exc.ª na cidade do Porto ha-de acalmar aquella effervescencia, e então não será difficil defender...

— Ha de acalmal-a como a acalma aqui, snr. Villasboas. Attenda — interrompeu Bernardim Freire, apontando para a praça, d'onde n'aquelle momento partia um novo brado sedicioso, que atroou por alguns momentos a sala.—Ha-de acalmal-a como a acalma aqui. Esta gente quer impossiveis, e

em toda a parte de Portugal o povo está assim. *Quos Deus vult perdere prius dementat*, snr. Villasboas. E entre nós está-se realisando o proverbio, e realisando medonhamente. Ouve esses gritos lá fóra? D'aqui a pouco esses loucos passarão talvez dos gritos ás obras, isto em face dos proprios inimigos, quando Soult está a dous passos de nós, quando é preciso fazer convergir todas as forças, todos os meios e todas as intelligencias para a defesa commum. E' agora, veja bem, ouça, ouça ... é agora que elles desorganisam tudo e embaraçam tudo; é agora que elles querem inutilisar os homens, a cujo cargo está a direcção da defesa. A plebe soltou-se do freio da autoridade, governa em vozerias, e com ellas não se resiste a Soult. Isto está tudo perdido. Deus dementa-os, por que os quer perder. Algum grande crime quer elle punir de certo em nós. A resistencia é por tanto inutil, por que todos enlouqueceram, todos, desde o mais alto até o mais baixo, e entregaram a nação indefesa nas mãos dos francezes. Está tudo perdido, está tudo perdido...

E depois de dar mais algumas voltas, parou, e, aproximando-se da meza, disse para o ajudante Sarmento:

— Deixe-me vêr d'ahi esse mappa.

O ajudante passou-lhe o papel indicado, e o general abriu-o, e fitou-o um momento.

— Que queriam elles que eu fizesse com isto? —exclamou, como em satisfação a si proprio e batendo impaciente com os dedos da mão direita no papel — Eis-aqui as forças que me entregaram no Minho—um batalhão do regimento n.º 9; um batalhão do n.º 21, mas que tinha só 684 praças; cento e sessenta praças de artilheria n.º 4, das quaes *a maior parte* estavam doentes e incapazes para o

serviço; oito regimentos de milicias... Oito! se só o de Villa do Conde estava bem armado; os outros nem armas tinham. Seiscentas praças dos regimentos n.^{os} 6 e 8, mas sem officiaes, snr. Villasboas, mas sem officiaes, meus senhores! E artilheria... Lembram-se da artilheria que nos entregaram? Seis peças de 3 e oito de 6! Parece incrivel! E é com isto que queriam que eu fizesse parar os trinta mil soldados de Soult! Muito fiz eu; tenho a consciencia de que ninguem faria mais. E porque não pude defender toda a fronteira do norte de Portugal com essa meia duzia de soldados e com esses milhares de paisanos armados de chuços, chamam-me jacobino, chamam-me traidor á patria! Que mais queria essa gente de mim? Que mais se podia fazer do que fiz?

E atirando, vivamente abalado, com o papel para cima da meza, poz-se de novo a passear agitado.

— Mas, general, — disse então Villasboas com rosto carregado e voz firme — é preciso tomar uma resolução, e é preciso tomal-a immediatamente. Isto não póde continuar assim.

— Mas que resolução quer que eu tome?

— A que já disse, senhor. V. exc.ª deve expedir ordens a todos os commandantes de forças para que retirem sobre o Porto, e deve partir immediatamente para aquella cidade...

— E para quê, snr. Villasboas? O Porto não se defende; o Porto perde-se, como vamos perder Braga...

— Mas, general, desculpe-me v. exc.ª; — replicou serenamente Villasboas — d'essa fórma é que se não faz nada. Assim não se remedeiam as cousas. Urge o tempo, e com estarmos a deplorar a situação, não a concertamos de certo. Repito, a mi-

nha opinião é que v. exc.ª ordene a retirada de todas as forças sobre o Porto, que parta immediatamente para lá, que fortifique a Trofa...

— E que vamos morrer miseravelmente dentro dos muros do Porto, onde o ser vencido é mais vergonhoso, porque o Porto é uma grande cidade, e passa por muito forte. Depois não dirão que a derrota foi resultado da anarchia em que está o Porto, mas sim que aconteceu por incapacidade e por covardia nossa...

— V. exc.ª, desculpe, sonha a anarchia no Porto.

— Como sonho, senhor! —bradou Bernardim Freire, batendo impaciente com o pé no soalho — Que diz o officio do brigadeiro Parreiras?

— O officio de Parreiras, quanto a mim, indica pusillanimidade...

—O brigadeiro Parreiras é um official valente, snr. Villasboas, — disse seccamente Bernardim Freire — e a prova de que disse a verdade é que, de todos os reforços que nos mandaram, apenas podéram chegar a tempo o regimento de Traz-os-montes e o batalhão do 21 que estava na Beira. O parque de artilheria do Porto, o batalhão do 9 e a Leal Legião lusitana chegaram já muito tarde, como sabe. E a razão d'isso foi o estado anárchico, em que está o Porto; a não ser elle chegariam a tempo conveniente.

— A' vista d'isso ficamos assim, general? Não se faz cousa alguma? — disse Villaboas com ironia severa.

— Eu sei lá o que se ha-de fazer com as cousas n'este estado? Decidam os senhores, decidam os senhores.

— V. exc.ª dá licença que eu falle, general? —disse então Gonçalo Pereira Caldas.

— Falle, general; v. exc.ª sabe que o tenho em muita conta, e que respeito a sua opinião.

— Visto que v. exc.ª me concede licença, direi que a opinião do snr. Villasboas me parece acertadissima. D'esta fórma cumpre v. exc.ª á risca as instrucçoens que lhe são dadas no aviso regio de 24 de janeiro. Defende o Porto, e salva talvez a nação de ser completamente conquistada. E' pois minha opinião que v. exc.ª parta immediatamente para lá; e mesmo, meu amigo, deve concordar em que no estado de agitação, em que está Braga, v. exc.ª corre perigo, correm-n'o tambem sua esposa e seus filhos...

— E quer v. exc.ª que os leve para o Porto! Por ventura estão lá mais seguros?

— Pelo menos, general, lá não exercem influencia as intrigas do barão d'Eben...

— Oh! sim, do barão d'Eben! — exclamou Bernardim Freire, com as feiçoens rápidamente illuminadas de cólera, e com os dedos a tremerem-lhe convulsivamente sobre os copos da espada — Oh! sim, esse canalha é o concitador de tudo isto, bem o sei. Os inglezes não me perdoam o ter protestado contra o infame Dalrymple, e não os ter deixado assenhorear inteiramente do Porto, quando o anno passado queriam patrulhar elles sós a cidade, e eu exigi que metade das patrulhas fossem soldados portuguezes. Não me podem vêr depois d'isso, bem o sei; e Beresford jurou perder-me. Tornar-me suspeito ao povo era a melhor de todas as vinganças! Inutilisou assim toda a minha opposição ao dominio inglez, e vingou-se de mim, atacando-me no que prézo sobre todas as cousas d'este mundo...na honra! Infames! Beresford calculou bem a partida, e Eben é um excellente agente. Mas cautella comigo, cautella comigo; nem sempre hei-de ser o

bom homem, o excellente homem que elles pensam!..

E aqui Bernardim Freire parou, com os dentes cerrados pela cólera e os olhos chammejantes como dous carvoens accezos.

—Mas por isso mesmo, para inutilisar as intrigas d'Eben, é que v. exc.ª deve partir para o Porto.

— Snr. Gonçalo Pereira,—respondeu Bernardim Freire em voz serena, mas fitando n'elle um olhar de decisão inabalavel — não partirei para o Porto, senão depois que não tenha um só cartuxo para defender o Carvalho d'Este e a Senhora do Porto. Se levar por lá com uma bala, tanto melhor. Vale mais acabar assim, do que victima das intrigas d'esse infame agente de Beresford. A morrer, morrerei como soldado portuguez, no meu posto. E depois elles para ahi ficam, os grandes homens; que defendam Portugal.

— Porém, general, se v. exc.ª não partir... —disse Villasboas sempre com serenidade imperturbavel.

— Não partirei, não partirei — bradou Bernardim Freire, batendo impaciente com o pé na casa.

Aqui um brado medonho e pavoroso atroou toda a praça, e Bernardim Freire e o seu estado maior ouviram estoirar com estrondo a porta da casa, a sentinella chamar ás armas em voz afflicta, e o arruido e a vozeria de gente, que tinha atulhado o páteo, e que subia em motim pela escada acima.

Bernardim Freire correu ao encontro dos amotinados. Todos os officiaes seguiram immediatamente apoz elle.

— Que querem, senhores ?—bradou com firmeza o general, esbarrando com os revoltosos,

que iam a chegar ao ultimo degrau do primeiro patamar da escada.

O sangue frio e a authoridade, com que Bernardim Freire disse aquellas palavras, abalou momentaneamente o furor da multidão, que recuou um pouco sobre si, como se recebesse um choque eléctrico. Por fim recompoz-se d'aquelle primeiro abalo, e um dos mais dianteiros respondeu com rudeza e em tom de quem mandava:

— General, acabamos de ter a certeza de que os francezes forçaram Salamonde. O povo não quer generaes para estarem no quartel da saude, mas sim para combaterem á frente d'elle. O povo quer que v. exc.ª o acompanhe até ao Carvalho d'Este.

— Snr. ajudante Malheiro, — disse serenamente Bernardim Freire — dê ordem para que sellem os cavallos.

Depois, voltando-se para o homem do povo, que lhe dirigira a palavra, acrescentou em voz alta e forte:

— O povo tem rasão. Vamos lá todos para o Carvalho d'Este vencer ou morrer pela patria! Veremos agora quem são os verdadeiros jacobinos!

Em seguida affastou-se ao lado com Ayres Pinto, e disse-lhe rapidamente e em voz baixa:

— Fique, e expeça immediatamente um officio para o Porto ao brigadeiro Parreiras, e partecipe-lhe que os francezes estão próximos de Salamonde, e que o povo está aqui como v. s.ª vê. Diga-lhe da minha parte que se previna. E se eu morrer, conduza v. s.ª a minha familia para onde lhe parecer mais conveniente. Entrego-lh'a á sua honra e á sua amisade.

— Viva o nosso general!

— Viva o snr. Bernardim Freire de Andrada!

— Morram os jacobinos!

— Morram os traidores !

— Vivam os verdadeiros amigos da pátria!

Foi com estes gritos estrepitosos, que o povo acolheu as palavras que o general lhe dirigira. D'ahi a pouco, este, acompanhado por Villasboas, pelo general Caldas e pelos quatro ajudantes de campo, montou a cavallo, e sahiu para o Carvalho d'Este entre innumeravel multidão de canalha, e ao som dos berros d'ella, dos sinos a rebate e do rufar dos tambores e bombos de alguns corpos de ordenanças, que entravam n'aquella occasião na cidade.

Eram onze horas da manhã quando Bernardim Freire chegou ao posto do Carvalho d'Este. Estavam alli alguns regimentos de linha, com algumas peças de artilheria e um innumeravel gentio de ordenanças, por detraz de estacadas irregulares e parapeitos de terra e de pedra solta. A agrura natural da montanha, que se estende d'alli até á Falperra, era porém a verdadeira fortificação do posto, e suppria em parte por tudo o que se não soubera ou não podéra fazer.

Commandava o posto do Carvalho d'Este o barão d'Eben, que era coronel do célebre regimento chamado Leal Legião Lusitana, ou o dos tres LL, em razão dos que os soldados traziam na grande aba revirada dos chapéus que lhes serviam de barretinas. Eben era o verdadeiro typo do inglez orgulhoso da convicção de que é o ser mais perfeito da creação. Era alto e de feiçoens graves e frias; mas por traz d'esta apparencia de fleugma británica referviam n'elle a mais desmedida ambição, a inveja das almas pequenas e o espirito enredador e de intriga, de que são geralmente dotados os homens de carácter assim. Para desculpar estes grandes defeitos, Eben não tinha senão o seu ridículo orgulho bretão e a mediocridade mais chata e mais

somenos que se póde imaginar. Mais tarde, por occasião do assassinato de Bernardim Freire, é que se desmascarou a podridão d'aquelle carácter. Deixou-o infamemente assassinar diante de si, sem que, para o salvar empregasse nenhum dos muitos meios, de que dispunha em rasão da popularidade, que grangeára á custa das intrigas e das atoardas plebeias, com que o despopularisára a elle. Acceitou da canalha a nomeação de seu general, e depois, officiando a Beresford, metteu-lhe aos olhos esta nomeação como quem demonstra a sua grande aura, e se impoem necessario para aquelle cargo. Por fim, contramandando as ordens de Bernardim Freire, em logar de retirar sobre o Porto e fazer convergir para esta cidade todas as forças de que ainda podia dispor, julgou-se bastante para fazer parar as tropas de Soult, e, inspirado pelo seu orgulho e pela sua estupidez, sacrificou milhares de homens na defeza da ponte do Porto, do Carvalho d'Este e da Falperra. O desfecho de tudo isto foi o fugir a toda a brida para esta cidade, onde a sua chegada esbaforida e as ridículas desculpas da sua derrota incendiaram a gentalha, augmentando-lhe o preconceito dos jacobinos e dos traidores á pátria.

Tal era o barão d'Eben, que da empreza infamante, em que se mettera, logrou apenas o grande medo que teve de ser apanhado pelos francezes, quando entraram em Braga, e a obscuridade a que a Providencia condemna as mediocridades parvôas, por mais enredadoras e mais pavoneadoras que sejam dos seus merecimentos.

Ao chegar á linha do Carvalho d'Este, Bernardim Freire desmontou, segurando-lhe o estribo um dos seus ajudantes de campo, como então era de estilo militar. Eben sahiu-lhe ao encontro com o

respeito devido ao general em chefe, mas com a frieza própria do ridículo orgulho de que era dotado, e que lhe convinha agora fazer sobresahir para se popularisar mais com aquelles, entre quem fizera callar a convicção do jacobinismo do seu chefe. Bernardim Freire recebeu-o com a sobranceria propria de um official superior, que se sabe offendido ás occultas por um seu subordinado, e com o desdem de um verdadeiro fidalgo portuguez para com os intriguistas despresiveis. Passou por elle, tocando ao de leve no chapéu, e acompanhado de Villasboas e do estado-maior, principiou a inspeccionar a linha e a dar as ordens, que lhe pareceram necessarias, para regularisar mais os pontos fortificados. Em seguida montou a cavallo, e seguiu para a Falperra, onde a ordenança se havia afortalezado n'um pequeno cerrado pertencente ao convento, e que tinha na frente uma ladeira íngreme e escabrosa e na retaguarda a montanha cortada em desfiladeiro. Depois de examinar toda esta parte da linha, voltou para o Carvalho d'Este.

Eram quatro horas da tarde quando ahi chegou. A linha achava-se então vivamente agitada.

— Que é isto, snr. barão de Eben? — disse Bernardim Freire com altivez e authoridade.

— Acabam de chegar alguns homens que dizem que os francezes forçaram o posto de Salamonde.

— Isso não póde ser — replicou serenamente o general. — O posto de Salamonde é muito forte, e está defendido por gente, que de certo se não deixará vencer com tanta presteza.

Dizendo, continuou a guiar vagarosamente o cavallo ao longo da linha de fortificação.

O tumulto rompeu então mais desmascarado. De toda a parte começaram a soar estes gritos:

— Ahi véem os francezes; já passaram Salamonde para o lado de cá.

— Morram os jacobinos!

— Morram os traidores á patria!

— Isto foi entrega. Morram os afrancezados!

— Morram os inconfidentes!

Bernardim Freire esporeou o cavallo para o lado, onde o arruído era maior.

— Que é isto, amigos? Que é que aconteceu? — bradou rijamente.

— Lá se foi Salamonde com seiscentos diabos! — gritou um ordenança, apontando para o caminho de S. Gens.

Bernardim Freire olhou. De feito uma multidão de povo da ordenança dirigia-se, em confusão e como fugindo, pelo caminho indicado. Uns vinham descalços, outros sem chapéu, e todos sem armas e misturados em desordem. Era a população a fugir apavorada e sem olhar para traz. De repente atravessou por entre elles um official, correndo á redea solta sobre um magnifico cavallo baio. Bernardim Freire assestou o oculo, e reconheceu Luiz Vasques de Encourados, que por ordem d'elle tinha ficado em Salamonde, quando de lá partíra havia dois dias.

Minutos depois os primeiros fugitivos entraram nas fortificaçoens do Carvalho, e em seguida a elles chegou Luiz Vasques. Dando com os olhos em Bernardim Freire, dirigiu-se immediatamente para elle.

— Então, snr. Luiz Vasques? — disse o general, pondo com anciedade os olhos n'elle.

—Os francezes forçaram o posto de Salamonde sem acharem resistencia.

— Sem acharem resistencia!

— Sem um só tiro, general! Os homens da ordenança fugiram como uns covardes!

O rosto de Bernardim Freire exprimiu n'um momento a anciedade, a hesitação e a duvida.

— E agora que se ha-de fazer ? ! — balbuciou elle.

— Agora — acudiu friamente do lado o barão d'Eben, elevando a voz de fórma que fosse bem ouvido — agora resta-nos defender esta linha. E aqui não seremos nós, serão os francezes que hão-de fugir !

Luiz Vasques mediu o inglez com um olhar de cólera e de desdem.

— Agora, general,—disse então—agora mais que nunca se torna preciso que v. exc.ª adopte as providencias que meu tio aconselhou.

N'isto a linha foi invadida por novo magóte de fugitivos. Bernardim Freire, abstracto e quasi machinalmente, ia a voltar o cavallo, quando do meio da turba-multa rompeu um homem, que lh'o segurou pela rédea, e o fez immediatamente parar.

—General,— gritou o tal homem—mande formar essa tropa de linha que ahi tem, e mande-me já fuzilar estes tratantes da ordenança de Villar e de Manhente, entende? Que não escape um só, entende? Eu commandarei o fogo.

Era João Peres de Villalobos, era o sargento-mór de Villar; mas em cabello, sem o chapéu de bicos, com a casaca verde sem uma aba e esfarrapada n'um hombro, e com a espada de Belver empunhada, e com nódoas de sangue fresco na lámina.

— Quem é este homem ? — disse Bernardim Freire, fitando aquellas feiçoens, de que tinha alguma reminiscencia.

— Quem sou ? — replicou João Peres—sou o sargento-mór de Villar, sou um soldado velho, um homem que esteve com v. exc.ª em Banhuls e em *Puig-Cerdá*. Estou a arrebentar de raiva e de vergo-

nha com o que acaba de acontecer, entende? Com um milheiro de diabos! Fugiram como uns gallegos, como uns jacobinos, como uns herejes... entende? V. exc.ª é um soldado valente e leal, um homem honrado e amigo da glória da sua patria...

Aqui o general curvou-se, e apertou com gratidão a mão do velho soldado. A justiça, que a altos brados lhe fazia aquelle homem, compensava de certo modo as amarguras que lhe tinham causado as injustas e estúpidas atoardas de traidor, com que o pretendiam deslustrar.

O rosto de Bernardim Freire exprimia toda a gratidão, que profundamente o demovia. João Peres sentiu instictivamente que n'aquelle momento as suas palavras eram valiosissima protecção para aquelle honrado homem, que estava tanto acima d'elle, que era emfim o general em chefe. A natural generosidade do seu caracter despertou energicamente.

— Honrado e leal, sim! — exclamou, apertando com effusão a mão, com que Bernardim Freire apertava a d'elle — honrado e leal, portuguez ás direitas e amigo da patria como poucos! Vi-o eu, entendem? vi-o eu em Puig-Cerdá e em Belver, com seiscentos diabos! E que me não digam que não esses marinellos, que comiam as papas á borralha, entretanto que nós andavamos por lá ás cutiladas aos francezes; não me digam que não, que o vi eu, entendem? E tenho dito. Portanto, meu general, faça o que lhe digo; colha-me já esses tratantes da ordenança dos meus coutos, e fuzile-m'os. Que não escape nem um, entende? Vê esta espada? Não me deram tempo para a empregar nos francezes que avançavam; mas despiquei-a nas costellas d'estes gallegos que fugiam! Alguns ficaram por lá estendidos; mas não os pude acabar todos! Portanto,

é fuzilar estes covardes, entende? é fuzilal-os, com seiscentos diabos! que eu não posso fazer tudo!

Bernardim Freire sorriu, e prometteu ao sargento-mór que tomaria em consideração o que lhe recommendava. Depois voltou o cavallo, e dirigiu-se para o lugar, onde se achava o quartel-general do commandante do posto.

João Peres continuava a vociferar furioso no meio da immensa multidão de soldados, de milicianos e de ordenanças, que os berros, que soltava, attrahiam para alli.

Luiz Vasques tentou apasigual-o, mas vendo que o não conseguia, deixou-o, e foi reunir-se a Bernardim Freire. João Peres, vendo-se desembaraçado d'elle, deu então largas á lingua, que a rethórica da raiva lhe agitava em redemoinho na bocca.

— Que estão vocês a olhar para mim, sôs basbaques? — gritava, agitando furioso a espada — Nunca me viram? E' como lhes digo. Fugiram como uns covardes, como uns gallegos ... entendem?... Oh! Thadeu Capote, pois estás ahi, ladrão! E tu tambem, Manoel Prelada, alma de seiscentos diabos!... e tu, Zé da Preza... Eu vos ensinarei, ladrões!.. Nunca se viu uma vergonha assim, entendem? E' como lhes digo. Estive em Belver, estive em Puig-Cerdá, estive em Banhuls, estive em Pons de Moulins, e sempre lá vi os portuguezes honrarem as barbas de seus pais como homens de antes morrer que fugir. Até em Pons de Moulins, onde fomos vencidos, aconteceu assim, com um milheiro de diabos! O meu regimento, que era o segundo do Porto, só elle, entendem? só elle, atreveu-se a arremetter com todos os francezes para ver se salvávamos os nossos companheiros do primeiro regimento, que tinham sido tomados de surpreza e aprisionados sem se poderem valer. Por

mais de duas horas pelejamos de fórma que os francezes ficaram sabendo o que são portuguezes de lei, e não portuguezes como vocês, corja de fracalhoens! que fogem de meia duzia de homens e de dous caens, com seiscentos diabos! E' como lhes digo, entendem? Pois olhem que foi uma batalha de lei. Até lá ficou estendido no campo o conde da União, nosso general em chefe, que a não ser isso, entendem? pelo inferno, não iria tudo de foz em fóra...

Aqui João Peres foi interrompido por violento puxão que lhe deram no braço. Voltou-se com os olhos incendiados e fero como um leão.

— Snr. João Peres, o general deseja fallar-lhe — disse-lhe Luiz Vasques de Encourados, que fôra quem por elle travára.

— E o general que me quer, morgado? — perguntou João Peres, impaciente da interrupção que lhe cortára aquelle despeitoramento da raiva, em que ardia.

— Elle lh'o dirá. Venha d'ahi.

João Peres seguiu de má vontade o joven senhor de Encourados até ao logar, onde Bernardim Freire se achava. O general estava rodeádo por todo o seu estado-maior e por alguns soldados de milicias e da Leal Legião, e ladeádo por Custodio Villasboas e pelo general Caldas. No rosto de todos os officiaes lia-se a anciedade e o mais profundo cuidado a respeito da situação, em que se viam.

— Snr. sargento-mór, — disse Bernardim Freire, mal avistou João Peres — queira ter a bondade de nos informar do que se passou em Salamonde.

— O que se passou, general! — exclamou João Peres — Passou-se uma covardia infame, passou-se a vergonha do nome portuguez! No nosso tempo...

— Pois os francezes não acharam nem sombra de resistencia? Nem um tiro, snr. sargento-mór, nem

um tiro? Dil-o vocemecê, dil–o esta gente, mas affigura-se-me impossivel...

— Pois é como lhe digo, senhor. Assim sem mais nem mais...—interrompeu João Peres voz em grita.—Se quando v. exc.ª me mandou hontem para lá, eu soubera que tal havia de succeder, não ia, entende? não ia. Pois, senhor, que haja um homem de escapar da guerra, para depois ter de morrer envergonhado por uma cousa d'estas! E' duro, entende? é duro!

— Porém, snr. sargento-mór...

— Porém, general, é como lhe digo, entende? E não me diga v. exc.ª que não; sei o que digo. Porquanto, senhor, affigure-se v. exc.ª que eu dispuz as cousas em ordem, como no tempo da nossa campanha, na agrura da serra, e a alcance de meio tiro do sitio, onde os francezes tinham por força de passar. Estavamos a peito descoberto, e éramos uma linha de mais de tres mil, com seiscentos diabos! Se estes tratantes fizessem a sua obrigação, não passava um só, entende? não ficava francez para uma mezinha. Porque, senhor, imagine v. exc.ª que estávamos de cá da volta da serra, entende? de fórma que francez que apparecesse era fuzilado, e o que escapasse das balas, não escapava, por vida minha, entende? não podia escapar dos cajados nem das foices roçadoiras, que para isso é que podia prestar aquella canalha, que para outra cousa não lhe sei prestimo, a não ser, salva tal logar, para comer e para roubar.

Aqui João Peres fez pausa momentánea para tomar fôlego, e continuou em seguida:

— Pois, senhor, estavamos assim, em linha de batalha, em pontos de podermos sustentar a fuzilaria em descarga cerrada contínua, e eu na frente, entende? para mostrar áquelles covardes o que é um sol-

dado portuguez, que esteve em Banhuls e em Puig-Cerdá. Havia enthusiasmo que farte em toda a linha. Mas deram dez horas, e os francezes não appareciam. Então estes excommungados começaram a asnear uns com os outros, e senti, por vida minha! senti que começavam a esmorecer. — Nada — disse eu cá com os meus botoens — nada, isto não está bom. Isto não são soldados, é paizanada, que, se arrefece, toma toda as de Villa Diogo, com os narizes pelo faro da lareira. E' preciso animal-os. — E então, senhor, desço á povoação, e faço vir para alli vinho, dei-lhes a beber até tocarem com o dedo, e então, entende? começo a dizer que estavam ahi os inglezes de soccorro. N'isto começo a descortinar a cavalleria dos herejes pelo caminho de Ruivaens. — Sentido! que ahi véem os jacobinos. Rapazes, é ter firme, que aqui não passa nem um! — Tudo mette em linha, mas estavam com uns olhos tão espantados, pelo inferno!.. N'isto começam a apparecer na volta dous esquadroens de cavalleria, que metteram a dous de fundo, e continuaram a passo e de espadas desembainhadas, e sem fazerem caso de nós. — Fogo! — grito eu — fogo, fogo, com seiscentos diabos! Fogo! — Mas nem um só tiro, entende? nem um só tiro!.. Arremesso-me para elles com a cabeça perdida. Agarram-me, sujeitam-me, e um d'elles diz-me baixo — não lhes atire, senão olhe que se assanham. — Ai, com que tunantes estou mettido! Eu nem podia fallar, quizera-os trincar todos de uma vez! N'isto os dous esquadroens passaram, e logo apparecem duas companhias de caçadores que traziam quatro caens de fila na frente. — Foge, foge, que ahi véem os caens que comem gente! — ouço gritar. N'isto toda aquella massa se remexe em confusão, e parte á desfilada, arrastando-me, entende? arrastando-me em turbilhão na fugida, sem que eu

pudésse assenhorear-me por muito tempo, sem me poder atinar, porque mal que pude, entende? desandei ás cutiladas a elles... Ah! canalha! ah! covardes!.. (*)

Aqui João Peres soltou um grito de raiva, e começou a gesticular em fórma de quem acutilava. Bernardim Freire escutava-o sem dar palavra, e deixando ver no rosto o desalento, em que aquella covardia o lançára. Villasboas curvou-se então para elle, e disse-lhe a meia voz:

— Eu sempre esperei isto, general. E' necessario tomar a resolução conveniente. Não ha tempo a perder; repare v. exc.ª para ali.

Bernardim Freire olhou na direcção que Villasboas lhe apontava. A noite havia cerrado, e por entre a escuridão começavam a scintillar em Salamonde, desde as alturas da montanha até ás margens do Cávado e por estas abaixo, as fogueiras do acampamento francez. O general esteve por muito tempo com os olhos fitos n'ellas, sem dar uma só palavra. Por fim aproximou-se de um tambor, que estava ali junto, e escreveu a lapis sobre um bocado de papel um bilhete, que em seguida entregou a Luiz Vasques.

— Parta immediatamente para Braga, e entregue hoje mesmo este bilhete ao snr. ajudante-general Ayres Pinto de Souza.

Luiz Vasques tomou o bilhete, e, lançando-se de golpe sobre o cavallo, despediu á rédea solta para Braga. João Peres espantou os olhos, quando viu a fria e melancólica serenidade do general ao dar aquella ordem, e a presteza com que Luiz Vasques havia desapparecido.

(*) Este facto foi narrado ao author por uma testemunha presencial. D'esta vergonhosa fugida falla ameaçadoramente o marechal Beresford na ordem do exercito de 30 de março de 1809.

— Pois, por alma de meu pai! — exclamou finalmente — aqui não fico eu nem que me pezem a ouro! Com tal gente nem para o céu, entende?

Assim dizendo, lançou-se de repellão e a pé, pelo caminho por onde Luiz Vasques se tinha dirigido.

Bernardim Freire viu-os partir sem dar palavra. O rosto porém, com quanto impassivel e sereno, assombrára-se-lhe de uma melancolia e de uma tristeza indefiniveis.

— Snr. ajudante Malheiro, — disse por fim — monte a cavallo, e vá á Ponte do Porto dizer ao commandante do posto, que retire immediatamente sobre a cidade do Porto, seguindo as instrucçoens que hontem lhe dei.

Depois voltou-se para Gonçalo Barba Alardo, e ordenou-lhe que fosse levar egual ordem ao commandante do posto da Falperra.

Os dois cavalgaram, e partiram a toda a brida para as direcçoens oppostas, que ficavam nas extremidades da linha de fortificaçoens que cobria Braga. Estas fortificações formavam um verdadeiro quarto de círculo, em cujo raio ficava na extremidade esquerda a Ponte do Porto, no centro S. Mamede do Carvalho d'Este, e na extremidade direita as fortificaçoens da Falperra, com Braga, na retaguarda, a distancia de uma légua pouco mais ou menos de cada uma d'estas tres localidades.

Depois que os dois ajudantes de campo partiram, Bernardim Freire sentou-se n'um dos muitos penedos que haviam no sitio, poisou o cotovello direito sobre o joelho, encostou a barba na mão, e assim ficou por muito tempo abstracto e com os olhos invariavelmente fitos na chamma de uma fogueira que ardia perto d'elle.

— E nós? — perguntou então Villasboas.

—Nós... nós partiremos ámanhã—balbuciou Bernardim Freire em voz de entoação, que cabalmente indicava aquelles assomos da irresolução de que era dotado.

O bilhete, de que Luiz Vasques era portadór, dizia estas palavras:

— Os francezes atravessaram o posto de Salamonde sem acharem resistencia. Está tudo perdido. Avisinha-se o inimigo. A'manhã deve estar aqui. Retire immediatamente para o Porto com a caixa militar e com a secretaria. Avise do acontecido aos brigadeiros Victória e Parreiras. Recommendo a minha familia á sua amizade e fidalguia.

Minutos depois da partida dos dois ajudantes de campo, espalhára-se por todo o acampamento a noticia de que se ia retirar sobre o Porto. O descontentamento principiou desde logo a manifestar-se altamente. A' uma hora da noite estava tudo em completa anarchia.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

ERRATAS

N. B. Para não fazer muito longa esta lista, deixamos de apontar algumas irregularidades de pontuação e de orthographia, resultantes da alguma differença que existe entre a orthographia do author e a do «Commercio do Porto» onde esta novela foi primeiro publicada, as quaes escaparam por essa razão, ao rever as provas do volume.

Pag.	Linh.	Errata	Emenda
5	35	pertence	pertenceu
15	11	a casa do amigo,	a casa do amigo;
18	9	benza-o Deus	benzêra-o deus
41	29	desigualdade,	desigualdade ;
43	17	acanhadae	acanhada-
60	1	ao mais le	ao mais le-
—	2	de nortada	da nortada
65	34	ridfeula	ridícula
71	14	Mas o enthusiasmo	Mas, o enthusiasmo
78	14	severo	severa
97	32	Ayras	Ayres
98	5	snr.ª Urraca	snr.ª D. Urraca
108	22	Thomières	Thomíer
124	3	exclamou	replicou
152	33	roxo-terra o apoplético	rouxo-terra apoplético.

O SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(Episodios da invasão dos francezes em 1809)

POR

ARNALDO GAMA

SEGUNDO VOLUME

PORTO
Typographia do Commercio
Ferraria de Baixo n. 108

1863

O SARGENTO-MOR DE VILLAR

X

> Este de um pau tostado armado vinha,
> De um roliço bastão vinha este armado,
> Cada qual com as armas que á mão tinha,
> E lhe dava o furor desatinado.
>
> BARRETO. ENEIDA. LIV. VII EST. 119.

A partida de Bernardim Freire para o Carvalho d'Este tinha desalentado temporariamente a excitação tumultuosa, que principiára, no dia 16, a referver em Braga. O resto do dia passou-se mais socegado; mas ainda assim de modo que bem se percebia que a febre tinha apenas remittido, mas não acalmado de todo. Ao mais somenos motivo de descontentamento, aquelle incendio mal sopitado ameaçava reviver e rebentar de entre as cinzas com forças accrescentadas.

Foi o que succedeu. Por alta noute, começaram a entrar em Braga os primeiros fugitivos de Salamonde. Eram os mais covardes, os que tinham fugido sem olhar para traz, e por isso os mais

azados para azedar o espirito publico com noticias aterradoras e com atoardas proprias para inflammar as suspeitas de traição, que concitavam o vulgacho. De quando em quando ouvia-se bater fortemente a esta ou áquella porta. Abriam-se ellas, sentia-se o borborinho abafado de gente que recebe noticias inesperadas, e em seguida troavam soltamente palavras ameaçadoras e brados descompostos. Isto que ao principio acontecia parcialmente aqui e acolá, generalisou-se por fim; e dentro em pouco Braga achou-se envolvida no rugir surdo e permanente, produzido pelo confuso vozear que precede as grandes revoltas. Ao romper d'alva a desordem principiou a tumultuar desassombrada de todos os respeitos e de todas as consideraçoens. A populaça desenfreára, e proclamára-se soberana em nome da suprema salvação publica. Na opinião d'ella todas as authoridades eram traidoras, todas estavam vendidas aos francezes; e isto porque não tinham podido obstar á invasão, e porque o povo não comprehendia a razão d'esta inpossibilidade, nem a necessidade das medidas que eram consequencias d'ella. Aos resultados d'esta apreciação vertiginosa e allucinada acresciam as inspiraçoens dos odios e das inimisades particulares, que se incendiavam, ao sentirem facilitada a vingança. A desordem rompeu desde logo aterradora, e, de hora para hora, foi tomando maior fôlego e desmandando-se em maiores desvarios. A arbitrio proprio a populaça principiou a acommetter esta e aquella casa, a prender e a insultar, e até a assassinar aquelles que mais inimigos tinham. Bastava um dicto, uma palavra sahida do meio dos differentes bandos amotinados, para perder um homem por mais pacífico que fosse, e por mais descuidado que se achasse em sua casa. Por mais de uma vez a populaça demen-

tada arrancou até do proprio seio uma victima. Era ás vezes o mais feroz e o mais desvairado do rancho, aquelle a cujos brados a multidão obedecia, e tumultuava cegamente. Mas um inimigo, que se reunira acaso ao mesmo bando, aproveitava um segundo de enfranquecimento ou de compaixão que elle tivesse, soltava a voz de *traidor* e *jacobino*, e o que pouco antes era ídolo da turba-multa, apparecia de repente na reçaga d'ella, reduzido a cadáver informe e mutilado, por cima do qual a multidão enfurecida passava com raiva e com desprêso. Aqui ardia uma casa, alli um bando de revoltosos arremettia a um palácio com infernal alarido, acolá no meio de outro bando redemoinhava um desgraçado coberto de sangue e de lama, e victima de insultos e impropérios atrocissimos. O contínuo tanger dos sinos a rebate e o infernal troar da vozeria espavoriam medonhamente a cidade.

A's oito horas da manhã a anarchia tocou o extremo. A essa hora soube-se que a caixa militar e a secretaria tinham partido de noite para o Porto. A multidão soltou um brado pavoroso, e rolou-se com a ferocidade selvagem, que inspira o povo allucinado, para o campo de Sant'Anna, onde era o quartel-general.

Pouco tempo antes, passava-se a scena seguinte na sala do conselho do quartel-general, entre Ayres Pinto de Souza, Luiz Vasques de Encourados e João Peres de Villalobos. Todos tres deixavam ver claramente nos rostos e nos gestos a maior anciedade e a mais viva consternação.

— E estes malditos sem acabarem de chegar! E estes ladroens d'estes almocreves sem virem! — dizia Ayres Pinto, torcendo as mãos com desesperação — Os infames atraiçoaram-nos de certo, e esta desgraçada familia está perdida!

Luiz Vasques nem respondeu, nem se mexeu da posição em que estava -- de pé, encostado ao punho da espada, com o sobrecenho sombrio e cuidadoso, e os olhos scintillantes de anciedade e ao mesmo tempo da resolução do homem destemido, que se vê face a face com a morte.

—Deviam aqui estar ás seis horas—continuou Ayres Pinto momentos depois. — São oito e ainda não chegaram! Não véem de certo, não véem de certo, meu Deus! Como lhes disse que era para levarem a familia do general para o Porto, não véem de certo, foram-nos denunciar á canalha ... Está tudo perdido .. está tudo perdido...

— Snr. Ayres Pinto, é preciso não desanimar, é preciso ter coragem! — disse emfim Luiz Vasques.

— Eu não desanimo, snr. Luiz Vasques! — respondeu orgulhosamente o ajudante-general — Nunca em minha vida tive medo, nem ha quem seja capaz de dizer que me viu perder a coragem, por maior que fosse o perigo! Não é por mim que temo, tenha a certeza d'isso. Se de mim se tratasse unicamente, ria-me d'esses entonos da canalha. Mas não posso ver a sangue frio o risco a que está exposta esta pobre senhora, estas pobres meninas e estas infelizes creancinhas...

— A populaça não ousará vir até nós, snr. Ayres Pinto. Que tem esta senhora e seus filhos com os acontecimentos que naturalmente se vão succedendo uns aos outros?

— Que tem? Tem o mesmo que tem o nosso pobre general, snr. Luiz Vasques. A canalha amotinada não pergunta a razão dos factos; para ella a razão está na ferocidade da allucinação que a domina. Que tem, diz v. s.ª! Pois assim esqueceu *tão* depressa a apupada d'esta noute, e os insultos

e as palavras descompostas, com que ainda ha pouco vieram tumultuar debaixo d'essas janellas?

Luiz Vasques não respondeu, e Ayres Pinto continuou alguns minutos mais a passear agitado em todo o comprimento da sala, do lado opposto áquelle em que o sargento-mór de Villar passeava tambem, com os olhos e as faces incendiadas, e regougando de espaço a espaço palavras inintelligiveis e entoadas com supremo enfurecimento.

—Não chegam, decididamente não véem! — exclamou emfim Ayres Pinto com verdadeira angustia — E agora que se ha-de fazer ... que se ha-de fazer, se a canalha invadir esta casa?..

— Que se ha-de fazer? — bradou em voz de trovão o sargento-mór de Villar, parando e batendo com o pé na casa tal patada que o soálho estremeceu — Que se ha-de fazer? Por alma de meu pai! Se ha ahi seis homens esforçados dentro d'esta casa, pelo inferno! não entra cá um, entende? Pela minha parte não arreio, e só ou acompanhado, entende? para entrarem cá dentro, hão-de primeiro fazerem-me em postas na soleira d'aquella porta! Por alma de meu pai! Um velho soldado de Belver e de Puig-Cerdá não morre de abafas, e nunca se dirá d'elle que voltou cara ao inimigo, ainda que fosse satanaz á frente de uma legião de diabos...

Aqui a porta da sala abriu-se de repente, e Gonçalo Barba Alardo arrojou-se por ella dentro, pállido, esbaforido e coberto de lama.

— Ayres Pinto, é preciso fugir immediatamente, sem perder um momento! — balbuciou elle, mal podendo fazer passar a palavra atravez da respiração apressada.

— Que aconteceu, Gonçalo? D'onde vens? Onde está o general?

—O general está preso. O povo está em anarchia. E' preciso fugir immediatamente!

— O general preso! Mas quem o prendeu? Onde é que está?

Gonçalo Alardo, depois de dar tempo a que a respiração se lhe regularisasse, respondeu:

— Depois que Luiz Vasques partiu com o bilhete que o general lhe deu para te entregar, mandou este ordem aos commandantes da Ponte do Porto e da Falperra para retirarem sobre o Porto. Isto produziu geral descontentamento. Ao romper do dia o acampamento estava em perfeita anarchia. O povo dava morras e gritos sediciosos, rasgava as partecipaçoens, abria os officios, e até assassinou alguns correios, gritando e berrando que tudo era entrega, que tudo era traição. O general, vendo então que já não era obedecido, resolveu-se a sahir d'alli, como Villasboas e nós todos lhe aconselhávamos. Montamos então a cavallo, entre morras e pedradas, e tomamos a estrada real do Porto; mas ao chegar a Carapôa,encontramos a ordenança de Vimieiro, que nos cercou, appellidando-nos de jacobinos e dando morras ao general e a todo o estado-maior. Felizmente chegou n'essa occasião uma outra brigada commandada pelo Antonio Bernardo da Silva, o qual, vendo-nos em tal apuro, começou a reprehender aquella gente, e, auxiliado pela que trazia,conseguiu arrastal-a na direcção do Carvalho d'Este, para onde o general lhe deu ordem que marchasse, dizendo que não tardava lá. O Bernardo deu-nos então vinte homens para nos acompanharem, e escoltados por elles continuamos o nosso caminho.

— Ah! snr. ajudante, — interrompeu aqui o sargento-mór — o tal Bernardo não é um homem reforçado, d'estes de pellos nos dedos, um homem cá d'esta feição, entende? um homem como eu?

Gonçalo Alardo relanceou o sargento-mór, e respondeu:

— E' um homem valente como poucos, e que deve possuir grandes forças, como bem o demonstrou n'aquelle lance. Porque pergunta vocemecê isso?

— Valente homem, por alma de meu pai! — bradou o sargento-mór — Conheço-o muito bem. E' um cá dos de Belver e de Puig-Cerdá, entende? Um d'estes que não voltam a cara nem ao proprio belzebú! Vá por diante, snr. ajudante, vá por diante.

Gonçalo Alardo voltou-se para Ayres Pinto, e continuou:

— Como te dizia, seguimos para a frente acompanhados pelos vinte homens que nos deu o Bernardo; porém logo adiante encontramos a ordenança de Tebósa, que, reconhecendo-nos,cercou-nos de repente, dando morras e voz de preso ao general e a todos nós. Quizemos resistir, mas os vinte homens do Bernardo uniram-se logo á populaça,e foram os peiores...

— Ah! marinellos! — interrompeu em voz de trovão João Peres, erguendo no ar o punho hercúleo cerrado convulsamente.

— O general, — continuou Gonçalo Alardo — vendo isto, gritou-nos que era preciso fugir, e metteu esporas ao cavallo. Fizemos todos o mesmo. O Villasboas, o D. João, e o Sarmento,que estavam menos rodeados, conseguiram facilmente desembaraçar-se, atropellando os que lhe ficavam mais próximos. Em quanto a mim, achei-me de repente com o cavallo soffreado pela brida, e eu próprio agarrado de uma perna por um homem, que me aferrou com toda a força. Desfechei a pistola, que tinha empunhada, na cabeça do canalha que se me agarrára ao cavallo; atordoei o que me segurava, batendo-lhe

com a coronha em cheio no cráneo, depois desembainhei a espada, e abri caminho por meio d'aquella infame populaça, que mandou apoz de mim algumas balas, de que felizmente só uma me feriu ao de leve, aqui, no braço esquerdo. O general e o Malheiro não foram tão felizes. Eram os que estavam mais cercados. O Malheiro nem mesmo pôde mexer-se; o general esse lançaram-n'o do cavallo abaixo, e ainda o vi barafustar no meio da multidão...

— Então mataram-no? — exclamaram á uma Luiz Vasques e Ayres Pinto.

— Não sei, mas creio que não. Aquella canalha gritava que o queriam trazer a esse infame barão d'Eben... Mas tu... como é que estás ainda aqui? O general suppunha-te já caminho do Porto...

—O snr. Luiz Vasques chegou ás dez horas da noite. A's onze e meia fiz partir a secretaria e a caixa militar...

— E a familia do general?

— Só se arranjaram almocreves com recovagem para as seis horas. Mas os infames faltaram! A familia do nosso general ainda não partiu.

— Oh! que desgraça! — exclamou Gençalo Alardo, levando com desespêro as mãos á cabeça.

N'esta occasião é que a populaça se lançou furiosa no campo de Sant'Anna, e rolou como vagalhão de mar em tespestade de encontro ás portas do quartel-general. As rijas portas de castanho, chapeadas de laminas de ferro com forte cravação do mesmo metal, rangeram nos gonzos robustos, mas resistiram ao primeiro rolar da terrivel vaga popular. Mais uma, mais duas vezes — e não pudéram resistir mais. Estouraram por fim com terrivel fragor. A multidão allucinada arremessou-se então por ellas dentro, soltando um brado temeroso.

Ao primeiro embate do povo de encontro ás portas, Ayres Pinto e os que estavam com elle recuaram como assombrados pelo estampido de um trovão inesperado. O sargento-mór foi o primeiro que correu ao patamar da escada; os outros puzeram-se n'um momento ao lado d'elle. N'isto as portas arrebentaram, e os amotinados lançaram-se em alarido pela escada acima. Os quatro, auxiliados por alguns soldados e criados que pertenciam á familia de Bernardim Freire, esperaram-nos no alto da escada. A consciencia de que lhes era impossivel resistir pela força, inspirou-lhes a prudencia de quererem resistir pela persuasão. O unico, que vociferava, espumando de raiva e brandindo a histórica espada de Belver, era o sargento-mór. Por fortuna a maior parte dos que vinham na frente dos revoltosos, pertenciam á ordenança do couto de Villar. A cólera, que cegava João Peres, não lh'os deixava reconhecer; mas elles conheceram-n'o bem, e apesar da má vontade que lhe tinham, recuaram instinctivamente diante do seu terrivel sargento-mór.

Mas n'isto, a esposa e os filhos do general, espavoridos de terror, entraram na sala, procurando instinctivamente o unico amparo, a que n'essa occasião se podiam acolher. Era alli que sabiam que estava Ayres Pinto, n'aquelle momento o seu unico amigo, o seu para assim dizer legítimo defensor. Ao entrarem na sala, a população avistou-os. Soltou um grito pavoroso, e arremessou-se pela escada acima. O sargento-mór perdeu de todo a cabeça, e acutilou os primeiros que d'elle se approximaram.

— O' snr. sargento-mór que nos perde! — gritou Ayres Pinto, dependurando-se-lhe do braço, que brandia a espada.

Mas n'isto Ayres Pinto, João Peres, Luiz Vas-

ques, todos emfim os que abarreiravam o topo da escada, vieram parar ao meio da sala, envoltos no capello d'aquella temerosa onda de povo, que para dentro d'ella se arrojára. A esposa do general cahiu logo por terra esbofeteáda por uma virágo furiosa, que primeiro lhe cuspiu no rosto; as filhas, quasi senhoras, e dous meninos de pouco mais de nove annos fugiram espavoridos para dentro da sala contigua.

— Morra a jacobina, morra! — gritou a multidão enfurecida, tentando passar por cima dos quatro amigos e dos creados de Bernardim Freire, que se tinham collocado em parede diante do corpo, quasi inanimado, da pobre senhora.

— E' tempo de morrer com honra! — bradou Luiz Vasques, desembainhando a espada.

Mas aqui o sargento-mór soltou um brado pavoroso, abriu com força os braços hercúleos, e, abrindo-os, atirou de repellão para longe de si os que lhe ficavam mais a geito. Depois parou com os punhos cerrados estendidos para a turba-multa e os olhos chammejantes fitos n'ella. Tinha reconhecido que a maior parte dos amotinados pertenciam á ordenança do seu couto, que tão covardemente o abandonára.

— Ah! Thadeu Capote... pois és tu, alma de cantaro! — balbuciou por entre os dentes cerrados — E tu tambem, Zé do Rio!.. E tu, Zé Perpetuo!.. Ah! ladrões!

Assim dizendo, arremessou-se enfurecido sobre elles, nomeando muitos outros nomes, e distribuindo sôccos monumentaes, porque a espada tinha-lhe fugido das mãos, na occasião da arremettida da populaça para dentro da sala.

Este incidente foi causa da multidão recuar de novo até á escada, porque os homens do couto,

ao ouvirem-se nomear individualmente pelo seu sargento-mór, espavoriram, e lançaram-se de repellão sobre a massa dos amotinados que tinham na retaguarda, fazendo-os recuar com a força d'aquelle impeto para assim dizer machinal.

Luiz Vasques concebeu a ideia de aproveitar aquella occasião para salvar a esposa de Bernardim Freire. Tomou-a de repente nos braços, e lançou-se com ella para dentro da sala contígua. Apenas dentro, as creanças rodearam-n'o, e aferraram-n'o espavoridas. O pobre moço não sabia o que havia de fazer. N'isto abriu-se a porta que dava para os quartos interiores, e no limiar della appareceu um homem roto e esfarrapado, com uma espada velha na mão. Luiz Vasques sentiu pela primeira vez o que era o verdadeiro terror; mas de subito as feiçoens reluziram-lhe cheias de esperança.

Tinha reconhecido o roto. Era *De profundis*.

—Luiz, Luiz!—disse o pobre idióta, correndo para elle, com as feiçoens animadas pelo brilho da intelligencia, que relampejava momentáneamente n'elle, despertada pela solemnidade d'aquella occasião—foge por aqui...vai ter ao páteo... e de lá á rua. Está tudo deserto... Foge... foge...

— Ajuda-me a conduzir esta senhora—disse-lhe Luiz Vasques, apontando para a esposa do general.

— Tu... tu primeiro! Segue-me... foge...

— Se me estimas, Francisco, ajuda-me a salvar esta mulher! — exclamou Luiz Vasques com desespêro, ouvindo troar na sala um novo grito enfurecido.

— *De profundis clamavi*... *Requiem eternum* — entoou o idióta, apurando o ouvido.

Depois lançou n'um relance sobre os hombros

o corpo desanimado da esposa de Bernardim Freire, e deitou a correr, gritando :

— Segue-me... Foge, Luiz! O Braz anda em tua busca... Foge...foge... *Requiem eternum.*

Luiz Vasques arremessou-se atraz d'elle, seguido pelos filhos do general, que foram apoz o corpo da mãi, e apoz do homem em quem achavam protecção.

De profundis e Luiz desceram por uma escada que conduzia ás lógeas da casa. Por fim pararam n'uma quadra meia subterránea, que servia de armazem,e para dentro da qual entrava a luz por um postigo resguardado por fortes varoens de ferro e pelas fendas da rija porta de castanho, que se abria sobre o páteo das trazeiras do edifício.

O idióta depoz o corpo sobre os últimos degraus da escada de pedra, por onde se descia para a lógea, e depois de o contemplar um minuto, fez sobre elle o signal da cruz, e entoou em cantochão funerário :

—*De profundis clamavi... Requiem eternum.*

As pobres creanças, encolhidas umas contra as outras, olhavam espavoridas para aquelle espectro coberto de andrajos, que psalmeáva fúnebremente sobre a sua pobre mãi. Luiz Vasques aproximou-se d'ella, e poz-lhe a mão sobre o coração. O rosto do moço senhor de Encourados demonstrou bem ao vivo que aquelle coração ainda batia, e que em logar de um cadaver, havia alli apenas uma mulher desmaiada.

— Francisco, — disse então Luiz Vasques— fica tu aqui de vigia, que eu vou ver se posso salvar o sargento-mór de Villar.

— E' verdade ... é verdade — balbuciou o idióta, passando a mão pela fronte. — E eu que me não lembrava...que me não lembrava! João Peres

não deve morrer ... não deve morrer... não deve morrer...

E dizendo, galgou de um só pulo quatro degraus da escada, e desappareceu logo por ella acima, entoando o seu cantochão favorito.

N'este intervallo um incidente tão repentino, como imprevisto, tinha salvado o sargento-mór e todos os outros defensores da familia de Bernardim Freire.

Ao mesmo tempo que *De profundis* appareceu a Luiz Vasques, troou na praça um brado pavoroso de entoação entre a raiva e a acclamação festival.

— Morram os jacobinos !

— Viva o barão d'Eben !

— Viva o nosso general em chefe !

— Vivam os verdadeiros amantes da pátria!

Taes eram os brados que atroavam em vozeria a vasta esplanada do campo de Sant'Anna, e que, chegando emfim á populaça que estava tumultuando dentro do quartel-general, arrancou-lhe aquelle terrivel brado, que apavorou Luiz Vasques e *De profundis*.

Ao soltal-o, a multidão arremessou-se de roldão pela porta fóra, e lançou-se em onda sobre a turba-multa que estava no campo.

— Pelo inferno, que será isto ? — gritou o sargento-mór, correndo a uma janella.

Mas Ayres Pinto e Gonçalo Alardo tratavam já de as fechar.

— Então, por vida minha ! .. — exclamou João Peres entre suspenso e contrariado.

— Subamos ao andar de cima, snr. sargento-mór; — disse Ayres Pinto — lá temos lugar mais azado para podermos vigiar sem perigo.

Ao ouvir estas palavras Gonçalo Alardo dei-

tou a correr pelas escadas do segundo andar acima. Ayres Pinto e o sargento-mór seguiram apoz elle. Quando chegaram, acharam-n'o já de pé sobre uma cadeira, espreitando por um postigo dos que havia nas portadas das janellas, o qual conservava cautellosamente entre-aberto. Todas as outras janellas tinham sido fechadas pelos criados.

— Sabem o que é? — bradou Gonçalo Alardo, mal os dous entraram na sala — E' o Eben, a cavallo, cercado de populaça a gritar amotinadamente. Ouvem? Acclamam-n'o general. Elle lá falla. Silencio! Mas que estará dizendo aquelle maroto?.. Lá o acclamam de novo. Oh! que excellente general! Lá se dirige para casa...

Aqui Gonçalo Alardo interrompeu-se, soltando um grito pavoroso, e estirando-se pelo postigo fóra com os olhos brilhantes de affliççåo.

— Que é? que aconteceu? — exclamou Ayres Pinto, mal podendo conter o sargento-mór, que queria á fina força trepar tambem acima da cadeira.

— O general... o general... — balbuciou por fim Gonçalo Alardo — sem espada, sem chapéu, roto, ensanguentado...

— Pelo inferno! — rugiu João Peres, procurando uma cadeira.

Ayres Pinto correu para Gonçalo Alardo, e exclamou:

—Por Deus, Gonçalo, o que vês?... Deixa-me ver...

— O general — continuou o ajudante de campo em voz angustiada — entre a populaça... Dous rotos seguram-no pelos braços... Oh! canalha infernal, lá lhe dão com um animal morto na cara, lá o esbofeteiam... Está perdido! está perdido!.. Vem desorientado, com os olhos espantados.

— E Eben?.. e Eben?..

—Está fallando á gentalha. Traidor! que dirá elle? A plebe escuta-o, mas elle falla como por demais. Lá desmonta. O general dirige-lhe a palavra... Villão! infame! Lá entrou em casa, lá o deixa só e entregue á populaça... Ah!..

E aqui Gonçalo Alardo soltou novo grito.

— Por Deus, Gonçalo, por Deus!.. —balbuciou Ayres Pinto.

— Um roto atirou uma estocada ao general. Este fugiu para dentro da casa do barão d'Eben. A populaça arremessou-se enfurecida apoz elle. Canalha!... canalha!...

— Por alma de meu pai! — bramiu o sargento-mór, e lançou-se a correr pela escada abaixo, levando na mão empunhada a espada de Belver, que apanhára do chão, antes de subir com Ayres Pinto ao segundo andar.

A cólera inflammára a coragem e o carácter generoso do sargento-mór de Villar. Aquelle enfurecimento levava-o cegamente ao meio da populaça, entre a qual se ia arremessar ás cutiladas, e pela qual seria infallivelmente despedaçado. A Providencia valeu-lhe, embaraçando-lhe o caminho desatinado, da maneira que vou dizer.

Mas antes é preciso que o leitor saiba o que aconteceu a Bernardim Freire, depois que se refugiou dentro da casa do barão d'Eben. Este, que fôra um dos mais activos provocadores d'aquellas scenas anárchicas, em que a vida do general em chefe redemoinhava sem esperança de salvação, tomára por fim medo á propria obra. Como todos os revolucionarios, achava-se dominado pela revolução. Por um lado não tinha a coragem precisa para arriscar a popularidade, que o abroquelava a elle, no empenho de acalmar a vertigem da plebe;

por outro a ambição e o odio auxiliavam-lhe o medo, que o persuadia a deixar Bernardim Freire entregue ao furor da allucinação do povo, que já ninguem podia affrontar sem perigo.

Quando Bernardim Freire entrou, fugindo, para dentro da casa do barão, o povo arrojou-se apoz elle, e com elle chegou até á sala, onde Eben, para assim dizer, se refugiára tambem. O alarido era infernal, e o populacho tumultuava feroz e desenfreado de todo.

— Salve-me! salve-me! — exclamou Bernardim Freire, correndo para elle.

— Deixe-me! — bradou Eben quasi espavorido— Não me sacrifique tambem aos resultados do seu procedimento desatinado!

— Salve-me! salve-me! — continuou o general, inteiramente dementado pelo terror.

O barão quiz soltar-se da preza, com que Bernardim Freire o aferrára. Não pôde porém. N'isto o povo invadiu medonhamente a sala, onde elles estavam, dando morras em voz entoada por ferocidade verdadeiramente selvagem.

A este alarido, Eben tornou sobre si, e conseguiu apparentar serenidade.

— Amigos, já mandei tocar os sinos a rebate, para reunir toda a gente — bradou em voz trémula — A ordenança que forme toda em linha na praça, para irmos para o Carvalho d'Este, esperar os francezes...

— Morra o traidor!

— Morra o jacobino!

A estes brados, soltados ferozmente pela populaça, que estava dentro da sala, correspondeu casualmente o estrondo de muitos tiros disparados da parte de fóra; e ao mesmo tempo algumas balas penetraram pelas táboas das adufas. O povo soltou

um uivo pavoroso, e rolou-se contra Bernardim Freire, que n'um momento se anteparou por traz do barão.

Este deu dous passos á frente, abriu os braços como que para suster a turba-multa, e bradou que o ouvissem. Estava pállido como um cadaver, e tinha a vista desvairada pelo terror, muito natural em lance tão apertado e medonho.

— Senhores, — exclamou em algaravia, mixto de bretão e portuguez mascavado — este homem deve ser julgado antes de ser castigado. O povo não deve fazer justiça por suas mãos. Os grandes crimes devem ser punidos pela vara da justiça. Levem-n'o preso para o aljube, para ser processado como a lei manda.

— Muito bem, muito bem! — bradou a populaça — Viva o snr. barão d'Eben! Viva o nosso general! Vá para o aljube! Seja julgado o jacobino!

Eben arredou-se então para o lado, e a multidão apoderou-se do general, que a fitava com olhar espavorido, automáticamente e como homem assombrado pelo raio. Depois empurrou-o para a escada, e sahiu com elle para a praça, onde já se tinha espalhado a noticia de que o barão mandára prender o general no aljube. (*)

Entretanto, o sargento-mór, ao correr para o patamar, que da sala do conselho dava para a escadaria do palacio, achou *De profundis* entre si e a porta.

— Por ali, por ali! — bradou o idiota, segurando-o por um braço, e apontando para a sala, para onde Luiz Vasques fugira com o corpo desanimado da esposa de Bernardim Freire, quando a populaça invadiu o quartel-general.

(*) Vid. nota X.

João Peres desembaraçou-se-lhe com força da preza, e voltou-se furioso para elle.

—*De profundis clamavi*—entoou o idiota, sem se desviar, e encarando-o com o olhar vago e tímido que lhe era natural.

João Peres cahiu em si, e reconheceu o.

— Onde está o morgado?— bradou rijamente.

— Por alli... por alli... E' fugir... é fugir, senão... *Requiem eternum.*

O sargento-mór seguiu *De profundis*, que, ao dizer aquellas palavras, o tornára a empolgar pela manga. Em poucos segundos achou-se junto de Luiz Vasques.

— Pelo inferno!—bradou João Peres ao pôr os olhos n'elle e sem reparar na companhia, em que o encontrava— Lá está o general preso; matam-n'o de certo!

— Snr. João Peres!—exclamou Luiz Vasques, fazendo-lhe signal para que reparasse na esposa de Bernardim Freire, que já tinha voltado a si, e que estava sentada a seu lado, rodeada pelos filhos e com a cabeça mergulhada entre as mãos.

— Matam-n'o, pelo inferno! matam-n'o, aquelles bargantaços!—continuou o sargento-mór sem attender—Matam o mais valente soldado de Belver e de Puig-Cerdá, entende?

— Vamos ver se o salvamos!—bradou Luiz Vasques, para desviar João Peres para fóra d'ali.

Mas ao dar dous passos para a escada, que levava ao andar superior, a esposa de Bernardim Freire ergueu-se, e tomou-o pelo braço.

— Snr. Luiz Vasques,— disse serenamente— não nos abandone! Fique, peço-lhe pelo amor de Deus que fique!

— Porém, minha senhora, seu marido corre grande perigo, é preciso ver se o podemos salvar!

— Meu marido! — disse tristemente a pobre senhora — Meu marido está morto! A vontade de Deus seja feita! Peço-lhe pela amisade que lhe tinha, que veja se póde salvar meus filhos!

— V. exc.ª illude-se minha senhora; talvez que ainda seja possivel salvar o general.

— Meu marido morreu! Não abandone meus filhos!

Estas palavras foram ditas em tom tão supplicante e tão triste, que o sargento-mór sentiu os olhos cheios de água, e pareceu-lhe que lhe queria arrebentar o coração.

— Raios de diabos! — bradou, correndo para junto da escada — Eu não saiho d'aqui... d'aqui não sahe ninguem, entende? E se cá vierem, por alma de meu pai!...

— *De profundis clamavi... Requiem eternum* — entoou funebremente o idjota.

E n'isto ouviu-se um brado pavoroso e muitos tiros disparados na praça.

— *De profundis*, corre, vai ver o que é! — exclamou Luiz Vasques.

A esposa do general soltou um grito, e escondeu a cabeça entre as mãos; os filhos apertaram-se com ella a gemer e a soluçar.

— *De profundis clamavi* — entoou de novo o idiota, e lançou-se a correr pela escada acima.

Depois que elle sahiu, tudo alli ficou em silencio, e como espiando os acontecimentos pelos differentes sons que vinham da parte de fóra. Primeiro ouviram uma vozeria infernal, o alarido da allucinação da plebe, entremeada com o som de muitos tiros de espingarda. Depois aquelle alarido foi pouco e pouco diminuindo, como que retirando para longe. Assim estiveram um longo espaço de tempo sem sentir outra cousa mais que o contínuo

rebate dos sinos e o surdo rugir d'aquella tempestade. Por fim ouviram o rufar de tambores, o vozear de muita gente, e pouco depois um alarido medonho, tiros, brados de ferocidade selvagem, e por ultimo o tropel de muita gente que de novo invadia o quartel-general. N'este momento até o proprio sargento-mór sentiu treparem-lhe pelas costas acima os calafrios do medo. Passados alguns minutos, aquelle tropel de gente diminuiu, diminuiu, até que se desvaneceu totalmente. Os tambores principiaram a tocar em tom de marcha; sentiu-se o som de passos ordenados de muita gente, e por fim tudo voltou ao inalteravel e surdo borborinhar da revolta. Um quarto de hora depois, *De profundis* tornou a apparecer.

— Que foi o que aconteceu? — exclamou Luiz Vasques, correndo para elle.

— *De profundis clamavi... Requiem eternum!* —respondeu *De profundis* em cantochão, e traçando no ar uma grande cruz com o braço estendido e a mão espalmada.

— Que aconteceu por Deus! que aconteceu? —bradou Luiz Vasques, sacudindo-o pelo braço que aferrára.

— O povo... o povo ..— disse o idiota, encaminhando se, torto para um lado, para o meio da quadra — foi buscar a Tibaens o engenheiro, o Villasboas... Dizem que os frades o não queriam dar... Fortes parvos! Depois trouxe-o para aqui... para aqui... e depois *De profundis clamavi... Requiem eternum...*

— Mataram-n'o !?

— Deram-lhe uns tiros, deram-lhe uns tiros... e depois... e depois, atacaram-no com espadas e chuços... furaram-no de banda a banda; e depois puzeram-lhe uma corda aos pés, e depois...

De profundis... De profundis! e depois, zás, lá o levaram arrastando para onde estava o outro, para o monturo...

— O outro! Mas que outro?

— Ah! sim... o tal... o tal general. Era homem alto, grosso,— continuou *De profundis*, coçando por cima da orelha — assim como vocemecê, snr. Villalobos. A-dei pegaram d'elle, e foram-se com elle aos encontroens, e, aos apupos, e ás pedradas, cuspindo-lhe, e dando-lhe com um gato morto, atirando-lhe lama... e, assim como lhes digo, levaram-n'o ao aljube. A-dei, senhores, depois, e depois, vão-lhe buscar um padre. O pobre... o pobre... coitadito! pediu que o não matassem sem confissão...

— Francisco, por Deus, calla-te! — exclamou Luiz Vasques.

— Deixe-o fallar! — disse a viuva de Bernardim Freire em voz medonhamente entoada, mas firme e serena como se sahida de dentro de uma estátua de bronze.

— A-dei, senhores, — continuou o idiota — a-dei, logo que o padre o confessou, deitaram-se a elle ás chuçadas, e depois... atiraram-n'o pela escada abaixo. O povo aferra-o, despedaça-o, e depois... e depois... *De profundis clamavi... Requiem eternum...* Zás, e com elle na *estriqueira* da prisão...

Aqui a esposa do general soltou um gemido, e cahiu como morta. Luiz Vasques levantou-a, contemplou-a tristemente por alguns minutos, depois deixou-a com a cabeça no regaço da filha mais velha, e dirigiu-se para onde estava o sargento-mór, que a tristeza d'aquella scena havia tornado mudo.

— Snr. João Peres,— disse-lhe, apartando-o

a um lado — é preciso salvar esta desgraçada familia!

— Por alma de meu pai! Isso nem se pergunta, entende?—exclamou o sargento-mór.

— Mas para a salvar é necessario procurar os meios. Vou sahir para dar as providencias precisas. Rogo-lhe que fique com ella, entretanto que eu vou...

— Isso não, por satanaz! — bradou o sargento-mór—Eu é que vou sahir. Por alma de meu pai! Nunca se dirá que um velho soldado de Belver e de Puig-Cerdá ficou á lareira, e deixou ir outro correr o perigo...

— Snr. João Peres, volte a si. Não temos tempo a perder. E' preciso ser rasoavel. Vocemecê bem vê que o tempo aperta...

— Quem vai sou eu! —gritou rijamente o sargento-mór—quem vai sou eu, e tenho dito! Entende? E não me diga que não, pelo inferno! Sei o que faço! Quem vai sou eu. Dentro em poucas horas, snr. Luizinho, darei rumor de mim. Até então não se bula d'aqui, entende? Sei o que faço!

Assim dizendo, encaminhou direito á escada.

— *De profundis*, anda, meu homem — disse então—vai tu adiante á descoberta. Vê em que força está o inimigo ahi fóra no campo.

O idiota subiu vagarosamente a escada.

— Anda, prestes, homem, anda ligeiro, entendes?— bradou-lhe João Peres.

Depois voltou dous passos atraz, aproximou-se de Luiz Vasques, e disse-lhe commovido e com intimativa:

— Não a deixe, coitadinha! Não a deixe, pelo inferno! Eu darei conta de mim, entende? Sei o que faço.

Assim dizendo, subiu a escada, e desappareceu precedido por *De profundis*.

Uma hora depois o idiota tornou a apparecer, trazendo comsigo um bilhete do sargento-mór, que aquietou a impaciencia e o quasi desespero, em que aquella tardança puzera o moço senhor de Encourados. No bilhete João Peres escrevera em letra garrafal, mas que bem demostrava a sua primitiva educação fradesca, as palavras seguintes:

— Perca o cuidado; tudo vai bem. A's nove horas da noite eu e o meu amigo José Anastácio, coronel das milícias de Penafiel, iremos ahi ter pela porta das trazeiras. O signal são tres pancadas com os nós dos dedos na porta, e o santo — Encourados. — Estão tomadas todas as providencias para sahirmos sem perigo para fóra da cidade.

XI

Vi nuvens de paus alçados
Pelos cumes dos outeiros...
....
Vi os campos innundados
De gentes vagas incertas,
Vi as estradas cobertas
De cacheiras e cajados.

N. TOLENTINO.

Batiam dez horas da noite no relogio da Sé de Braga, quando o coronel das milícias de Penafiel sahia para fóra da cidade com a familia do desgraçado Bernardim Freire. Acompanhavam-n'o, a pé, o sargento-mór de Villar e Luiz Vasques de Encourados.

A par de Tebósa, até onde tinham caminha-

do por desvios e travessos conhecidos pelo almocreve, em cuja récova cavalgava a triste comitiva, o sargento-mór e Luiz Vasques pararam para tomar o caminho que levava a Villar, e que ahi se bifurcava com a estrada real do Porto, para onde os outros se dirigiam.

A despedida foi dolorosa. As lágrimas e os soluços abafavam as sentidas expressoens da gratidão da triste viuva. O próprio João Peres sentiu os olhos húmidos de lágrimas, e, para desentalar-se da commoção, jurou enérgicamente que havia de vingar bem vingada a morte do seu velho camarada de Puig-Cerdá e de Belver.

Por fim partiram. Luiz Vasques, immovel e com os olhos fitos n'aquella infeliz familia, viu-a alongar pela estrada fóra e por fim desapparecer n'uma das voltas d'ella. O moço senhor de Encourados estava mergulhado em íntimo pensamento, que de todo se assenhoreára d'elle. Ainda um certo tempo depois de os viajantes terem desapparecido, continuou immovel e com o olhar fitado na estrada, abstracto, alheio de si e de tudo o que o rodeava. João Peres comia-se de impaciencia por aquella demora; mas no olhar e no porte do companheiro luzia um certo quê de tristeza e de melancolia, que lhe embargava a palavra, e lhe continha, a pesar seu, os impetos do agastamento. A julgar pelo rosto de Luiz Vasques, dir-se-ia que toda aquella gente ia caminho do cadafalso. Seria a compaixão que assim o animava, ou seria o presentimento, de que, d'ahi por tres dias, aquella pobre senhora e aquellas pobres creanças, que tinham visto despedaçar o esposo e o pai, e que, sem saber pelo quê, tinham sido, por tantas horas, o alvo do furor vertiginoso da populaça, haviam de ser de novo detidas *na passagem* do Souza, e conduzidas entre apupos

e insultos ao Porto, onde por novo milagre foram salvas pela influencia do bispo D. Antonio de Souza?

Depois de longo espaço de total alheamento de si, Luiz Vasques acordou.

— Vamos, snr. João Peres; — disse elle — aqui já nada nos resta a fazer. Veja em que estado se acha a provincia! E isto com o inimigo peito a peito! Olhe o que lá vai para o lado do Carvalho d'Este!

De facto, do lado, para onde apontava Luiz Vasques, ouviam-se descargas e descargas de fuzilaria, e o surdo mas continuado alarido de uma batalha ao longe. Os dous dirigiram-se ao cabeço de uma collina, d'onde se avistava grande tracto de território, e olharam n'aquella direcção. Por entre a nebrina condensada pela fumaceira, fuzilava quasi que ininterrompido o clarão da fuzilaria, cujo estampido se ouvia distinctamente em razão do vento soprar d'aquelle lado. A linha do fogo, apesar de extensa, semelhava apenas uma nesga no vasto espaço que a vista abarcava do alto d'aquella collina. O resto porém não contrastava pelo socego com aquelle ruído. Por toda a parte a desordem se manifestava plenamente. Os sinos tocavam sem cessar a rebate, aqui e alli ardia uma casa, acolá queimava-se em vasto incendio uma matta, d'aquelle ponto subia confuso e medonho borborinho, e no todo serpeávam milhares de lumes, que iam e vinham, cruzavam-se, apagavam-se e reviviam, correndo, detendo-se e luzindo na escuridão como as estrellas cadentes luzem, chispando, no céu em noite calmosa de estio.

— Veja em que estado está a provincia, snr. João Peres; — repetiu Luiz Vasques — olhe até onde a allucinação arrasta a populaça! Ali — conti-

nuou, apontando para o Carvalho d'Este—combate-se o inimigo peito a peito; e em derredor — espectáculo pasmoso!—o povo tumultua desenfreado, despedaçando os meios de defeza e auxiliando com o furor vertiginoso os próprios inimigos! Isto é que é a realidade da loucura das naçoens! Quando chegam a este ponto, a destruição é inevitavel. Luctar contra ella, é luctar contra Deus, que a decretou! Estes loucos estão arrancando com as próprias mãos as entranhas, por que Deus quer que se lhes affigure que é d'esta fórma que se remedeiam contra o mal que os acossa!

—Por vida minha!—rosnou João Peres, compenetrado da verdade das palavras do moço senhor de Encourados e sentindo instinctivamente a impossibilidade de resistir ao turbilhão, que cavava a voragem, onde a populaça sumia um a um os escassos recursos, que tinha então Portugal para résistir á invasão.

Os dous continuaram então a caminhar silenciosos em direcção a Villar. Por toda a parte se desenrolava diante d'elles a realidade medonha do quadro, que do lado da collina tinham presenciado em globo. Era um estado de confusão e desordem indiziveis. Aos furores da anarchia acrescia o terror e o estonteamento da população. Pelos campos e pelas estradas vagavam homens e mulheres perdidos e como dementados. Uns corriam enfurecidos e terriveis, outros conduziam as familias e os haveres, que pretendiam transportar d'este para aquelle ponto. A cada passo se encontravam carros cheios de bagagens, uns roubados e com roupas e ricos fatos espalhados em derredor, outros guiados ainda por carreteiros e escoltados pelos donos, mas correndo risco imminente de serem assaltados pelos bandos de furiosos, que por toda a

parte divagavam. Não era raro encontrar cadáveres de assassinados, nem tambem cavalgadas mettidas ferozmente a saco e a insulto pelo populacho. Era, n'uma palavra, uma confusão e uma anarchia medonha e aterradora, a referver de tal fórma no espírito popular, que nem a própria noite fôra capaz de a serenar um momento.

O morgado e João Peres caminharam por atalhos e desviando-se d'onde viam mais enfuriado o tumulto, até que entraram em Encourados. Ahi separaram-se, e João Peres tomou o caminho de sua casa, que, como o leitor já sabe, era em S. João de Areias.

Luiz Vasques ficou como suspenso na resolução que devia tomar, mas por fim começou a subir a montanha, na direcção á planura. Quasi no alto, viu passar a curta distancia de si um homem a correr. Reparou, e conheceu o idiota, que em Braga se tinha separado d'elle, logo depois que lhe levou o bilhete do sargento-mór.

— Francisco, Francisco — gritou Luiz — para que vaes correndo assim?

O louco parou.

— *De profundis clamavi* — entoou, reconhecendo-o; e estendeu o braço descarnado na direcção de S. João de Areias.

Depois continuou a correr, e em breve desappareceu no alto da planura.

A's palavras e ao gesto do louco, Luiz Vasques voltou-se na direcção para onde elle apontára, e olhou abalado por certo sentimento de terror e de anciedade, que de subito o assenhoreára. Aquella era a direcção da casa de João Peres de Villalobos, da casa onde vivia Camilla. Via-se ella branquejando tibiamente, ao longe, á baça claridade do luar. Nada *mais se podia* enxergar atravez d'aquelle cla-

ro-escuro nebrinoso, do meio do qual se destacava a casa. Pareceu-lhe porém que d'aquelle ponto subia ruido mais que vulgar, alarido que assemelhava o tumultuar da anarchia, a que em Braga tinha assistido. Estremeceu com este pensamento. Apurou o ouvido, affirmou-se mais; mas ora lhe parecia arruido mais que natural, ora se lhe affigurava que nada mais ouvia que o surdo rugir da tempestade, que agitava todo o território comprehendido entre o Déste e o Cávado. A aragem do leste frigidissimo passava de quando em quando, e, sussurrando por entre as folhas do arvoredo, truncava-lhe e confundia-lhe o fito da perspicacia, em que o ouvido ás vezes se lhe ia de grau em grau apurando, a ponto de o esperançar de que poderia por fim estremar o som do que se passava n'aquelle ponto, e o que nascia do arruido da confusão geral. Estas intermittencias de contratempos e de esperanças mallogradas desesperavam-n'o. Hesitou no que tinha a fazer, mas por fim decidiu-se a subir para o alto da planura e a dirigir-se á ermida, onde Fernão Sylvestre habitava, como o leitor já viu n'outro capítulo.

Entretanto João Peres tinha ido ávante em direcção da casa. Ao descer de Encourados para S. João de Areias, deu com os olhos na casa da sua habitação, e affigurou-se-lhe o mesmo que a Luiz Vasques se tinha affigurado, porém a elle mais distinctamente, em razão de ser mais curta a distancia. Apressou o passo, affirmando o ouvido, e quanto mais se aproximava, mais se certificava de que junto da casa onde habitava, havia, pelo menos, grande tumulto e alarido. A lembrança da filha dava-lhe azas. Chegou por fim, e viu o que era.

A casa estava cercada por uma multidão de *furiosos*, que, a altos brados lhe davam morras, appellidando-o de jacobino, de traidor e de amigo de

jacobino de Encourados. Mas não era só em vozes descompostas, que a allucinação rancorosa do povo se despeitorava. Havia um perfeito cêrco e um assalto completo, repellido da parte de dentro com energia e coragem, mas que por fim de contas ameaçava desfechar em desastre, em razão da multidão do povo.

Havia mais de uma hora que aquella gente se conglobára alli. Ao chegar, achou o Trinta e tres prevenido. Avisára-se a tempo, e trancára, e aferrolhára as grossas portas de castanho acouraçadas de láminas de ferro. Depois distribuiu em logares convenientes os criados armados de espingardas; fizera recolher Camilla e as criadas ao logar mais seguro da casa, e sahira a rondar os pontos de defeza, assegurando as mulheres de que nem o proprio satanaz lhe entraria á força em casa, e depois asseverando a cada um dos defensores que fuzilaria, em processo summarissimo, o primeiro que désse signal de medo.

— Façam o que eu fizer, — assim concluiu a allocução bellicosa—e quem me vir ter medo, com trezentos diabos! dê-me um tiro, que d'aqui para todo o sempre lhe perdôo a morte!

N'este intervallo a multidão atroava o páteo com alarido infernal de morras e de vitupérios. De repente houve silencio, e do meio dos assaltantes sahiu em alto brado uma voz, que chamava o Trinta e tres pelo nome. Chamou uma e muitas vezes, e já ia enrouquecendo de berrar, quando se abriu o postigo da portada de uma das janellas, e se ouviu a voz do Trinta e tres, que bradava:

— Quem me chama, com trezentos diabos?

— Sou eu, snr. Rodrigues.

— Quem é você?

— Amigo. Preciso fallar-lhe.

— De noute não conheço flamengos! Adeus, meu amigo. Temos conversado! Retire-se para lá, senão arrumo-lhe um tiro!

— Da parte do principe regente, nosso senhor —disse então o parlamentário—ordeno-lhe que abra as portas. Temos ordem de conduzir preso para Braga o dono d'esta casa, accusado de inconfidente, hereje e jacobino!

A resposta foi fechar-se de repente o postigo. Ao mesmo tempo ouviu-se da parte de dentro a voz de fogo, e partiram seis tiros, disparados atravez dos buracos, que ainda ha pouco era de uso haverem nas portas e janellas das casas ricas do Minho, para se poder fazer fogo em caso de salteadores. Estes buracos, redondos e feitos á broca em toda a espessura das grossas portas de castanho, eram, e ainda são hoje, do adarme do cano de um bom esmerilhão.

A esta provocação, de que cahiram feridos dois amotinados, o povo soltou um brado ferocissimo, e rolou-se de encontro á casa do sargento-mór. Mas outros seis ou oito tiros, e algumas pedras despedidas de cima dos telhados, estenderam por terra uns poucos de homens, e fizeram recuar a multidão a uivar como fera irritada. As balas e as pedras choviam nas janellas e nas portas. Tentaram algumas vezes pegar fogo ao portão principal, mas de todas o atrevido que se aproximou ou ficou sem vida, ou cahiu mal ferido por terra. O povo estava louco de furor. O assalto tornou-se geral por todo o edificio; mas por toda a parte a resistencia era egual. De dentro d'aquella casa não sahia um só grito, uma só voz; sahiam unicamente balas, e despediam-se pedras e trastes do alto dos telhados, quando menos se esperava, e quando faziam maior damno. A confusão era horrivel, e a briga tornára-se capricho,

fizera-se instincto de vingança, e da vingança de que é capaz a gente das margens do Cávado. Sobre a casa choviam as balas, as pedras, e grandes tiçoens arrancados das fogueiras, que ardiam no páteo. Tudo porém parecia inutil, porque as portas não se abriam, e o fogo não pegava lançado d'aquella fórma.

Entretanto dentro da casa a confusão não era menor, em razão do medo das mulheres. Logo aos primeiros tiros Camilla desmaiára. A pobre menina, cuja sensibilidade e doçura de espirito desharmonisavam com tudo que não fosse o perfume das flores, o azul mavioso do céu, e a poesia do amor-sensitiva, cahira logo aos primeiros rumores do arruido, como cahe a flor esmagada pelo pé grosseiro e brutal do cegador, que passa sem attentar para a frescura e para a graça, com que as flores aprumam as coróllas e expandem os aromas aos primeiros raios do sol. Assim cahira aquella pobre e franzina innocente. Primeiro tremera, depois desmaiára; primeiro sentira entibiar a frescura, depois emmurchecera—como as flores esmagadas. Ao sentil-a em delíquio, as mulheres levantaram pavoroso berreiro; vendo-a pállida como um cadáver, e sem acudir aos tratos brutaes, que lhe davam para lhe despertarem o sentir, perderam a cabeça, e algumas correram como loucas em busca do Trinta e tres.

O veterano commandava com todo o sangue frio a defeza, quando o arruído do mulherio invadiu a sala, e fez estremecer os defensores.

— Fogo! — bradou o velho soldado--firmes, com trezentos diabos! O' Chanisco, se te mexes, racho-te! Estás com trombas de medo, alma de diabo! Fogo!.. Que me querem vocês, feiticeiras? Fogo, pelo inferno! fogo!

E, soltando-se das mulheres, correu ás outras

salas, voou ás aguas-furtadas, dando ordens, e providenciando convenientemente. As mulheres porém não o largavam; seguiam-n'o dando berros e gritos desentoados. O Trinta e tres teve tentaçoens de as enfileirar n'um relance,e n'um relance despachal-as tambem de um só tiro. Mas por fim percebeu as vozes que davam, e que se cifravam em gritar que a menina estava morta. O pobre soldado sentiu estacarem-se lhe os cabellos; olhou como louco em volta de si, e estendeu a sôco por terra as tres endemoninhadas que o perseguiam. N'isto um brado mais atroador da multidão, e ao mesmo tempo uma formidavel marrada na porta de entrada, fizeram-lhe dar um salto sobre si mesmo.

N'um momento reconheceu o perigo em que se achava. Os amotinados tinham ido buscar uma trave, e faziam d'ella vai-vem para arrombar a porta.

— Aqui, Chancudo; aqui, Chanisco ; aqui, almas do diabo ! — gritou o veterano, mettendo a espingarda por uma das setteiras da porta, que já dava de si.

Os tres criados, que acudiram, fizeram o mesmo,e, á voz de fogo,os quatro tiros partiram ao mesmo tempo. Apoz elles ouviu-se um brado pavoroso, gritos de dôr, e o som da trave, que rolava pela terra.

— Estes ladroens vão começar outra vez ! — disse então o Trinta e tres,pállido mas impávido— A porta não poderá resistir muito tempo. Aqui os esperaremos, rapazes ! O' Chancudo, aqui é que te quero ver, homem ! Se eu morrer, é correrem para o quarto da menina, e, pelo inferno ! se me deixam chegar alguem a ella, racho-os !

O veterano, no ardor do enthusiasmo, esquecia a circumstancia de não poder realisar a amea-

ça depois de morto. Ao desfechar n'ella o discurso, sentiu-se nova marrada na porta, e novo grito da turba-multa.

— Fogo! — bradou elle, mettendo pela setteira a espingarda outra vez carregada.

Apoz os tiros, ouviu-se novo brado, mas apoz do brado soou nova pancada do vai-vem de encontro á porta, que d'esta vez estoírou, e quasi ficou arruinada de todo. Mais outra marrada, e tudo estava perdido.

Mas n'isto ouviu-se grande alarido no páteo, e vozes de quem pelejava no terreiro; sentiu-se o som do vai-vem cahindo por terra, e logo o tumultuar confuso de gente que fugia.

Seria porventura alguma das proezas de Roldão realisada pelo sargento-mór de Villar?

João Peres chegára na occasião em que o vai-vem batera pela primeira vez na porta. Ao ver cercada a sua propriedade e ameaçada a sua querida Camilla pelo furor da turba-multa, João Peres sentiu-se assenhoreado pelo terror. E não era para menos. Que valia um homem só contra tantos? Sem saber o que fizesse, poz-se a olhar um momento para aquillo que estava diante d'elle. Ao ver marrar pela segunda vez o vai-vem, levou com desespero as mãos á cabeça, depois puxou da espada, e ia a arremessar-se para o seio da multidão, quando sentiu tropel de muitos cavallos, correndo a trote rasgado pela estrada de Encourados. Aquella cavalleria, em numero ao todo de dezeseis homens, entrou de repellão pela porta da quinta, e arremessou-se de subito sobre os amotinados. Minutos depois appareceu tambem, correndo pelo caminho fóra, uma vintena de aldeoens armados de espingardas, de chuços e de foices roçadoiras, que entraram o portão, aos brados de —

— Viva o sargento-mór de Villar!

— Morram os ladroens!

João Peres achou-se, então em campo de amigos. Empunhou a espada, e na frente do soccorro de pé arremessou-se, como um toiro sobre a turbamulta.

Esta começava já a debandar em fugida, saltando por cima do muro e espalhando-se em differentes direcçoens. E não era para menos, que os de cavallo acutilavam sem dôr nem consciencia, e de cada cutilada era homem inutilisado por terra.

— A elles, rapazes, a elles! Não escape um só! — gritava em voz estentória o mais dianteiro dos cavalleiros, que pela voz, pelos gestos e pela corporatura affigurava Fernão Silvestre de Encourados — A elles; a cutello, a cutello! Que não escape um só!

Pelejai, verdadeiros portuguezes!

Ah! ladroens! Ah! salteadores! (E a cada imprecação uma cutilada) Como... diz...o poeta:

Cabeças... pelo campo ... vão saltando...
Braços... pernas...

(E a cada reticencia era uma cutillada de bota abaixo) Ah! ladroens! Ah! covardes! A galope! Que não escape um só! Mata, mata...

E assim dizendo, arremessou o cavallo para sobre a turba dos amotinados, que fugiam, não podendo resistir ao estrago que faziam n'elles Fernão Silvestre e a cavalleria por um lado, e pelo outro João Peres e os peoens do soccorro.

Por fim o eirado ficou varrido de inimigos, que deixaram dezeseis homens no campo, dos quaes tres

já mortos e alguns quasi a expirar. Apenas de todo cessou o combate, João Peres correu com os braços abertos para Fernão Silvestre, que havia descavalgado.

— Ah! Fernão ... ah! meu compadre! — exclamou, arrochando-o entre os braços e entalado pela gratidão.

— Eu bem t'o dizia, casmurro! — resmungou Fernão Silvestre, alludindo ao conselho que de antemão lhe tinha dado.

— Sou um alarve, sou um pedaço de asno, entendes?—replicou em tom de convencido o sargento-mór. Depois, reparando ao lado, exclamou: — V. s.ª aqui, snr. Luizinho! Como, senhor?..

— Nada mais simples, snr. João Peres—replicou, sorrindo Luiz Vasques—Quando nos separamos, como era já tarde, para não pôr em alarme o solar, resolvi ir ficar com meu tio. Achei-o já a cavallo com estes amigos. Tinha sido avisado por *De profundis*...

—Por *De profundis!* Valente caso, por vida minha! — exclamou o sargento-mór — Mas onde está elle?

— *De profundis clamavi... Requiem eternum* —ouviu-se então do lado do portão.

Fernão Silvestre estendeu a cabeça por cima da turba que o cercava, e que a este movimento do seu capitão abriu immediatamente aos lados.

De profundis estava parado e em pé no limiar da porta. Tinha atravessado sobre o hombro um homem inanimado, e lançava gravemente largas bençãos sobre os outros mortos, e sobre aquelles que ainda se revolviam nas derradeiras vascas da morte.

Luiz Vasques correu immediatamente para elle.

— Francisco, onde levas esse cadáver ?— exclamou aterrado.

— Não te chegues, Luiz Vasques, não te chegues !—bradou o idiota, com os olhos incendiados como os de uma fera irritada, e estendendo para elle o braço nervoso, hirto e empunhando na mão uma espada.

— Mas quem é esse homem?... por Deus!...

— E' Braz... é o filho de meu pai...

— Francisco... Francisco! —exclamou Luiz Vasques, juntando as mãos e olhando com terror o rosto do louco, que brilhava animado da raiva e da ferocidade selvagem — Francisco... amigo... escuta, sou eu, é o teu Luiz que te falla...Francisco, attende... que é teu irmão...

O braço do idiota descahiu então,como desanimado, ao longo do corpo, e a cabeça pendeu-lhe de repente sobre o peito. Esteve assim um momento; depois ergueu-se com bem differente aspecto de semblante. A' raiva satánica tinha succedido a expressão acanhada e semi-plangente, com que as creanças se desculpam, quando são apanhadas em flagrante travessura.

— Luiz... Luiz...—balbuciou—eu não lhe quero fazer mal. Braz ainda vive. Vou leval-o á porta dos pais d'elle. Bato lá, e deixo-o. Que o curem... que o curem, senão...*De profundis clamavi... Requiem eternum!*

E dizendo, partiu com Braz de Paiva atravessado sobre o hombro. Este tinha sido passado por uma bala. A voz do idiota ouviu-se ainda alguns minutos, entoando funebremente o seu cantochão favorito.

Entretanto João Peres parlamentava com o veterano, que atordoado pelos resaibos do perigo que correra, e desconfiado, como capitão prudente,

de que aquella transfiguração de scena fosse ardil do inimigo, recusava tenazmente reconhecer o amo, e ameaçava fazer-lhe fogo, sem comtudo se atrever a realisar a ameaça, suspeitoso da identidade da pessoa.

— Mas abre, Trinta e tres, abre, com um milheiro...

— Mas quem é você?

— Sou eu, homem, pois não me conheces? Sou eu, entendes? Sou eu João Peres de Villalobos, capitão do segundo regimento do Porto, sargento-mór dos coutos de Villar e de Manhente, dono d'esta casa... Vê, homem repara; sou eu. Pois não me conheces, Trinta e tres?

— Ah! sempre é vmc.e? Agora caiho no caso! Ora aguarde. Deixe ver se posso desenvencilhar a porta, que esses almas do diabo pozeram-na para nunca mais!

O veterano, auxiliado pelo Chanisco, conseguiu finalmente desengastar as trancas de ferro, que se tinham retorcido ás marradas do vai-vem, e abriu finalmente a porta.

João Peres arremessou-se por ella dentro, levando de repellão o velho soldado nos braços.

— Ah! por alma de meu pai! —bradava— Valente defeza, entendes? Bem mostras que estiveste em Belver e em Puig-Cerdá.

Depois, reparando nos criados, que não tinham ousado mexer-se das suas respectivas posiçoens da defeza, bradou:

— Nunca as mãos vos doam, rapazes! Por oito dias ninguem trabalha n'esta casa! Quem trabalhar, racho-o, entendem? O' Trinta e tres, desce lá á adega, abre uma pipa, e deita-te á salgadeira, e, com mil diabos! entendes? que lhe cheguem com o dedo, que lhe cheguem com o dedo! — berrava

no impeto do enthusiasmo, batendo com o dedo na guéla, para significar que queria que os criados comessem, a não poderem mais.

—Homem, vmc.ª está louco?—resmungou o velho soldado — E se volta por ahi a canalha?

João Peres bateu uma forte pancada na testa.

—Dizes bem, — exclamou — dizes bem! Nada de vinho! Que vão beber ao inferno! Sou um pedaço de asno, entendes? Sei o que digo!

Depois metteu a mão no peito da casaca, tirou de lá uma bolsa de couro, cheia de cruzados novos e dinheiro em ouro, abriu-a, e começou a atirar com o dinheiro aos criados, que, esquecendo a disciplina, se lançaram ás rebatinhas por sobre o soalho.

— Ahi vai... que lhes faça bom proveito!— gritava João Peres—Nada de vinho... Vão beber ao inferno, entendem? Quinze dias de folga... Quem trabalhar n'esta casa, racho-o!.. E a menina... onde está minha filha?

— A menina... a menina...—balbuciou o Trinta e tres, coçando atraz da orelha.

— Morreu!—exclamaram á uma as criadas, que haviam perseguido o velho soldado.

João Peres deu um salto para traz, fitou os olhos esgazeados no veterano, soltou um grito pavoroso, e arrojou-se como louco pela porta que levava da sala, onde estava, para o interior da casa. Fernão Silvestre e Luiz Vasques lançaram-se immediatamente apoz elle.

Chegados ao quarto de Camilla, acharam-n'a ainda desmaiada, por terra e com a cabeça no regaço da velha Jabel, que se arrepelava desesperada, chorando e berrando como uma creança. As outras criadas faziam com ella terribilissimo côro.

Ao dar com os olhos n'esta scena, João Peres parou como fulminado. Luiz Vasques soltou

um grito de agonia, e, correndo para junto da pobre menina, tomou-a nos braços, bradando por ella inteiramente fóra de si.

Fernão Silvestre agarrou João Peres pelos hombros, abanou-o rudemente, e gritou-lhe em voz de estentor, fitando-o com os olhos cheios de fogo:

— Volta a ti, homem, volta a ti! Coragem!

Depois voou para junto de Camilla. Poz-lhe de repente a mão sobre o coração, apalpou a nos temporaes, tomou-lhe o pulso, e por fim ergueu-se com o rosto carregado mas sereno, e disse em voz agastada e de reprehensão:

— Valentes asnos, por Deus! E' um desmaio! Vão buscar uma pouca de água.

Trazida a água e borrifado o rosto de Camilla, estremeceu ella, deu um gemido, depois as lágrimas começaram a deslisar-se-lhe pelas faces abaixo.

João Peres aproximou-se então da filha, tomou-lhe uma das mãos, e balbuciou, engasgado e como a medo:

— Filha... filha... minha filha!..

— Camilla... minha Camilla!..—dizia do outro lado Luiz Vasques.

Camilla abriu finalmente os olhos. Ao ver-se entre o pai e o amante, encarou-os com pasmo, e como quem não acreditava o que estava vendo.

— Por alma de meu pai, compadre!—gritou o sargento-mór, lançando-se nos braços de Fernão Silvestre—tu foste e has-de ser sempre o meu anjo da guarda!

— Vamos, homem, torna a ti;—replicou Fernão Silvestre, desenvencilhando-se-lhe dos braços—é mister resolver já as providencias precisas. Upa, Camilla; vamos, afilhada, cumpre não perder tempo. Toca a emmalar para ir para Encourados...

— Compadre, bem sabes...—acudiu o sargento-mór.

— Sei que esperava encontrar-te com mais siso, João!—replicou severamente o velho cavalleiro—Queres sacrificar tua filha aos perigos que lhe arma o teu capricho louco e desatinado? Queres deixar Camilla entregue aos azares de um segundo assalto do populacho? Confias outra vez na fortaleza das portas da tua casa e na vigilancia de *De profundis?*

Como se aqui os trabalhos se acabassem!

Como se a anarchia não continuasse a reinar desenfreada! Como se o solar de Encourados não fosse mais capaz de resistir até ás próprias partidas dos francezes, se porventura se roçarem por elle! João Peres, a culpa tive-a eu, mas foi em ceder da primeira vez! Bem diz o grande poeta —

Da determinação que tens tomada
Não tornes por detraz; pois é fraqueza
Desistir-se da empreza começada.

Se quando aqui vim ha tres dias, não tivera sahido, sem que primeiro Camilla sahisse para o solar, o que aconteceu não teria acontecido. Braz de Paiva não se atrevia a accommetter o paço de Encourados, como assaltou a tua casa. E' entrouxar, e breve. Mulheres, andem-me depressa; e tu, filha, anda, avia-te. Dentro em meia hora é preciso que estejamos a caminho.

João Peres não deu palavra. Diante do tom peremptório de Fernão Silvestre, que o acabava de salvar, e da verdade das razoens por elle allegadas, apenas ousou soltar dous resmungos inintel-

ligiveis, protesto a que o seu genio casmurro se não pôde furtar, apesar de lhe reconhecer a inefficácia. Fernão Silvestre replicou-lhe com medir com ar carregado o resmungador, e repetir a meia voz:

Não teve resistencia; e se a tivera,
Mais damno resistindo recebera.

Depois d'estas palavras, foi examinar o estado em que o assalto deixára a casa. Poucos estragos se notavam. As balas que tinham crivado exteriormente as portadas das janellas, não tinham podido atravessar para dentro das grossas láminas de ferro, que as forravam pela parte interna. As percas do sargento-mór a pouco mais montavam que á destruição de algumas caixas velhas e outros utensilios da casa, que por ordem do Trinta e tres tinham sido baldeados do alto das aguas-furtadas em cima dos assaltantes.

Depois de passar esta revista, Fernão Silvestre voltou á sala, onde João Peres o aguardava, convicto do acerto das medidas por elle tomadas, mas fingindo-se amuado, tudo para não mostrar condescendencia.

— Ora bem; — disse Fernão Silvestre — graças a Deus, não ha estragos a lamentar, e a casa ainda ficou em boa defensão para o que cumpre fazer. Vamos a isto, compadre; entretanto que a pequena se arranja, vamos a tomar as providencias convenientes para o que póde acontecer de futuro. Em quanto a ella, estando em Encourados, não ha pelo entretanto que receiar; mas aqui te fica a tua propriedade, aqui te ficam os teus haveres. E' necessario portanto prevenir o futuro, porque, como diz o principe dos poetas, deve o bom capitão —

Voar co'o pensamento a toda a parte,
Adivinhar perigos e evital-os:
Com militar engenho e subtil arte
Entender os inimigos e enganal-os;
Crer tudo emfim...

Ouves o que te digo, João Peres?

— Ouço, ouço. Faz o que quizeres—replicou casmurramente o sargento-mór.

— Muito bem. Estou convencido, e digo tambem —

Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deus, que a gente.

Comtudo entendo que esta casa não deve ser abandonada;mas que é de razão que a fiquem defendendo os teus criados, entretanto que nós não avisamos melhor sobre o caso. As janellas estão seguras e a porta, que arrombaram, fecha-se a pedra e cal. Aqui ha provisoens de bocca,e em tres ou quatro dias, decide-se de certo a questão. Trinta e tres, qual é d'estes homens que entendes mais azado para ficar aqui de commandante?

— Pois eu não fico tambem?

— Não; para ti está reservada missão mais importante, encargo mais arriscado. Tu és homem e homem de lei, conheço-te bem, e, apesar de ser perigosa a empreza que te vou commetter, não a recusarás, por vida minha! Como diz o poeta —

O coração sublime, o regio peito
Nenhum caso posssivel tem por grande.

Qual d'estes homens escolhes, amigo?

— Chanisco, sahe á frente!

— Rapaz,—disse então Fernão Silvestre — tu já tiveste medo de alguma cousa?

— Senhor, saiba bossenhoria que nem do diabo em pêllo!

— Viste o que fez o Trinta e tres n'esta assaltada? Atreves-te a defender a casa de teu amo, como elle a defendeu, se essa canalha voltar cá?

— Como diz o outro, aicho que sim. Cá dentro nom entrom, isso nom. Os diabos me lebem, se forem capazes! Nom é p'ra as barbas d'elles, ou eu nom sou Zé Chanisco!

— Muito bem. Nós vamos levar a menina a Encourados. Fecha-te bem por dentro. A'manhã terás novas nossas. Teu amo fia de ti, e espera que não has-de ficar mal.

N'isto a porta da sala abriu-se, e Camilla pállida, mas animada, entrou para dentro.

— Vamos,—disse então Fernão Silvestre — partamos, que é tempo. Rapaz, não tenhas receio. Defende-te até ás últimas, que eu vélo tambem, e no momento do perigo, serei de novo aqui, como fui d'esta vez.

Assim dizendo, encaminhou-se para a porta.

— Chanisco, alma de cántaro! — bradou o sargento-mór—olha o que fazes, entendes? Se me deixas a alguem pôr pé cá dentro, rachote, por alma de meu pai! Olho vivo, entendes? E cuidado com o pintasirgo; não se esqueçam de lhe dar de comer;.... e a lavagem ao bácoro,entendem? Cuidado... cuidado! Entendem?

Assim dizendo, sahiu pela porta fóra, e lançando uma última olhadella de terna despedida aos lares, cavalgou tambem, e seguiu apoz a cavalgada, a qual era capitaneada por Fernão Silvestre, que caminhava a passo, levando Camilla sentada no arção dianteiro.

Ao cruzar por junto da estrada de Braga, Fernão Silvestre fez parar.

—Trinta e tres,—disse então—aproxima-te.

O veterano que vinha entre os homens de pé, chegou-se a elle.

— Amigo,—disse-lhe o velho cavalleiro—nós vamos recolher-nos no paço de Encourados, onde o meu compadre e a minha Camilla acharão não só a segurança que n'outra parte não podem ter pelo entretanto, mas coraçoens lavados e amigos, que suspiram por elles, e que, mau mez para quem pensar o contrário, desejam mostrar-lhes sempre quanto e quanto os presam e estimam.

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas.

Mas, nas consideraçoens dos nossos interesses particulares, não devemos esquecer que a nação luta com perigos gravissimos, não devemos deslembrar-nos de

Que a patria, que de um fraco fio pende,

reclama as attençoens e os serviços de todos os seus filhos. Amigo, sentes-te ainda capaz dos grandes feitos que te vi praticar em Banhuls e em Port-Vendres?

—Meu capitão,—replicou gravemente o Trinta e tres, levando a mão em continencia militar—sou sempre o mesmo. Para cumprir a minha obrigação, não conto os annos que tenho a maior. Eu nunca tive medo, nem sou homem que volte a cara ainda que seja ao proprio diabo.

— Bem dito, meu velho camarada, bem dito!—exclamou Fernão Silvestre, enthusiasmado—Oh! que todos os portuguezes fossem assim, fossem como os que combatemos na campanha passada!

E depois de um momento de silencio, continuou:

— Trinta e tres, tu vaes partir immediatamente para o Carvalho d'Este. Para lá ha fogo, para lá ha resistencia. Aquelle infame inglez deitou tudo a perder com esta fanfarronada. A morte do pobre Bernardim Freire foi uma calamidade. E' preciso valer ao Porto. Tu vaes partir, amigo, vaes observar de perto o que por lá se faz. Leva comtigo alguns d'esses homens, e manda-me dizer o que acontecer, todas as vezes que te parecer conveniente, para eu poder avisar a tempo e horas para o Porto, e tomar aqui as providencias precisas para retardar, quanto me for possivel, a marcha dos invasores. E' grande a missão que te incumbo, amigo; vaes outra vez arriscar a vida na guerra e em perigos mais graves que os das grandes batalhas. Vaes lutar quasi com o impossivel, vaes viver no meio da anarchia. E' grande a empreza; mas é digna de um soldado da campanha de 93. E lá diz o grande Luiz de Camoens, o principe dos poetas:

...... As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

Ouves isto? Grava-o bem na memoria. Parte, e lembra-te bem de que a salvação da nossa patria está mais dependente da tua coragem e da tua actividade, do que te póde parecer á primeira vista.

— Não tenha receio, snr. Fernão Silvestre; —replicou o Trinta e tres—as suas ordens hão-de ser cumpridas á risca!

Depois fez a continencia militar, e deu dous passos á retaguarda. A cavalgada principiou outra vez a mover-se.

— Trinta e tres, sentido! — bradou então o sargento-mór—Olha o que fazes, homem; não me deixes ficar mal, entendes?

— Adeus, meu capitão — respondeu o velho soldado. — Se nos não tornàrmos a ver, até ao outro mundo! Falle algumas vezes de mim á minha menina. . .porque o velho Trinta e tres dos granadeiros do segundo regimento do Porto ainda se não deshabituou do cheiro da polvora! Rapazes, marcha!

Assim dizendo, tomou o caminho de Braga, seguido dos poucos homens armados de espingardas, que tinham acompanhado Fernão Silvestre. Todos elles haviam servido com o velho fidalgo de Encourados na campanha do Roussillon, desde 1793 até 1795.

XII

Parece-lhe que sente perturbar-se
Quanto o pequeno mundo em si comprehende,
Os elementos d'elle contrastar-se,
De que seu individuo vive e pende,
E que do coração o dilatar-se,
De cuja compressão tanto se offende,
Era luz, a que o pábulo faltando,
Que então mais cresce quando está acabando.

ROLIM. *Os novissimos-Cant. I. est.* 104.

O sargento-mór de Villar chegou ao paço de Encourados mal encarado e como a rasto apoz da influencia, que Fernão Silvestre exercia sobre elle. Lembrava-se da scena de ha poucos dias, e comia-se de coragem, ao ver que tinha por força de entrar para dentro das portas d'aquella casa, e receber

a hospitalidade do dono d'ella. Mas durou-lhe pouco aquella repugnancia atrabiliária. O acolhimento carinhoso com que D. Luiza recebeu Camilla, e a sinceridade e franqueza de coração lavado, com que Vasco Mendes o levou nos braços a elle, e lhe chamou amigo, deram-lhe de súbito com toda a máchina do agastamento em terra; e João Peres, revirando-se com rapidez correspondente, começou desde logo a fallar como se nada tivesse havido, e nem por pensamento assombrado aquella provadissima amisade. Gritou, berrou, e espalhafatou ácerca do assalto; contou, praguejando e re-praguejando, o assassinato de Bernardim Freire; e jurou, por alma do pai, que os dos coutos de Villar e de Manhente haviam de saber um dia o que eram os fígados de um soldado de Belver e de Puig-Cerdá.

Os dias 18 e 19 passaram-se anciosamente no solar. Na noute de 18 chegou o primeiro emissario do trinta e tres. A carta do veterano partecipava que o inimigo tinha atacado o Carvalho d'Este na noute de 17; mas com pouca energia, e como quem esperava não encontrar resistencia. Em consequencia da pouca gente que empenhou na acção, e de não ter artilheria, havia retirado com alguma perda. No dia 18 atacou com mais força, mas ainda sem artilheria. A peleja foi bem ferida de ambos os lados; mas por fim os francezes tinham sido obrigados a retirar, deixando morto no campo o general Carvoisieu, cuja cruz da legião de honra fôra entregue ao barão d'Eben por um soldado da Leal legião lusitana. A' tarde tornou o inimigo a atacar, mas foi de novo repellido. Depois d'este assalto, o general francez mandou um parlamentário ao barão d'Eben, que o reteve prisioneiro, dando ordem aos postos avançados que fizessem fogo sobre qualquer francez, que d'elles se aproximasse. Por

este prisioneiro, e por outros que tinham sido tomados durante a acção, soube-se que os francezes tinham sobre o Carvalho d'Este oito mil homens apenas, incluindo quatro regimentos de cavalleria. As forças do barão d'Eben, em razão dos reforços que n'essa manhã lhe tinham chegado, montavam a mais de vinte mil homens, dos quaes perto de dous mil de tropas de linha, e o resto da ordenança e povo mal armado.

Estas foram as primeiras noticias mandadas pelo Trinta e tres.

Ao arraiar do dia 19 sentiu-se grande fogo de fuzilaria para o lado do Carvalho. A' tarde o fogo augmentou, e sentiu-se pela primeira vez a artilheria. Ao fechar da tarde, principiou a dizer-se na aldeia que os francezes tinham forçado a posição; e á noute chegou o segundo emissario do veterano. As noticias, que trazia, eram pouco agradaveis. Segundo ellas, os francezes tinham atacado com maior poder e já auxiliados por artilheria. O combate, principiado por um tiroteio sustentado vigorosamente por ambos os lados, desfechou ás quatro horas da tarde em assalto geral. Apesar da resistencia ser pertinaz por toda a parte, o inimigo, á noitinha, havia forçado o posto da Patrulha, d'onde não tinha passado mais ávante talvez por causa do ardil do barão d'Eben, que mandou estender em linha, pelos outeiros circumvisinhos, cincoenta homens da Legião e trinta do regimento de Vianna, que, em razão da noite, illudiram o general francez, fazendo-lhe receiar maior número de gente. A' hora em que o Trinta e tres escrevia, chegava um espião, que partecipava que Soult fizera reforçar as tropas empregadas contra as linhas do Carvalho d'Este por um grosso corpo de exército, que para ali mandára marchar.

Ao romper do dia 20 os habitantes do paço de Encourados ouviram troar furiosamente a artilheria para os lados do Carvalho, e affigurou-se-lhes que o fogo de fuzilaria se estendia até ás fraldas da Falperra. A's dez horas a artilheria callou-se, e pouco depois cessou tambem a fuzilaria. Passada meia hora, correu o boato de que os francezes tinham rompido as linhas, e em seguida começaram a chegar soldados e ordenanças fugidas, que asseveravam a verdade do rumor popular. No paço sentiu-se desde o principio os effeitos d'aquella desgraçada nova. Junto dos portoens da quinta tinham-se soltado morras aos jacobinos do solar, haviam-se atirado pedradas para dentro, e mesmo disparado alguns tiros de bala. Fernão Silvestre, que assumira o commando n'aquelle lance apertado, ria-se porém d'estas demonstraçoens da canalha. Estava prevenido para tudo, e até nem dos francezes temia. O solar estava em sufficiente estado de defeza. As grossas e ferradas portas de castanho tinham sido fechadas, e algumas até fortalecidas com enormes penedos que a ellas tinham sido encostados; e dentro estavam mettidos vinte homens decididos e provisoens sufficientes para resistir uns poucos de dias.

A's onze horas e meia a tempestade, que se tinha ido conglobando sobre o paço, pareceu dissipada de todo. As imprecaçoens, os insultos e a vozeria da anarchia em comêço tinha inteiramente cessado, e o sino da egreja, que desde as nove e meia tocava sem cessar a rebate, callou-se, e a aldeia ficou silenciosa, e como se nada de extraordinario se estivesse passando nas cercanias d'ella.

Ao meio dia o Trinta e tres appareceu á porta do solar. Cansado de bater ao portão dos muros da quinta, saltou por um logar onde elles eram mais baixos, e veio chamar mais de perto. Ainda assim

bateu e re-bateu antes de receber resposta. Por fim reconheceram-n'o, e abriram-lhe a porta.

O veterano, affogueado e coberto de suor e de pó, foi conduzido ao salão principal do solar, áquelle que servira de sala de armas aos ricos-homens do seculo XIII; e ahi achou reunidos os tres senhores de Encourados e o sargento-mór, que acabavam de rondar pela centésima vez os postos principaes da defeza. Fernão Silvestre, como o mais acutilado pela experiencia do que eram os furores da anarchia, desconfiava agora mais que nunca das resoluçoens hostis da gentalha, e receiava que da presente quietação surgisse proximamente temerosissima tempestade.

O veterano, mal entrou, relanceou-os com olhar firme e prescrutador, e em seguida disse em tom peremptório e decidido:

— Está tudo prevenido? Estão tomadas todas as providencias para a defeza d'esta casa?

— Tudo está a póstos, amigo—respondeu com authoridade Fernão Silvestre.—Não ha de que receiar. Se a canalha vier, se vierem os francezes, aqui hão-de encontrar resistencia digna de soldados, aqui hão-de achar o que vale, como diz o grande poeta,

fulgente e armado
O Mavorte feroz dos portuguezes

— Por toda a parte por onde passei, desde Braga até aqui,—volveu o veterano—não se falla n'outra cousa mais do que em vir dar cabo d'este ninho de jacobinos e de traidores, que assim denominam elles o paço de Encourados. Por todas as freguezias dos arredores é um brado unísono de rancor contra esta casa. Em toda a parte se fazem ajuntamentos e unioens contra ella. Esta noite ou

ámanhã pela manhã, a populaça das freguezias circumvisinhas estará aqui reunida em grande força...se os francezes não chegarem primeiro que ella.

— Então está tudo perdido?

O Trinta e tres atirou-se de puro cansado para cima de uma cadeira.

— Concedam-me licença—disse, meio abafado pelo cansaço e pela agitação em que estava.

Depois limpou com um lenço o suor e o pó, que lhe cobria o rosto, e disse em seguida:

— Está tudo perdido. A gente, que defendia o Carvalho d'Este, dispersou em todas as direcçoens, enfurecida pela derrota e pela convicção de que foi atraiçoada pelas manobras d'aquelles que ella appellida jacobinos e traidores. Estão por ahi a arder muitas casas, e tem sido assassinada muita gente. Os soldados da Legião e os milicianos reúnem-se em magotes ás turbas furiosas dos ordenanças, e com ellas commettem todos os desacatos imaginaveis, dando ao mesmo tempo certa regularidade aos esforços, que ellas empregam, para levar a cabo os assaltos que tentam. E comtudo, é mister confessal-o, bateram-se bem, combateram em quanto tiveram pólvora e bala. Na Falperra bateram-se até á bayoneta e á faca! O pomar de a-par do convento custou rios de sangue aos francezes. Foi um assalto em fórma, um combate corpo a corpo, em que se não deu quartel a ninguem, em que se arcou braço a braço a vida sem esperança de misericórdia para o que fosse vencido na luta! D'aquelles poucos escaparam; e todos cederam por fim, porque era impossivel deixar de ceder. Muito fizeram elles; fizeram o que nunca cuidei que fossem capazes de fazer. Povo mal armado raras vezes resiste tanto tempo a soldados disciplinados, e que têem roído muito cartucho em batalhas...

— Mas, emfim, forçaram as linhas?..

— Esta manhã, ao romper d'alva, os francezes avançaram sobre ellas em tres grossas columnas. Travou-se um combate desesperado. A nossa gente estava muito animada. Comtudo havia pouca pólvora, e parte das ordenanças, que estavam armadas de espingardas, e parte da artilheria, tinham apenas tres cargas. Assim mesmo a resistencia foi tenacissima. A's dez horas estava tudo em completa derrota. Logo o suspeitei, mal vi a decisão e a rapidez com que os francezes avançavam. Conhecia-se logo que vinham resolvidos a vencerem, ou a ficarem todos ali. Não assisti até o fim, porque ás oito horas, o barão d'Eben teve noticias que havia muito sangue em Braga, e mandou uma porção de ordenanças para a cidade, a fim de ver se aquietava o reboliço. Eu vim com ellas, porque vi desde logo que nada mais fazia ali, e não sei que me chamava o coração para Braga. Ah! senhores, — bradou aqui o veterano — nunca em minha vida pensei ver tal cousa! Quando cheguei, disseram-me que estavam a matar os presos do aljube. Corri lá; já tinham fuzilado sete. A canalha fazia-os sahir um a um para o terreiro; e mal chegavam fuzilava-os logo. Tinham já morto o corregedor de Braga e o de Barcellos, e um tal Thomaz Cabeças e outros emfim. Eu estava pasmado, e sem saber o que fazer, quando n'isto sinto-me puxar para o lado. Olho; quem havia de ser? Era o *De profundis*, com os olhos arregalados e sombrios que não pareciam d'elle. Parecia mesmo que tinha juizo.

— O *De profundis!* —exclamou Luiz Vasques—Mas como estava elle em Braga?

— Como estava? Eu lhe conto. Hontem á noite, o povo foi a Santa Maria de Abbade, a casa do conego Valentim. Quizeram-n'o matar, mas por

fim de contas levaram-n'o para Braga preso, a elle e a dous amigos, um dos quaes era o tal Thomaz Cabeças e o outro um tal Azevedo e Mello, que tambem mataram no aljube. O *De profundis* soube-o, e, como tem grande amisade ao cónego, porque sempre foi por elle contra o irmão, foi-se apoz elle para Braga. Como visse a mortandade da cadeia, entendeu que o cónego seria tambem morto; e d'aqui vai o caso.

— E mataram o cónego?

— Não mataram; consegui salval-o.

— Tu, — gritou João Peres—Nunca as mãos te dôam. O cónego é um grande homem, por alma de meu pai! E tu fizeste o que devias, entendes? Sei o que digo, e vai com esta.

— Pois sim, sim; eu por mim nunca lhe tive grande aquella—replicou casmurramente o Trinta e tres.—Não gósto de homens emproados nem de padres casquilhos. E tenho dito. Mas o *De profundis* estava ali de olho arregalado e como fóra de si, e diz-me:

«— O cónego Valentim está ali preso.

«— E a-dei?

«— Eu espero salval-o.

«— Tu!

«— E vocemecê vai ajudar-me a salval-o.

«— Eu!

«— E se não vem, vou eu só.

— E dizendo, vai a arremeter por entre a turba. Eu deito-lhe a mão a um braço, e sustenho-o; mas como elle estrebuchava, e eu não queria que o rapaz se fosse deitar a perder, assim como assim decidi-me. Felizmente passava um soldado da Legião, que servira comnosco na campanha do Roussillon. Chamo-o, e digo-lhe que estava ali preso por jacobino um grande amigo meu, que era bom e leal por-

tuguez, e que eu queria que o fossemos salvar. Pergunta-me como; eu digo-lhe que o povo n'aquelle barulho não repararia, e, se alguem reparasse, diriamos que não era dos presos criminosos. Fomos, e... com Deus, tiramol-o para fóra. Mas n'isto um outro soldado acerca-se de nós, e lança-lhe a mão. Dissemos o convencionado; elle insiste, teimamos nós, mas n'isto bumba—um tiro e o homem cahe morto. (*) Foi o *De profundis*, que nos acompanhava, quem despartiu a referta. Sem o eu saber, trazia por dentro do collete uma pistola carregada. Que tal está o maluco? Nós não dissemos uma nem duas. Pegamos no padre, e levamol-o d'alli ás Carvalheiras, e puzemol-o na estrada do Porto. Ahi o bom do homem attentou em si. Deu-n'os muitos agradecimentos, e queria dar-n'os dinheiro, que nenhum de nós acceitou. Depois metteu-se pelo pinheiral dentro, porque se começou a sentir grande reboliço de gente. Nós voltamos para Braga, e mal chegamos, eis que entram de roldão os do Carvalho d'Este e alguns soldados da cavalleria franceza, que os acutilavam. Foi por Deus; que se os francezes não entram, não escapava um só dos do aljube, nem uma só pessoa de gravata ao pescoço, que estivesse na cidade. N'isto ouvimos um grande estampido para o outro lado. Disseram-n'os que era o barão d'Eben que tinha mandado lançar fogo a quinze barris de polvora, e que tinham morrido oito homens da Legião, que, o foram lançar. Minutos depois os francezes entraram na cidade, e o Eben fugiu para o Porto, e disseram-me que elle e o estado-maior e vinte dragoens, que o acompanhavam, estiveram quasi pilhados por sessenta hussares, que os perseguiram de perto. Estava tudo acabado.

(*) Vid. not. XI.

Tratei de me pôr a salvo, e cheguei até aqui, não sem correr bastantes riscos de ser apanhado por esses furiosos. Ora aqui está como findou a obra.

O Trinta e tres acabava de fallar, quando se ouviu bater fortemente na porta principal do solar. Luiz Vasques correu a saber o que era, mas n'isto um dos criados entrou, e disse que o idiota estava ali, e que queria fallar já já com o snr. Fernão Silvestre. Este deu ordem para que se lhe abrisse a porta, e minutos depois *De profundis* entrou na sala, descalço, em cabello, em mangas de camisa, com o peito á mostra e o grosso collete de baetão desabotoado. Era, como o leitor sabe, o seu vestuario habitual.

— Muito povo, muito povo — disse mal entrou, acompanhando estas palavras com um gesto que engrandecia a phrase. — Está tudo em Cabreiros, e dizem que vem cá, e depois... *De profundis clamavi*... *Requiem eternum*...

— Explica-te, homem — disse Fernão Silvestre.

— Então está muita gente em Cabreiros, e diz que vem cá assaltar o solar?

— Sim, senhor, é assim mesmo. Diz que estão cá os jacobinos, e que quer deitar fogo ao paço; e muito povo... muito povo, e muitos soldados da Legião e muitos milicianos. Dizem que vem cá esta noite e depois... *Requiem eternum*...

O idiota, segundo o seu costume, entoou estas últimas palavras em cantochão funerario e lançando largas bençãos em todas as direcçoens do salão. Fernão Silvestre poz-se então a passear distrahido; alguns minutos depois parou.

— Irmão, — disse, dirigindo-se a Vasco Mendes — é preciso tomar providencias. Quem sabe o que acontecerá? E' necessario pôr as mulheres em segurança. D'aqui por duas horas devem partir para

a Villa da Feira. Tu, sobrinho, e tu, João, partireis com ellas para as guardar. Vasco, vou escrever ao nosso primo Abranches.

— Alto ahi, compadre;—gritou o sargento-mór—isso é de mais, entendes? Eu não sou homem que fuja nem diante do proprio diabo...

— Eu não abandono meu marido—disse docemente D. Luiza.

— Eu não desamparo meu pai na hora do perigo—exclamou rudemente Luiz Vasques.

— Silencio! — bradou Fernão Silvestre, batendo rijamente com o pé no soalho — Esta não é hora para attender a caprichos desatinados nem para combater imaginarías, que repugnam com a prudencia e com o bom senso. Agora deve-se obrar e não imaginar. Nem eu, nem Vasco Mendes precisamos de ninguem para defendermos o solar de nossos pais; e convem attender a todas as consequencias da situação em que estamos, e não desperdiçar tempo precioso em provar a necessidade de factos, que a boa razão deve ter feito callar no ánimo de todos. Vasco, hoje manda-se, não se persuade; e,

> Por nos não magoarmos ou mudarmos
> Do proposito firme começado—

cumpre não admittir razoens de affeição, cumpre dar ordens, e não affroixar diante de contradicçoens. João Peres, é preciso que partas; porque, apesar da fortaleza d'esta casa, não se póde prever o que acontecerá, e Camilla não deve ficar exposta aos azares dos acontecimentos que vão dar-se. E' necessario que tua filha saiha d'aqui para logar mais seguro; e a um pai é que está incumbido o sagrado dever de acompanhar e defender sua

filha. Partirás pois. Luiz, partirás tambem... Partirás, porque é preciso acompanhar tua mãi, que, como senhora, não deve correr os riscos dos resultados do assalto que a populaça vai dar a esta casa; partirás, porque para defender o solar dos nossos antepassados não precisamos de ti, e, para ficar enterrados debaixo das ruínas d'elle, bastamos eu e teu pai. Tu deves viver para continuares o grande nome dos senhores de Encourados. Partirás pois... partirão dentro em duas horas. Quero-o assim, e vou dar as ordens convenientes para que dentro d'ellas possaes pôr-vos a caminho.

O velho cavalheiro disse estas últimas palavras em voz de entoação tão imperiosa e soberana, que ninguem ousou contrarial-o. Mal elle as disse, voltou as costas, e sahiu, com passo magestoso, da sala.

Durante alguns minutos ninguem teve ânimo para romper aquelle silencio. O próprio João Peres, abalado pela grandeza d'alma do amigo e pela verdade do que elle dissera, sentira recolher-se-lhe lá para dentro, bem fundo, o espirito de contradicção de que era dotado. Em quanto a Vasco Mendes, esse não possuia o espirito heroico do irmão, mas era-lhe rival no valor pessoal e na justeza da apreciação dos acontecimentos. Combatia-o de um lado a viva affeição que o ligava á esposa e ao filho, e do outro a verdade das palavras de Fernão Silvestre, e sobretudo a decidida influencia em que sempre vivera para com elle. O pobre cavalleiro, encostado ao desvão de uma janella, olhava sem dar palavra e com os olhos afflictos a mágoa silenciosa da esposa e a hesitação, que agitava rudemente o filho.

D. Luiza levantou-se por fim.

— E tu tambem ordenas que eu parta, Vas-

co?—disse ella em voz angustiada, pousando-lhe a mão sobre o hombro.

— E' preciso, Luiza — balbuciou Vasco Mendes.

— E' preciso separar-me de ti! — volveu ella — é preciso que eu vá morrer longe do meu Vasco! Ha trinta annos que somos casados, esposo, e nunca estivemos um momento longe um do outro. Não consintas que depois de tanto tempo nos desunam. Vasco, se o solar póde resistir ao assalto, não é preciso que eu parta; se não póde... deixa-me morrer onde tu morreres.

— Não partirei, por Deus! não partirei! — bradou aqui enérgicamente Luiz Vasques, batendo com o pé no chão, e parando como tendo vencido a hesitação que o demovia—Não partirei. Só de meu pai recebo ordens. Que parta elle, se acha que na familia dos senhores de Encourados póde haver um covarde que volte as costas ao perigo. Não partirei, por Deus! não partirei...

Vasco Mendes conhecia a fundo a firmeza do caracter do filho. O tom de voz, em que estas palavras foram ditas e os gestos de que eram acompanhadas, fizeram-n'o conhecer que era tempo de se vencer, e de dissipar com a propria resolução os obstaculos, que a obstinação de Luiz ia pôr á realisação do pensamento tão sensato de Fernão Silvestre. Desencostou-se, tomou D. Luiza nos braços, e, ameigando-lhe a cabeça de encontro ao peito, disse-lhe em voz doce:

— Luiza... querida esposa, Deus ha-de permittir que esta separação seja curta. Isto não póde durar muitos dias, e, mal esta tormenta se arrede, corro immediatamente para junto de ti. Agora, bem o vês, é perigoso ficares aqui. A tua presença, o receio de te ver arriscada, entibiar-nos-ia os áni-

mos... Com a certeza de que estás em segurança, não temeremos cousa alguma, e esta confiança dar-nos-á coragem para resistir a tudo. Não receies por mim; o paço é forte, e os defensores resolutos e valentes. Aqui não entrará ninguem. Mas comtigo aqui dentro, querida esposa, com o receio de te poder acontecer alguma cousa, abalado pelo pavor que necessariamente estas scenas te hão-de causar... Luiza, minha esposa adorada, é preciso que partas, é forçosa esta separação de poucos dias... Luiz Vasques, — continuou, interrompendo-se de súbito e voltando-se para o filho — ordeno-te que vás immediatamente preparar-te para acompanhares tua mãi a casa dos nossos primos da Villa da Feira.

Ao ouvir estas palavras,Luiz ergueu a fronte,e relanceou o pai com um olhar, em que havia desobediencia; mas Camilla,que tinha entrado, momentos antes, na sala, fitou-o com olhar supplicante e o moço cavalleiro voltou as costas, e sahiu sem dar palavra e com ar descontente a cumprir as ordens do pai.

Duas horas depois D. Luiza, encostada ao esposo e com uma das mãos entre as de Camilla, descia a escadaria do palácio, acompanhada pelo filho e pelo sargento-mór de Villar e seguida das criadas que a serviam. No páteo estava uma liteira, e algumas mulas e cavallos sellados. Fernão Silvestre achava-se tambem ahi,dando ordens e dirigindo com toda a serenidade e attenção o acabamento das obras de defeza d'esse lado do palácio.

Ao ver aproximar D. Luiza para entrar na liteira,o rude cavalleiro chegou-se a ella, abraçou-a, beijou-a na face, e disse-lhe em voz cheia e vigorosa:

— Adeus, cunhada, até d'aqui a poucos dias.

Coragem. É preciso, e está tudo dito. Não tenha receio; eu fico velando por elle, e, se for necessario, sacrificarei a vida para salvar a de seu marido.

Depois ajudou-a a metter na liteira, e deixou-a com o irmão. Dirigiu-se então a Luiz Vasques.

— Sobrinho, — disse-lhe, abanando-o rudemente pela mão — adeus. Um senhor de Encourados não desce á villania de sequer imaginar que o solar de seus paes possa ser calcado pelos pés dos villoens das margens do Cávado. Ver-nos-emos pois outra vez, e em breve; mas se por acerto alguma bala perdida me encontrar no caminho, se eu morrer, Luiz Vasques, lembra-te bem das derradeiras palavras que ouviste ao homem, que présa a tua glória mais que a sua propria honra; recorda-te dos últimos conselhos que recebeste de teu tio Fernão Silvestre de Encourados. Luiz Vasques, sejam quaes forem as circumstancias em que te venhas a achar de futuro, não deslembres nem um só momento que á tua guarda está entregue o nome e a honra de uma das familias mais illustres e mais gloriosas d'esta provincia. Quem tem um nome como o nosso, sobrinho, peleja até á última gota de sangue pela independencia e pela glória da terra, onde nasceu. Luiz, combate pela pátria a todo trance e por todos os meios; e se ella morrer, e tu não poderes achar a morte no campo de batalha, onde ella morrer, n'esse caso, abandona esta terra, onde desde então será impossivel continuar honradamente o nosso nome, e vai para o Brazil, vai para a Italia, vai para outra qualquer parte, por

Que toda a terra é patria para o forte—

e abre lá nova era ao nome illustre dos senhores de

Encourados, faz reviver com a glória dos teus feitos a boa fama dos cavalleiros, que deixaste sepultados aqui, na terra escravisada. Grava bem na memória estas palavras, sobrinho, e, com Judas traidor maldito sejas tu no inferno, Luiz Vasques de Encourados, se d'ellas te deslembrares algum dia. Adeus.

Assim dizendo, voltou-lhe as costas, e tornou para junto dos trabalhadores, com quem continuou serenamente a tractar das obras de fortificação do paço.

Entretanto Vasco e a esposa, com as mãos unidas com força, fitavam-se com os olhos enxutos, pretendendo animarem-se mutuamente com aquella coragem apparente. Mas, apesar d'aquelle supremo esforço, não podiam dizer palavra um ao outro. Por fim Vasco Mendes curvou-se sobre a mão da esposa, e cobriu-a de beijos.

— Adeus, minha Luiza—balbuciou, tornando a levar a mão d'ella apressadamente aos lábios.

— Adeus, esposo — murmurou ella, não podendo reter as lágrimas, que lhe rebentaram pelos olhos fóra.

Vasco Mendes deu dois passos para traz e a liteira começou a mover-se. O filho aproximou-se então d'elle.

— Luiz Vasques,—disse o nobre cavalleiro— confio-te minha esposa. Vela por tua mãi, Luiz. Emquanto a ti, lembra-te sempre que a honra e a glória foram em todos os séculos o alvo, a que balisaram os nossos illustres antepassados. Ajoelha-te.

Luiz Vasques ajoelhou. Vasco poisou-lhe um momento as mãos sobre a cabeça, ergueu com fogo os olhos para o céu, depois chegou-lhe aos lábios a mão direita, que elle beijou.

— Que Deus te abençoe, filho,—disse então— e que te mate no momento em que te esqueceres da tua própria honra e da glória do nome dos senhores de Encourados. Adeus.

Luiz Vasques cavalgou.

— Meu pai,—disse ao partir—vou, mas vou contra minha vontade.

— Parte: sou eu que t'o ordeno—respondeu Vasco Mendes, estendendo com authoridade o braço.

A cavalgada poz-se logo a caminho.

Vasco Mendes, immovel e com os olhos fitos n'ella, seguiu-a com a vista alheadamente alongada pela estrada fóra. Fernão Silvestre aproximou-se então d'elle.

— Vasco,—disse-lhe rudemente, aferrando-o por um braço—que fazes aqui d'esta maneira? Coragem, irmão; é preciso ser homem. Pensas porventura que os vejo partir indifferente? — bradou de súbito, com os olhos incendiados e levando os dous punhos cerrados de encontro ao peito, com força tal que parecia querer mergulhal-os por elle dentro —Vamos, é preciso ser homem; é necessario que nos não esqueçamos de que este é o solar dos senhores de Encourados, e que nós nascemos dentro d'elle.

> Não vos hão-de faltar, gente famosa,
> Honra, valor e fama gloriosa.

Não, entretanto que eu viva; não, entretanto que o coração me pulse no peito, entretanto que nas veias me gire este sangue. Vamos, irmão.

E, com estas palavras, os dous recolheram-se para dentro do solar, cuja porta foi logo cerrada e defendida por dentro com grandes penedos, que Fernão Silvestre mandára conduzir para ali.

Entretanto a cavalgada continuava seu caminho pela estrada do Porto fóra. Na frente iam o sargento-mór e o Trinta e tres, a cavallo e armados de clavinas, pistolas e espadas; seguia-se a liteira com D. Luiza e com Camilla, e ao lado d'ella Luiz Vasques, armado e a cavallo. Vinham apoz as criadas, cavalgando em muares, e em seguida dous lacaios e cinco homens de pé, armados de espingardas e facas de matto.

Todo este apparato bellicoso ainda assim era pouco, attendendo ao estado anárchico em que se achava a provincia, e, mais que nenhuma outra parte, o extenso território que se estendia desde as margens do Deste até ás do Douro.

XIII

Ah, cegos, contra vós
Vos leva cruel furor!
Ah, que fartando em nós
É em vosso sangue o ardor,
Que o imigo tem, fazeil-o vencedor.

A. FERREIRA. *Odes.* I 4.

A cavalgada chegou a casa do fidalgo da Villa da Feira dous dias depois de partir de Encourados. Para esquivar embaraços, tinha passado por longe do Porto, já então em anarchia, e atravessára o Douro em Carvoeiro. Ahi o Trinta e tres separou-se d'ella, e veio metter-se no Porto. Era resolução, que trazia decidida desde que pártira do solar, e sobre a qual viera todo o caminho refertando com o sargento-mór, que por fórma alguma queria consentir no alvitre.

— Assim como assim vou-me lá—d'esta fórma fechára o veterano a discussão em Carvoeiro.—Está claro, senhor; tenho de morrer de uma bala. Desde que no Carvalho se me tornou a avivar o gôsto pelo cheiro da pólvora, não cabo na pelle. E' pulo que te parto cá dentro. Vou-me lá, com um milheiro d'elles, vou-me lá, ou dou em doido.

E dizendo, poz-se logo a caminho, sem attender ás imprecaçoens de João Peres, nem ás observaçoens, com que Luiz Vasques o quiz demover do propósito.

Os primeiros dias, passados na Villa da Feira, foram para a familia de Encourados de angustioso martirio. Do solar nada se sabia, nem ainda chegára o correio, que para lá haviam despachado em busca de noticias. Era porém geralmente conhecida a anarchia, em que estava a provincia, anarchia que continuava a infernal-a, excepto nos pontos que os francezes tinham occupado e guarnecido.

As saudades e a anciedade pela duvidosa sorte do marido haviam produzido em D. Luiza terrivel abalo. Logo ao segundo dia de caminho principiou a achar-se doente, e a moléstia progrediu tão rapidamente, que já foi preciso tiral-a em braços de dentro da liteira, quando se apeou á porta do fidalgo de Oliveira. No dia seguinte estava peior; e peior se foi achando de dia para dia, a ponto de ao quinto, depois que partiu de Encourados, os medicos dizerem a Luiz Vasques que D. Luiza estava perigosamente doente.

Era n'este quinto dia—25 de março — ao descahir da tarde. Luiz Vasques estava afflictissimo pelo perigoso estado da mãi e pelas graves apprehensoens que nutria ácerca da sorte do pai e do tio, quando este chegou inesperadamente.

Luiz e o sargento-mór achavam-se consultan-

do com o fidalgo ácerca de D. Luiza, quando de súbito se abriu a porta da sala, onde estavam, e no limiar appareceu Fernão Silvestre de Encourados, sem que nenhum criado o annunciasse.

Os tres recuaram diante do aspecto do velho cavalleiro. Fernão Silvestre vinha com os vestidos cobertos de pó e o rosto denegrido e com laivos de sangue mal lavado. Trazia um braço ao peito, e a cabeça coberta de pannos recingidos por larga atadura, que lhe occultava a fronte. Em tal occasião e assim de súbito a apparencia miseranda d'aquelle homem veneravel assombrou o sargento-mór e Luiz Vasques.

O velho fidalgo relanceou com vista firme e ardente o sobrinho e o amigo. O rosto tinha-o sereno, mas carregado; e nos olhos brilhava lhe todo o fogo do enthusiasmo de que era dotado, de mistura com um certo quê da allucinação, que é propria dos que atravessaram de fresco lances de perigosissimo risco.

Vencido o primeiro ímpeto do assombro, Luiz Vasques, demovido pela agonia da suspeita que a vista do tio lhe fizera conceber, correu direito a elle.

— Meu tio... meu tio, — bradou em voz entoada pela mais funda afflicção — onde está meu pai? que aconteceu em Encourados?

O velho cavalleiro ergueu solemnemente o braço ao alto, e respondeu em voz magestosa e forte:

— Do paço de Encourados restam sómente as ruínas; de teu paî, Luiz Vasques, restam apenas as cinzas. Vasco Mendes morreu como devia morrer; morreu debaixo das ruínas da casa solar de seus paes.

Ao ouvir estas palavras, Luiz Vasques soltou um grito de agonia, deu dous passos para traz, e

cobriu com desespero o rosto com as mãos. João Peres, boqui-aberto e assombrado, olhava o amigo com olhar estúpido e de quem não comprehendia o que ouvira.

Fernão Silvestre dirigiu-se então a passo cheio ao sobrinho.

— Que é isso, Luiz Vasques?—gritou em voz forte e abanando-o rijamente pelo hombro — que é isso, filho de Vasco Mendes? Nunca na minha familia ninguem succumbiu d'essa fórma. Volta a ti, morgado de Encourados; olha que te estão vendo, e podem dizer que és indigno de representar o nome illustre de nossos avós.

Luiz Vasques nem o ouvia. A dôr desalentára-o de fórma, que o obrigára a sentar-se n'uma cadeira, e ahi o rosto descahiu-lhe para sobre o peito, e as lágrimas começaram a correr-lhe pelas faces abaixo.

— Morreu o último dos Encourados...morreu, morreu!—bradou então com desespero Fernão Silvestre, erguendo para o alto o punho cerrado e convulso—Morreste, Vasco Mendes, e comtigo feneceu a glória da nossa raça. Feliz tu que não ficaste para assistir a esta vergonha! Some-te bem fundo pela terra abaixo, irmão; bem fundo... bem fundo; que te não chegue lá alguma d'estas lágrimas que deshonram a tua memória e o nome glorioso da nossa familia. Tu a chorares, Luiz Vasques!.. tu a pranteares como mulher!.. Nunca os senhores de Encourados choraram affrontas... vingaram-nas.

E dizendo, impelliu o sobrinho pelo hombro, em que tinha poisado a mão direita.

Luiz Vasques ergueu-se de súbito, com os olhos chammejantes e com os punhos cerrados em convulsão.

— Snr. Fernão Silvestre ... snr. Fernão Sil-

vestre!.. — bradou em voz terrivel, dando dois passos para o velho cavalleiro.

Este mediu-o de alto abaixo com desprêso e com ironia. João Peres metteu-se immediatamente entre os dois.

—Vasco Mendes merecia mais nobres funeraes —disse por fim Fernão Silvestre.—A morte de um bravo não se solemnisa com lagrimas. Um morgado de Encourados não chora, Luiz Vasques. Resistimos dois dias,—bradou de repente, batendo de rijo com o pé no chão— dois dias, sem que em nós aquelles villoens conhecessem fraqueza. Ao cabo, conseguiram deitar fogo ao paço. Ao ver as chammas cruzarem-se em todas as direcçoens, corri para onde estava meu irmão. Os tectos começavam já a tombar, e os vigamentos incendiados derribavam, ao espedaçarem-se, pannos inteiros das velhas muralhas.

«— Vasco,—bradei-lhe eu — é necessario retirar. A casa arde por todos os quatro cantos.

«— Não—replicou-me serenamente.—O meu logar é aqui.

«—Irmão,—volvi-lhe — a defeza é por mais tempo impossivel.—Retirar não é fugir. Deixarmo-nos aqui matar como feras dentro de covil afumado, é morte sem vingança, é morte de villão.

«— Luiz Vasques nos vingará — respondeu elle.—Foge tu, Fernão. Eu não, mil vezes não. O morgado de Encourados deve morrer debaixo das ruínas do solar de seus paes.

«— Assim, bem hajas tu, nobre chefe da nossa raça—bradei então.

E deitei-me aos pés d'elle, e beijei-lh'os. Aquelle homem tinha a alma de um heroe, era um verdadeiro senhor de Encourados.

— Ao cahir da noite— continuou Fernão Silvestre, depois de brevissima pausa—restava-nos só

a escadaria do palacio, onde nos defendiamos, eu e teu pai e meia duzia dos nossos valentes criados, contra todo o poder da canalha e dos soldados da Legião, que tinham invadido o páteo, depois do fogo ter consumido o portão. Estávamos cercados de chammas por todos os lados; d'aqui tombava, de espaço a espaço, uma viga incendiada, d'alli resvalava um canto da muralha a chispar fogo, que, ao baquear em cima do immenso brazido, erguia polvoreda scintillante, que affogueava de repente a fumaceira que nos envolvia. A' luz de um d'estes enormes fogachos vi cahir teu grande pai. Batera-lhe uma bala no coração; ao cahir, um canto da muralha esmagou-o. Assim morreu o mais nobre e o mais valente de todos os senhores de Encourados.

> Digno feito de ser no mundo eterno,
> Grande no tempo antigo e no moderno!

Assim dizendo, Fernão Silvestre parou um momento. Depois, fitando a vista luzente no sobrinho, que o escutava com os dentes cerrados e a cólera e a vingança a fusilarem-lhe pelos olhos fóra, continuou:

— Ao ver cahir Vasco Mendes, arremessei-me cego de furor sobre os assaltantes. Não sei como foi aquillo. A' meia noite que se seguiu a essa tarde fatal, eu vi, de cima da planura do Ayró, a casa de meus pais a luzir, no meio das trevas, como a cratéra de um volcão. Vasco... o meu Vasco ardia ali tambem! Digna pyra do cadaver de um grande homem! Que as tuas lágrimas a não apaguem, Luiz; que a raça dos valentes não termine n'um covarde effeminado; que a grande alma de teu pai se não envergonhe...

N'isto a porta abriu-se de repente, e D. Lui-

za entrou allucinada para dentro da sala. O rosto da pobre senhora mostrava bem ao vivo os estragos da terrivel molestia que a estava minando. Morria de agonia moral, morria de saudades, morria da tortura da anciedade:

— O meu Vasco... onde está o meu Vasco? bradou ella, correndo para Fernão Silvestre.

— Morreu, — respondeu rudemente o velho cavalleiro—morreu como devia morrer o chefe de uma raça de heroes. Gloríe-se da morte de seu marido, cunhada;repita diante de todos com orgulho que é viuva de Vasco Mendes de Encourados.

Ao ouvir estas palavras, D. Luiza juntou as mãos com desespêro, e deu dous passos atraz, fitando com olhar espantado o cunhado. Assim esteve um momento; ao cabo d'elle soltou um grito dilacerante, e cahiu.

Camilla respondeu áquelle grito com um brado de angústia e de pavor. Quando Luiz Vasques tomou a mãi entre os braços, já a pobre menina estava desmaiada ao lado d'ella.

D. Luiza estava morta. A rudeza das palavras do velho cavalleiro tinha sido buídissimo punhal, que fôra direito ao coração da esposa querida do irmão, que elle tanto admirava.

....

....

Na manhã do segundo dia da chegada de Fernão Silvestre—27 de março —Luiz Vasques foi ajoelhar ao lado do leito,em que elle jazia,com a cabeça aberta por uma cutilada, o corpo esburacado por bayonetadas e o braço esquerdo atravessado por uma bala.

— Meu tio, abençoe-me; — disse Luiz Vasques—vou partir para o Porto.

O velho cavalleiro levantou-se de um salto pa-

ra cima. O rosto irradiava-lhe todo o prazer que lhe causavam aquellas palavras.

— Vai, sobrinho, e que Deus te abençoe — respondeu, poisando-lhe a mão sobre a cabeça. — Lembra-te que és filho de Vasco Mendes, e se a morte se apresentar diante de ti, recorda-te da d'aquelle grande homem, e morrerás como heroe.

A estas palavras callou-se, mas não lhe soltou a mão que tinha tomado, e fitou n'elle os olhos luzentes de enthusiasmo. Assim o teve fito alguns segundos; por fim rompeu de novo:

—Luiz Vasques grava na memoria as palavras que vou dizer-te. Foram inspiradas pelo amor da glória e pelo mais acrisolado patriotismo ao maior e ao mais nobre de todos os poetas do mundo:

Aquelles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu rei a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram
Tão bem de suas obras merecida.

Sobrinho, aquelles que se sacrificam pela glória e pela honra do seu nome, esses não morrem; porque a fama que apoz elles fica do feito, na memoria dos homens lhes dilata a vida por espaço de annos tão longo, tão longo, que as naçoens morrem séculos e séculos primeiro do que elles. Cahiu o império grego, mas o nome de Alexandre vive ainda; cahiu Roma, mas Scipião e Julio Cesar ainda existem, apesar dos muitos séculos que já [illegible]am depois que o império romano desabou. Cahirá Portugal, deixará de ser nação, porque as naçoens morrem como morrem os homens, mas o nome do condestavel, o de Vasco da Gama, o de Affonso de Albuquerque e outros,

Por quem no stygio lago jura a fama
De mais não celebrar nenhum de Roma,

não morrerão, porque n'elles não tem poder a morte, porque viverão perpétuamente na recordação dos grandes feitos, que inspiraram os cantos immortaes de Camoens. Luiz Vasques, parte, vai conquistar a glória que deves ao teu próprio brio e ao nome illustre, de que és hoje representante. Entre a morte gloriosa e a vida infame ou mesmo obscura, prefere a morte, porque por meio d'ella — sublime contradicção! — conseguirás viver eternamente na memória do universo Adeus. sobrinho.

Ao dizer estas palavras chegou-lhe aos lábios a mão, que elle beijou. N'isto entrou para dentro do quarto o sargento-mór de Villar. Vinha de espora no pé e com a espada de Belver á cinta.

— Venho dizer-te adeus, compadre — disse, [illegible]oximando-se de Fernão Silvestre. — Se eu tives[illegible] no corpo os buracos que tens no teu, ficava, entendes? Assim, vou, e tenho dito. Não hei-de ficar aqui a envergonhar as barbas dos valentes de Belver e de Puig-Cerdá, que me deviam dar com um gato morto na cara, entendes? se, sã e escorreito como estou, me deixasse ficar aqui, á lareira, a ver os touros de palanque.

— E Camilla? — disse Fernão Silvestre, fitando-o com intenção.

O sargento-mór deu um pulo.

— Camilla... — balbuciou pondo-se a esfregar na testa — Aqui não ha perigo, com seiscentos diabos! entend[illegible] E ademais ahi ficas tu, que és padrinho d'ella, [illegible] tens tanta obrigação, como eu, de a defenderes. Além d'isso, entendes? tu precisas de quem trate de ti... Sim, e isto não póde durar muito. Os francezes retiram de certo, entendes? Vai com isto que te digo... E... e... Com um milheiro de diabos! eu vou para o Porto, e tenho dito.

— Vai, vai, João — disse gravemente Fernão

Silvestre.—Bem hajas tu que não deixas envergonhar as tradiçoens gloriosas da guerra passada. Deus fadou-te feliz, compadre; o teu destino é bem outro que o meu. Vai, vai; que o perro de mim não tem remédio senão ficar aqui á espera que Deus o mate, como velha rabujenta, na cama. Parte sem cuidado; eu velarei por Camilla, visto que já para nada mais presto que para guardar mulheres.

— Homem, por Deus! Pois ainda agorá chegas da guerra, e já bradas! Isso é tentar a Deus, entendes? é querer atracar o céu com as pernas.

Fernão Silvestre sorriu-se.

— Vão os annos descendo e já do estio

—disse, abanando pausadamente a cabeça—

Ha pouco que passar até o outomno;
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno somno—

Interrompeu-se então de repente, puxou João Peres para si, e disse-lhe a meia voz, apertando-lhe a mão:

— Toma-me conta em Luiz.

— Como se fôra meu filho, entendes?—replicou o sargento-mór no mesmo tom e correspondendo ao aperto da mão do amigo.

D'ahi a um quarto de hora, João Peres de Villalobos e Luiz Vasques encaminhavam-se para o portão do palacio, onde os esperavam dois cavallos. João Peres espalhafatava meio engasgado, para atalhar ás lágrimas de Camilla, que caminhava abraçada a elle, a chorar e soluçando. O bom do sargento-mór queria desvairar-se e ensurdecer-se para lhe não ver o choro nem ouvir os gemidos. Ao

chegar ao patamar da vasta escadaria, pararam. João Peres redobrou os espalhafatos. Era aqui onde havia de dizer a última despedida á filha, lance difficíllimo que não sabia como havia de commetter. Luiz Vasques tirou-o d'estes apertos. Chegou-se a Camilla, tomou-lhe uma das mãos nas suas, e disse-lhe em voz maviosa, mas firme :

— Adeus, Camilla, coragem. Havemos de voltar em breve. Tu ficas para, entretanto que eu não chego, cobrires de saudades e de flores o túmulo de nossa mãi.

Este *nossa* foi pronunciado de maneira que o sargento-mór deu um pulo e callou-se, fitando o moço com o mais profundo affecto. Camilla, no primeiro impulso do sentimento suavissimo,que aquella palavra lhe fizera vibrar na alma, soltou-se do pai, e lançou-se nos braços de Luiz. Este, sem attender á presença de João Peres, apertou-a com fogo contra o coração, e cobriu-lhe de beijos as faces.

Os olhos do rude sargento-mór de Villar arrazaram-se de lágrimas de felicidade. Levantou os braços, poisou as mãos sobre as cabeças da filha e de Luiz, e ergueu fervorosamente os olhos para o céu.

—Deus vos abençoe. . . Deus vos abençoe. . . Deus vos abençoe — tartamudeou elle.

Depois,revirando-se por um d'aquelles impulsos rapidos que lhe eram tão próprios, bradou, batendo com o pé no chão :

— Então, com mil diabos! Que estás tu a choramingar, rapariga ? De que tens medo ? Eu vou com elle, entendes ?

E, interrompendo-se rápidamente, tomou a filha nos braços, apertou-a com fogo contra o peito, e cobriu-a de beijos sôffregos e apressados.

— Adeus, Camilla, adeus, filha, até breve—

disse por fim: e partiu de esfusiada pela escada abaixo.

Luiz Vasques levou então a mão da pobre menina aos lábios, e depois cobriu-a a ella com um olhar indizivel de amor e de saudade, e seguiu apoz de João Peres.

Alguns minutos depois iam já caminho do Porto.

O dia tinha amanhecido torvado e chuvoso. As nuvens galopavam no espaço, arrastadas por um rijo vento sudoeste, que, nos intervallos de furacão a furacão, era substituido por lufadas de chuva miuda e frigidissima. Era um verdadeiro dia de chuva invernosa, egual a tantos d'aquelles que na actualidade nos fazem o favor de nos pôr em duvida ácerca da realidade das primaveras de Theócrito e de Rodrigues Lobo.

Quando chegaram a Grijó, era pouco mais ou menos meio dia. O mau tempo tinha desfechado em temporal desfeito. O sudoeste campeava em plena fúria, a chuva era a cántaros, e de quando em quando grossas saraivadas, puxadas rijamente pelo tufão, açoitavam com força tudo o que alcançavam a descoberto.

João Peres e Luiz Vasques, apesar dos fartos capotes de cabeçoens, com que se cobriam, já sentiam agua na pelle. Para maior regalo, os capotes, enfartados de chuva, pesavam arrobas. Apesar d'isso não descavalgaram em Grijó, contentando-se com pôr-se ao abrigo do alpendre da estalagem, entretanto que o curador dava uma sopa aos cavallos.

Um quarto de hora depois estavam outra vez a caminho. Quanto mais se adiantavam pela estrada fóra, tanto mais distinctamente sentiam o troar da artilheria no Porto. Isto fazia-os picar furiosamente de esporas, porque acreditavam que se esta-

va repellindo,sem elles estarem presentes, um assalto em fórma sobre as linhas.

Eram tres horas da tarde quando chegaram á antiga ponte de barcas. Enfiaram immediatamente por ella, mas,ao meio, tiveram de parar em razão do muito povo que ahi estava agglomerado, e que escutava em silencio um homem, que, debruçado sobre as guardas da ponte, vociferava em tom lúgubre voltado para o rio, e sem attender á chuva e ao granizo que lhe verberava as faces.

Este homem era *De profundis*—em mangas de camisa, de cabeça descoberta e pés descalsos, e com o rosto illuminado pelo brilho da allucinação, declamando em alta voz e funebremente,e acompanhando a declamação com largas bençãos, que lançava para todos os lados do rio.

— Infámia! Traição!—bradava elle de todo dementado — Foi ali ... ali ... ali. O barco leva o menino pelo rio abaixo. As águas vão turvas e inchadas. Elle lá vai...elle lá vai...elle lá vai... Leva o menino nos braços e a barregã ao lado. Volta-se o barco ... acudam-lhe ... acudam-lhe... á creancinha .. Traidor! traidor! *De profundis clamavi... Requiem eternum...*

Estas palavras, que o doido proferia com os olhos espantados e turvos fitos no rio, eram acompanhadas por gestos e movimentos, que condiziam com a recordação, que as inspirava. Os lábios tremiam-lhe convulsos, os cabellos desempastavam-se da chuva e erguiam-se-lhe sobre a fronte, e a frase truncada saltava-lhe dos lábios em tom secco e vibrante, e como expellida de dentro do bojo de um sino a tocar a defunto.

— Rio de maldição,—continuou depois de um segundo de silencio—as tuas águas excommungadas sorvem os anjos e poupam os demonios. Sabe el-

le a nado... sabe a barregã ... e a creancinha ... a creancinha ... a creancinha ... *De profundis clamavi*...

Aqui soltou um grito terrivel, tomou aspecto sobrenatural, benzeu gravemente o rio para todos os lados, e por fim bradou em voz atroadora e fúnebremente medonha:

—A'guas que correis, peixes que nadaes, areias que as soffreis, sêde malditas para todo o sempre já mais. *Requiem eternum*... *requiem eternum*...Rio maldito, que nas tuas águas corram os cadáveres tantos, tantos como as areias do mar; que por onde passem empestem os corpos e percam as almas; que nem aos excommungados matem a sede. *De profundis clamavi*... Sê a sepultura do infame... *Requiem eternum*... *requiem eternum*...

De profundis parou novamente. A populaça escutava-o silenciosa e atterrada, como o povo de Ninive escutou em outro tempo a lacónica mas terrivel profecia de Jonas. Não entendia o verdadeiro sentido d'aquellas imprecaçoens, mas affigurava-se-lhe entendel-o em razão do perigo, que ameaçava a cidade, e dos medonhos e fúnebres esgares e entoação da voz do declamador.

Luiz Vasques não deixou continuar aquella scena por mais tempo. Aproximou o cavallo, e puxou pelo braço do idiota. Este voltou-se, e fitou-o com olhar torvo e esgazeado. A multidão recuou espantada e medrosa das terriveis consequencias, que imaginou deverem seguir-se áquelle atrevimento.

Mas o idiota reconheceu Luiz Vasques e o sargento. Desaferrou-se da ponte, e, transmudando-se rápidamente, fitou todo sorrisos os seus dois amigos.

— O Trinta e tres está na Prelada, e os herejes estão-lhe a fazer fogo. Tu queres ir tambem

para lá, não é assim, Luiz Vasques? Vai lá mortandade que farte... *De profundis clamavi*... E não ha coveiro... coveiro para tantos mortos ... *Requiem eternum*... *De profundis* ... *de profundis*... *de profundis*...

— Vem servir-nos de guia, Francisco—disse Luiz Vasques,que desejava tiral-o d'ali.

De profundis poz-se, sem dar palavra, adiante dos cavallos. A multidão abriu aos lados, desviando-se apressada d'aquelle homem de figura funerária, que a seu parecer tantos males predestinára sobre as águas do rio,que,poucos dias antes,tinha sido sepultura dos cadáveres das víctimas da temerosa anarchia, que nos dias 21 e 22 de março infernou medonhamente o Porto.

O sargento e Luiz Vasques, guiados pelo idiota, atravessaram a cidade até chegarem á bateria de S. Barnabé, que era uma das duas baterias que se tinham levantado na Prelada. Atravessaram portanto pelo coração da cidade, e tiveram occasião de observar o estado dos ánimos no aperto, por que estavam passando. As lojas estavam geralmente fechadas, e as portas das casas estavam egualmente meio cerradas. A população corria em todas as direcçoens animada pelo enthusiasmo, que domina e allucina os ignorantes, que não comprehendem a grandeza dos perigos, còm que se acham de frente, e declamam contra elles e os ameaçam com fanfarrice ridícula. Em toda a parte se viam homens armados, correndo aqui e acolá, pavoneando-se no cego desprêso, com que mediam o lance arriscado em que estavam, e confiados nos meios de defeza, que a ignorancia lhes assegurava invenciveis. Pelas portas via-se porém muita outra gente da mais sisuda e da mais illustrada, que, sem se demorarem muito, com receio dos dictérios e dos insultos da

plebe, ainda assim trocavam a meia voz algumas palavras, e olhavam-se de fórma que bem demonstravam o quanto duvidavam do bom exito da empreza, em que o povo tão cegamente confiava. A' agitação natural d'estes quadros, juntava-se o rebate continuado dos centenares de sinos das muitas igrejas e mosteiros do Porto, o troar incessante da artilheria ao longo de toda a extensa linha de defeza, e o zumbido que sobe ao de cima das grandes populaçoens violentamente concitadas.

Ao chegarem á bateria de S. Barnabé, os dois amigos, que já tinham largado os cavallos n'uma das estalagens por onde passaram, encontraram o Trinta e tres, sentado sobre o fraco e baixo parapeito da bateria, a olhar impassivel e friamente para o longe.

Eram perto das cinco horas da tarde. Mal os avistou, o Trinta e tres veio ter com elles.

— Fel-a bonita—disse a meia voz, voltando-se para o sargento-mór.—Que vem vocemecê cá fazer? Isto está acabado. Não ha generaes, não ha artilheria, não ha soldados, não ha nada. E graças a Deus que já temos uma cousa assim a modo de governança; que até sexta-feira o rei era a plebe. Isto não tem geito. Olhem em que elles gastam a pólvora!.. A fazer fogo aos pinheiros...

—Aos pinheiros, homem!—disse o sargento-mór.

— Aos pinheiros, sim senhor—replicou o veterano.—Olhe, os francezes chegaram hontem, e estão acampados acolá, no campo de S. Mamede. A artilheria não lhes chega lá, e estes alarves teimam em estar a dar fogo para o vento. E' para os espantar, talvez!.. Elles vos ensinarão, almas de cántaro. Deixem que lhes chegue a artilheria, e verão. Ora olhe, snr. Luizinho, veja

se isto não é para fazer raivar um santo. E eu disse isto ha pouco, e disseram-me que era jacobino. Fortes bestas! Sabe que mais, vamos a casa que já são quasi horas de ceia. Isto está por horas, meu capitão.

Assim dizendo, o Trinta e tres poz-se a caminho, seguido machinalmente pelos dois, a quem as poucas palavras do veterano, ditas a meia voz e á parte, para não ser ouvido por outros, tinham feito cahir das nuvens.

A casa, onde o veterano estava alojado, era uma bodéga no fim da rua da Ramada Alta, que então principiava a encher-se de casas térreas, arruadas disformemente.

O veterano subiu ao andar de cima, ordenando ao patrão que preparasse ceia sufficiente para elle e para aquelles dous amigos, e satisfazendo-lhe ao mesmo tempo a curiosidade de noticias com duas bravatas mal ageitadas e ditas seccamente ácerca do proximo assalto.

A cada vez mais pardacenta cerração da atmosphera tinha apressado a noite. Quando o taverneiro chegou com a ceia, já foi preciso accender luz. Os tres, sem distincçoens nem ceremónias, sentaram-se á meza, e puzeram-se a comer sem darem palavra uns aos outros. Não era porém o furor gastronómico que lhes atava as linguas. Aquelle silencio, admiravel sobretudo no sargento-mór, era resultado do espanto que lhe causaram as noticias, que ao de leve recebera do seu antigo camarada. Imaginára o Porto bem defendido e inconquistavel, e o Trinta e tres asseverava-lhe a ridiculez da defeza e dos defensores.

—Mas, homem, por alma de meu pai!—exclamou finalmente — como é isto? Pois é verdade isso que contas? Falla, com mil diabos; desembucha, entendes?

O veterano levantou a cabeça, e fitou um momento o sargento-mór.

— Que quer que lhe diga mais? — respondeu então—Está tudo dito. Não ha generaes,não ha soldados, não ha artilheria, e até as fortificaçoens não prestam para um diabo. Crê que n'este estado se possa resistir aos francezes?

— Mas, por alma de meu pai!... — exclamou o sargento-mór,deixando cahir o garfo da mão e fitando o veterano com olhos de meio aterrado e de meio espantado.

— E' como lhe digo—volveu o veterano. — As baterias não têem parapeitos,que cubram um homem para mais do que até meio do corpo. Não viu a de S. Barnabé? São todas assim, ou ainda peiores. A artilheria são peças velhas, muitas das quaes já estavam servindo no caes para a amarração dos navios. Olhe o que se ha-de fazer com ellas! De soldados ha meia duzia de praças de linha,alguns da Legião, e os mais paizanada armada de chuços e piques, insubordinada, indisciplinavel, vendo traição em todas as cousas, e querendo governar em tudo. De generaes não fallemos. Ahi estão o Parreiras e o Victoria. Para commandarem um regimento não eram maus de todo; são valentes, não voltariam a cara; mas para commandar em chefe!.. E demais, diga-me cá, senhor, acredita na possibilidade de um bispo poder ser general? Pois é o que estamos vendo. O commandante em chefe da defeza é o bispo, e está tudo dito. Isto está por horas; se o Soult soubesse o que por cá vai, nem pela artilheria esperava. E' como lhe digo. Verá ámanhã ou depois.

O sargento-mór, boqui-aberto e descahido para as costas da cadeira, fitava o veterano, sem proferir palavra. Luiz Vasques tambem tinha os olhos

pregados n'elle, mas parecia ir mais e mais mergulhando em intimo pensamento, á medida que o Trinta e tres seguia fallando. Este continuou:

— Sabe que mais, meu capitão, pesa-me de não ter ido direito para a Villa da Feira. Isto não é para um soldado soffrer. E depois sabe a primeira cousa que vi no dia 22, salvo seja, quando entrei na cidade? Eu lhe digo. Ao atravessar a ponte, senti grande reboliço. Apressei o passo, e ao embocar a rua de S. João, apercebi uma grande turba-multa, correndo e soltando gritos furiosos, que se dirigia para o rio. Ao passarem por mim, vi que levavam arrastando um cadáver já desfigurado, a que puxavam por uma corda, que lhe tinham amarrado aos pés. Perguntei o que era; disseram-me que era o Bandeirinha, que o povo tinha morto, e que ia deitar ao rio. Soube depois, que aquelle homem era o valente tenente-coronel do 6 de infanteria, o bravo João da Cunha, nosso camarada da campanha passada. Tinham-no morto no dia anterior, ahi para o Padrão das Almas, porque resistiu á vontade da canalha, que por isso o alcunhou de jacobino e de traidor. Benzi-me logo de tal gente, e principiei a arrepender-me de ter vindo para o Porto. Mas ainda aqui não ficou o caso. Depois de o deitarem ao rio, aquella plebe desenfreada começou a gritar e vociferar, e desandou a correr para o lado da Relação, atroando os ares com gritos medonhos. Segui apoz ella. Sabe o que fui encontrar? Repare bem. A' porta da Relação estava uma grande multidão de canalha, uivando e dando morras desentoados e enfurecidos. Quando eu chegava, sahia pela cadeia fóra, empurrado por dous ou tres rotos, um pobre homem em chinellos, com a cabeça descoberta, sem lenço ao pescoço, e abraçado com um crucifixo. Apesar do terror que o desfigurava, reconheci o bri-

gadeiro Luiz de Oliveira da Costa. Não tive tempo para me pasmar, porque mal o avistei, logo o ouvi bradar que o não matassem sem confissão, e vi um frade do Carmo, que vinha feito cabide de armas, lançar-se por entre o povo com uma espada na mão. Apenas vieste frade, logo lhe ouvi dizer—onde está elle? E n'isto lança-se contra o pobre brigadeiro, e enfia-lhe a espada pelo vasio direito. (*) Mal o triste cahiu, lança-se a canalha sobre elle, e desfal-o a cutiladas e a chuçadas. Mas não ficaram n'isto, senhor. Logo trazem para fóra mais dois, e matam-nos. Depois, amarrando-os pelas pernas e arrastando, levaram-n'os até Villa Nova, onde os lançaram do caes da Bica ao rio. Que lhe parecem estes bons soldados, meu capitão? E tudo isto em vésperas do inimigo chegar ás linhas! Fiz logo ideia do que isto valia. Mas ainda aqui não parou a desordem.

O veterano embocou, para reanimar-se, um enorme copo de quartilho, que tinha diante de si, e em seguida continuou:

— Para fazer bem ideia do que isto por cá estava, sempre deve saber que aquelles valentes soldados, depois de terem praticado aquelles grandes feitos, foram d'alli em magote para o paço do bispo, e ahi, onde mora o prelado, governador e commandante em chefe do Porto, se passearam pavoneando-se e vangloriando-se do feito, e olhando-lhe para as janellas, como quem tinha vontade de fazer o mesmo a quem vivia ali dentro. De tarde prenderam o chanceller, e quizeram-no matar. Escapou pór um triz; mas o mesmo não aconteceu a uns poucos de desgraçados, que foram buscar á cadeia, e que assassinaram á porta d'ella, como fizeram ao brigadeiro Oliveira. Estes foram lançados depois ao rio.

(*) Vid. not. XII.

— Por alma de meu pai! — bradou o sargento-mór, batendo rija punhada sobre a meza—Que diabo de authoridades são estas qué consentem que a canalha lhes cuspa na cara? Pois não havia um cento de soldados para fuzilar esses marotos, entendes? e com mil diabos....

— E calluda, que ainda agora não estamos seguros...

— Por esta que trago á cinta, entendes?.. — bradou o sargento-mór, levando enfurecido a mão ao punho da espada.

— Vocemecê está muito enganado, snr. João Peres — disse o veterano, atracando-se com a alentada tigella de caldo, que tinha diante de si.—Se visse o que eu vi, dava muitos louvores a Deus por a canalha não ter embirrado comsigo. Olhe que se um bebado calhasse a olhar fito para si, e lhe cahisse no goto a sua barba, o seu nariz ou o seu bigode, e lhe desse no bestunto chamar-lhe jacobino, era dar-se por morto. Por menos esteve para o ser um pobre diabo que eu vi, que só por dizer do chanceller — *ai, coitadinho!*—levou logo um tal cachação que afocinhou, e se não tem a felicidade de ser conhecido de um tal Reteniz, da Legião, que era um dos capatazes dos furiosos, o qual lhe acudiu, era logo ali morto por jacobino. E ainda assim, não se foi muito a seu salvo, que não fosse a escorrer em sangue, com duas chuçadas no corpo.

Os olhos do sargento-mór fuzilavam de raiva concentrada; mas diante d'aquelle argumento concludentissimo João Peres não ousou contradizer o veterano.

— Aquelle dia foi um inferno — continuou o Trinta e tres.—A' tarde foram ao aljube, quizeram matar o chanceller e o abbade de Lobrigos. Sobretudo por quem mais berravam, era pelo Pentiei-

ro; e contra este, a fallar verdade, razão tinha a gentalha. O perro já por duas vezes tinha fugido para os francezes, e de ambas tinha voltado prisioneiro. Por causa da fúria do povo contra elle, estiveram os dois em grande perigo. Mas por fim a guarda fez ahi o seu dever. Carregou a canalha á bayoneta, e fel-a arredar. O bispo tambem abriu os olhos. Mandou-os carregar pela cavalleria, e fel-os dispersar, apesar dos uivos furiosos que davam. No dia seguinte, imagine o terror que não ia ahi pela cidade. Na rua não se viam senão os assassinos, que passeavam como senhores, e que andavam pelas baterias dando ordens, e dispondo como generaes, como governadores, como tudo. No dia 24 acabou aquella anarchia, porque dizem que o Parreira foi dizer ao bispo, que lhe désse licença para pôr cobro n'aquella desordem, e, alcançada, mandou prender os cabeças por tropas de linha, e pregou com elles no castello da Foz, onde estão bem guardados. Se não fosse isso, não sei o que seria. Mas olhe que está tudo ainda com muito medo. Todos receiam dar ordens, porque a gentalha ainda rosna. Veja em que estado isto está, meu capitão, e diga lá se tenho razão, quando digo que isto não resiste meia hora. Verá, verá.

Ao dizer estas palavras, o Trinta e tres estendeu-se por sobre a meza, e chegando, para si metade de uma boroa, tirou d'ella um grande naco de miolo, que se poz a esfarelar dentro da tigella, como legítimo minhoto que era.

O sargento-mór ora fitava o veterano, ora Luiz Vasques.

— E então que havemos de fazer?—tartamudeou finalmente.

— Ficar — respondeu serenamente Luiz Vasques.—Seja ou não possivel resistir aos francezes,

o nosso dever é combater entretanto que se combater. Depois o tempo dirá...

— Se alguma bala nos não disser antes d'elle, que tivemos pouco juizo em nos virmos arriscar a leval-a aqui, onde nem mesmo se sabe o que é ser militar—interrompeu fleugmáticamente o veterano, continuando a esfarelar com todo o cuidado a boroa.

— N'esse caso—replicou Luiz Vasques sem se alterar—morrerei com a satisfação de ter cumprido o meu dever. Onde ha mais necessidade de homens experimentados, é onde ha menor número d'elles. Onde todos são bons, dois ou tres de menos não fazem falta. Pela minha parte fico.

— Nem eu lhe digo que vou — respondeu o Trinta e tres, carregando o sobr'olho.

— E eu não arredo pé d'aqui, entendes? — bradou João Peres, dando largas á zanga que o abafava—Se tens medo, compra um cão, que eu nem pelo diabo envergonho as barbas dos valentes de Belver e de Puig-Cerdá. Tenho dito, e não me digas que não, entendes? Fico, ainda que me leve o diabo. Aqui esperarei a pé firme os francezes, ainda que venha com elles o excommungado do corso, entendes? Vai com isto: sei o que digo.

O veterano sorriu-se irónicamente, encolheu os hombros, e, depois de remexer a montanha da boroa de mistura com aquella enormidade de couves, pozse a comer sem dar mais palavra.

D'ahi a pouco sentiram-se os sinos redobrar o furor do rebate, sentiu-se grande vozeria do populacho, e a artilheria, que se callára havia meia hora, recomeçar a fazer fogo.

Luiz Vasques ia a levantar-se, quando *De profundis* entrou na sala.

— A-dei, homem? — perguntou o veterano,

ainda atracado com os restos da plangana das couves, que devorava com voracidade eguál á com que Saturno devorava os filhos.

O idiota tomou de cima da meza um pedaço de pão,que levou sóffregamente á bocca.

— São os herejes que vieram ás linhas. Ha lá mortos que farte. A artilheria urra que tem diacho...

E interrompeu-se com a bocca entupida de boroa.

Luiz Vasques e o sargento ergueram-se, e afivelaram á cinta as espadas e as pistolas, que tinham posto de parte.

—Ora vamo-nos lá a ver a comedia—disse tambem o Trinta e tres,tomando a espingarda e partindo apoz elles.

De profundis aproximou-se então da meza. Ergueu as mãos,e poz-se a benzer em todas as direcçoens, e a entoar um *Requiem* com todos os ricos feitios do cantochão do ripanço. Depois chegou para si um enorme prato de louça grossa, em que ainda havia alguns salpicoens e um grande naco de prezunto cozido, e poz-se a comer sóffregamente, deixando fugir de quando em quando dos lábios syllabas e notas avulsas dos seus cantares favoritos.

Quando Luiz Vasques voltou, e com elle os dois do Roussillon, acharam-no a dormir socegadamente, acocorado a um canto da sala.

— Melhor nós estivessemos fazendo o mesmo —disse com mau modo o Trinta e tres,atirando com a espingarda para o lado.

E tinha razão. Toda aquella espantosissima celeuma cifrava-se em terem vindo os francezes fazer negaças á direita da linha, movendo-se em grandes massas, mas fóra do alcance da artilheria. Ao sussurro produzido por aquelles movimentos,os

boçaes defensores do Porto responderam, despejando e desperdiçando, por horas a fio, balas razas e granadas sobre os cerrados e bastos pinheíraes, que imprudentemente tinham deixado de pé em redor de toda a extensão da linha de defeza.

XIV

Os moiros de dentro, que viram crecer
Seu mal e seu damno, sem bem esperar,
Com grande temor de vidas perder,
Deixaram cidade, por vidas salvar,
Fugindo sem tento, com tal pressa dar,
Que ao sahir da porta muitos se matavam:
Os paes polos filhos se não esperavam,
Mulher por marido podia aguardar!

Cancioneirio de REZENDE.

Antes de esboçar os desgraçados acontecimentos, a que o sargento-mór de Villar e Luiz Vasques de Encourados assistiram no Porto nos dois dias— 28 e 29 de março de 1809—releve-me o leitor uma breve divagação histórica, a que sou obrigado, para que possam devidamente apreciar-se os factos, que tenho de narrar.

Tres dias depois de occupar Braga, isto é, no dia 23 de março, o marechal Soult avançou sobre o Porto. Achando resistencia na passagem do Ave, na Barca da Trofa, dirigiu-se sobre Santo Thyrso, e ahi o atravessou quasi que sem dar um tiro. No dia 26 o exercito francez avistou as linhas do Porto, e acampou a uma légua d'ellas, sobre as campinas de S. Mamede de Infesta.

A extensa linha de fortificaçoens, que guarneciam o Porto, rodeando-o em fórma de meia lua, estendia-se no comprimento de mais de duas léguas e desde Campanhã até á Senhora da Luz, na Foz, aproveitando todas as elevaçoens de terreno, que se encontram n'esse longuissimo semi-circulo. Haviam n'elle trinta e cinco baterias, nas quaes e nas seis que defendiam a cidade, do lado do sul, tinham sido montadas duzentas peças de artilheria de calibre 12 a 3 e alguns obuzes de 18 a 19. A linha era guarnecida por 20:000 homens—dos quaes 2:000 de tropas regulares, 3:000 milicianos, e 15:000 ordenanças da cidade. As tropas regulares eram — 900 homens de dois batalhoens dos regimentos n.os 6 e 18, que, em resultado das últimas ordens dadas por Bernardim Freire, o brigadeiro Antonio Marcellino da Victória tinha trazido, n'um só dia de marcha, de Amarante até o Porto (*); um batalhão do regimento 21 (de Vianna) commandado pelo tenente-coronel Champalimaud, e os restos da Leal legião lusitana, commandados pelo barão d'Eben. As ordenanças estavam divididas em cinco brigadas, das quaes as quatro primeiras pertenciam ao lado norte da cidade e a quinta a Villa Nova, parte meridional d'ella. D'estas brigadas eram commandantes — Sebastião Leme Vieira de Mello, voluntario real e camarista; da segunda Gonçalo Christovão Teixeira Coelho, capitão de cavalleria; da terceira Luiz de Mello Pereira Correia Coelho, alferes da policia; da quarta Barnabé de Oliveira Maia, negociante e coronel aggregado ao regimento de milicias do Porto; e da quinta Francisco de Souza Cirne de Madureira. D'estas cinco brigadas era com-

(*) Vid. «Correio brazileiro» de maio de 1809, pag. 510—524. A carta publicada a pag. 520 é do barão d'Eben.

mandante em chefe Bernardo de Mello Vieira da Silva Menezes, que era o vereador encarregado da capitania-mór das ordenanças do concelho do Porto.

De toda esta máchina bellicosa era general em chefe D. Antonio José de Castro, bispo do Porto e um dos governadores do reino. A's ordens d'este serviam os tres officiaes generaes, que commandavam as tres secçoens, em que se dividia a extensa linha de defeza. A da direita, que se èstendia desde a bateria n.º 1 chamada de S. Cosme, em Campanhã, até á bateria n.º 18, Santo Antonio, no monte do Regado, era commandada pelo brigadeiro Antonio Marcellino da Victória. A secção do centro, onde estava o quartel-general, comprehendia uma só bateria, a n.º 19, S. Francisco, e era commandada pelo proprio bispo general em chefe, e ás ordens d'elle pelo brigadeiro Caetano José Vaz Parreiras, que era governador das armas do partido do Porto, logar que occupava interinamente desde o dia 30 de janeiro, em que Bernardim Freire o nomeára para elle por occasião da sua partida para o Minho. A terceira secção da linha, esquerda d'ella, que abrangia desde o Monte Pedral até o mar, isto é, desde a bateria n.º 20, S. Paulo, collocada no alto da Falperra, até á bateria n.º 36, S. Raimundo, adiante da Senhora da Luz, era commandada pelo brigadeiro Antonio de Lima Barreto.

Estas tres secçoens eram subdivididas em seis divisoens ou commandos, de que eram chefes os seguintes officiaes. Da primeira divisão era commandante João da Cunha Araújo Portocarreiro, tenente coronel do regimento n.º 6, e abrangia o espaço que ia desde a bateria n.º 1, S. Cosme, em Campanhã, até á bateria n.º 9, Senhor da Boa Vista, no monte das Antas. Da segunda divisão, que se alongava

desde a bateria n.º 10, Santo Ildefonso, na Povoa de Cima, até á bateria n.º 18, Santo Antonio, no monte do Regado, era commandante José Brito da Cunha, capitão de cavalleria. A terceira, que se estendia desde a bateria n.º 20, S. Paulo, á Falperra, até á bateria n.º 28, S. Miguel, em Lordello, era commandada pelo ajudante de campo Francisco da Cunha Leite Pereira de Mello. A quarta, que ia desde a bateria n.º 27, S. José, no Prado da Fábrica, até á 35, S. Raimundo, perto do mar, adiante da Luz, era defendida pelo major Raimundo José Pinheiro. A quinta divisão, a de Villa Nova, que principiava na bateria n.º 36, Santo Antonio, por cima de Valle de Amores, e findava na bateria n.º 41, Serra do Pilar, era commandada pelo coronel D. Antonio de Amorim da Gama Lobo. A sexta divisão, abrangia só a bateria n.º 19, onde estava o quartel-general, e era commandada pelo coronel Antonio de Castro Moraes, ajudante de ordens do bispo; e o quartel-general, que estava abarracado por traz d'esta bateria, era governado por Antonio da Silva Pinto, coronel de infanteria.

As cinco primeiras divisoens eram defendidas pelas cinco brigadas de ordenanças, e a sexta pelos corpos de reserva, que eram a tropa de linha.

Tal era o apparato béllico da defeza do Porto. A' primeira vista illude, e parece resistencia capaz para todos os exércitos do mundo. Considerado mais de perto, cahe e desmancha-se toda aquella apparatosa fábrica, deixando a descoberto o miseravel estado a que maus governos nos tinham reduzido, a ponto de se desconhecerem entre nós os mais somenos rudimentos da arte da guerra, e de nos fazerem representar o ridículo papel de tomar a sério e de ter confiança em meios

de defeza, de que se riria o mais boçal soldado de leva francez.

Que differença entre a nossa história dos princípios do século XIX, e a dos séculos que decorreram desde os primeiros dias do reinado de Affonso I até á admiravel mas fatal quixotada de Alcácer-Kebir; e mesmo desde Alcácer-Kebir até ao momento em que o marquez de Minas, senhor de Madrid, esteve em pontos de dispor da coroa de Hespanha, burlando d'esta fórma os antojos ambiciosos d'aquelle grande e poderoso pavão, chamado Luiz XIV!

Parece impossivel que assim se transformem os habitos e o carácter de uma nação!

Nascemos n'um campo de batalha. De um só golpe, mas golpe de mão de gigante, Affonso I separou-nos da coroa de Leão, retalhou-nos do grandioso manto de purpura do império de Affonso, o Sábio. Desde então a nossa existencia foi vida ininterrompida de batalhadores; foi vida que prognosticava o que haviamos de ser durante uns poucos de séculos. Mal nascemos, logo nos pareceu estreito o berço, em que tínhamos sido arrolados pelos brados guerreiros do grande homem,que nos havia feito nação. Principiamos, com elle á frente,a embater-nos desde logo, ora de encontro ao império leonez, que nos delimitava pelo norte, ora de encontro ao senhorio sarraceno, que nos arrostava pelo sul. Por fim faltou-nos de todo o ar, e, no ímpeto d'aquelle terrivel resfolegar, abrimos com mais força os braços, e os homens da raça árabe foram parar para além do estreito. D'ahi até Aljubarrota a nossa actividade bellicosa não nos deixou socegar; ora se contorcia em lutas intestinas, ora salvava a Hespanha no Salado, ora se revolvia contra a poderosa Castella nas guerras do descuidado Fernan-

do I. Depois de Aljubarrota, veio a paz, e paz que ameaçava dar ao tempo o espaço preciso para enferrujar as armas. Mas o orgulho d'aquella grande victória e o instincto batalhador, retemperado pela diuturnidade d'aquella guerra, em que todos os dias haviam batalhas, acrescentaram as necessidades do respirar dos grandes homens de então. Aquella época grandiosa, que foi para assim dizer o arrebol do nosso megostoso dia do século XVI, não podia deixar-se adormecer no remanso d'aquella paz, apesar de gloriosamente alcançada. Acachoava-lhe a actividade no seio, refervia-lhe a vida no coração,e de novo tornou a affigurar-se estreito o terreno para o respirar d'aquelle instincto bellicoso e dominador, oppresso agora pelo indefinido sentimento da aproximação do grande seculo. Era preciso portanto alargar a área do nosso senhorio; cumpria dar áquelle espírito soberano o espaço necessario para o seu valente e immenso resfolegar. Pelo lado de terra era impossivel. Cingia-nos uma nação poderosa que acabavamos de vencer, mas com quem tínhamos feito paz havia pouco, e em quem o espirito batalhava com brios e aspiraçoens,que nos eram eguaes.

A nossa irrequieta actividade esbarrava de encontro áquelle immenso obstáculo, e d'elle resaltava, como o leão resalta das grades da jaúla, de encontro ás quaes se arremessou furioso. Voltamos então os olhos na direcção da fronteira opposta. Ahi estava o mar, e além do mar a Africa e a raça dos antigos conquistadores da Espanha goda. Era appetitoso o convite—a conquista e a desaffronta; os christãos a alastrarem-se por sobre as campinas árabes, o seculo XV a vingar o seculo VIII. Não se hesitou um momento na satisfação de tão necessário desejo. Aquella horda de guer-

reiros, insaciaveis de dominio, lançou-se por sobre o mar, e Ceuta, senhoreada, pagou o antigo crime, sendo agora a primeira a abrir a porta á conquista d'A'frica como n'outro tempo o fôra a abril-a á conquista de Hespanha. Seguiu-se a debellação do littoral africano, de que nos tornamos progressivamente senhores; seguiu-se a dominação da India, e a ella a descoberta da América. Por fim seguiu-se Alcácer-Kebir. Aquelle grande espirito bellicoso, aquella actividade gigantesca havia-se desgastado no turbilhão, que a revolvêra de encontro a oitenta annos ininterrompidos de glórias e de poderio. Alcácer acabou de reduzir os gigantes ás proporçoens dos homens vulgares. Mórremos ali, mas ainda morremos como cavalleiros, e, o que mais é, desgraçadamente como cavalleiros andantes. Aquillo não foi uma batalha, foi um torneio e um torneio sanguinolento, em que cada portuguez justou em luta individual com muitos africanos. Uma batalha não é assim. Uma batalha é uma luta só, é a luta de massas contra massas; e aquillo foi um complexo de milhares de lutas, de milhares de combates individuaes. Alcácer não foi mais do que isto. Ali não se bateu Portugal, bateram-se os portuguezes.

Apoz Alcácer vieram os sessenta annos da dominação hespanhola. Mas apesar d'ella e apesar de Alcácer, o antigo espírito bellicoso não se mostrou apagado em nós. Fallam por esta verdade as guerras da Flandres, e falla sobretudo 1640 e os vinte e oito annos da luta da independencia; e falla ainda, e muito altamente, a memoria da campanha de 1706, por occasião da guerra da successão, em que o marquez de Minas, affugentando de Broças o célebre marechal de Berwick, occupou Madrid com o exército portuguez que commandava, e sentado no

throno dos reis catholicos, poz na cabeça de Carlos d'Austria a coroa de Hespanha, e, em nome do monarca que coroára, cunhou moeda e exerceu outros actos de soberania.

Depois d'aquelle dia os gigantes, já então simples homens vulgares, tornaram-se anoens. E que anoens, Santo Deus!

Ao rei de Mafra succedeu-se o rei do torno e ao rei do torno succedeu...a senhora D. Maria I. D. José tivera o bom senso de deixar governar o marquez de Pombal. Bom senso lhe chamo, mas não sei bem se lhe devera chamar preguiça. O que é certo é que o deixou governar; e, sacudidos pelo governo d'aquelle homem de ferro, ainda os anoens tiveram espíritos bastantes para se mostrarem descendentes dos gigantes dos grandes séculos anteriores. Depois veio a senhora D. Maria I. Esta deixou-se governar pelos frades e por uma aristocracía, a quem o marquez de Pombal desalentára os antigos brios, e que era ignorante por isso mesmo que elle ordenára que Portugal fosse instruido. Aquillo é que foi um modêlo de governos bernardos! A primeira cousa que se fez, foi destruir tudo o que o marquez tinha feito de util e de magestoso. A's grandes questoens económicas substituiram-se as questiúnculas e nugarias fradescas; á altivez e sobranceria da dignidade, que callou Chatam, substituiu-se a fanfarrice humildosa, com que se comprou a nossa neutralidade nas questoens, com que a França principiava a agitar a Europa; n'uma palavra, aos acertos substituiu-se o destempêro, ao drama viril substituiu-se a farça de cordel. Choviam leis, choviam medidas administrativas, a que Sebastião José de Carvalho respondia com gargalhadas de dentro do caixão de chumbo, em que estava mettido em Pombal. Em poucos annos ficou tudo um

cáhos de bernardices. Não tínhamos commercio, não tinhamos agricultura, não tínhamos instrucção pública, não tínhamos exercito, n'uma palavra não tínhamos cousa alguma séria, porque o governo não era governo, era uma farçada ridícula de governo, uma cousa que fingia ser governo. E o mais é que estavam muito contentes de si, porque tinham passado por cima do marquez de Pombal, vingando assim as ferocidades do caes de Belem e do forte da Junqueira com a desgraça da nação. Forte gente! Valentes cabeças, por Deus!

Tal era o estado de Portugal, quando os francezes o invadiram pela primeira vez. Os descendentes dos antigos conquistadores eram então uma populaça, dominada por superstiçoens fanáticas, dotada de supina ignorancia, e entretida pela fanfarrice vangloriosa que se pavoneia na convicção de sonhadas grandezas, e se reputa superior a tudo o que está fóra d'ella, e que ella nem mesmo conhece pela rama. Dos antigos gigantes da história restava-lhes apenas o sangue, abastardado sim, mas ainda o sangue. Restava-lhes pois o valor e a aptidão para as grandes emprezas, porém mais nada. De soldados haviam-se tornado ordenanças; de batalhadores tinham-se mudado em populaça berradora e rica de abafas ridículas. Mas havia n'elles o principal elemento dos grandes feitos; o que lhes faltava era governo que o soubesse aproveitar. O governo era porém ridículo; a nação havia por consequencia de ser ridícula tambem.

Junot entrou em Lisboa ás nove horas da manhã do dia 30 de novembro de 1807. Na tarde do dia anterior tinha-se feito á vela para o Brazil a esquadra, que conduzia o principe regente com a raínha idiota. Em logar de armar a nação para disputar pollegada a pollegada o terreno aos invasores, e

se fosse vencido, morrer sobre os últimos sete palmos de terra que lhe restassem, o rei fugia!.. Tinha passado a época, em que os reis vencidos podiam dizer —*perdeu-se tudo menos a honra.* Agora perdia-se a honra e tudo. E fugia para dar, diziam elles, prova cabal de patriotismo e de paternal sollicitude pela nação! Valente prova na verdade! Como se a dynastia fosse a nação, como se Portugal morresse com a morte honrada do seu rei! Fugia, mas era por interesse próprio; fugia, mas era porque os governos d'essa época não sabiam governar, não sabiam aproveitar o grande elemento de resistencia que havia no sangue do povo, e preferiam fugir a armar a nação, e a vencer ou a morrer com ella. Fugia, mas era porque não tinham sabido crear generaes, nem exércitos que defendessem o reino, e receiavam, por isso, que o rei fosse parar a Valenciennes, como tinham ido Carlos e Fernando de Espanha. Esta é que é a verdade sem disfarce e sem farçadas.

O caso é que o rei fugiu. E apoz elle entrou Junot, e em seguida o nosso pequeno e indisciplinado exército marchou para França, e, depois de disciplinado e instruido, mostrou, ás ordens do primeiro capitão d'este século, que a gente portugueza, guardadas as devidas proporçoens entre os acontecimentos, não havia degenerado do sangue dos velhos conquistadores da Africa, da India e da América. E Junot ficou-se senhor de Lisboa, apesar do rancor que concitava as massas; e, para lançar Junot para fóra de Portugal, foi preciso que cá viesse sir Arthur Wellesley e os inglezes. E ainda assim sahiu pela capitulação de Cintra, vergonha indelevel para a Inglaterra, contra a qual o unico portuguez que protestou foi o desgraçado Bernardim Freire de Andrade. Os inglezes não perdoaram esta affronta, e

vingaram-se com o assassinato de Braga. Da vingança foi agente o barão d'Eben; e os meios de que para ella se serviu, foram a ignorancia e estupidez, a que os maus governos tinham reduzido os portuguezes de então.

Depois de expulso Junot, tornou-se a installar o Supremo conselho da regencia, nomeado pelo príncipe regente, no dia 26 de novembro de 1807, véspera de embarcar a bórdo da esquadra que o devia conduzir ao Brazil, e que effectivamente se fez á vela no dia 30. Por amigos do governo francez sahiram com Junot para França dois dos regentes nomeados por aquelle decreto, os quaes foram Pedro de Mello Breyner e o Principal Castro. Para os substituir, foram nomeados o bispo do Porto D. Antonio José de Castro e o marquez das Minas. Além d'elles eram membros da regencia o marquez monteiro-mór, e os tenentes-generaes D. Francisco Xavier de Noronha e Francisco da Cunha e Menezes. Eram ministros, com voto cada um em matérias da sua repartição—do reino e fazenda o desembargador do paço e procurador da coroa João Antonio Salter de Mendonça; da marinha e guerra o marechal de campo D. Miguel Pereira Forjaz, conde da Feira; e dos negocios estrangeiros Cypriano Ribeiro Freire.

Estes foram os homens, que, com o titulo de Supremo conselho da regencia, tomaram conta da governação publica, logo depois que o exército de Junot deixou Portugal. Que medidas pensa o leitor que lhes foram inspiradas pela experiencia do passado e pela facíllima previsão de um futuro muito próximo?

Que a facilidade da invasão de Junot fôra resultado do desmantelamento, em que os nossos fátuos e néscios governos passados tinham a nação, era

*

cousa que ninguem ousava duvidar. Que a occupação de Portugal entrava por tudo nos planos da guerra de extermínio, que Napoleão queria fazer á Inglaterra, era, para os espíritos menos claros, deducção palpabilíssima do facto de ser o nosso paiz a única porta, que a Inglaterra tinha aberta no continente para entrar e oppor-se com os seus exércitos á realisação do tão decantado systema continental. D'aqui seguia-se lógicamente a previsão de que, em quanto Napoleão podésse, á de Junot seguir-se-ia nova invasão e a esta outra e outra, quantas emfim fossem precisas para realisar a necessaria occupação. Em vista d'estas verdades incontrariaveis todo o governo sensato, todo o governo que soubesse governar, o que faria era prevenir-se para a guerra futura, afortalezar praças, procurar generaes e disciplinar exércitos. Era n'uma palavra pôr o paiz em estado de defeza, em estado de poder resistir com vantagem ou ao menos com partido igual a toda e qualquer tentativa de invasão.

Pois, senhores, o que fez aquelle bemaventurado Supremo conselho da regencia, durante os sete mezes—sete mezes, note se bem—que intermediaram entre a convenção de Cintra e a invasão de Soult,foi decretar pragmáticas e babozeiras de arrogancia monárchica, em tudo e por tudo transumpto fiel do procedimento do governo, que dirigiu Portugal durante aquelles longos annos de beatífico ócio fradesco do reinado da senhora D. Maria I. E adormecido n'esta túmida e cómmoda inércia assim viveu aquelles sete mezes, embalado nas vaidades de fazer de rei; e só despertou ao grito de agonia soltado pela independencia ibérica, quando, a 16 de janeiro, Soult esmagou na batalha da Corunha o exercito inglez commandado pelo bravo e heroico sir John Moore. Despertou, e o que fez

foi dar ordem ao general Bernardim Freire de Andrada de tomar o commando em chefe da defeza do Minho, para onde Soult marchava rápidamente. E com isto ficou-se, e de novo poz-se a dormir, arrolado pelas fátuas vaidades tão queridas da sua parvoíce.

Forte medida por certo! Mandar a um general que fosse defender um extenso território, ameaçado por um exército inimigo, e não lhe dar soldados, nem muniçoens, nem os mais somenos recursos próprios para fazer a guerra, era cousa que só podia entrar na cabeça do Supremo conselho da regencia de Portugal, que, nas suas manias de rei absoluto, acreditava que bastava mandar para poder.

Bernardim Freire era homem de idade vigorosa, e era dotado de rara coragem e de rarissima actividade, e sobretudo não se desalentava com difficuldades. Na escolha foram os regentes felicíssimos. Se a cousa fosse possivel, tinha-se feito.

Bernardim Freire partiu para o Minho, e sem soldados, sem artilheria e só com a populaça armada e indisciplinavel obrigou Soult a perder as esperanças de atravessar o rio e a emprehender a entrada por Traz dos montes. O resto já o leitor o sabe. Freire foi morto em Braga, víctima das intrigas dos inglezes e da estúpida ignorancia da plebe. Mataram n'elle o mais illustrado general, que tínhamos então, um portuguez de lei, um soldado valente como os que o são.

Desde que Soult ameaçára o Minho, a governança do Porto pedíra ao governo do reino, que lhe mandasse armas, muniçoens e soldados, que guarnecessem a cidade. Das linhas de fortificação incumbiu-se ella. O governo disse muito inchado que sim, mas nem mandou soldados, nem armas, nem muniçoens. De dois hiates carregados de ar-

mas ferrugentas e incapazes de servir, que de Lisboa foram mandadas para o Porto, um naufragou ahi na costa do sul e o outro tornou a entrar arribado no Tejo. De soldados prometteu elle muito; prometteu mandar recolher ao Porto o exército, que estava na Guarda, prometteu que viria ahi uma legião de inglezes, e para commander tudo isto o general Miranda. Não appareceu porém cá um só homem; e as linhas foram feitas com tanta ignorancia, que os parapeitos eram muito baixos, (*) e ainda assim os da direita da linha foram acabados pelo brigadeiro Victória no dia 27, isto é, horas antes de Soult se assenhoriar do Porto.

Aquelle apparato bellicoso reduzia-se pois a isto: —ás linhas nas condiçoens em que acabo de dizer, e guarnecidas por 200 peças de artilheria, das quaes apenas quinze ou vinte estariam em estado de fazer fogo, porque o resto eram peças de navios, já em tal estado de deterioração que nem as proprias embarcações mercantes se serviam d'ellas para mais do que para as utilisarem como pontos de apoio das amarraçoens. Estas linhas e esta artilheria eram defendidas por 2:000 soldados de linha mal disciplinados; 15:000 homens das ordenanças, dos quaes apenas 700 é que tinham armas de fogo de toda a qualidade, e o resto estava armado de chuços ou piques; e por 3:000 milicianos, metade com armas e metade sem ellas, e ainda menos exercitados do que as próprias ordenanças, que eram já de si o refugo da mais estúpida e ignorante guerrilhagem do mundo.

Dos officiaes, que commandavam as subdivisoens da linha, póde asseverar-se com justiça que eram valentes e aptos para a missão que lhes estava confiada. Dos tres officiaes-generaes deve dizer-se

(*) Vid. not. XIV.

que Victória era homem intelligente e de rara impavidez; de Lima que era official egualmente valente, e que se não deixou de si memória de feitos eguaes aos de Victória,foi porque não teve occasião de os praticar, pois que foi assassinado na linha, na madrugada do dia 29, por um granadeiro do 6, que sobre elle desfechou a espingarda aos gritos de jacobino e de traidor! De Parreiras é preciso dizer que era official egualmente corajoso, mas dotado de ignorancia supina. Foi á iniciativa d'elle que se deveu a pequenez dos parapeitos, que assim mandou fazer, dizendo que os mais altos de nada serviam, e que demais d'isso os portuguezes costumavam pelejar a peito descoberto. Do superior a todos, do general em chefe, do bispo, o que ha a dizer é que era um bispo. Nas épocas em que a coragem individual era quasi que o unico requisito dos chefes das grandes multidoens armadas, comprehende-se a possibilidade de um prior Theotonio e de um D. Lourenço, arcebispo de Braga. Além d'isso n'essas épocas bellicosas, em que a necessidade obrigava todos a serem soldados, o sacerdócio não excluia a milicia, e era vulgar ver o monge ou o prelado despir as vestes clericaes e envergar o saio de malha. Mas no seculo XIX,em que a arte da guerra é assumpto de estudos especiaes, e a milicia vocação ou pelo menos modo de vida diametralmente opposto aos estudos e á vocação ou modo de vida de padre, fazer de um bispo um general em chefe, e affrontal-o a um marechal de Napaleão, só no Portugal de 1809 é que se podia representar esta farça. A estes inconvenientes accrescente o leitor o referver da anarchia, que estuava de tal fórma no Porto, que,ainda depois dos assassinatos do dia 22 e da prisão dos chefes dos bandos assassinos, aterrava, e vigorava

de tal maneira que os generaes receiavam dar ordens,e ainda no proprio dia 29, na mesma occasião em que os francezes já tinham forçado a linha, estiveram para ser assassinados pela populaça, que queria a todo o trance, que elles praticassem impossiveis.

Tal era o estado da defeza do Porto, e o estado tambem da nação, quando Soult invadiu Portugal. Só assim é que se póde explicar a razão porque um exercito de 25:000 homens pôde chegar até ás margens do Douro, atravez de uma população inimiga e toda de pé e excitada pelo ódio e pelo rancor, e apesar do enthusiasmo bellicoso e da coragem e dedicação com que ella pelejou, e com que se deixou matar nas margens do Minho,na Falperra, no Carvalho d'Este,na Trofa e nas chamadas linhas do Porto.

Soult appareceu no dia 26 defronte da cidade com 18:000 homens apenas. Dos sete mil que faltavam, perdera parte nos differentes recontros que tivera até então, e parte deixára-a espalhada em guarniçoens por diversas localidades importantes, por onde passára. A's duas horas da tarde d'esse mesmo dia fez a sua primeira demonstração sobre a linha, mandando aproximar até um quarto de légua d'ella uma guarda avançada de cento e cincoenta homens. Aos enthusiasmados defensores do Porto, que julgavam invenciveis os seus meios de defeza, e reputavam insana a empreza de Soult, não lhes soffreu o animo o olharem socegados aquella demonstração do inimigo. Uma companhia de caçadores dos voluntarios da cidade, alguns soldados da Legião e alguns paisanos que se offereceram, sahiram ao encontro d'elles. Seguiu-se um violento e aturado tiroteio, e por fim os francezes retiraram para o seu acampamento de S. Mamede

de Infesta. No resto da tarde e de noite, os artilheiros portuguezes, ou antes alguns soldados da Legião e um sem número de ecclesiásticos, que se tinham armado,e que figuraram n'esses memoraveis dias entre os mais denodados defensores do Porto, fizeram sobre o inimigo fogo incessante, mas inutil pela distancia. Estes eram os artilheiros que guarneciam as fortificaçoens, porque artilheiros militares não os haviam. Logo n'esse dia arrebentaram mais de vinte dos velhos e enferrujados canhoens, causando muitas mortes e ferimentos n'aquelles que se serviam d'elles. O dia 27 amanheceu tempestuoso. Durante elle o exército francez não se mexeu. O fogo das nossas baterias continuou porém com egual bom senso e eguaes resultados,e a paizanagem, animada pelo bom successo da sortida do dia antecedente, esteve, todo este, entrando e sahindo das linhas em arremetidas de guerrilhas, a que os francezes não se dignavam responder. Apesar d'esta indifferença ainda assim houveram bastantes mortes a lamentar n'esse dia. Entre outros é singular o seguinte facto, acontecido ás ordenanças de Massarellos, e narrado ao author d'este livro pelo proprio capitão d'ellas. Os cavallos de duas companhias de dragoens andavam pascendo, a grande distancia das nossas fortificaçoens. Viam-se os cavallos, mas não se viam os cavalleiros. A esta violenta tentação não pôde resistir a boa da ordenança. Metteu-se-lhe na cabeça ir assenhorear-se d'aquella preza. Apesar das razoens do commandante, que foram acolhidas com rosnadellas de jacóbino e traidor, sahiram da linha, e partiram destemidos para o sitio. De repente ouve-se de dentro do pinheiral visinho um toque de clarim, e n'isto os cavallos fitam a orelha, voltam-se á uma, e eil-os á desfilada para a retaguarda. Grande surpreza foi

esta para aquelles grandes ignorantes. Param assombrados; mas de repente, á voz de ávante, desandam a correr atraz dos cavallos. O commandante, por mais avisado, deixou-se ficar. E fez bem. Minutos depois appareceram os mesmos cavallos a galope, mas agora cada um com seu cavalleiro, que, de espada em punho, carregava a toda a brida os assaltantes. Foi uma carnificina lamentosa, e maior seria ella, se muros, vallados e regueiroens, que naturalmente fazia o terreno, não anteparassem os fugitivos contra o furor dos dragoens do marechal. Nem todas as outras sortidas tiveram este resultado, mas nem todas tambem acharam o inimigo pela frente.

O dia 28 amanheceu egualmente tempestuoso. Apesar d'isso o exercito francez aproximou-se das baterias, fazendo fogo e acenando ao mesmo tempo com lenços e bandeiras brancas;—flagrante contradicção, á qual os defensores do Porto responderam com um chuveiro incessante de balas. A's dez horas o inimigo fez signal ao quartel-general para que mandasse receber um parlamentário. A este signal cessou o fogo, e o parlamentário entrou para dentro, e vendado e no meio de soldados que o guardavam da multidão furiosa, que dava morras aos jacobinos e aos herejes, foi conduzido ao bispo general em chefe. Como este, já na noite antecedente, tinha ido ficar a Villa Nova com os cofres da thesouraria geral do exército, foi para lá que dirigiram o parlamentário. O pobre do official francez teve pois de atravessar com os olhos vendados todo o extenso espaço, que vai desde o Monte Pedral até ao fim da ponte, onde encontrou o bispo, que, avisado, vinha para a cidade; e d'ahi tornou outra vez vendado para o Monte Pedral, onde veio receber do conselho militar, reúnido no quartel-general, a negativa for-

mal que o Porto dava á intimação que Soult, entre blandícias e ameaças, lhe fazia para que se rendesse.

Além d'este parlamentário, outros se apresentaram, e foram recebidos em differentes pontos da linha. Parece que um d'elles foi barbaramente assassinado pela populaça, que chegou ao excesso de ainda em vida lhe arrancar os olhos, e depois o despedaçou e fez em quartos. Este facto é negado por alguns escriptos da época, mas aqui, no Porto, ainda existem pessoas que se dizem testemunhas do facto, e que o attestaram como indubitavel ao author d'este livro.Os outros parlamentários foram mais felizes, porque os maus tractos não passaram de insultos e de serem recolhidos como prisioneiros á cadeia. D'estes foi um o general Foy,célebre orador francez e historiador da campanha peninsular, história que não chegou a concluir. Foy foi victima de toda a sorte de baldoens. Apedrejaram-no, cobriram-no de lama, bateram-lhe com animaes mortos na cara,e rasgaram-lhe a farda e tiraram-lhe as dragonas, com as quaes e com as fardas de alguns francezes mortos junto da linha a populaça passeou n'esse dia vangloriosamente a cidade.

Estes desacatos, contrários a toda a polícia da boa guerra, não foram ainda assim sem causa e causa justificada. Ao mesmo tempo que os parlamentários entravam na cidade, e o fogo cessava da nossa parte na salvaguarda d'aquelle armistício, Soult rompeu um fogo vivissimo sobre as nossas linhas, e o exercito francez arremetteu a ellas, procurando metter-se por debaixo das nossas baterias. Esta deslealdade é que nos irritou, e que deu causa aos maus tratos dos parlamentários. Se é verdade que um d'elles foi morto, a responsabilidade d'aquella morte pertence ao general francez. Diga-se embo-

ra que o marechal Soult deu aquella ordem, em razão do boato que lhe invadiu os arraiaes de que os parlamentários tinham sido assassinados pela populaça—boato a que dava força a recordação da anarchia em que elle vira estorcer Braga. Esta desculpa não attenua a deslealdade franceza. Puras atoardas não authorisavam Soult a tal procedimento, e, antes de romper as boas práticas da guerra, um marechal do império tinha obrigação de certificar-se do facto.

O parlamentário, que fallára com o bispo, voltou incólume ao campo francez, acompanhado, por ordem do governo do Porto, por José Pinto Adrioni, escrivão da conservatória ingleza, que fôra cadete do regimento 6 de infanteria, e era agora um dos doze soldados de cavalleria, a que se reduzia então o corpo de polícia do Porto. Era esta tambem a única cavalleria que havia na cidade. Adrioni voltou pouco tempo depois com nova intimação mais instante e ameaçadora. A resposta foi segunda negativa, e Adrioni, tornando ao campo francez, lá se ficou, e com Soult entrou no dia seguinte na cidade. Depois da partida d'elle, a acção tornou-se geral em toda a linha. Os francezes atacavam em atiradores e não em columnas cerradas. A's quatro horas da tarde conseguiram metter-se debaixo da artilheria da bateria n.º 18, Santo Antonio, no monte do Regado, e d'ella estiveram quasi apossados, e de facto se apossariam, se a guarnição, reforçada por uma companhia de ordenanças da brigada de Gonçalo Christovão, não conseguisse desalojal-os do posto, que tinham occupado.

Chegou a noite e com ella affrouxou o combate. O tempo era desabrido de chuva e de vento. A's onze e meia a artilheria franceza, que não tinha podido acompanhar o exército, em razão do mau estado em que as chuvas tinham posto as estradas, che-

gou, e foi collocada n'uns pinheiraes, e por traz de uma casa, que faceavam as baterias da Aguardente, a de Santo Antonio no monte do Regado, a de S. Francisco no Monte Pedral e a de S. Barnabé, á Prelada. Mal chegou annunciou-se logo por alguns tiros sobre a linha. Esta novidade assombrou um pouco os boçaes defensores.

Soult, para reparar agora a má fé do dia anterior, esperou pelas cinco horas da manhã do dia 29 para romper de novo as hostilidades. Chegava até esta hora o praso concedido aos habitantes do Porto para se renderem. A's tres horas os sinos começaram a tocar a rebate, e a linha encheu-se de defensores. Das cinco para as seis a artilheria franceza rompeu o fogo, arrojando bombas e granadas sobre as baterias em frente das quaes se achava. O arrebentar d'estes projectís, os estragos que causavam, e o verem-se os artilheiros feridos nas pernas pelos atiradores francezes, em razão da pouca altura dos parapeitos, puzeram as ordenanças em confusão e o terror principiou a espalhar-se por toda a linha. Fugiram muitos, porém muitos ficaram tambem, e a resistencia continuou impávidamente, apesar dos estragos que fazia a artilheria inimiga. A's sete horas os francezes já estavam tão próximos da linha que o bispo e o general Parreiras retiraram para Villa Nova. A's nove o inimigo assenhoreou-se das baterias da Aguardente, de Santo Antonio e de S. Francisco, e por fim da de S. Barnabé, por onde a cavalleria se arrojou logo de um golpe para dentro da cidade. A retirada começou então por toda a parte. Apesar de não haverem fossos nem cortaduras, que impedissem o trânsito das ruas, os francezes encontravam a cada canto partidas de gente armada, que precisavam exterminar até ao último homem para poderem passar ávante. Na bocca da

rua Nova de S. João sobretudo foi onde a resistencia foi mais tenaz. O major Domingos Bernardino com uma partida de sôldados da Legião e alguns inglezes fez resistencia tenacíssima. Na rua Chã tiveram de parar por muito tempo, antes de poderem entrar para dentro do arco da Vandoma, que era defendido pelo batalhão ecclesiástico, que fazia fogo com duas peças de artilheria. A resistencia durou, até que um golpe de cavallaria franceza, lançando-se á brida sobre os dois canhoens, os callou, depois de fazer em pedaços os artilheiros. Os francezes correram então ao paço do bispo, mas o bispo, como já disse, não estava no paço.

Na direita da linha a sorte das armas corrêra mais favoravel. Tambem ahi o ataque fôra menos pertinaz. O brigadeiro Victória conseguira repellir os francezes, e, ainda depois de elles estarem no centro da cidade, sustentou a luta desde o Bomfim até Campanhã, protegendo por esta audácia a retirada do povo, que teve a fortuna de tomar aquella direcção. Das dez para as onze horas a cavalleria franceza logrou occupar o Prado do Bispo, actualmente Prado do Repouso. Foi então necessario abandonar tambem toda a direita da linha, e Victória retirou na direcção do rio, já tão a deshoras que o não pôde atravessar senão defronte de Avintes.

Seguiu-se depois aquella medonha quarta-feira de cinza, 29 de março de 1809, memoravel nos annaes do Porto pelas desgraças e atrocidades que n'ella tiveram logar.

Aqui tem o leitor em resumo a história dos factos, até ao momento em que os francezes se aproximaram da ponte para passar a Villa Nova. E' natural que esta digressão histórica lhe tenha aborrecido, e, mais do que a elle, ás leitoras, se porven-

tura esta novela as tiver. Desculpem-me porém esta necessaria retrospecção do passado, que lhes prometto á fé de homem honrado, que lhes vou contar fielmente o que aconteceu até aqui ao nosso amigo sargento-mór de Villar e a Luiz Vasques de Encourados, e o que elles depois presenciaram diante da antiga ponte de barcas, que atravessava o Douro.

Os dois amigos e o Trinta e tres seguiram activamente todos os acontecimentos, que acabo de narrar, tomando em todos parte activíssima. Quando no dia 28 o inimigo atacou a direita da linha, correram lá, e bateram-se como leoens ás ordens do brigadeiro Victória. Mas ainda o combate estava por terminar, quando lhes chegou a noticia do perigo, em que estava a bateria do monte do Regado. O sargento e Luiz Vasques dirigiram-se immediatamente para lá. O Trinta e tres ficou porém na bateria do Bomfim, onde Victória se achava commandando.

— Que anda vocemecê a correr de cá para lá? —disséra ao sargento-mór—Deixe-se estar, e não vá metter-se em camisas de onze varas. E' como lhe digo. Isto de ser bule-bule tem seus perigos.

— Homem, não vês que os herejes estão a entrar pelo Regado?

— E vocemecê vai deital-os fóra! Olhe que ha lá muito menino bonito. Deixe-se ficar; tenha juizo.

— Por alma de meu pai! Hei-de ir, entendes? E não me digas que não; sei o que digo.

— Pois então vá. Eu fico.

— Ficas!..

Mas aqui o sargento-mór, vendo Luiz Vasques já distante, deixou o veterano, e correu apoz aquelle a metter-se na bateria. D'este pique de abelhudo

tirou em recompensa uma bala de raspão pela ilharga.. Para elle era uma ninharia, e quando, á noite, o armisticio, concedido por Soult, lhe consentiu adormecer ao abrigo de uma carreta, dormiu como se nada fôra. O curativo reduzira-se a lavar a ferida com uma pouca de água fria, e depois a estender-lhe em cima um lenço, á laia de compressa, aconchegado por uma corda, que amarrou derredor da cinta.

O dia 29 amanheceu-lhe só lá pelas seis horas e meia. Espesso nevoeiro cobria a cidade e o campo inimigo. A artilheria rebramava em toda a linha, e os soldados de Soult, a coberto da nebrina, já tinham adiantado bastante terreno para debaixo do fogo das nossas baterias.

— A pé, snr. João Peres, a pé, que é tempo.

Foram estes os bons dias, com que o bom do sargento-mór se sentiu despertado por Luiz Vasques, que o sacudia rijamente por um braço.

João Peres poz-se de um salto a pé, e estonteado e com os olhos mal abertos, levou ferozmente a mão ao punho da espada de Belver.

— Por alma de meu pai!—bradou iracundo e ainda desnorteado.

— Olhe para alli— replicou Luiz Vasques, fazendo-o voltar na direcção do inimigo.

Mas n'isto sentiram-se cavallos a galope,e em seguida o general Parreiras entrou na bateria. Ao dar com os olhos em Luiz Vasques, que conhecia desde a campanha de 1808, aproximou-se d'elle, e disse-lhe em voz sumida e de modo que ninguem mais o ouvisse:

— Que faz v. s.ª ainda aqui? Retire, vá para Villa Nova. Isto está a acabar por instantes.

— E v. s.ª? —balbuciou Luiz Vasques, sur-

prehendido do desfastio, com que Parreiras lhe dava o conselho.

— Eu? eu venho dizer adeus ao inimigo.

Assim dizendo, Parreiras aproximou-se do parapeito, e, apesar do chuveiro de balas que derredor d'elle cahiam, conservou-se tranquillamente alguns minutos a ver se atravez da nebrina podia observar, com o óculo, os movimentos dos assaltantes. Depois dirigiu-se para junto de uma peça, que tinham acabado de carregar.

— Rapazes, deixem-me fazer uma pontaria —disse em tom jovial para os artilheiros.

— Viva o nosso brigadeiro, que é leal portuguez! — bradou a multidão enthusiasmada.

Parreiras levou a mão ao enorme chapéu agaloado, depois poz-se a mirar e a remirar por cima do dorso do canhão, e por fim ajustou-o na pontaria que lhe pareceu conveniente.

— Fogo! — bradou então.

O tiro partiu, e Parreiras, esgalgando-se por cima da peça, pareceu-lhe que a bala tinha mergulhado, como outras muitas, no cerrado pinheiral, que arrostava com a bateria.

— E' assim que se ensinam os jacobinos — disse, voltando-se triumphantemente para a populaça. — E' ter mão n'elles, rapazes, é ter mão n'elles; que se vós não quizerdes, não é para as barbas dos herejes o pôrem o pé cá dentro. Viva o principe regente, nosso Senhor! Viva a santa religião! Vivam os verdadeiros amigos da patria!

— Vivam! vivam! viva o nosso general Parreiras! — gritou a multidão.

N'isto uma bomba desceu quasi a prumo sobre a bateria, e, deslisando pela ladeira, que na retaguarda d'ella descia do monte para o plaino, veio rolando até junto de um grupo de ordenan-

ças e milicianos, que, ao vel-a, partiram a fugir em todas as direcçoens. N'isto a bomba ergueu-se — ouviu-se uma detonação vibrante e estrondosa, e uns poucos dos fugitivos, apanhados pelos estilhaços, rolaram, uns mortos e outros feridos, pelo chão.

— Não é nada, não é nada, rapazes — disse impávidamente Parreiras, aos que se tinham aproximado com elle da aresta da rampa. — Aquillo são obras do pai das maldades, que serve os herejes contra os amigos da santa religião. Se outra vier, é fazer lhe em cima o signal da cruz, e vereis que não se mexe nem mais uma linha.

Assim dizendo, desceu pela rampa abaixo, rosnando a Luiz Vasques, ao perpassar por elle:

— Não seja louco; retire em quanto é tempo.

Depois cavalgou, e dirigiu-se a galope para o centro da cidade. Meia hora depois elle e o bispo, general em chefe, abandonavam o Porto, e atravessavam a ponte caminho de Villa Nova de Gaya.

— Que diabo lhe disse elle, snr. Luiz Vasques? — perguntou o sargento-mór, impaciente de não ter percebido nenhuma das meias palavras, que Parreiras dissera ao moço senhor de Encourados.

— Que retirassemos em quanto era tempo — replicou Luiz Vasques.

— Isso não, por alma de meu pai! — bradou rijo o sargento-mór — Que retirem os covardes, entende? Não serei eu que envergonhe as barbas dos valentes de Belver e de Puig-Cerdá. Aqui, rapazes! — gritou, saltando para cima do parapeito — aqui, firmes! Morram os jacobinos! Fogo sobre os herejes!

Luiz Vasque seguiu-o. Não partilhava de todo a opinião de Parreiras, mas tambem não admit-

tia absolutamente a do sargento-mór de Villar. Desde que chegára ás linhas, reconhecera a impossibilidade de defender o Porto contra Soult; mas tambem lhe parecia desairoso que um fidalgo portuguez abandonasse o campo, entretanto que o combate fosse possivel. Seguiu pois João Peres, e com elle continuou a animar os defensores da bateria do Regado.

A's nove e meia começou a borborinhar um alarido pavoroso em toda a esquerda da linha, e a sentir-se fogo de mosqueteria dentro d'ella. Era evidente que os francezes a tinham rompido em alguns pontos. N'isto duas bombas, arrebentando uma apoz outra, no meio da turba de ordenanças, que defendia o Regado, fizeram-na recuar espavorida e quasi fugitiva, arrastando comsigo o sargento e Luiz Vasques.

— A mim, rapazes, a mim!—bradou o velho soldado, fazendo voltar para junto do parapeito a turba desordenada, e já reduzida a menos de metade em razão dos que tinham fugido.

Luiz Vasques viu então os francezes tão proximos da bateria, que em minutos estariam apegados com ella. Era a occasião de retirar sem desaire.

— Snr. João Peres,—disse, aproveitando um empuxão, com que o enthusiasmo da turba-multa atirára com o sargento-mór ao meio da platafórma —é necessario sahir d'aqui.

— Isso não, por alma...

— Nem mais uma palavra. Ordeno-lh'o em nome de Camilla.

— Porém, morgado...

Luiz Vasques não replicou. Aproveitou a occasião, em que uns poucos de milicianos se lançaram a fugir para a cidade, e, empurrando para o

meio d'elles João Peres, seguiu-os tambem a correr.

— E agora? — bradou o sargento-mór, parando já no baixo da encosta, fulo de colera e com os olhos a scintillarem.

— Faça o que eu fizer. Eu tambem já vi muitas vezes as balas, e não me envergonho de retirar quando é preciso. Ficar por mais tempo, é deixar-nos matar inutilmente. Os francezes estarão, em poucos minutos, dentro do parapeito. Não ouve? Em muitos pontos já de certo romperam a linha.

Assim dizendo, impelliu João Peres para a frente, e entrou, a passo accelerado, na cidade. Minutos depois sahiu da bateria um tumulto pavoroso, e muitas ordenanças appareceram a fugir desordenamente. Apesar da coragem de um grande numero de paisanos, que resistiram peito a peito ao inimigo, este galgou emfim para dentro da bateria. Seguiu-se por alguns minutos uma luta encarniçada, corpo a corpo; mas por fim a disciplina dos soldados de Napoleão passou por cima d'aquella valentia desesperada, esmagando debaixo de si o punhado de homens corajosos, que a ignorancia sacrificava inutilmente.

Ao passar pelas ruas da cidade, o sargento e Luiz Vasques encontraram muitos homens a abrirem apressadamente cortaduras nas boccas das ruas. Era com o inimigo já dentro da linha, que se lembravam d'aquelle meio de sustar temporáriamente a invasão! Junto d'ellas muitos homens de chuços protestavam enérgicamente haverem de morrer alli. Os dois amigos continuaram o seu caminho, desviando-se, o mais que podiam, d'estas turbas dementadas, que aqui e ali os obrigavam a parar, e que logo se esqueciam d'elles. A allucina-

ção apoderára-se de toda a gente. Já não era resultado do enthusiasmo dos grandes magotes; tornára-se, por fim, individual. Aqui e acolá encontrava-se um homem postado á esquina de uma rua ou á bocca de um bêco, esperando audazmente os francezes, callado e sem dar palavra, e deixando unicamente ver pelo brilho fulgurante dos olhos a exaltação, que não méde a grandeza dos perigos, e que dementa, até ao ponto de não conhecer que a heroicidade exaggerada toma quasi sempre as apparencias da farça ridicula.

Por entre a multidão allucinada de velhos, mulheres, creanças, ordenanças e milicianos, que fugiam em direcção ao rio, sem o pai esperar pelo filho, nem o marido pela mulher, Luiz e o sargento-mór lograram chegar até á bocca da rua de Cima de Villa, por onde tencionavam descer pela Banharia até á Ribeira. Ahi pararam diante do espectaculo mais burlescamente heroico, que tinham até então encontrado. Era um aldeão, alto, membrudo e de rosto animado pelo brilho da audacia demente, que estava alli, no meio da bocca da rua, com o joelho em terra, e um chuço empunhado, com o conto apoiado no chão e a choupa voltada para a frente, sereno e immovel, sem lhe importar com a turba allucinada que passava por elle. Passavam homens, mulheres e creanças, correndo, gemendo, e gritando uns pelos filhos e outros pelos paes e pelos maridos. Passavam por elle; e elle não se mexia, sempre na mesma postura e sempre com os olhos e com a choupa voltados invariavelmente para a frente.

— Que faz aqui, homem?—bradou Luiz Vasques, parando junto d'elle.

— Aqui não passa um só—respondeu.—Que o inferno me confunda, se aqui passar um só hereje.

Luiz Vasques relanceou-o um momento, e esteve em pontos de lhe dizer a verdade; mas receiou-se d'aquella demencia, e por fim foi ávante. No dia seguinte aquelle homem foi achado, desfeito a golpes de espada, no mesmo sitio, onde Luiz Vasques o tinha encontrado.

Ao chegarem á bocca da rua da Banharia, os dois amigos reconheceram a impossibilidade de abrir caminho atravez da massa compacta de povo, que por ella abaixo se dirigia para o rio com a lentidão dos grandes apertos de gente. Tomaram para o arco da Vandoma, e d'ahi, alcançada licença do deão da sé, commandante do batalhão dos ecclesiásticos, e que o era tambem d'aquelle ponto, dirigiram-se para a escada do Collegio, e por ella desceram á rua de Sant'Anna. Quando conseguiram chegar com a turba-multa ao fundo da rua de S. João, começou a troar a artilheria na sé; e, do lado de S. Crespim, ouvia-se um grande alarido e um violento fogo de fuzileria. Era o major Domingos Bernardino com os soldados da Legião e alguns inglezes a fazer parar a cavalleria franceza; e na sé era o batalhão dos ecclesiásticos, a sustar o ímpeto da força de caçadores, que pretendia irromper pelo arco da Vandoma até ao paço do bispo. Por toda a cidade retumbava a fuzileria em violento tiroteio solto, interpollado de quando em quando por descargas cerradas, muitas vezes ininterrompidas.

Luiz Vasques e o sargento dirigiram-se á pressa para o lado da ponte. Precedera-os porém compacta e monstruosa massa de povo, que se lançava, correndo, para ella. Luiz reconheceu a impossibilidade de chegar até lá, a tempo de poder escapar aos francezes. Propoz portanto a João Peres que se dirigissem á Porta Nova, a ver se ahi encontra-

vam algum barco, que os passasse para além. Acceite o alvitre, subiram ambos para Cima do Muro; mas apenas tinham andado alguns passos para a frente, que pararam assombrados por um grito pavoroso, medonho e terrivel de agonia dilacerante.

Voltaram-se. Era horrendo o espectáculo diante de que se achavam.

A meio da ponte, aquella massa compacta de fugitivos estava como que estacada diante de um abysmo, pelo qual se sumiam, uns apoz outros, homens, velhos, creanças e mulheres; e, mais atraz d'esse medonho sorvedouro, os parapeitos de madeira arrebentados vomitavam pelas aberturas milhares de pessoas sobre o rio.

Fôra medonho aquelle caso e fatal a estupidez de quem a elle deu causa.

Depois que o bispo e o general Parreiras passaram para Villa Nova, ou por ordem d'elles ou sem ella, os que estavam de guarda á ponte fizeram levantar um dos enormes alçapoens, que ella tinha a meio, sem se lembrarem que era naturalmente por ella, que a cidade se havia de esvaziar, logo que os francezes se assenhoreassem das linhas.

Assim aconteceu. Os habitantes da cidade, dementados pelo pavor, correram á ponte, como estrada de salvação que a todos primeiro lembrava. Ao chegar junto d'ella, aquillo era uma massa compacta e apertadissima, onde mal se podia respirar—e aquella massa compacta lançou-se por ella fóra cada vez mais apertada, cada vez mais comprimida e cada vez mais allucinada, voando, não correndo, impellida pelo terror.

Ao chegar a meio da ponte estacou um momento. Ouviu-se então aquelle grito pavoroso, me-

donho, que fizera parar Luiz Vasques e o sargento. E' que diante d'aquella massa tão compacta, tão comprimida e tão ferozmente empurrada para a frente estava um abysmo, estava aquelle terrivel boqueirão, que a estupidez deixára apoz de si ao fugir. As primeiras dezenas de pessoas sumiram-se de repente na voragem, sem terem tempo sequer de fazer um esforço para estacar, sem terem tempo para mais que para soltar aquelle brado pavoroso de medonha agonia, aquelle grito de alarme contra a morte, que de subito e como que á traição se lhe abria debaixo dos pés. Aquelle grito communicou com a rapidez da electricidade o instincto da repulsão áquella massa immensa de gente. E este instincto que, nos mais dianteiros, se manifestou apenas por um movimento de retrocesso quasi que imperceptivel, augmentou de intensidade, á medida que se foi estendendo para traz, ao longo d'aquella immensa mole humana. Todos pretenderam estacar, firmar-se, não ir mais ávante; mas a força da impulsão, que lhes communicavam os que vinham detraz, era mais forte do que a da repulsão da agonia dos que viam aos pés o abysmo; e centenas e centenas de pessoas continuaram a somir-se por aquelle medonho boqueirão. Era um só brado de desespêro o alarido, era como um grito de um gigante sobre um potro. Por fim as forças dos que resistiam, podéram quasi equilibrar-se com as dos que empurravam para a frente. O numero dos que se somiam pelo boqueirão abaixo, começou a ir a menos, a menos, a menos; mas a immensa mole, comprimida nas duas extremidades, começou a alargar no centro, a alargar, a alargar sobre as guardas da ponte. Ao cabo estas não podéram dilatar-se mais; estoiraram, e por aquelles dous enormes rombos

lufaram immediatamente, umas apoz outras, centenares e centenares de pessoas.

Era horrivel aquelle espectáculo. O boqueirão, a que serviam de paredes duas das barcas, em que assentava a ponte, chegou a entulhar-se; e por um momento, por sobre aquelle pavimento de homens, a multidão arremessou dezenas de pessoas para o outro lado do abysmo. No rio, junto da ponte, viam-se milhares de desgraçados, aferrados uns aos outros, rebulcando-se á tona d'agua, ora uns ora outros, apparecendo e desapparecendo, e depois destacando-se lentamente d'ali e deslisando em fieira, a debater-se sempre, pela corrente do rio abaixo. Mais além já eram cadáveres agarrados violentamente uns aos outros, e tão unidos que boiavam á tona d'agua; e só longe, mais ao longe, é que aquella medonha pavezada se ia desfazendo pouco a pouco, pedaço a pedaço, até que de todo se mergulhava e somia.

O alarido dos que d'aquella sorte se achavam subitamente em frente da morte, e o dos que de terra presenciavam esta immensa desgraça, com a morte tambem a poucos passos de distancia, porque os francezes desciam pela rua de S. João abaixo, lançando de si um chuveiro de balas, era medonho, tremendo, indizivel. Os cataclysmos, que sorvem as naçoens, representam-se em campo mais vasto, mas não são nem mais horrendos, nem mais pavorosos. N'aquella meia duzia de palmos de terra, n'aquella estreita fita de madeira que se estendia sobre o Douro, representou-se n'aquelle dia uma scena, que compendiou em breve resumo tudo quanto a agonia e o pavor tem de mais perfeito e de mais horroroso.

Ao achar-se diante d'este quadro, Luiz Vasques estacou hirto, boqui-aberto, com os olhos es-

pantados e os cabellos erguidos pelo terror. De repente ouviu junto de si um grito de entoação medonha e selvagem, e ao mesmo tempo uma voz que lhe soou nos ouvidos, como que repercutida pelos eccos de uma catacumba:—

— Fujamos ! fujamos !

A este grito o moço senhor de Encourados voltou-se machinalmente. Viu então o sargento-mór de Villar com os cabellos erriçados, as mãos apertadas na cabeça e a correr como louco por Cima do Muro fóra. Luiz Vasques lançou-se instinctivamente apoz elle. Quasi ao chegarem ás escadas, que descem para a Porta Nova, já ia de todo senhor de si. Apressou então a carreira, e conseguiu por fim apanhar João Peres, que voava diante d'elle, impellido pela verdadeira demencia do terror.

— Snr. João Peres, — bradou-lhe, fazendo-o parar—volte a si, volte a si.

O sargento-mór fitou-o com olhar estupido e desvairado.

— Volte a si, volte a si,—gritou Luiz Vasques com desespêro — volte a si, senão estamos perdidos.

E era assim. Os francezes, conduzidos por bons guias, tinham descido por toda a parte para o rio, e começavam a desembocar do Monte dos Judeus para Miragaya, e a fazer fogo em descargas cerradas sobre os barcos, que tentavam atravessar para além.

O troar d'aquellas descargas chamou João Peres a si, e, por fim fel'o serenar quasi de todo.

— E agora ? — balbuciou, fitando Luiz Vasques.

— Siga-me—replicou este.

E, descendo as escadas a correr, lançou-se se-

guido pelo sargento-mór em direcção da lingueta da Porta Nova. Nem um só barco estava ahi. Os últimos acabavam de abicar a Villa Nova, e os soldados francezes corriam pela alameda de Miragaya fóra, dirigindo-se para o lado de Cima do Muro.

— A nado, snr. João Peres, a nado. E' o único recurso que temos,

Assim dizendo, Luiz Vasques arremessou-se de um salto ao rio. João Peres não hesitou um momento apoz elle. D'ahi a pouco viam-se os dois a cortar, denodadamente e como verdadeiros ribeirinhos, as águas do Douro, apparecendo aqui e desapparecendo acolá, mergulhando ora para se antepararem dos tiros, que os francezes lhes desfechavam de terra, ora para se esquivarem ao embate dos desgraçados, que deslisavam na corrente pelo rio abaixo, uns já inteiramente cadáveres, outros debatendo-se ainda, mas já debilmente, nas últimas vascas da asphixia.

XV

Isto passado, quando me disponho,
E me quero affirmar se foi assi,
Pasmado e duvidoso do que vi,
Me espanto ás vezes, outras me envergonho.

SÁ DE MIRANDA.

Luiz Vasques e o sargento-mór, mal tomaram terra em Gaya, dirigiram-se logo para Oliveira de Azemeis. O nevoeiro de pela manhã desfechára, pelas duas horas da tarde, em chuva cerrada e contínua, impellida por vendaval impetuoso. Apesar

d'ella, os dois não pararam, e tal pressa se deram no caminhar, que chegaram a Oliveira antes de noite. A noticia da tomada do Porto tinha-os precedido muitas horas, e, em razão d'ella, a familia do fidalgo partíra ás tres horas da tarde para uma quinta mais sertaneja, que tinha junto da Mortosa. Deixára porém um criado em Oliveira, com cavallos sellados e promptos, para logo que elles chegassem, se porventura chegassem, lhes ensinar o caminho para lá.

Luiz e João Peres nem mesmo quizeram demorar-se para comer. Mal chegaram, cavalgaram logo, e partiram para a Mortosa, onde sabiam que estavam aguardando por elles a anciedade cada vez mais impaciente de Fernão Silvestre e os sustos e as lágrimas da agonia de Camilla.

Ali aquella pobre familia passou os primeiros quatro dias ininterrompidamente abalada por mil incertezas e temores. Partidas francezas haviam chegado até Oliveira, e algumas se tinham espalhado pelos arredores, praticando milhares de roubos e desacatos. Além d'estes receios pela própria segurança, agitava-os a anciedade, em que os tinha a ignorancia da sorte do Trinta e tres, que, sobretudo para o sargento-mór, era como pessoa muito querida de familia. João Peres ora bramava como um leão, ora lamentava cheio de afflicção a perda do seu velho camarada.

Ao cerrar do quarto dia o veterano chegou. A familia ia a sentar-se á meza da ceia, quando o Trinta e tres appareceu, como que tombado das nuvens. Um grito de immensa alegria irrompeu do peito de todos; mas em ninguem mais do que no sargento-mór produziu abalo maior aquella súbita e já quasi inesperada apparição.

Ao ver diante de si o seu velho camarada,

João Peres sentiu levantar-se-lhe uma montanha de cima do peito. A alegria engasgou-o um momento, e os olhos irradiaram-lhe vivissima satisfação. Mas a vista d'elle, fazendo desapparecer a dôr que o assoberbava, substituiu-a pela ideia de qne tudo o que soffrèra fôra consequencia de o veterano se ter recusado a accompanhal-o á bateria do Regado. A esta recordação João Peres sentiu-se tomado de subito por aquella ira alegre, com que a felicidade se desfórra do soffrimento, maltratando quem de uma e do outro foi causa. Ao ver pois o Trinta e tres, sã e salvo, diante de si, João Peres ficou um momento desacordado; depois deitou a correr para elle com os braços abertos, e recebeu-o aos murros e aos abraços, trovejando colérico uma tempestade de imprecaçoens, que a alegria lhe engasgava simultáneamente na garganta.

— Marinello! alma de cántaro!—regougava elle—a mim... a mim, ao seu capitão! Faltar-me á disciplina... á obediencia!.. Entendes? Por alma de meu pai, que te parto! Porque não me obedeceste, maroto? Porque não me seguiste para o Regado, alma do diabo? Vinte dias de calabouço, entendes? vinte dias. Bargantaço! Desobedecer-me... e depois... ah! por vida minha! entendes? que te cômo a alma, ladrão!.. fazer-me estar aqui em cuidados! E não haver por lá uma bala que te estendesse, nem um dragão francez que te cortasse as orelhas!.. Regalava-me, entendes? E se morresses, diz, excommungado!.... Ai que eu arrebento-te! Porque não me obedeceste, diz, ladrão! diz, ladrão! A mim, ao teu capitão! Alma do diabo! Vinte dias de calabouço, entendes? vinte dias de calabouço...

E a cada imprecação era abraço e sôco monumental.

O veterano conhecia a fundo a amisade que lhe tinha o seu antigo capitão, e ainda que a não conhecesse, e lhe não conhecesse tambem a rudeza e a natural violencia do caracter, bastava a luz que lhe brilhava nos olhos para, apesar dos sôcos, não poder deixar de ver em tudo aquillo demonstração sincera de bem sentida affeição, manifestada na verdade de modo pouco regular, mas nem por isso menos apreciavel para um homem da têmpera e do caracter de que elle próprio era dotado.

Arredando pois de si o velho sargento-mór, aprumou-se com elle, e disse-lhe com rudeza, mas atravez de um meio sorriso de satisfação:

— Vá, homem, tenha juizo. Pois eu sou lá alguma creança? Não se lembra que sou tambem dos da grande campanha? Vá, com um milheiro d'elles, tenha vergonha, e tenho dito.

A estas palavras o sargento-mór estacou, como se acordasse de subito, arregalou os olhos para o veterano, depois bateu violenta palmada na testa, e disse, abanando gravemente a cabeça:

— E tens razão, por alma de meu pai! Sempre sou um grande bruto, entendes? Esquecer-me de que és um dos valentes de Belver e de Puig-Cerdá! Esta só pelo diabo! Sou um pedaço de asno, entendes? Vai com isto que te digo. E vamos ceiar.

E dizendo, voltou as costas, e dirigiu-se em passo de parada para a meza da ceia. Em seguida o veterano recebeu os emboras de Fernão Silvestre e da familia do fidalgo, as felicitaçoens sinceras de Luiz Vasques, e os abraços e carícias de Camilla, que o estremecia, e aos carinhos da qual elle correspondia com meiguices, com beijos e com lágrimas de felicidade, que mal se podiam acreditar que existissem nos olhos d'aquelle homem, que tinha o

aspecto tão rude e tão marcial como tinha o carácter e os costumes.

Emfim sentaram-se todos á meza. O Trinta e tres, contido pelo respeito devido á familia do fidalgo, conservava-se de pé e a distancia. Mas o sargento-mór, que o não perdia de olho, e que não comprehendia n'aquella occasião ceremónias, gritou logo:

— Então sentas-te ou não, basbaque?

O veterano não se mexeu.

— Alma de cántaro! Então aposto que quer que lhe vá buscar a cadeira!—exclamou de novo —Vai tu buscal-a, entendes? vai tu buscal-a. Por alma de meu pai!..

Esta imprecação foi resultado de ver que o veterano continuava a fazer orelhas de mercador. Mas o fidalgo, que comprehendia melhor a desobediencia do velho soldado, acudiu logo, dizendo:

— Snr. Rodrigues, queira fazer favor de sentar-se. Belchior, chega uma cadeira a este amigo.

O criado aproximou a cadeira, e o Trinta e tres sentou-se, alguma cousa vexado pelo respeito devido á companhia, em que estava. O sargento-mór abanou ao mesmo tempo ameaçadoramente a cabeça, sacudindo em direcção a elle o hercúleo punho cerrado. Depois voltou-se, e arremetteu com a ceia.

— Então, snr. Rodrigues, que novas do Porto?—disse por fim o fidalgo.

— E' verdade, e como escapaste tu, meu alma de cántaro?—bradou João Peres—Falla, entendes? falla sem trava na lingua. Diga já tudo para ahi. E tenho dito; sei o que digo.

— Escapei, como escaparam muitos outros—respondeu o Trinta e tres.—Mas se vocemecê soubesse quem eu encontrei, meu capitão...

— Homem, por vida minha ! .. — exclamou o sargento-mór, surprehendido por esta coarctada enigmática.

— Eu lh'o digo—volveu o veterano.—Eu fui um dos penúltimos que deixaram a bateria do Bomfim. O último foi o Victoria. Valente homem! Grande cabo de guerra! Emfim um dos nossos da grande campanha, e está tudo dito.

— Por alma de meu pai!—bradou o sargento-mór, batendo enthusiásticamente orgulhosa punhada sobre a meza.

— Era já perto de meio dia— continuou o veterano.— A cavalleria inimiga já estava no Prado. A ordenança começou então a debandar. O general e o ajudante Champalimaud, e mais o Antonio de Azevedo, ajudante de Valença, fizeram tudo o que podéram, para ver se conseguiam animar e reunir outra vez a gente. Qual carapuça! Tinham-se portado bem até ali, mas depois entenderam que já não havia que fazer, e fugiram. Ainda assim o Victoria não queria retirar, e aos que lhe diziam que o fizesse, respondia que não estava affeito a fugir, e que ali havia de morrer no seu posto. Já não tinha mais do que vinte soldados de linha comsigo. Mandou então tocar tres vezes á chamada; mas, qual historia! não acudiu ninguem. Então não teve remédio senão retirar. Eu fui com elle até adiante de S. Cosme, onde já achamos o bagageiro do general em pontos de metter a bagagem no único barco que ali havia. Porém, senhor, estava tambem lá uma pobre família fugida; era homem, mulher e duas filhas com um rapazito ainda pequeno. As mulheres pediam pelo amor de Deus que as passássemos no barco para além. Mas se mettèssemos a besta, não era possivel. Os francezes já desciam pelo monte abaixo, fazendo fogo. O

general deu então ordem para que a familia entrasse, e depois entramos nós, deixando, por ordem d'elle, abandonada a bagagem, á excepção de um bahú, que ainda coube no barco. Poucos fariam isto, meu capitão, poucos fariam isto. Perdeu a fazenda para salvar pessoas estranhas!.. Não é de hoje. Poucos teriam barbas para tanto. E' como lhe digo.

—E dizes bem, por alma de meu pai!—gritou o sargento-mór enthusiasmado—Bravo homem, entendes? bravo homem!.. Então, Fernão Silvestre, que dizes? Aquelle não nos enche as barbas de lama, a nós, aos velhos de Belver e de Puig-Cerdá.

— Não, por minha honra! — replicou o velho cavalleiro — Victoria foi sempre soldado valente, grande coração e grande cabeça.

Ditosa patria que tal filho teve.

E basta. Segue com o teu conto, Trinta e tres, que estamos anciosos por ouvir o que succedeu no Porto, depois do dia 29.

— Lá chegaremos, senhor—replicou plácidamente o veterano. — Como ia contando, embarcamos todos para o outro lado, e fomos sahir a Avintes. O general e os outros continuaram para Lisboa, a reunir-se ao exercito que Beresford está preparando. Dizem tambem que está ahi outra vez o inglez do Vimeiro. Mas esteja ou não esteja, elles para lá foram, e eu ainda vim com elles para diante, com tençoens de os deixar em Oliveira, onde o esperava encontrar, meu capitão. Mas logo não sei porque démo, eis que me dão antojos de voltar a ver o que ia pelo Porto. Entrou-me a fallar cá dentro dos cascos uma birra que dizia—vamos lá, deve ser cousa divertida ver os herejes a fazerem de

senhores da cidade. E dito e feito; n'esse dia, ao cahir da tarde, atravessei outra vez para o lado de cá, e, rodeando as linhas, entrei pela bateria do quartel-general.

— Alma de cántaro! — bradou o sargento-mór, pondo no veterano dois olhos como dois obuzes a vomitarem metralha.

O veterano nem sequer se dignou encolher os hombros. A'quella imprecação de João Peres, interrompeu-se, relanceou-o como se a coisa não fosse com elle, e continuou:

— Achei já tudo escangalhado. A bateria já não parecia a mesma. Estava alastrada de mortos, o parapeito arrombado e a artilheria uma encravada, outra desmontada e alguma arrebentada. Não se sentia fôlego vivo. Puz-me a escutar para ver se descortinava alguma cousa. Pareceu-me então ouvir fallar na baixa do monte, para o lado onde estavam as barracas do Parreiras. Fui-me lá pé ante pé, e puz-me a espiar. Das barracas, onde fôra o quartel-general, restava apenas uma: as outras ardiam em grande fogueira defronte da que ainda estava de pé, e que logo vi que servia de quartel a um posto avançado. Puz-me a ver se lombrigava algum d'aquelles herejes; mas a chuva cahia a potes, e os ladroens estavam abrigados, e só se lhes ouvia o vociferar avasconçado de que usam. Cuidei então que podia descer sem ser visto; mas quando ia a fazel-o, eis que ouço, apegado commigo, um brado em lingua que não pude perceber. Olho, era um excommungado de um suisso, feio como belzebú, de baioneta callada e arma aperrada para mim, a berrar cousa que me pareceu querer dizer que me rendesse. O maldito estava bèbado, isso via-se á légua; e portanto d'ali a dar-me um tiro, era só assoprar-lhe de outro vento a veleta. Ora, senhor, co-

mo diz o ditado que *com bêbados ou tolos nem indo para o céu*, deitei-me a elle, antes que lhe désse o diabo para disparar, e a couces o lancei de focinhos em terra. A espingarda desfechou-se n'esta referta, e aquelle perro, ao cahir, soltou um tal berro, que avisou os outros. Mal tinha eu tempo de me acordar de fugir, quando eis que vejo cinco ladroens d'aquelles a correrem para mim de chifarotes em punho. Dou um salto á retaguarda, armo-me com a espingarda do derribado, e ponho-me em guarda, callando baioneta. N'isto o mais dianteiro solta um brado como de espanto, e os outros param. Elle pára tambem, encara-me, fita-me, e logo exclama, atirando-se ás cegas para mim :

«— E' elle, é elle. . . é o Trinta e tres.

— Eu faço pé atraz, mas o vulto vinha tão cego, que se lançou sobre mim por tal fórma, que quasi me derribava.

«— Pois não te lembras de mim, meu velho ? Olha-me bem para a cara, Trinta e tres.

— E com isto eram beijos e abraços que te parto. Ora faça favor de dizer quem era, snr. João Peres?—exclamou aqui o veterano. — Adivinhe se é capaz, com um milheiro de diabos !

O sargento-mór entezou-se, ergueu os olhos, mas não deu resposta.

— Era o Bernardo italiano, que nós chamávamos o Pangaio...

—Que tu salvaste na batalha de Belver ?..

— E que depois tratei de enfermeiro, até que sarou das feridas que lá recebeu. . .

—Pois era elle, por alma de meu pai ! Valente cousa o fazer bem, Trinta e tres ! Eu sempre t'o disse, homem ; entendes ? Sei o que digo.

O veterano abanou gravemente a cabeça em ar de quem concordava, e logo continuou :

—Pois és tu, Pangaio!—bradei então—Eu mesmo, meu velho—replicou elle.—Mas nem mais uma palavra. Estás em terra de amigos, queres ver?—E dizendo, passa-me o braço pelo pescoço, e logo começa a alanzoar na sua algaravia para os companheiros. Alanzoou, alanzoou, por fim elles deram um viva, atiraram com as barretinas ao ar, e depois arremettem commigo, e tomam-me ás cavalleiras, e partem assim commigo para a barraca, apesar de eu por cortezia me não querer deixar levar d'esta fórma.

«—Tem-te, homem, e deixa-te ir—gritava-me o Pangaio, que fechava a retaguarda.

— Chegados á barraca, os outros encaram-me embasbacados. Mas o Pangaio acudiu, e badelou, badelou um bom pedaço; então elles véem todos a mim, fazem-me muitos gazalhados, e dão-me muitos abraços, dizendo-me não sei quê por sua lingua. O Pangaio disse-me que elles diziam que eram meus amigos, que estavam ao meu dispor, e que me queriam ter por camarada.—«Obrigados, obrigados—respondi-lhes.—N'isto toca a comer. Aquillo é que era fartura. Carne, salpicoens, gallinhas, patos, peruns eram a garnel! vinho velho do Douro, mais de tres almudes n'um pipo. Aquillo foi uma degola de lei. Por fim o Pangaio dá a voz de fogo. Ai Deus do céu! foi uma derrota completa. Gallinhas e patos, andou tudo n'um cortado; o pipo ficou para nunca mais. Bebeu-se á saude do genero humano; até se bebeu á saude de Napoleão e do principe regente, nosso senhor. Nem mesmo vocemecê escapou, snr. João Peres. Por fim, verdade verdade, eu já não estava muito christão...

— Bonito!—exclamou aqui João Peres—muito lindo! Ah! excommungado! banquueteares-te com os inimigos da patria!.. com os inimigos da patria, entendes? Por alma de meu pai!..

— Era o Pangaio. E basta. Eu com amigos não tenho aquellas—replicou o Trinta e tres rudemente, e sacudindo a mão como quem arredava indignado a censura.

— E depois, Trinta e tres?—disse então Fernão Silvestre.

— Depois, senhor, como me visse assim, quiz tomar ar, e dei parte ao Pangaio de que ia dar uma volta pela cidade.

«—Homem, — disse-me elle — não vás, que se vaes não te dou dez reis pela pelle. Vai o diabo no Porto. O marechal concedeu o saque. Espera que nos rendam, e depois vaes comnosco. O saque dura tres dias.

— Achei bom o conselho, e fiquei. No dia seguinte pela manhã renderam o Pangaio, e com elle entrei na cidade. Senhor, antes eu lá não tivera voltado; aquillo era um horror. A soldadesca corria desenfreada pelas ruas, arrombando casas, entrando nas já arrombadas, roubando tudo o que achavam em dinheiro, e atirando com trastes e roupas ao meio da rua. Espancavam toda a gente, e commettiam toda a ordem de desacatos, sem respeitarem nem velhos, nem mulheres, nem creanças. Ouviamse gritos e gemidos por toda a parte Até não escaparam os conventos das freiras!.. N'algumas casas, onde entrei, não vi senão trastes quebrados, gavetas arrombadas, e roupas despedaçadas pelo meio das salas. Os excommungados não queriam senão botas e camisas; e de dinheiro só o metal, que do que era em papel vendiam contos de réis por meia duzia de cruzados novos, e o mesmo faziam ás joias, por maior valor que tivessem. Mas, senhor, aquillo que mais me affligiu, foi as mortes que fizeram. Aqui e ali via-se gente morta; e ali e acolá fuzilavam por dá cá aquella palha qualquer homem. So-

bre tudo em Santa Catherina, vi matar um homem, que se não é o Pangaio agarrar-me, perdia-me ali. Porque, senhor, passou-se assim o caso. Isto brada ao céu, pelo inferno!.. Supponham que iam a passar uns poucos de excommungados por ali, á esquina da rua Formosa. N'isto ouve-se um tiro, e uma bala fere um d'elles n'um braço. Pois que hão-de fazer aquelles marotos? Arremettem á casa da esquina, agarram no pobre dono d'ella, e mesmo nas barbas da mulher e das filhas, que o seguiam gritando, ajoelham-no ali contra a esquina, e fuzilam-no! Que lhes parecem os almas damnadas? E depois soube-se que o tiro viéra de uma casa da esquina fronteira, sahido de uma espingarda que casualmente cahíra das mãos de um francez, que lá andava roubando. E como este muitos outros casos, com um cento de diabos!

Assim dizendo, o Trinta e tres assentou violenta punhada sobre a meza. Tinha a fronte contrahida em grossas e profundas rugas, os olhos fuzilavam-lhe, e os beiços tremiam-lhe convulsos. Toda a familia o escutava horrorisada; Camilla tinha os olhos fitos n'elle, pállida como a cera virgem e quasi desmaiada de dôr e de medo. O veterano, ao revolver os olhos ao grado do pensamento negro que lhe estuava lá dentro, perpassou-os casualmente por ella. Ao vel-a assim, estremeceu, vendo o mal que estava fazendo á sua pobre menina.

— Sabe que mais, meu capitão, mais nada— disse então.—Aquelles tres dias do saque foram tres dias de inferno. Hoje o Soult sahiu-se com uma proclamação, em que dizia que o Porto devia ser queimado por ter resistido, mas que elle lhe perdoava. (*) Esta não a pude soffrer.

(*) Primeira proclamação de Soult de 1 de maio de 1809.

«— Pangaio,—disse ao Bernardo—o teu general é um grande maroto. Dizer que uma cidade deve ser queimada por se ter defendido, isto não é de soldado, é de salteador. Outra vida; temos conversado. Vou-me embora. De mais não posso ver certos marinellos, que andam com elle...

«— Homem, que te importa a ti com isso?..

«— Que me importa? — repliquei-lhe —Pois cuidas que posso ver de boa mente, a par do teu marechal e a fazer-lhe zumbaias, esse maroto d'esse conego Valentim, de Santa Maria de Abbade ...

«— Quem? O esmoler, capellão-mór?

«—Pois elle é capellão-mór do teu general!..

«— E' como te digo. Olha, lê.

— Assim dizendo, entrega-me esse papel. Ora leia lá, snr. João Peres.

O sargento-mór tomou o papel, dobrado a modo de officio, que o Trinta e tres lhe apresentára, passou-o pelos olhos, e depois entregou-o a Luiz Vasques. Este leu alto. Era um officio ordenando ao capellão do regimento, a que pertencia o amigo do Trinta e tres, que se prevenisse, por que havia de ser um dos celebrantes do *Te-Deum*, que se ia cantar na sé do Porto em acção de graças pela victória do exercito de Napoleão.

— Assignado—assim terminou Luiz Vasques a leitura—*O esmoler, capellão-mór, D. João Valentim Nolasco, de junto á pessoa*... (*)

— De *junto á pessoa!* D. João... D. João Valentim! —exclamou Fernão Silvestre, soltando uma gargalhada — Miseravel vaidoso! Sempre o conheci assim. A vaidade matou-o, tornando-o traidor e ridiculo. Mas lá diz o poeta —

(*) Vid. not. XVI.

E guarde-se não seja ainda comido
D'esses cães, que agora ama, e consumido.

Vamos adiante, Trinta e tres.

— Pelo inferno! — bradou rijo o sargento-mór —se eu pilhára esse traidor!.. Por vida minha! trincava-lhe a alma, entendes? trincava-lhe a alma!

— Sus, João! —disse gravemente o velho cavalleiro —não te rebaixes, irando-te contra um levandija. Portugal pouco perdeu com elle. Não admira aquella traição. Já, em outros tempos, disse o poeta de outros melhores do que elle—

...... tambem dos portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

E basta de tal homem. Vamos adiante, Trinta e tres.

— Adiante! Adiante quê, senhor? —replicou o veterano — para adiante vim eu, mas foi pondo-me a andar para aqui. Depois de ver aquella pouca vergonha, não quiz ver mais nada. Dei um abraço no Pangaio, e puz-me a caminho. O pobre rapaz disse-me adeus bem tristemente. Parece-me que não nos tornaremos a ver, que isto de ser soldado do corso, vale o mesmo que estar hoje aqui e ámanhã na China, e ficar estripado ahi a um canto, por esse mundo de Christo, abandonado como cão que já não serve para a caça. Para elle homem cahido é homem esquecido. Pouco se lhe dá dos que morrem; o caso é ter outros para substituir áquelles que perde. O Pangaio bem sabe ao que anda sujeito. Pois é um bom rapaz e um leal amigo. É pena que não seja portuguez.

O Trinta e tres callou-se, e por um momento todos permaneceram silenciosos e como retrahidos

na íntima meditação do que acabavam de ouvir. Por fim Fernão Silvestre ergueu gravemente a voz, e exclamou:

— Eis ao que nos fizeram chegar os ineptos que nos governam! Entregaram-nos manietados nas mãos de Soult, envergonharam o nome portuguez, e sacrificaram pela sua incapacidade a cidade mais importante das provincias do norte. Agora que será d'este pobre Portugal? Se Deus lhe não acode, está perdido. Soult não é Junot; e se o corso lhe reforçar o exercito, dentro em pouco deixaremos de ser nação. Erguei-vos, grandes homens de outras éras, erguei-vos, vós que alcançastes

> O premio lá no fim bem merecido
> Com fama grande, e nome alto e subido —

erguei-vos, que se perde a terra que engrandecestes. Onde estão aquelles antigos ánimos portuguezes? Onde estão aquelles homens soberanos, que só sabiam mandar e não obedecer? A raça abastardou-se. Filhos dos heroes, a pé; a pé, que se perde a grande obra de vossos passados. A terra de vossas mães e de vossas esposas, a pátria de vossos filhos está a dous passos do nada das naçoens. E vós não vos moveis! Estão já promptas as cadeias que vos hão-de algemar os pulsos; já vos têem um pé sobre o peito aquelles que pretendem ser vossos senhores. E vós dormis!

> Despertai já do somno do ócio ignavo,
> Que o ánimo de livre faz escravo.

Vergonha a quem encruza os braços diante da pátria a morrer! Vergonha e infámia aos portuguezes bastardos, que preferem viver escravos na terra que

os viu nascer, a morrer gloriosamente com ella n'um campo de batalha!

— Meu tio, dentro em dois dias partirei para o exército—disse rudemente Luiz Vasques, pondo-se de pé, impressionado pela exaltação patriótica do velho cavalleiro.

— Parte,—exclamou este em voz vibrante do enthusiasmo, de que estava apossado—parte, Luiz Vasques, e que a benção de todos os homens generosos te acompanhe. Parte, nobre filho da raça de Encourados; que não digam tambem de ti que és do numero d'aquelles, em quem,

> Podendo o temor mais, gelado e morto,
> Que a propria e natural fidelidade,
> Negam o rei e a patria, e, se convem,
> Negarão como Pedro o Deus que tem.

Antes te eu veja cahir morto a meus pés, do que isso possa acontecer; antes sejas retalhado em pedaços n'um combate, do que vivas infame e notado de covarde em leito de rosas e n'um palácio dourado.

Assim dizendo, ergueu-se, e, atravessando magestosamente a sala, recolheu-se ao seu quarto, balbuciando palavras entrecortadas que condiziam, pela valentia, com o fogo da allucinação enthusiástica, que d'elle se assenhoreára.

D'ahi a minutos a companhia separou-se, e o Trinta e tres recolheu ao quarto do sargento-mór, onde soffreu, por mais de duas horas, cerradissimo inquérito sobre o seu procedimento anterior. Por fim o sargento-mór, vendo que o criminoso dormia a somno solto apesar das suas imprecaçoens e apóstrofes violentas, não teve remedio senão dar por findo aquelle conselho de investigação, e recolher á ca-

ma, onde momentos depois auxiliava o seu velho camarada na estrondosissima symphonia de roncos estridulosos, por elle ha muito principiada.

Dois dias depois tinha logar a seguinte scena na vasta quadra, que servia de quarto de dormir a Fernão Silvestre.

O velho cavalleiro estava sentado n'uma cadeira espaldar, coberta de couro de Moscóvia com pregaria dourada. O rosto pállido e abatido ainda mostrava signaes evidentes dos graves soffrimentos, que lhe resultaram das feridas recebidas no assalto dos paços de Encourados. Diante d'elle, de pé, sereno mas triste, estava Luiz Vasques, vestido de jornada. Ao lado d'elle via-se Camilla, sentada n'um escabello, com o cotovello encostado no recosto da cadeira do padrinho e o rosto posto na mão pequenina—pállida da pallidez da resignação de uma santa, e os grandes olhos cheios de saudades postos no homem que adorava. Por traz d'ella estava, de pé, o sargento-mór de Villar, com os braços cruzados e com o semblante carregado e triste; e mais ao lado, o Trinta e tres, com o sobrecenho enrugado e carrancudo, e os olhos fitos no sobrado.

— Adeus, sobrinho—dizia heroicamente o velho cavalleiro.—Vai, que os nomes illustres não se conservam com o ócio ignavo dos villoens; e, como diz o grande poeta —

> Qualquer nobre trabalha, que em memória
> Vença, ou iguale os grandes já passados.

Parte, nobre filho da raça de Encourados, e lembra-te que, lá do alto, os teus feitos vão ser julgados pela alma d'aquelle grande homem, que morreu como um heroe defendendo o solar de seus pais. Par-

te. Em nome d'elle, e no d'aquella santa que ha pouco perdemos, eu te lanço a minha benção, Luiz.

Assim dizendo, estendeu solemnemente a mão direita.

Luiz Vasques beijou com respeito verdadeiramente religioso aquella mão veneranda.

— Adeus, meu tio—disse então, erguendo-se.

Depois fitou um momento os olhos em Camilla, e por fim balbuciou:

— Adeus, minha Camilla.

A linda e delicada menina ergueu-se. Approximou-se d'elle, tomou-lhe a cabeça entre as mãos, e beijou-o tres vezes na fronte.

— Adeus, meu Luiz adorado,—disse em voz firme—adeus... adeus. Vai, que a tua pobre Camilla fica rogando por ti ao Senhor, e elle ha-de permittir que tornes para junto d'ella, digno do nome de teus pais.

Luiz Vasques fitou-a um momento com o rosto sereno como o de uma estátua de mármore; mas aquella serenidade de rosto era a linguagem mais eloquente, que a agonia do coração podia inventar para manifestar-se. Por fim levou-lhe socegadamente a mão aos lábios, esteve assim um instante, depois soltou-a, e disse em voz firme:

— Adeus, minha Camilla; não me esqueças.

Assim dizendo, encaminhou-se para a porta. Ao chegar ao limiar voltou-se para traz.

— Adeus, snr. João Peres—disse de lá.— Trinta e tres, recorda-te do que me prometteste. Adeus, meu tio: Camilla... minha Camilla...

Revirou-se então de repente, e desappareceu pela porta fóra.

Camilla ficou immovel, de pé, no sitio onde o amante se despedira d'ella, e com os olhos fitos na porta, por onde elle acabava de desapparecer.

Parecia que a alma lhe voára apoz elle, e que d'ella apenas ficára o corpo ali.

Fernão Silvestre ergueu-se então. Aproximou-se d'ella, tomou-a por um braço, e conduziu-a para a cadeira, d'onde se levantára. A pobre menina veio machinalmente até ali.

—Afilhada,—disse o velho cavalleiro—a mulher, que tem de ser esposa de um senhor de Encourados, não se deixa succumbir assim.

— Meu padrinho,—replicou ella em voz suave,mas que parecia o ecco de um gemido sahido do intimo da alma—diz-me o coração que o não hei-de ver por muito tempo. E quem sabe se o tornarei a ver!

— Has-de vel-o, por alma de meu pai!— regougou o sargento-mór, que mal podia desprender a voz da garganta.

— Has-de vel-o—repetiu solemnemente o velho cavalleiro. — A raça dos senhores de Encourados não póde acabar assim. Deus não o consente. Luiz está fadado para altos destinos, será a honra e a glória do nosso nome; e tu, Camilla, serás a companheira d'aquella gloriosa reputação futura. Em nome de Deus, minha filha, prometto-te que o teu noivo ha-de voltar, e na memória dos feitos illustres d'aquelle filho de heroes viverás eternamente; viverás, que Luiz irá longe pelo caminho da glória... Deus o quer—

E nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o céu deseja,

XVI

> Que férreo coração esquece a terra,
> Que lhe escutou os infantis vagidos,
> E lhe bebeu as lagrimas primeiras,
> Prelúdio a tantas que no curto espaço
> Da vida ha-de verter?
>
> A. HERCULANO

Entre os factos, a que o leitor assistiu nos capítulos antecedentes, e aquelles que vai ler nos que se seguem, medeiam sete annos. O desfecho da minha novella pede este grande salto; e como aos novellistas assiste justamente o direito de despresar o potro das unidades de logar e de tempo, quando isso convenha aos interesses do seu conto, é com muita satisfação que me fórro ao incommodo de apurar a paciencia do leitor com a narração circumstanciada e ronceira de factos, cujo valor substancial sobresahe, acrisolado, na historia dos que vou contar.

Durante este tempo foram grandes os acontecimentos, que tiveram logar na Europa, agitada pelo génio predestinado do primeiro Napoleão. A Portugal tocou não pequena parte dos resultados d'aquella omnipotencia, que durou um momento, mas para quem um momento foi espaço sufficiente de tempo para se assenhorear do meio-dia da Europa, esmagar a Austria e a Prussia, e obrigar a Russia a sacrificar Moskow á salvação do throno dos czares. A missão d'aquelle homem extraordinário era providencial; e como tal devia durar apenas o tempo preciso para realisar o seu grandioso assumpto. Derribada a tiros de canhão, que só assim é que podia ser derribada, a velha e dura barrei-

ra, que os reis *pela graça de Deus* oppunham tenazmente á restauração da dignidade do homem; desbravada por esta maneira a Europa para poder receber a ideia civilisadora, que estava no âmago da terrivel, mas admiravel, revolução de 1789, Napoleão devia desapparecer. A sua missão estava cumprida; e desde esse momento o homem predestinado tinha de acabar. Do que fôra, podia restar apenas o grande cabo de guerra. A felicidade, que por toda a parte o seguira sem o desamparar um momento, devia desde então arrostal-o tão inconstante e tão vária, como o foi para Gustavo Adolpho, para Frederico da Prussia, e para tantos outros capitães famosos e de não menor génio do que elle. E assim aconteceu. Napoleão deixou de ser omnipotente desde o momento, em que a Providencia deu por terminada a missão para que o havia escolhido. E' uma cousa que se tem dito muitas vezes, e que ainda se ha-de dizer muitas mais; porque á medida que o tempo cada vez mais se fôr arredando d'esta época memoravel da história da humanidade, cada vez mais ha-de ella impressionar os espiritos dos homens que pensem. É que basta meditar um momento nos factos para reconhecer-se o impulso providencial que os impelliu; e para confessar-se, curvando humildemente a cabeça, que aos destinos do mundo preside um Mobil omnipotente e mysterioso, que os dirige a seu alvedrío, revolucionando, a espaços convenientes, os grandes elementos de acção, que creou, e que domina.

O estado sou eu—orgulhoso e insolentissimo dito de Luiz XIV, compendia eloquentemente a situação social da Europa, desde que os reis, depois de terem esmagado a aristocracia, esmagaram tambem a burguezia que contra ella os havia auxiliado.

Desde então os reis foram verdadeiros proprietários das naçoens; e como taes dispunham d'ellas, obravam, e procediam, como quem não tinha que dar satisfaçoens senão aos próprios caprichos. Os povos, por mais que o sentimento da dignidade os quizesse illudir, não passavam na realidade de meras *cousas* diante da vontade d'aquelles verdadeiros *senhores*. Produziam para elles; e se consummiam, era porque o *posso e quero* senhorial lhes fazia o favor de não derogar com uma só palavra as leis, que lhes concediam o quinhão do cordeiro na distribuição dos resultados das suas próprias forças productoras. O mais a que podiam aspirar era á honra de servirem de tentos quando os reis jogavam provincias (*), como diz Frederico, o grande—redundancia sonorosa que Napoleão I resumiu em duas palavras, *chair à canon*.

A estas theorias, muito agradaveis e muito commodas para um certo numero de familias, que descendiam de Adão como todas as outras, e cuja superioridade era resultado de uma convenção, a que todas as outras tinham prestado assentimento voluntário, respondeu a dignidade humana com a exaltação dos encyclopedistas, e esta com 1789, e 1789 com o cadafalso de Luiz XVI. Lamentemos aquelles magestosos desvarios, mas confessemos que a reacção foi proporcional com a massa bruta das forças que a acção empregava. Tudo aquillo foi providencial. A causa das causas entendeu que o livre arbitrio do homem devia de estar escarmentado e bem avisado do que lhe convinha, de-

(*) *Quand les souverains jouent des provinces, les hommes sont les jettons que les paient.* Histoire de mon temps. Chap. 13. (Falla da batalha de Friedberg, a terceira, e ainda não a ultima, que a Silesia custou á Prussia.)

pois d'esta dura e ignominiosa pressão de tantos séculos. Ergueu então a voz, e bradou—basta: e diante d'aquelle terrivel e omnipotente *basta* cahiram os reis proprietários, e com elles os formigoens ociosos, que lhes beijavam ignóbilmente os pés, para, á sombra d'elles, poderem substrahir do celleiro do povo parte das miunças, que o domínio real deixava lá.

Mas sigamos a Providencia nos resultados das suas admiraveis e grandiosas combinaçoens. Aqui vemos a ideia velha vencida, esmagada, guilhotinada; e a exaltação desvairada, de que a nova precisou de armar-se para entrar com vantagem na luta, a exultar embriagada com um pé sobre o cadáver d'ella; vemos o reinado da ignominia humana substituido pelo reinado da loucura humana. Basta—bradou de novo a invisivel omnipotencia directora: e Napoleão surgiu, e a ideia nova, lançando-se da França, seu centro de reacção, espalhou-se em exércitos e exércitos conquistadores por sobre a face da Europa, exinanindo os seculares baluartes da ideia velha, e desbravando os povos para receberem o augusto sacramento da civilisação.

E vêde como foi bem concertado o plano d'aquella admiravel obra. Os que vieram para o occidente chegaram até os últimos confins; os que foram para o norte pararam em Moskow. Assim devia de acontecer, sendo a obra, como era, resultado da omnisciente Providencia. Para o meio-dia a liberdade era recordação; para o norte novidade: para o meio dia chegára portanto a hora da realisação; para o norte apenas a da primeira apostolisação. Chegar-lhe-á tambem o tempo de discutir e realisar a palavra; e quem sabe se terá para isso de passar por trances eguaes áquelles por que as naçoens do meio-dia passaram.

Desbravado o terreno, Napoleão tornou-se inutil e a sua felicidade omnipotente findou. E então dos dous confins até onde a Providencia delimitára a acção incontrastavel do desbravador, começou esta a contrahir-se para o centro d'onde partíra. A luz do sol de Austerlitz principiou a escurecer por estas duas extremidades; concentrou-se, concentrou-se, e por fim apagou-se de todo em Pariz, fóco d'onde irrompèra e irradiára. Esta é que é a verdade, attestada pela historia e demonstrada pelo estudo analytico dos acontecimentos. Senão veja-se. E' ao chegar aos ultimos confins de Portugal, no último occidente, e a Moskow, sua rasoavel barreira ao norte, que a felicidade e o poder de Napoleão pára, retrográda, e declina até ao total anniquillamento. Ao tocar n'estes dous pontos oppostos é que os exércitos, que até ahi recuaram diante d'elle, estacam, reanimam-se, e começam a marchar para a frente, passando por cima dos seus grandes esforços, contrahindo-lhe o imperio apesar das suas novas victórias, e encurralando-o por fim em Waterloo, onde o gigante, que sujeitára a Europa nos braços robustos, ao ver-se estreitado n'aquelle círculo de contrária fortuna, acabou, como o escorpião, víctima do próprio desalento. O desánimo, que o levou á abdicação de Pariz, e o antojo de querer ir representar em Inglaterra o papel de simples burguez, não são outra cousa mais do que a prova cabalissima de que o vencido de Waterloo já não era o Napoleão de Austerlitz, o Napoleão da Providencia.

A Europa estava desbravada; Napoleão já era portanto inutil.

Mas ainda assim não se cuide que o leão se sugeitou com a facilidade, com que se sujeita o cordeiro. O homem, que Deus fadára com tão grandioso condão, não devia cahir como cahem os ho-

mens vulgares. Santa Helena ficou á Europa por um preço verdadeiramente usurário. Desde o Vimeiro e desde Moskow até lá, aquelle curto espaço de tempo custou-lhe muito sangue derramado em mais derrotas do que victórias; e por fim custou-lhe Waterloo, aquella medonha carnificína, que só por si era Ilíada sufficiente para celebrar o derradeiro dia d'aquelle prodigioso Achilles.

A nós, pequenos como somos, aquelle ímpeto desbravador custou-nos tres invasoens; custou-nos a desolação das nossas campinas e a anarchia vertiginosa, verdadeiro cataclysmo politico, que teve a nação a dois passos do anniquillamento total. Depois, para contrastar os esforços sobrenaturaes, com que o gigante se debatia dentro do círculo fatal, em que a Providencia o foi pouco a pouco estreitando, contribuimos com todo o sangue derramado no sem numero de combates, que se pelejaram desde a Rolissa até os muros de Toulouse. Mas, graças a Deus, não fomos dos que aproveitamos menos. Ao violento empuxão, que a ideia nova nos deu, despertamos do vergonhoso lethargo, em que nos haviam entorpecido os péssimos governos anteriores. Em 1815 a liberdade já era a aspiração de toda a gente. Rebentou por fim 1820, que foi a esplendida aurora de 1832. Hoje somos o paiz mais livre da Europa. Aqui a liberdade goza-se, não se discute. Só pelo séstro de achar mau tudo o que é nosso, que é séstro portuguezissimo, é que se póde duvidar d'este asserto.

Do que levamos dito póde o leitor fazer ideia perfeita do que seria o espírito público em Portugal, ao findar a guerra, em 1815. A Inglaterra tinha-se, em verdade, apoderado litteralmente de nós, e, com o nome do príncipe regente na bocca, governava-nos como sua verdadeira colónia. Beres-

ford era o rei de Portugal; e os postos mais importantes do nosso exército eram exercidos por officiaes inglezes. Este governo era uma paródia do antigo regimen, posto em prática com toda a dureza da disciplina militar; mas tal governo nem se casava com o nosso espírito de independencia, nem com as ideias liberaes que já então nos acachoavam no seio. Nas próprias aldeias, onde se acatavam ainda as palavras que significavam as velhas usanças, já eram recebidos com sobrecenho esquivo os factos, que as realisavam. Começava-se a tirar de vagar o chapéu ao capitão-mór. As demonstraçoens do espírito público já prognosticavam as desgraças de 1817 e o triumfo de 1820.

Tal era o estado das coisas em Portugal em 1816—sete annos depois que aconteceram os factos que o leitor presenciou nos capitulos antecedentes.

Eram quatro para as cinco horas da tarde de um formosissimo dia dos princípios do mez de maio. A primavera estava no pleno encanto das suas graças donairosas. Por entre a relva côr de esmeralda, que cobria as campinas, despontavam milhares de flores variegadas, que com as suas exhalaçoens olorosas perfumavam a aragem, em cujo hálito se embalavam graciosamente. Os ramos das árvores, opulentos de virente folhagem, estavam cobertos de flores que, desprendendo-se d'elles ao sopro da briza, cobriam em derredor a terra com um tapete perfumado e vistoso. Os arroios e os regatos deslisavam uma agua crystalina e purissima. A atmosphera estava tépida e embalsamada, e o azul vaporoso do céu não era torvado pela mais pequenina nuvem. Por entre estes perfumes e donaires esvoaçavam, de flor em flor e de ramo em ramo, milhares de passarinhos, pipitando e gorgeando saudaçoens har-

moniosas em louvor do amenissimo dia, que ia a descahir para o occaso.

A esta hora um viajante, moço ainda, que pelo vestuario se manifestava official superior do exercito, galopava em um magnifico cavallo baio pela estrada de Braga para Barcellos, seguido a distancia por dois soldados de cavalleria.

Ao chegar a Martim, descavalgou, e, entregando as rédeas a um dos soldados, disse em voz, cuja entoação o denotava homem dotado de caracter generoso e lhano, mas ao mesmo tempo avezado ao direito e ao hábito de mandar :

— Sigam para Villar. Digam ao reverendo reitor que só á noute é que poderei ter a satisfação de o cumprimentar, e de lhe agradecer todos os seus primores e obséquios.

Os soldados fizeram a continencia militar, e partiram a trote na direcção indicada.

Se o leitor pudésse encarar o viajante, e fital-o por um momento sequer, logo, nos olhos vivos e negros, na nobreza do porte, e na elegáncia aristocrática das fórmas, reconheceria Luiz Vasques de Encourados. No todo do filho de Vasco Mendes havia porém bastantes alteraçoens, que lhe davam maior viriladade ao typo já de si graciosamente cavalheiresco. A tez era mais morena, o olhar mais firme e indicador do sangue frio que enfreia a coragem temerária dos vinte annos, a corporatura mais desenvolvida e mais robusta, e o ar mais marcial em razão do espesso bigode negro que lhe cobria o lábio superior.

Tinha na cabeça um pequeno boné á ingleza, de pala envernizada e galão de ouro, de debaixo do qual sahia o cabello naturalmente annellado. Vestia um casaco de panno azul, abotoado até ao pescoço, e de gola direita e rodeada por um ramo

de louro bordado a ouro fino. Por cima d'elle um sobre-tudo de campanha, forrado de vermelho; e nos pés calçava umas botas de montar, de verniz e elegantemente justas ás pernas, armadas de esporas de prata. Na mão tinha um chicote de punho tambem de prata.

Ao ficar só, Luiz Vasques olhou em derredor de si como a orientar-se; depois atravessou a aldeia de Martim, e começou a subir a montanha de Airó, que lhe fica a cavalleiro, e não parou senão no alto da planura. Ao chegar a meio d'ella, estacou, rodeou os olhos por aquelle extenso panorama que lhe ficava de frente, e por fim descobriu-se, e permaneceu por minutos descoberto e com os olhos fitos n'um ponto para o lado de Encourados. E' que por entre o arvoredo, lá em baixo na rechã, descobríra o solar dos seus passados, cujas ruinas se erguiam denegridas e cobertas de éra, como a ossada de um gigante. Depois volveu-se lentamente, e olhou na direcção do Cávado. Fitou aquelle ponto alguns minutos, durante os quaes o semblante principiou por irradiar-lhe a mais viva expressão de saudade dolorosa, que pouco a pouco se foi transformando na da agonia que dilacera, e parte o coração. Depois o rosto principiou a contrahir-se-lhe em duas rugas prafundissimas, e as sobrancelhas uniram-se-lhe n'uma só fita sobre os olhos, e áquella saudade e áquella agonia succedeu-se a expressão da melancolia indignada, que esmaga com a impassibilidade da indifferença. Ao chegar ao auge da manifestação d'este sentimento cobriu-se, cruzou os braços, e alongou para aquelle ponto, que fitava, um olhar firme e provocador de desprêso levado, até ao requinte da suprema frieza. Esteve assim um minuto; depois voltou as costas, e dirigiu-se apressado para o lado da velha ermida. A mão pesa-

da do tempo tinha poisado violentamente sobre ella. O magnifico bolhão de água, que jorrava da penedia, ainda vinha depositar-se crystalino e puro como d'antes na bacia naturalmente formada a par da parede do velho cenóbio do mysterioso Joanne, o pobre. Mas a pequena e graciosa clareira tinha desapparecido, e estava abafada por árvores que sobre ella haviam crescido; e a vereda, que levava á porta da ermida, estava coberta de urzes e de silvas. Apesar d'ellas, Luiz aproximou-se da velha capella. Lá dentro era tudo um montão de ruinas: a abóbada e as paredes lateraes tinham desabado, e a porta de carvalho, com que Fernão Silvestre a tinha vedado, lascava apodrecida pelas humidades e pelas águas da chuva.

Luiz Vasques rodeou tristemente os olhos por aquella scena de completa desolação; depois bebeu, e lavou-se na água d'aquella purissima fonte, sentou-se a par d'ella, e pouco a pouco se foi mergulhando em intima meditação, na meditação que alheia o homem da consciencia de que vive. Por fim o peito arfou-lhe com um suspiro, quasi gemido, profundo e prolongado, que o despertou. Ergueu-se então.

— Tudo como eu! — murmurou, rodeando um olhar de melancolia profundissima por aquella solidão.

Depois sahiu d'alli, atravessou a planura, e desceu para Encourados. Ao chegar junto da quinta, sentiu o coração cada vez mais opprimido. Como tudo aquillo estava mudado! Entrou pelos muros derribados aqui e ali; e pelo bosque, em outro tempo arruado, dirigiu-se para o lago. As ruas do bosque estavam cobertas de ervas e embaraçadas pelas raízes emmaranhadas, que as arvores recurvavam para fóra do solo; a pa-

rede dos cedros estava em partes secca e em partes arruinada; dos canteiros das flores já nem existia vestigio; e o proprio lago tinha muitas pedras da bórda deslocadas, e a água que para dentro d'elle corria era tão pouca, que estagnava aqui e ali, azulada e miasmática, em charcos maiores ou menores segundo as desigualdades do entulho, que dentro se accumulára. Luiz Vasques sahiu d'aquelles logares como fugindo, e dirigiu-se para as ruínas do paço. Ali a dor e a saudade redobrou-se-lhe, se era possivel redobrar. Sobre as recordaçoens dos tempos ditosissimos da infancia cresciam com dolorosa vantagem as da triste sorte dos pais, que o estremeceram, e que o crearam com tanto amor entre os primores, com que a arte auxiliava a natureza opulenta d'aquelles logares. Ao pôr os olhos no paço, estremeceu. D'elle restavam apenas algumas das paredes lateraes, arruinadas, cobertas de éra e de musgo, e denegridas pelo fumo do grande incendio, que as derrocára. A ossada do corpo central da frontaría estava de pé, e por detraz d'ella estavam-no tambem as paredes da velha torre senhorial, obra dos baroens do seculo XI. Sobre este quadro melancólico de desolação reinava um silencio profundissimo, o silencio dos cemitérios. Aquelles muros, erguidos ali n'aquelle cotovello da montanha, affiguravam-se gigante cenotáfio de grandezas do passado, de que o tempo tinha poupado só o bastante para demonstrar, como escarnecendo, a inanidade das glórias humanas.

Luiz Vasques esteve alguns momentos com os olhos fitos n'aquelle triste espectaculo, mergulhado em dolorosa meditação. Por fim penetrou para dentro do portão, e parou no grandioso átrio, sobre que dava a magnífica escadaria, que era a principal do paço.

Os espaçosos escaloens de granito, sobre os quaes morrèra Vasco Mendes, estavam ainda de pé; mas,ao topo d'elles,abria-se por entre as ruínas uma enorme ruptura, que deixava o ceu a descoberto. O incendio consumíra totalmente o edifício por aquella parte. Luiz Vasques, depois de contemplar um momento aquelle quadro, lançou-se por uma das portas, abertas ao lado da escadaria,e que,por baixo do grandioso patamar de granito, dava passagem para a parte térrea do edifício, que lá dentro se emmaranhava emquadras e repartimentos vastissimos, que iam dar aos baixos quasi subterráneos da velha torre. No tempo de Vasco Mendes nunca aquella porta se abrira, e dizia-se no solar que havia séculos que estava fechada. Vedava-lhe a entrada uma tradição pavorosa, que fazia estremecer os senhores do solar, e benzer os aldeoens todas as vezes que tinham de vir ali, e por isso de passar junto d'ella. Rezava a tradição que um dos antigos ricos-homens, quasi comtemporáneo da torre, cego de ciumes, ali fizera perecer lentamente a esposa, e que depois, sendo já velho, ali se fechára um dia, e ali vivera como a fera vive no covil, sem consentir, os poucos dias que durou d'esta forma,que ninguem se lhe aproximasse do antro. Durante elles, era tradição que se tinham ouvido magoadissimos gemidos misturados de pavorosas imprecaçoens, que a espaços eram abafados pelo ruído pavoroso de um combate encarniçado, em que pareciam lutar a raiva e o ódio com forças sobrenaturaes. Por alguns séculos, e de anno a anno, repetiram-se em certo dia aquelles gemidos. Depois cessaram de todo; mas apesar d'isso ninguem ousou devassar aquelle medonho segredo do terrivel cavalleiro da idade-média. Por fim no século XV um dos senhores de Encourados, ou mais affouto ou mais imprudente, fez

abrir aquella porta, e penetrou só para dentro d'ella. Mal desappareceu no escuro corredor, e mal teria tempo para penetrar nos primeiros repartimentos da estancia mysteriosa, que se ouviu um grito medonho e sobrehumano, e ao mesmo tempo a pesada porta de carvalho e a grossa grade de ferro, que exteriormente a defendia, fecharam-se por si mesmo com pavoroso ruído. Sentiu-se então correr o enorme ferrolho, e depois gemidos dolorosos e outra vez o referver de luta temerosa. Ninguem mais soube do fidalgo, dizia a tradição; e desde essa época nenhum outro, se atreveu a prescrutar aquelles medonhos logares, onde o povo dizia, e se acreditava no solar, que as almas dos rudes ricos-homens de Encourados, que haviam sido na meia idade o flagello d'aquella parte da provincia, defendiam ferozmente a honra da familia contra a curiosidade dos que apoz elles iam succedendo.

Luiz Vasques fôra educado sob a impressão d'esta lenda fantasiosa. Víra sempre os criados e os aldeoens fugirem de tocar n'aquella grade de ferro. Sentíra D. Luiza rezar, quando passava por ali, depois do pôr do sol. Ouvira o pai contar com toda a rudeza, que lhe era própria, aquella tradição da sua raça; e mais de uma vez ouvíra a Fernão Silvestre, homem que parecia resumir em si tudo o que havia de grande na história dos antigos baroens, que a prova mais eloquente de que o sangue dos Encourados creava espíritos indomaveis, era a pertinácia, com que as sombras dos que tinham sido, defendiam o seu segredo até contra os seus próprios descendentes. Ao ver portanto a grade de ferro aberta de par em par, e a grossa porta de carvalho meia queimada pelo fogo, Luiz Vasques recuou apavorado pelas recordaçoens, que a educação lhe aferrára no espirito. Ao achar-se só defronte

da escura entrada d'aquelle mystério da terrivel raça de que era agora único representante, no meio da solidão das ruínas do solar d'aquelles homens, que a imaginação lhe pintava tão ferozes como rudes, o filho de Vasco Mendes acreditou por um momento que o destino o tinha alli trazido acinte, para que o homem civilisado do seculo XIX désse contas, aos homens de outras éras, da degeneração do espírito e dos hábitos de uma raça,que o orgulho d'elles exigia que terminasse rude e feroz, como começára.

Tudo concorria para incendiar a imaginação do moço senhor de Encourados. A hora do dia, o olgar, a solidão,o aspecto negro d'aquellas ruínas, e o sangue de Vasco Mendes, de que talvez ainda existissem as manchas sobre os degraus da vasta escadaria, todo este conjuncto de circumstancias levaram-no a acreditar que sobre elle volitava n'aquelle momento o espírito mysterioso, que por tantos séculos fizera recuar diante de si até os homens mais audazes da sua raça. Mas a ideia de que o passado o provocava, e chamava a responder diante de si com orgulho e com sobranceria, despertou n'elle os instinctos do sangue que lhe corria nas veias. Aquelle pavor durou portanto um momento. Ao fim d'elle Luiz Vasques ergueu a fronte, altivo e feroz como qualquer dos ricos-homens de que descendia, e penetrou para dentro da porta mysteriosa com passo firme e destemido, e como quem provocava orgulhosamente a terrivel apparição. O som dos proprios passos,retinindo baço na abóbada do escuro corredor, cada vez lhe acrescentava mais os brios, á medida que lhe engrandecia cada vez mais no espírito as imagens fantasticas, que a imaginação lhe creára. A alguns passos andados, e depois que os olhos se lhe habituaram á meia

luz d'aquella espécie de antro, pareceu-lhe descortinar lá ao fundo o reflexo tíbio da luz do dia, jorrando sobre o corredor por abertura que dava sobre espaço illuminado. A' medida que se ia aproximando, cada vez a luz se tornava mais distincta; então pareceu-lhe ouvir som de vozes. Apressou o passo, e por fim chegou a uma porta, que dava sobre uma quadra, que era allumiada por luz sahida de outra a ella contígua, e que entrava n'aquella, em que elle estava, não só por uma estreita porta ogivada, mas tambem por setteiras abertas na parede. Luiz Vasques seguiu ávante, e parou junto da porta.

A quadra que tinha diante de si, e a scena que n'ella se passava, nada tinham de sobrenatural. Figure-se o leitor um vasto repartimento quasi quadrado, que tinha ao fundo uma pequena porta, que dava para outro aposento. Este repartimento era de abóbada, e tinha o pavimento de pedra. A luz entrava-lhe por duas janellas, defendidas por grades de ferro carcomidas pela ferrugem. Entre estas duas janellas havia uma grande fogueira, que ardia por debaixo de uma d'aquellas gigantes chaminés do Minho, que estava ali como que por de mais, como que mostrando que occupava indevidamente um logar, que não fôra destinado para ella. Ao lado do fogo estanciavam duas preguiceiras, n'uma das quaes estava sentada uma velha a fiar, e que resmungava de espaço a espaço como que ralhando com um homem, que se via do lado da outra preguiceira, descalço, em mangas de camisa, esfarrapado e roto, sentado no chão, e com a cabeça entre as mãos, e ellas tão metidas entre os joelhos, que parecia que estava ennovelado.

— Ergue-te d'ahi, mandrião — dizia a velha. — Hereje! Nem a palavra de Deus te faz des-

pertar. Mau mez venha por quem te deixou escapar lá de Braga e do Porto. Olhem que praga Deus me havia de dar no fim da vida! Não basta o que vai, senão ainda ter de aturar este sôrna, que não faz senão dormir! Tu ouves ou não ouves? A dormir fiques tu para sempre, o Senhor me perdoe! Olha o excommungado!.. Ora anda, toma...

Assim dizendo, a velha tomou encolerisada um bocado de casca de pinheiro, que estava junto d'ella, e atirou-a á cabelleira hirsuta e engadelhada do companheiro, que nem sequer se dignou fazer signal de que tinha sentido a provocação.

A velha ia a continuar, quando Luiz Vasques deu um passo para a frente, soltando uma quasi imperceptivel exclamação de espanto. E' que defronte d'elle estava uma antiga criada de sua mãi, que o havia creado a elle, e que, poucos annos antes de 1809, se tinha retirado do solar para ir viver com um filho, a que Vasco Mendes déra de renda uma propriedade, que tinha em S. Julião de Passos.

Ao sentir o ruído, que fez Luiz Vasques, a velha voltou-se, e vendo diante de si um desconhecido e trajado de modo que ella nunca vira, nem imaginára, deu um grito, e logo bradou rijo e com voz irritada:

— Quem é você? Que quer?

— Não me conheces, minha boa Joanna? — exclamou Luiz Vasques, correndo para ella com os braços abertos, arrebatado pelo prazer ineffavel que o transportava, ao achar-se junto de uma pessoa, que lhe recordava a infancia e os carinhos da mãi, que o estremecera.

— Se o conheço! Abrenuncio! Benzo-me de

tal conhecimento! Arrede-se para lá! — bradou rijo a velha, callando a roca para elle—Olhem o basculho, que me quer abraçar! Sôr confiado, entrar assim nas casas alheias sem pedir licença...

Aqui o roto, que estava acocorado á lareira, e que tinha erguido a cabeça á primeira exclamação da velha e fitado o desconhecido com olhos, em que se illuminou de repente o espanto e a alegria, ergueu-se de um pulo, e interrompeu a velha, entoando funebremente:

— *De profundis clamavi... Requiem eternum...*

— Joanna, que bradar é esse?—ouviu-se ao mesmo tempo dizer de dentro do aposento contíguo, em tom de reprehensão.

E ao mesmo tempo a figura magestosa e veneranda de Fernão Silvestre de Encourados assomou ao limiar da porta, trazendo empolgado na mão direita um livro aberto.

As barbas e os cabellos do velho cavalleiro tinham encanecido até á brancura da neve. A fronte abria-se-lhe em vasta calva, que lhe tornava o aspecto ainda mais veneravel. O traje, que vestia, era com pouca differença egual áquelle, com que o leitor o viu trajado na velha ermida da planura do Airó; a mesma japona comprida, o mesmo collete de pelles, e umas calças direitas, que pousavam agora sobre uns robustos e grosseiros sapatos, em logar de se mergulharem para dentro dos canos das largas botas de cavalgar, de que n'aquella occasião usava.

Fernão Silvestre, mal deu com os olhos em Luiz Vasques, examinou-o um segundo; depois levou a mão esquerda espalmada para cima das sobrancelhas, como para diminuir a intensidade da luz, fitou-o assim um instante, e por fim excla-

mou em voz pausada e levemente commovida:

— Se acaso os mortos podem resuscitar este, é o filho de meu irmão.

— Meu tio... meu tio — balbuciou Luiz Vasques em voz abafada pela violencia da commoção, e correndo a lançar-se-lhe nos braços.

O livro, que encerrava os cantos immortaes de Camoens, deslisou pela primeira vez de entre os dedos de Fernão Silvestre de Encourados. O velho cavalleiro, ao sentir o sobrinho abraçado comsigo, empallideceu como um cadaver, e no rosto manifestaram-se-lhe clarissimos signaes dos violentos esforços, que fazia, para refrear o despeitoramento da commoção, que se apossára d'elle. As mãos convulsas corriam tremendo pelo corpo de Luiz Vasques, palpando-lhe ora os cabellos, ora as faces, ora as costas, os hombros e os braços. Por fim os lábios trémulos abriram-se-lhe de subito, como não podendo resistir mais, e por elles fóra sahiu um grito de immenso júbilo, e dos olhos saltaram-lhe duas grossas lagrimas para cima das faces.

— E's tu, sobrinho, és tu! — balbuciou em voz rija mas vibrante, ao mesmo tempo que convulsamente lhe palpava as faces e os cabellos — és tu... és tu...

De repente poz-lhe as mãos nos hombros, e arredou-o de si a todo o comprimento dos braços. Mirou-o assim um momento com a vista luzente de toda a insánia da alegria suprema, soltou outro grito, porém mais rijo e mais sonoro, e exclamou, abanando-o rijamente:

— E's tu, sobrinho, és tu... és tu! Graças a Deus, a raça dos senhores de Encourados não ha-de acabar em mim.

N'isto a velha Joanna, que ao ouvir as palavras de Fernão Silvestre ficára como se a fulminára o raio, e que depois, como que voltando a si, viera pasmada, attónita, pouco e pouco, machinalmente, aproximando-se de Luiz Vasques, saltou-lhe ao pescoço, desprendendo-o de um repellão dos braços do tio.

— E' elle... é elle... o meu filho, o meu menino! — bradou a velha, beijando-o e colleando-se n'elle como louca.

— Joanna, minha boa Joanna... — balbuciou Luiz Vasques.

— É elle... é elle... o Luizinho! Perra de mim, — bradou aqui, levando os punhos cerrados ás faces, por onde as lagrimas corriam em fio — perra de mim, que não reconheci logo o filho da santa, que tantos annos me deu com tanto amor o seu pão a comer! que não conheci aquelle que arrolei nos meus braços logo desde que nasceu! Para isto é que vivi! Malditos annos! maldita velhice!

— *De profundis clamavi... Requiem eternum* — entoou o roto de junto da lareira, onde tinha permanecido até então, immovel, de pé e hirto como um espectro.

— Francisco ... meu Francisco ... — disse Luiz Vasques, estendendo a mão para elle.

O idiota encolheu-se todo em si como um gato, e transpoz de um só pulo a larga distancia, que havia entre elle e o morgado de Encourados. Curvou-se-lhe então sobre a mão, e cobriu-a de beijos freneticos e rápidos; depois ergueu-se de novo hirto, com os braços estendidos, e a mão de Luiz apertada nas suas.

— Luiz, Luiz, — bradou então — porque não morreste na guerra? Porque resuscitas da paz do

teu túmulo? A felicidade ... a felicidade... oh! a felicidade, aqui ... *De profundis clamavi*... *Requiem eternum* ... *requiem eternum*... *requiem eternum*...

E assim dizendo, soltou-lhe a mão, e fechou os olhos.

— Silencio, ave de mau agouro! — bradou Fernão Silvestre, empurrando-o — Joanna, mette na panella tudo o que haja de melhor n'esta casa. Que o senhor de Encourados seja bem vindo ao solar dos seus maiores. E tu, *De profundis*, apanha toda a lenha que ahi achares fóra, e depois vai pol-a sobre a escadaria do paço, sobre aquelle escalão, em que tantas vezes te tenho mostrado as nódoas do sangue, que Vasco Mendes derramou ao cahir, e accende ahi uma grande fogueira, uma fogueira que seja vista de todos esses arredores. Que saiba o mundo que a raça dos Encourados existe, e o couto que o seu donatário appareceu.

Assim dizendo, lançou um braço por cima do hombro do sobrinho, e com elle violentamente apertado contra si, dirigiu-se para junto do lume, e sentou-se n'uma das preguiceiras. Depois poz-se a miral-o firme e como investigando-o feição por feição, atiçando de quando em quando a enorme fogueira, como se a luz fosse pouca para aquelle profundo exame.

— E's tu, és verdadeiramente tu, sobrinho! — bradou porfim — reconheço as feiçoens, o olhar e o sorrir dos senhores de Encourados. Mas — balbuciou, arredando a gola do sobre-tudo e pondo a descoberto a bordadura da do casaco — esta divisa ... é...é... se não me engano...

— Sou tenente general, meu tio; ganhei o posto em Waterloo — disse a meia voz Luiz Vasques.

— Mais alto, mais alto, — bradou Fernão Sil-

vestre, sacudindo-o rudemente pelo hombro — mais alto, que os feitos dos senhores de Encourados relatam-se em voz de trovão. Glória á raça dos antigos heroes! glória a ti, Luiz Vasques de Encourados, que reviveste com as tuas acçoens a fama dos nossos passados!

Aqui as feiçoens contrahiram-se-lhe com expressão de desgôsto e de resentimento, e continuou com aspereza:

— Mas foi mal feito o que fizeste, sobrinho; na nossa familia os moços sempre se honraram com respeitarem os velhos. E tu trataste teu velho tio, como se tratam os cães que para nada já servem; despresaste o irmão de teu pai com ingratidão que te não merecia...

— Meu tio!..

— Como! Pois negas a obrigação, que tinhas, de me fazer parteeipante da tua glória, a mim Fernão Silvestre de Encourados, a mim teu sangue, a mim irmão de teu pai! Pois nunea pensaste nas torturas do pobre velho, ao reputar-te morto, a ti o sobrinho que estremecia, que olhava com orgulho, a ti o último da raça dos senhores de Encourados...

— Meu tio, eu escrevi de toda a parte ... e nunca tive resposta...

Fernão Silvestre arredou-se de repellão para traz, e assim fitou um momento Luiz Vasques.

— Sobrinho,— disse por fim—o que dizes é por força verdade, porque um senhor de Encourados não póde mentir; mas juro-te pela honra do nosso nome que a única nova, que desde 1809 tive de ti, foi quando me disseram que Luiz Vasques de Encourados tinha ficado morto na sanguinolenta batalha de Victória.

— Antes e depois d'ella escrevi sempre a si e a... todos—disse Luiz Vasques. —Ferido grave-

mente em Tolosa, ainda assim pedi a um amigo para que lhe escrevesse, e lhe désse parte que Lord Wellington,com quem travára estreita amisade, exigia de mim que continuasse para a frente com elle, ao serviço da Inglaterra, garantindo-me desde logo o meu posto de general. Quando o exército portuguez retrocedeu para a pátria, estive para voltar com elle; mas pareceu-me que era do meu dever não depòr as armas, entretanto que o inimigo da Europa tivesse um só soldado para combater por elle,e para ameaçar a paz e a independencia das naçoens. Accedi pois ás instáncias de Wellington,e com tanta mais obrigação, que na satisfação do desejo de um amigo ía de envolta o cumprimento dos meus deveres para com a pátria. Assim lh'o fiz saber, meu tio,e a carta foi trazida para Portugal por um camarada, que depois me mandou dizer que a lançára no correio de Braga, subscriptada para si.

— Por Deus, sobrinho!

— Segui a sorte dos exércitos alliados até Waterloo. E' escusado relatar-lhe o que se passou até então, porque de certo o ha-de saber, meu tio. Depois que Napoleão embarcou no Bellorophonte, a razão, que me trazia desterrado da patria, cessou totalmente. Despedi-me de Wellington, e parti para Lisboa. Quando cheguei, meu tio, o prazer de tornar a pizar a terra da patria, fez-me por um momento esquecer o desapêgo, com que, durante tão longo espaço de tempo, me parecia que fôra tratado por aquelles que mais amava n'este mundo. Beresford recebeu-me como amigo íntimo de Wellington, e um decreto da regencia reconheceu-me a patente de tenente-general, que o governo inglez me tinha conferido depois de Waterloo. Parti depois para o Porto, e do Porto para Braga. Indaguei então ácerca dos que tinha deixado aqui. Como

tudo estava mudado! Disseram-me que o tio vivia com o sargento-mór de Villar... e d'elle... A ausencia affigura devéras a morte, meu tio, e louco aquelle que d'ella deseja resuscitar. Revocar as recordaçoens do passado, quando sobre o esquecimento d'ellas já se ergueram novos planos, novas aspiraçoens!.. Triste d'aquelle que pára n'um ponto, e que pensa que os outros pararsm tambem como elle!..

— Sobrinho,—disse aqui Fernão Silvestre — sei ao que te referes; mas, pela honra do nosso nome, pela memoria honrada de teu pai, juro-te que em casa do sargento-mór de Villar nunca de ti se receberam noticias, depois que nos deixaste em Oliveira. N'aquella casa choraram-te com lagrimas verdadeiras, Luiz Vasques; e por muito tempo ainda, depois que nos certificaram que tinhas morrido em Victoria, o teu nome e a tua lembrança viveu nas saudades de todos, e por ellas vivias tu, estavas tu ali presente, sobrinho. Camilla amou-te... amou-te ainda muitos annos depois que acreditamos que havias morrido, e João Peres, que via a filha descer pouco a pouco para o túmulo, arrastada pela saudade e pela melancolia, dizia-me todos os dias, e a todas as horas — «O nosso Luiz morreu; moço como aquelle não torna a nascer. Camilla morre, e eu não duro muito depois d'ella.» — Mas um dia

Oh glória de mandar! oh vã cobiça
D'esta vaidade, a que chamamos fama!

um dia João Peres disse-me — «Camilla casa, e casa por...» — não o deixei continuar, voltei-lhe as costas, e fui ter com ella.

«— Afilhada, — disse-lhe — é verdade que déste o teu consentimento para casares?

«— Meu pai assim o quer!

«— E achas que ha ahi homem no mundo, que possa occupar no teu coração o logar, que esteve cheio pelo amor de um senhor de Encourados?

«— Meu pai assim o quer!—volveu ella, desfazendo-se de súbito em lagrimas.

— Desde então—continuou o velho cavalleiro —voltei-lhes as costas. Deixei-os, e vim procurar entre as ruínas do solar de nossos pais um canto, onde findar solitário os meus dias. A porta mysteriosa fôra aberta pela força do incendio. Pareceu-me providencial o caso. Penetrei aqui dentro, pensando que viria encontrar as sombras dos nossos passados, e que poderia reclinar no seio d'elles a cabeça do último homem da nossa raça. Nada achei porém; estes vastos saloens estavam desertos, e nem um só vestígio encontrei n'elles dos seus mysteriosos e heroicos habitadores. Então acreditei que tinha chegado a última hora para a familia dos Encourados, porque me parecia que se as sombras dos nossos avós tinham desapparecido, era porque já nada lhes restava que fazer sobre a terra. Curvei a cabeça á vontade do Altissimo, e fiquei aqui aguardando com anciedade o meu dia final, que a vida para mim tornára-se peso incomportavel, porque no meio de tão graves pesares fôra loucura duvidar, como diz o poeta,

Que o menor mal de todos seja a morte.

D'elles, da gente de S. João de Areias, não quiz saber mais. Para mim tinham morrido no dia, em que haviam sacrificado a memória gloriosa de um senhor de Encourados ao galardão de fúteis vaidades, satisfeitas pela influencia de um villão. Debalde João Peres tem procurado penetrar aqui; de todas as vezes o tenho repellido, sem o querer reco-

nhecer. Ha vinte dias que me separei d'elles, e depois nada tenho querido saber... nem quero.

— Então o casamento?..

— Dizem que será dentro em oito dias.

— E o noivo?..

—E' esse villão da Barca, irmão do nosso desgraçado *De profundis*.

Luiz Vasques deixou descahir a cabeça sobre o peito, e esteve por um pouco mergulhado em profundo alheamento de espirito.

—Meu tio,—disse por fim—é possivel que Camilla ame Braz de Paiva?

— Não sei, nem o quero saber—respondeu rudemente o velho cavalleiro. — Pensas porventura que um senhor de Encourados póde descer até ao fundo d'essas villanias? O que sei, já t'o disse.

— Impossivel! impossivel! — balbuciou Luiz Vasques—Que aquelle anjo descesse até o charco immundo das torpezas d'aquelle homem!.. Impossivel! impossivel!

Depois ergueu-se abstracto e inteiramente alheado de si, e dirigiu-se machinalmente para a porta.

—Onde vaes, sobrinho?—bradou Fernão Silvestre, retendo-o —Acaso um senhor de Encourados deve deixar-se cahir assim ao grado dos caprichos de villoens? Ha entre elles e nós a distancia que ha entre o céu e a terra. Nós quizemos fazer-lhes a honra de os levantar até nós; não commettas agora a villania de te abateres até elles.

— Meu tio,—volveu Luiz Vasques — cumpri até ao último ponto com o que devo á honra do nome que tenho; agora é tempo de cumprir com o que devo á minha felicidade futura.

— Mas onde vaes agora, sobrinho?

— Vou dizer a Camilla que Luiz Vasques de Encourados existe.

— Pára—bradou rijo Fernão Silvestre, interpondo-se entre elle e a porta.—Queres ir mendigar o cumprimento das promessas de outro tempo á porta d'aquelles que lhes bateram uma vez com ella na cara? Queres ir abater o teu brio e a honra do nosso nome aos pés da canalha? Pára, Luiz Vasques de Encourados, em nome de teu grande-pai, ordeno-te que não dês mais um passo.

— Camilla ama-me... Impossivel! Camilla não esqueceu o meu nome.

— Se te amasse, não consentiria em casar com outro.

— Mas se o pai a obriga...

— João Peres não a obriga a casar, propoz-lhe o casamento.

Luiz Vasques levou de repente a mão ao peito, como se quizesse comprimir os ímpetos, com que o coração parecia querer romper por elle fóra.

— Impossivel! impossivel! — exclamou, fitando Fernão Silvestre com um olhar insano.

— Juro-t'o pela honra do nosso nome, juro-t'o pela memória dos nossos passados.

Luiz Vasques cambaleou um pouco como fulminado pela gravidade das palavras do velho cavalleiro. Sentou-se, e fitou por alguns minutos os olhos no lume, como indifferente a tudo que o rodeava.

— Meu tio,—disse por fim em voz, em que a agonia se entoava fundamente, apesar da apparente serenidade do gesto — desde a infancia habituei-me a amar aquella mulher! Este amor faz parte da minha vida, e ha seis annos vivo só pela recordação d'elle. A esperança de tornar a ver Camilla, de lhe chamar minha por toda a vida, alentou-me para resistir á violencia da saudade, e para vencer a agonia de me ver longe d'ella. Sem

Camilla não comprehendo a vida, e sinto que me é impossivel viver. As portas da felicidade cerraram-se para mim, desde que me convenci que ella me não amava,e as suas palavras, meu tio, matando-me de todo a esperança, sentenciaram logo o meu futuro. D'aqui a morrer ha dous passos apenas, e d'esses nem mesmo terei a consciencia de os dar, porque sinto que me vai fugir a vida moral, e depois a vida vegetativa é nada, é existir mas não viver. Cumpra-se o meu destino, acabe embora a raça dos senhores de Encourados, snr. Fernão Silvestre,—acrescentou com um grito pavoroso—mas não ha-de findar, soffrendo impunemente quem ouse descarregar-lhe o golpe final. Arrede ao lado, meu tio, eu vou matar aquelle villão! Vel-a de outro, nunca!... Que Deus se amerceie depois d'isso de mim. Ainda ahi em algum canto do mundo ha-de restar uma bala, que me finde com esta agonia, se a agonia me deixar arrastar até lá.

Assim dizendo, encaminhou direito á porta, no limiar da qual se collocára Fernão Silvestre. Apesar da violencia d'estas últimas palavras,Luiz Vasques fallára em voz serena, e os gestos eram egualmente socegados.

—Attenta um momento, sobrinho—disse Fernão Silvestre, cortando-lhe o passo e fazendo-o parar.—Dizes bem ; um senhor de Encourados não deve soffrer pacientemente o insulto de um villão. Dizes bem, assim é. Ouve pois o que determino fazer. Descerei ámanhã a S. João de Areias, e direi a João Peres de Villalobos—«Meu sobrinho vive, mas depois do intento que tiveste de casar tua filha com um villão,é impossivel que elle case com ella. Mas a mulher que Luiz Vasques de Encourados chamou uma vez sua noiva, não póde pertencer a outro. Guarda-te pois de a cazar com Braz de

Paiva, que, se o fizeres, morrereis.» — Agrada-te o alvitre, sobrinho? Reconheces que d'esta fórma se salva a glória do teu nome e os brios da nossa família?

— Não, meu tio— respondeu serenamente o moço. — Luiz Vasques de Encourados já não existe. Morreu no momento , que soube que Camilla o tinha esquecido. Agora o que existe é um homem, que precisa de arredar de junto de si a causa de uma agonia, que, a durar, o levaria ao desespero dos condemnados pela ira de Deus.

Assim dizendo, deu mais dois passos para a frente.

— Luiz, Luiz — bradou com desesperação o velho cavalleiro — acorda, volta a ti. Os senhores de Encourados sacrificaram sempre até o próprio sangue do coração á glória e á honra do seu nome.

— O senhor de Encourados já não existe — bradou Luiz Vasques com os dentes cerrados e com os olhos luzentes da ferocidade da loucura. — Arredar do meu caminho, snr. Fernão Silvestre; quero passar.

— Vai pois; eu te renego, filho degenerado de uma raça de heroes!—exclamou Fernão Silvestre, levantando a mão com medonha solemnidade.

E assim dizendo, deixou-se cahir desalentado sobre um escabello. Luiz Vasques passou por elle, sem attentar. Ao transpôr a porta, que dava sahida para o átrio do solar, *De profundis* atravessou-se diante d'elle.

— Luiz... Luiz...—disse o idiota, fallando como em segredo—Camilla ainda te ama... Ella não quer...mas o pai...mas Braz é que quer, e diz-lhe que se não casar com elle, então o reitor de Villar... *De profundis clamavi... Requiem eternum ... requiem eternum... requiem eternum...*

— Ama-me !.. ama-me !.. — exclamou Luiz Vasques, apertando com anciedade a mão, que o idiota estendia para elle—Oh! diz-m'o, Francisco, diz-me o que sabes !.. por Deus! pela memoria do teu filhinho...

A esta palavra a estupidez do completo idiotismo cobriu de repente o rosto de *De profundis.* Aprumou-se, tornou-se hirto, e, estendendo o braço tezo para a frente, entoou em voz cavada e funebre:

— *De profundis clamavi* ... *Requiem eternum.*

— Por Deus, Francisco, explica-te! —bradou Luiz Vasques, sacudindo-o no auge do desespêro.

— *Requiem eternum* ... *De profundis* ... *de profundis* ... *de profundis clamavi.*

Luiz Vasques soltou um grito de profundo desespêro, e occultou o rosto entre as mãos. Esteve assim alguns minutos. Por fim dirigiu-se para junto de Fernão Silvestre, sentou-se ao lado d'elle, e disse, pousando-lhe a mão sobre o hombro :

— Meu tio, ainda resta uma esperança. Luiz Vasques de Encourados talvez possa reviver; talvez possa tornar a ser digno do nome dos seus passados.

XVII

Cada qual, segundo o que obra,
Faz bem ou mal seu progresso,
E d'elle o mal ou bem cobra;
Logo a fortuna não dobra
A bem ou mal seu successo.

D. FRANC. MANOEL. *Obras métricas*

No dia seguinte, mal os primeiros raios do sol, a despontar do nascente, douravam a planura do Airó, e já o nosso velho conhecido Trinta e tres se achava de pé e passeando a toda a largura do eirado ou páteo, sobre que dava a *varanda* da casa do seu patrão, o sargento-mór de Villar.

Era o Trinta e tres d'aquella casta de homens, sobre quem passam os annos, sem conseguirem deixar vestígios da passagem, senão depois de muito teimar e reteimar com elles. Os sete portanto que haviam decorrido, não tinham conseguido alteral-o nem mesmo ao de leve. Era a mesma figura severa, e de aspecto casmurro e immutavel; veterana sim, mas robusta e dura como a de qualquer rapaz de entre os vinte e os trinta.

Tal qual o vimos em 1809, o mesmo o achamos agora. E, ao encontral-o a passear com toda a sua habitual seriedade em frente da casa do sargento-mór, ninguem diria que havia n'aquelle corpo mais sete annos completos.

Passeava, e passeava de cá para lá havia muito. E não era para gozar da belleza da aurora, que de certo se achava n'aquelle passeio. O Trinta e tres não era homem em quem os encantos da natureza fizessem abalo. Os perfumes da vegetação, as flores e as brizas, o gorgeio harmonioso das aves, a atmos-

phera limpida e embalsamada, os arroios crystalinos a reflectirem o azul purissimo do firmamento, as arvores viçosas e copadas de folhagem côr de esmeralda, eram cousas que todos os annos aformoseavam aquella nesga do paraizo, onde a sorte o fizera immerecidamente nascer, e que tambem todos os annos passavam desapercebidas por elle, para quem frio ou calor, bom ou mau tempo, era tudo a mesma cousa. Se as estaçoens lhe inspiravam ás vezes reflexoens mais ou menos carrancudas, era tudo com relação aos resultados materiaes da sua influencia sobre os trabalhos agrícolas. Ninguem era em verdade menos poeta do que elle, e ninguem portanto estava tambem mais ao abrigo dos phantasiares imaginosos, que desharmonisam quasi sempre com as regras severas do que os interesses mundanos appellidam bom senso. Feliz homem aquelle devéras!

Mas apesar de toda esta fleugma e de toda esta natural impregnabilidade a sensaçoens, que sempre gastam mais ou menos a vida d'aquelles que abalam, ainda assim o Trinta e tres nem sempre sentia correr a sua com a placidez, a que o seu natural lhe dava direito. Ao parecer, aquella era uma d'essas occasioens agitadas. O velho soldado passeava, como disse, havia mais de uma hora sobre o mesmo terreno, cousa que nada condizia com o seu caracter naturalmente inimigo da monotonia; e, o que mais é, andava mais carrancudo do que lhe era de costume, resmungava com má catadura de espaço a espaço, e gesticulava com violencia, e como quem dizia muitas vezes comsigo — que me importa? que me importa? Era visivel que o Trinta e tres lutava n'aquella occasião com dous sentimentos diametralmente encontrados.

Ouçamos-lhe do monologo algumas das fra-

ses, que soltas deixava de quando em quando ouvir em voz mais alta.

— Nada, isto não tem geito—resmungava.— Que ella vá assim contra vontade e para poder d'aquelle marinello... Irra! Com seis centos diabos! Isso não, ou eu não sou quem sou. Prometti? Tambem prometti ao outro. Morreu? Que importa? Se ella não quer, nem á mão de Deus Padre; e tenho dito. Palavras leva-as o vento. Prometti-lhe? Que diabo! Pois posso prometter no que toca a negocios alheios? Ora adeus...ora adeus... sempre sou bem asno...

E aqui, lançando a furto um olhar de nesga para a casa, continuou:

— Se o capitão está doido ...doido varrido! Eu bem lh'o digo... Pois para cá é que elle vem de carrinho. Não... não... não...e tenho dito. Ora vejam lá a grande coisa!.. E depois, pelo inferno!.. eu racho aquelle maroto...

Aqui o veterano foi interrompido pelo trinco soltado pela aldrava da porta, ao ser aberta da parte de fóra por pessoa, que in-continente metteu a cabeça, e vigiou se alguem estava no eirado ou na varanda. Este alguem era o idiota.

— *De profundis clamavi*—entoou elle, mal avistou o Trinta e tres.

Este lançou-lhe um olhar de revez, e não se deu por entendido da interpellação. Então *De profundis* abriu mais a porta, e dirigiu-se a elle em pontas de pés, com o dedo no nariz e olhar mysterioso.

—Sôr Rodrigues...ó sôr Rodrigues...—disse, aproximando-se, e tirando-o pela manga da camisa.

—Deixa-me, homem—respondeu elle com mau modo; e sacudindo-se da mão do idiota, continuou a andar.

— E' que ... sim... mas é que eu trago-lhe um recado.

— Um recado! mas quem diabo me manda recados? E' porventura o snr. Fernão Silvestre?...

— Não; psiu! E' o outro... o seu amigo, que lhe manda dizer que lhe quer fallar, e que d'aqui a pouco estará á espera de vocemecê ali junto... sim, ali onde aprôa a barca da Graça...

— O outro! Mas que outro, com um milheiro de satanazes! Quem é o outro?

— O outro... sim o outro. *De profundis clamavi. Requiem eternum*—replicou o idiota com ar mais velhaco do que simples.

E dizendo, voltou-lhe as costas, e deitou a correr pela porta fóra. D'ahi a pouco ouvia-se já ao longe a entoar o cantochão dos defuntos.

O Trinta e tres ficou como que collado ao sitio, onde o idiota o deixára.

— O outro!—resmungou por fim—O outro! Mas quem é o outro? Querem vocês ver que é alguma nova empreitada d'aquelle bargantaço da Barca? Pois é occasião de lhe dizer tudo na bochecha. D'esta feita arrebento-o! Vou-me lá.

E com estas palavras, o Trinta e tres dirigiu-se para um pequeno cubículo, no andar térreo, que lhe servia de quarto, entrou dentro, e depois de vestir uma jaqueta, em cujos bolsos metteu alguns cartuxos, tomou do canto uma espingarda, examinou-lhe cuidadosamente os fechos, e com ella ao hombro despediu pela porta fóra.

Ao ver o passo decisivo e o aspecto carrancudo,com que o veterano atravessou de S. João de Areias para a contígua freguezia da Graça, ninguem duvidaria um momento de que aquelle homem, de caracter duro e inabalavel, havia resolvido definitivamente uma questão grave, e que a resolu-

ção, que tomára, nada tinha de santa nem de pacífica.

Ao chegar á Graça tomou o caminho do rio, dirigindo-se para o lado, onde a barca da passagem costumava aproar. Era ahi uma pequena e graciosa bahia, naturalmente formada e assombrada por um teixo gigante, cujo tronco durante a noite, servia de amarração á barca. Ao aproximar-se d'aquelle sítio, pareceu ao veterano que estava ali um homem sentado por traz do grosso tronco da árvore, sobre um penedo que havia junto d'elle. Chegou-se mais perto, e viu que aquelle homem era um militar, e que tinha a cabeça pendida para o peito, os braços descahidos, e como quê prostrado por íntimo e profundo desalento.

O veterano parou. Quem seria aquelle homem? Seria o amigo, *o outro*? Depois de alguns momentos de indecisão, caminhou resolutamente para a frente, e bradou a pouca distancia do sítio:

— Olá, homem; quem está ahi?

A estas vozes o militar levantou-se de repellão, e voltou-se de frente para elle.

— Trinta e tres!—bradou rijo, e em voz que assemelhava o grito de um condemnado, pedindo misericordia sobre o potro.

O veterano deu um salto para traz; e de repente o rosto contrahiu-se-lhe nas rugas, que produz o pavor, a bocca semi-abriu-se-lhe, e os olhos espantaram-se-lhe. Depois, assenhoreando-se por um esforço supremo, fitou-o mais firme, e então irradiou-lhe dos olhos a dúvida de mistura com a suprema alegria, e dos lábios sahiu-lhe uma exclamação rija e vibrante, que traduzia plenamente os sentimentos encontrados que o agitavam.

— Aproxima-te—disse o militar já asserenado—Não tenhas receio: sou eu.

O rosto do velho soldado illuminou-se de repente com o resplendor d'aquella alegria quasi insana, com que recebemos a realisação de um desejo, que reputávamos impossivel, e que de súbito nos surge, para assim dizer,de debaixo dos pés. Depois deu mais alguns passos para a frente, machinalmente, como a tento, e sem desfitar o militar.

— Mas, por vida minha !.. é...— balbuciou então em voz surda.

— Sou Luiz Vasques de Encourados — replicou placidamente o outro.

— Ah!—bradou aqui o veterano, despeitorando n'este só grito a violenta agitação, que havia minutos lhe estava estufando no espírito. E com elle arremessou-se de um pulo sobre Luiz Vasques, e cingiu-o nos braços com tal força, que a respiração chegou a faltar ao moço senhor de Encourados.

— Mas é... mas é elle !—balbuciou o Trinta e tres—E' elle... Pelo inferno! Não morreu... Mentiu aquelle maroto. Traidor, tu m'as pagarás. Ah !—tornou a bradar de repente—Foi o inferno que te trouxe aqui...Veja... olhe...

E dizendo, correu para a borda do rio, com as feiçoens transtornadas pela ferocidade da raiva selvagem.

Luiz Vasques olhou. Na margem opposta havia descavalgado um homem, que, depois de metter a cavalgadura dentro da barca, curvou-se para a desprender da amarração. Luiz Vasques nem teve tempo de o reconhecer.

— Olá-hó ! O' d'além !—bradou o Trinta e tres em voz,que assemelhava o som vibrante e metálico do irromper do trovão em trovoada secca do estio.

O homem aproximou-se,levou a mão espalmada acima dos olhos,fitou um segundo, e respondeu:

— Eh! lá, homem! Que temos nós, Trinta e tres?

— Repare bem; conhece-o?—replicou o veterano, apontando para Luiz Vasques.

O interrogado tornou a levar a mão acima dos olhos, e, depois de fitar algum tempo, replicou:

— Eu não. Quem é?

— E' Luiz Vasques de Encourados—respondeu o Trinta e tres em voz já de todo natural e serena. — Não morreu, foi mentira. Resta agora fechar o nosso contracto.

Assim dizendo, metteu a espingarda á cara, mirou um momento, e desfechou com a pontaria certeira dos homens das margens do Cávado.

O outro levou de repente a mão ao peito, cambaleou, e cahiu de bruços sobre a borda da barca. Depois balouçou um momento sobre o rio, descahiu, tentou agarrar-se, e por fim baqueou na água, que logo se fechou, espadanando, sobre elle.

De súbito o idiota appareceu de um salto na barca; segurou-se com uma das mãos a um remo, que o teixo estendia para o rio, curvou-se todo sobre a água, fitou-a um momento, e depois ergueu-se direito e quasi hirto, e entoou funebremente:

— *De profundis clamavi*... *Requiem eternum dona ei, domine.*

E em seguida poz-se a benzer para todas as direcçoens, dando gargalhadas desentoadas e medonhas.

— Trinta e tres, aquelle homem era...—balbuciou Luiz Vasques.

— Era Braz de Paiva—respondeu serenamente o veterano, limpando a cassoleta da espingarda com toda a fleugma, de que são capazes em taes actos os homens d'aquella localidade.

O que o rosto de Luiz Vasques exprimiu

n'aquelle momento, não póde resumir-se em palavras. Foi a esperança, a alegria, o espanto e a indignação manifestadas simultáneamente e ao mesmo tempo congregadas n'um todo.

— Vamos-nos d'aqui;—disse então o Trinta e tres — temos que conversar, e é preciso que fallemos de espaço.

Luiz Vasques seguiu-o machinalmente. O veterano parou por fim em S. João de Areias, pegado com os muros do sargento-mór, e debaixo de um carvalho secular, que havia dentro de um bosque, que pertencia á quinta.

— Vamos a contas, senhor—disse então com ar prazenteiro, e sentando-se com visiveis signaes de plena satisfação sobre um combro coberto de verdura, que se levantava ao so-pé do carvalho.

— Trinta e tres, — disse agitadamente Luiz Vasques—antes de tudo ouve-me duas palavras sómente. E' verdade que Camilla já me não ama?

—Que diz, homem !.. Coitadinha da pobre !..

— Mas este casamento...

— E elle a dar-lhe ! Então isso que tem ? São cousas d'aquelle ladrão do Braz de Paiva, do snr. João Peres... e minhas.

— E tuas... tuas ! Pois tu atraiçoaste a promessa que me tinhas feito ?

— E elle a dar-lhe! Deixe-se d'esses berreiros, com um milheiro d'elles ! Sente-se aqui, homem. E escusa de me estar a pôr esses olhos assim. E' como lhe digo. Tenho visto muita cara de papão diante de mim. Pelo inferno !

Estas palavras, que ao leitor talvez se affigurarão de máu ánimo da parte do veterano, nada tinham porém de azedume e muito menos de cólera. O Trinta e tres estava plenamente contente e satisfeito ; nunca na sua vida se sentira tão bem. Tu-

do aquillo portanto não passava de feros ditados pela ironia ou antes pela vontade de chancear, que a alegria suprema inspirava áquelle homem naturalmente casmurro.

Luiz Vasques reconheceu-o, e demais não se achava disposto para resentimentos. A felicidade raiára-lhe de novo diante dos olhos com todo o esplendor de outros tempos. Das palavras do veterano saltára-lhe para o coração toda a verdade ácerca do amor de Camilla. Mas, em razão d'aquella extravagante contradicção,que faz com que o homem, em logar de correr immediatamente ao encontro da ventura inesperada, se compraza em trilhar linha a linha o caminho,que para ella conduz, o moço senhor de Encourados sentou-se com toda a placidez, e, armado da consciencia de que era feliz, disse-lhe com serenidade apparente e com aspecto de juiz:

— Muito bem, ouvirei. Vamos ver como explicas o teu procedimento para comigo.

O Trinta e tres soltou uma gargalhada franca e rasgada, como nunca soltára outra em toda a sua vida.

— Como explico!—disse por fim—Essa é de cabo de esquadra! Mas primeiro diga-me cá;—como é que o senhor cahiu na asneira de se deixar passar por morto? como é que não nos deu notícias suas...

— Escrevi sempre, e nunca tive resposta...

O Trinta e tres abriu os olhos cheios de espanto, e fitou Luiz Vasques alguns segundos, como se o não comprehendesse.

— Escreveu sempre!—balbuciou por fim—Mas porque diabo nos não chegaram as cartas!... Ah! por vida minha!—bradou de repente, batendo rijamente duas fortes palmadas nas coixas—já

sei, já sei... Foi aquelle ladrão que nos roubou a correspondencia. Por isso elle me dizia, quando eu ia para Barcellos a ver se havia carta no correio, que não fosse lá, que a não havia, porque já tinha perguntado. E nunca lá achei uma só! Se o ladrão ia primeiro do que eu! Ah! traidor! — acrescentou, rangendo os dentes—e eu que o matei com um tiro! Aquelle só ás facadas...

— Pois será possivel! — exclamou Luiz Vasques, fitando-o espantado.

— Possivel! Aposto a alma, com um milheiro de diabos! Se o ladrão o que queria era pilhar a menina! E aquelle asno do meu capitão que o não conhecia! Que importava ser sargento-mór ou não o ser? Olhem que honra, por vida minha!

Luiz Vasques olhava cada vez mais pasmado o Trinta e tres.

— Ser sargento-mór!—balbuciou — Que tinha a sargenteria-mór...

— Pois o senhor não sabe o que vai?

— Homem, por Deus, explica-te.

O veterano passou a mão lentamente pela fronte, abanou gravemente a cabeça, e depois disse:

— Aquelle ladrão merecia um milhão de facadas! E' como lhe digo. E morreu de um estouro, o tunante!.. Foi pena que eu o soubesse tão tarde... Pois, senhor, palavra de honra que estou para dar com esta burra d'esta cabeça contra uma pedra!

E dizendo, o veterano poz-se de pé, verde de cólera e sacudindo rudemente a cabeça agarrada entre as duas mãos. Luiz Vasques não estava porém para aquellas declamaçoens. As palavras do velho soldado tinham despertado n'elle vivissima curiosidade. A ideia de que Camilla não o esquecera em tempo algum, e que o casamento era apenas um

peccado venial de João Peres de Villalobos, completava-lhe a felicidade, e tinha pressa em ser feliz,ouvindo da bocca do velho soldado a confirmação da suspeita que d'elle se apossára. Lançou pois mão d'elle rijamente, e fel-o sentar outra vez.

— Peço-te que me contes tudo, ouves? tudo; quero saber tudo — disse-lhe com violentos signaes de impaciencia.

— E' como lhe digo, e não me diga que não —exclamou o veterano, cedendo momentaneamente á cegueira da raiva, que o dominava: mas voltando immediatamente a si, abanou com toda a gravidade a cabeça, coçou umas poucas de vezes e com todo o vagar as mãos espalmadas nas coixas, e depois disse em tom cheio e quasi pedagógico:

— Pois, senhor, é como lhe digo. Lembra-se de quando nos deixou em Oliveira? Pois desde esse dia nunca a pobre pequena teve mais uma hora de alegria. E depois, com um milheiro!.. aquelle ladrão roubava a correspondencia! Fui mais de vinte vezes ao Porto durante aquelles dias, e até estive para partir para o exercito... e era melhor que assim fôra. Mas emfim não fui. E ella a emmagrecer,a emmagrecer... N'isto corre cá na aldeia—«lá morreu o Luizinho em Victoria.» E bumba...cahe-me a pequena doente, e esteve a espichar ... Palavra de honra! Se o pilhasse n'aquella occasião, cozia-o a facadas! Pois, diga-me cá, senhor; quem o mandou ir de abelhudo para a frente? Diga, quem o mandou... quem o mandou... com um milheiro de diabos!..

E n'isto o Trinta e tres, com os olhos raiados de sangue e os dentes cerrados pela raiva, dava a cada frase um empurrão a Luiz Vasques.

— Mas attende;—disse então este — eu não morri, fiquei ferido... Parecia mál ficar atraz, e

depois n'aquelles casos, tu bem o sabes, a gente esquece tudo,e vai para a frente sem mesmo saber que vai...

O Trinta e tres estremeceu como cahindo em si; abanou como entendido a cabeça, e continuou:

— E é assim, tem razão. Eu também fazia o mesmo no meu tempo. Mas é que por fim de contas, senhor,a pequena esteve quasi a espichar; e depois nunca mais foi leda, e começou a entesicar, a pôr-se amarella... Verá como a vai achar.

— Então Camilla... — balbuciou Luiz Vasques, fazendo-se pállido como um defunto.

— Tenha mão, senhor, tenha mão — acudiu de repente o Trinta e tres.—O caso não é para esses espantos. Aquillo passa, verá, mal o pesque... Pois sabendo que está livre d'aquelle ladrão!..Mas vamos ao caso. Como lhe ia contando, queria-me parecer que aquelle ladrão do Braz pretendia metter-se muito comnosco... e depois d'aquella noite que sabe, fiquei-lhe sempre com osga. Mas emfim, senhor,o snr. João Peres é um papalvo. Aquillo tudo são féros, berreiros, e por fim de tudo é um abóbora para quem lhe faz a bocca doce. O caso é que o Braz fez-se muito camarada d'elle, metteu-se com elle de gorra,e por fim fallou-lhe em casar com a Camillinha. Ora, senhor, bem sabe que em outra occasião,se o bargantaço ousasse fazer tal proposta ao meu capitão, elle rachava-o de meio a meio. Pois agora disse-lhe que sim, no caso da filha querer. Aquillo de certo foi olhado que lhe deitou aquelle ladrão. Não podia ser por menos. Eu soube d'isto muito tarde; mas um dia a menina disse-m'o, pedindo-me que não dissesse nada ao snr. João Peres. Eu callei, mas veja como! Trincava os figados de raiva! Por fim foi indo a cousa, e a pobre

senhora cada vez mais triste, mais magra; e logo o meu capitão a entristecer tambem, a emmagrecer tambem, a fugir de casa... Vou-me ter com elle, e conto-lhe tudo na bochecha. E digo-lhe:

«—Senhor, a menina não casa com o Braz, nem por seiscentos diabos. Digo-lh'o eu.

«—E quem manda n'esta casa?—berrou elle.

«— Manda vocemecê, e manda muito mal; — berro-lhe eu — mas lá fóra não manda nada, e eu vou-me áquelle ladrão, e metto-lhe uma bala no bucho ou cozo-o a facadas!

— Elle ficou como que assombrado de raiva. Eu não o estava menos. Estivemos para vir ás do cabo, mas elle por fim pediu-me que não fizesse nada até nova ordem. Pois, senhor, bem vontade tinha eu d'isso, e quando via o ladrão... Ah! por vida minha! se n'aquelles momentos morrera, não me salvava! Passaram-se dias, e o meu capitão sempre a correr para Villar, e de todas as vezes que vinha do mosteiro, cada vez mais triste ... cada vez mais triste. Por fim chama-me, e diz-me:

«—Trinta e tres, se este casamento se não faz, mato-me...

«— Homem, vocemecê está doudo? — bradolhe eu; porque devéras tive medo, porque o homem fazia-o, que é capaz d'isso, e eu vi que elle m'o dizia verdadeiramente.

«— Mato-me, — volveu elle —porque não posso com esta vergonha.

«— Mas que vergonha, por vida minha?

«— Se Camilla não casar com Braz de Paiva, o reitor tira-me a sargenteria-mór. Já m'o tem dito mil vezes, e hoje affirmou-m'o com juramento...

— Fiquei como um demónio. Então elle bradou-me:

«—Homem, pelo inferno! tu queres dar cabo de mim. O rapaz não tem culpa; quem a tem é aquelle ladrão do tio d'elle, o padre Paulo, que póde tudo com o reitor, e que não ha quem o mova d'esta teima. Ainda hontem o Braz lá foi commigo pedir-lhe que cedesse da tal pretenção, mas elle quiz-lhe até bater, e disse que o casamento se havia de fazer por força....

«— Eu vou lá, e mato aquelle ladrão — disse-lhe eu.

«—E então é que se perdem as esperanças de todo, maldito, porque o reitor encanzina-se, e faz-me logo casar a pequena ou me deita fóra de sargento-mór. Ai que ladrão este! Sahe já d'aqui diante de mim.

—Estive para arrebentar, palavra de honra! estive para arrebentar—exclamou aqui o Trinta e tres, voltando-se todo para Luiz Vasques. E depois de o fitar alguns minutos, como que alheado na resolução d'aquella tormenta, continuou:

— Assim passaram dois mezes; ao cabo d'elles diz-me o meu capitão:

«— Trinta e tres, a pequena diz que sim.

«— De boa vontade?—pergunto-lhe eu desconfiado.

«— De boa vontade—respondeu elle.

«— Vou-me a sabel-o —repliquei; e meia volta á direita, e vou ter com a menina. Pergunto-a; responde que sim, e diz-me até que me não mettesse mais no negócio. Bem; se ella quer ... vá, com seiscentos diabos! Não sendo contra vontade ... O outro tinha morrido...Sim, porque o senhor tinha morrido em Victoria, e eu tinha-lh'a promettido guardar para em quanto vivo, e não para depois de morto. A culpa era sua. Não se deixasse matar. Mas assim como assim entendi cá para mim que

lhe devia ser leal á memoria. Fui-me ter com Braz de Paiva, e disse-lhe:

«— Senhor, eu prometti ao snr. Luizinho de Encourados, de lhe guardar a Camillinha, em quanto vivo. Ora por ahi dizem que elle morreu em Victoria; e, na verdade, não ha noticias d'elle. Nem nós as temos, nem mesmo o snr. Fernão Silvestre as tem. Mas não ha certeza d'isto; póde tudo ser boato, e eu não falto á minha palavra nem pela salvação. Por tanto, o casamento não se faz, porque, palavra de honra, dou-lhe um tiro, e mato-o, antes d'elle se fazer, senão com uma condição.

«— Diga qual é — respondeu elle.

«— Ficar o casamento demorado até eu ir saber novas d'elle. Parto ámanhã para o Porto, e depois vou a Espanha, vou a França, vou a Inglaterra, vou perguntar ao Lord, vou perguntar até ao diabo, mas hei-de voltar com novas certas. E se elle morreu, acabou-se; case-se, com Deus. Sem isto nada feito, e tenho dito.

—Então o ladrão poem-se a pensar um instante, e por fim responde:

«— Olhe, snr. Rodrigues, eu entendo em minha consciencia que vocemecê tem rasão, por isso acceito a sua condição. Mas é escusado ir passear mundo para verificar a morte do snr. Luiz Vasques. Muita gente, que veio de Tolosa, m'o disse, e algumas pessoas contaram-me até os pormenores.

— E aqui poz-se-me a contar que o senhor tinha sido ferido por uma bala no peito...

— E duas cutiladas na cabeça, é verdade — acudiu aqui Luiz Vasques.

— E depois que tinha morrido em Victoria, em casa não sei de que conde, muito christãmente, e que tinha sido enterrado com toda a pompa. Disse-me mais que á hora da morte, lhe tinha

mandado pedir perdão por uma carta, mas que a carta se perdera, e que o seu camarada...

— Infame! — balbuciou Luiz Vasques.

— E' como lhe digo — continuou o Trinta e tres — Tantas cousas me alanzoou, que o parvo de mim chegou a convencer-se, e disse-lhe:

«— Homem, isso será verdade?!

« — Dou-lhe a minha palavra de honra — volveu elle.

— Assim mesmo não sei que me mordia cá dentro, que lhe digo:

«— Homem, isso parece-me assim a modo de historia...

«— Aposto a vida pelo que digo — responde-me elle.

«— Olhe o que diz.

«— Perdôo-lhe a morte no dia em que o snr. Luiz Vasques apparecer.

«— O dito, dito — disse-lhe eu então, voltando-lhe as costas.

— Então elle susta-me, e diz-me:

«— E agora promette-me não se oppor ao meu casamento?

«— Case-se, muito embora; mas lembre-se bem, o dito, dito.

— Isto aconteceu aqui ha cousa de quinze dias. O snr. Fernão Silvestre, sabendo-o, escabriou com o meu capitão, e lá se foi para o solar. A menina finava-se a olhos vistos. Eu dizia então commigo — pois ella consente, e anda assim! Nada, aqui ha cousa. Meu dito, meu feito. Hontem ao pôr do sol vou dar com ella a chorar, sentada á beira do rio, n'aquelle sitio onde o senhor quiz matar o da Barca. Pergunto-lhe o que tem, ella cahe-me a soluçar nos braços, e responde-me:

«— Rodrigues, este casamento é impossivel.

A alma de Luiz Vasques perseguir-me-á toda a vida. Sinto-a aqui a fallar-me sempre, dentro do coração. Salve-me, salve-me !

— Ah ! senhor, que não sei como não ensandeci de colera. Mas contive-me, para que ella se não apavorasse, e disse-lhe:

«— Deixe estar que a cousa arranja-se de hoje para ámanhã.

— Assim como assim, aquelle ladrão tinha de morrer ás minhas mãos. Mas, senhor, não sei porque diabo... mas é que ella depois fez-me prometter que não dissesse nada ao pai, nem áquelle bargante... Não dormi toda a noute, por vida minha! Aqui ha cousa—dizia-me não sei o que cá dentro. Assim como assim, eu não deixo casar a pequena. Está visto que casa contra vontade. Assim puz-me a scismar. Muito bem. A'manhã vou-me ao bargantaço, e digo-lhe que largue a pequena com seiscentos diabos, ou se não arrebento o. Mas não pude dormir, pelo inferno ! Levantei-me ainda se não enxergava a boieira, vim tomar fresco para o páteo, porque emfim, senhor, eu tinha promettido áquelle marmello. N'isto chega o tolo e diz-me... Mas, por vida minha ! para que se deixou o senhor matar em Victoria? Porque nos não escreveu a dizer que era mentira ?

Luiz Vasques, desde que ouvíra o que Camilla dissera ao Trinta e tres, não attendèra a mais palavra alguma d'este. Sentiu-se innundar de felicidade, sentiu-se desfallecer, viu o céu aberto diante de si. Ergueu-se então, e disse-lhe em voz trémula, e com os olhos húmidos do íntimo júbilo em que trasbordava :

— Eu vou ver Camilla, vou dizer-lhe que Luiz Vasques vive, que era o amor que lhe fallava dentro do coração...

— E diz bem, por vida minha! — exclamou o veterano, pondo-se de pé —Vamos acabar o inferno d'aquella pobresinha.

E dizendo, tomou a espingarda, e poz-se a caminho. De repente atirou dois saltos de garoto, espicaçado subitamente pelo diabo da travessura, e bradou em voz que entoava toda a alegria que o agitava :

— Pelo inferno! D'esta vez sempre danço na boda.

E continuou apressado rodeando o muro da quinta. Mas quasi ao chegar ao portão, tornou a parar de subito, e voltando-se para Luiz Vasques, bradou :

— Alto; olhe que a íamos fazendo fresca. Se o senhor lhe apparece de súbito, ella morre, por vida minha!

— E' verdade! — balbuciou Luiz Vasques, fitando o veterano com toda a estupidez, que domina o homem agitado por uma ideia, que de todo o absorve, e que portanto o inhabilita para resolver qualquer difficuldade, por mais somenos que seja.

O veterano aprumou o dedo indicador da mão direita sobre os lábios cerrados, pensou um minuto, e ao cabo exclamou :

— Ora sempre sou bem asno! E não me lembrava! Entramos pela banda da capella, o senhor sobe até á porta da sala, espera, entretanto que eu vou dentro dar parte...

—Mas vê como o fazes, que não vá por acaso...

—Perca o cuidado. Sou muito fino; deixe o caso por minha conta.

Assim dizendo, os dois continuaram em torno do muro, até ao portão da frente principal da quinta, abriram-n'o e entraram por fim para dentro da casa do sargento-mór de Villar.

XVIII

Colhei, colhei asinha
Em tão bom porto as velas venturosas,
O' humilde barquinha;
Pois com maré de rosas
Escapastes das syrtes arenosas.

M. DA VEIGA. *Laura de Anfriso.*

João Peres de Villalobos, depois que a vida lhe começára a correr agitada pelos acontecimentos de que o leitor tem noticia, não dormia as noites com aquelle repouso e somno folgado, que é necessario para que um homem se levante de madrugada da cama. Havia muito portanto que se desprendera d'aquelle antigo hábito madrugador, e tambem que deixára por isso de presidir ao almoço dos criados, delegando esta importante funcção de chefe de familia minhota no seu *alter ergo*, o inalteravel Trinta e tres. Além d'esta razão allegava elle outra, que era o querer fazer companhia á filha, cujos hábitos e cuja debilidade repugnavam com as madrugadas aldeãs.

No dia em que estamos, João Peres levantou-se já o sol era nado ha muito. Vestiu-se, philosophou carrancudo sobre o que lhe ia de tormenta em casa e no espírito, e por fim, para matar o tempo que ia d'ahi até que a filha acordasse, e se apromptasse para o almoço, resolveu ir tomar o fresco até ás margens do Cávado. Em cabello, porque não era homem que se receiasse do ar da manhã, sahiu do quarto pé ante pé para não fazer barulho, que acordasse a filha, que dormia no quarto contíguo ao d'elle, e assim se dirigiu para a saleta de entrada, cuja porta dava sahida, por uma escada de pedra, para o pá-

teo, que ficava pela parte de dentro da porta principal.

Ao abrir a porta da sala, ficou surprehendido. Camilla estava sentada a uma janella, que dava para o páteo, com a cabeça reclinada sobre a mão, o olhar fito abstractamente no arvoredo fronteiro, e as lágrimas a correrem-lhe em fio e mansamente pelas faces abaixo.

Ao pasmo que manifestou o sargento-mór, ao ver a filha ali e n'aquelle estado, correspondeu da parte d'ella o abalo de quem se sente inopinadamente surprehendido, e que deseja occultar o que está fazendo.

João Peres estava o mesmo homem, que ao tempo que o leitor o principiou a conhecer. Como o Trinta e tres, não era elle homem para tolerar gracinhas ao tempo. Mas se o organismo lhe podia lutar com vantagem com as influencias do tempo, o espirito não era egualmente robusto para resistir aos estragos das grandes paixoens. Assim o rosto de João Peres manifestava claramente nas rugas, que o sulcavam, que violentas e mui violentas commoçoens tinham agitado, e continuavam a agitar a alma do rude soldado do Roussillon.

Em Camilla porém haviam muito notaveis alteraçoens. Já não era uma mulher criança; era o typo da mulher perfeita em todo o esplendor das graças donairosas, que attinge a mulher formosa quando toca a idade, em que se completa aquella obra a mais mimosa de Deus. O corpo tinha-se-lhe desenvolvido graciosamente, os gestos tinham perdido o acanhamento infantil do despontar da aurora da juventude, e do todo irradiava a magestade admiravel, que acompanha a belleza das mulheres, a quem Deus concedeu aquelle poderoso sentimento de dignidade própria, que, como a egide da Minerva antiga,

petrifica e annulla os olhares audaciosamente brutaes do sexo que é despota, porque é forte. O rosto formosissimo, verdadeiro modêlo da virgem do evangelho, que é o architypo da belleza e das graças da mulher, perdera o frescor indefinido da infancia. O botão desabrochára em formosissima rosa, a belleza embrionária completára-se, e as feiçoens da innocente, que provocavam beijos e affagos, haviam-se transformado n'um rosto, diante do qual o amor ajoelhava com admiração. A dôr immensa mas resignada, que a minava sem cessar, fazia-a ainda mais bonita. A pallidez, que manifestava sobre as faces, aureolada dos resplendores da melancolia triste mas serena, dava-lhe o aspecto de uma santa formosissima e meigamente resignada, que se adora de joelhos, sem a destitar e com as lágrimas a correrem docemente pelas faces abaixo. O tímido anjo da innocencia de outros tempos affigurava-se agora o anjo da resignação, a cumprir sem se queixar a sua missão sobre a terra, desterrado da vista de Deus e a suspirar incessantemente por ella.

Ao ver o pai, Camilla tentou disfarçar as lagrimas, e para isso ergueu se de subito, e voltando-se para a janella, limpou-as. Depois, dirigiu-se para o pai, affectando um sorriso que debalde pretendia apparentar alegria.

—Bons dias, meu pai—disse, curvando-se para elle e tomando-lhe a mão.—Vai sahir tão cedo!..

João Peres, immovel e com o rosto radiante de afflicção, deixou ir machinalmente a mão ao grado dos movimentos da filha. Por fim tomou-a com amor pela cintura, e foi sental-a n'uma cadeira, que ficava a pouca distancia da janella. Então ficou de pé em frente d'ella, fitando-a e com as mãos enlaçadas convulsivamente uma na outra.

— Camilla... filha... —rompeu finalmente

com voz afflicta — Pelo inferno ! Isto não póde ser assim, entendes ? isto não póde ser assim...

— Mas que lhe fiz, meu pai ?—balbuciou em voz trémula a pobre menina, fitando n'elle os seus grandes olhos cheios de lagrimas.

— Tu...tu? Tu nada, filha ...tu és uma santa. Mas, por alma de meu pai! entendes... eu arrebento. Dizes que sim, consentes...e choras, estás sempre a chorar, e á medida que o tempo se adianta,entendes ? cada vez estás mais triste...cada vez te matas mais... Por vida minha!..

— Mas que lhe hei-de fazer , meu querido pai ?—respondeu tristemente Camilla.

— Que lhe has-de fazer! Por vida minha! Mas então casas contra vontade, entendes ?..mas então não queres casar com elle...

— Eu disse que sim voluntariamente, meu pai; creia-me que o não fiz por medo de si...

— Por medo de mim ! Pois tu havias de ter medo de mim!.. Se o pensára, por alma de meu pai, entendes ? arrebentava a cabeça contra aquella parede. A minha filha ter medo de mim... eu a pôr medo á minha Camilla!..

— Meu pai... meu querido pai !.. — balbuciou Camilla , aterrada pela exaltação do sargento-mór.

— Mas olha... isso não, isso não me mettes tu na cabeça. Se casasses por vontade, não andavas a chorar, não te amofinavas assim...

— Mas olhe, pai, não me disse que o reitor o lançava do seu cargo, se eu não casásse com o sobrinho do padre Paulo ?

— Com Braz de Paiva.. Sim, pelo inferno! assim é.

— E que não poderia resistir á vergonha de perder o emprego que seu pai lhe tinha legado...

— Assim é, assim é, filha...

— Então não devia eu consentir voluntariamente, meu querido pai? — exclamou Camilla, abraçando-o com meiguice.

O sargento-mór arredou a filha de si com doçura.

— Mas isso não é por vontade; isso é sacrificares-te...

— Não é por vontade! Pois o pai obrigou-me a dizer que sim? Não, o pai deixou-me livre na minha vontade. Disse-me só que, se, eu ficasse solteira, o pai perderia o seu cargo, e se o perdesse, talvez que morresse de vergonha. Era terrivel a alternativa em que me poz; mas fez bem dizer-me a verdade, meu pai. Deus o abençoe por isso. Eu escolhi o casar, e dizer que sim; não foi portanto por minha livre vontade?

O sargento-mór deu alguns passos agitadamente na casa, e por fim exclamou:

— Não... não, pelo inferno! Não, digo eu agora, ainda que tu digas que sim. Tu consentes contra vontade, entendes? não me digas que não; sei o que digo. Portanto, filha, peço-te pela alma de tua mãi que me digas se é tal a tua aversão a Braz de Paiva que reconheças que nunca has-de ser feliz, entendes? que nunca o has-de poder ver, como hoje, entendes?..

— E isso que importa? — atalhou resignadamente Camilla — O que quero é que o pai não soffra nada por minha causa. Depois na verdade que importa o casar ou não casar? Olhe, meu querido pai, isto está por pouco. A minha tosse já me não deixa dormir...

— Filha! filha! —exclamou o sargento-mór, espantando-se.

— Eu sei que morro... sei que morro —con-

tinuou Camilla com serenidade, mas com sensivel allucinação—sinto a morte a minar-me aqui no coração... ha muito... desde que Luiz morreu. Oh! morro, morro... Graças, Senhor, graças!.. Que importa pois que eu case com Braz de Paiva, meu pai? — continuou, fitando-o com olhar luzente— A sua honra fica salva, e eu nada soffro com isso... nada ... nada, porque sei que morro... que morro mal sahir da igreja, e depois, no outro mundo, Luiz ha-de perdoar-me, porque lhe hei-de contar tudo... tudo o que tenho soffrido. Meu pai, —acrescentou, lançando-se de repente de joelhos— por alma de minha mãi, pelo amor que me tem, peço-lhe que, depois de eu morrer, me não deixe tirar isto do seio...que me mande enterrar com isto... E' o retrato do meu noivo...de Luiz, lembra-se? aquelle medalhão que elle me deu na vespera de partir para a guerra... Não permitta que o outro m'o tire... Prometta-m'o, meu pai; prometta-m'o, meu querido pai...

E assim dizendo,arrastava-se de joelhos, e com os olhos cheios de lagrimas de anciedade e de afflicção, para junto do pai, que de pé, com os olhos espantados e os cabellos erriçados na cabeça, tinha os olhos fitos n'ella, brilhantes da demencia do terror.

Ao ouvir-lhe as ultimas palavras, João Peres soltou um grito medonho, correu a ella, cingiu-a convulsivamente entre os braços, e balbuciou em voz cavernosa e mal articulada:

— Filha... filha...que me matas! ..

Teve-a assim um momento apertada com força contra o peito. Depois, mais sereno e mais senhor de si, foi sental-a outra vez na cadeira, e ficou de pé junto d'ella, fitando-a, sem fallar e com o suor da agonia a borbulhar-lhe na fronte.

— Socega, filha,—disse por fim—e attende ao que te vou dizer, e se depois, entendes? se depois ainda sentires a mesma aversão, diz-m'o, por Deus! diz-m'o. Este casamento não se ha-de fazer assim. Não, por um conto de diabos! não, que o não quero eu.

E depois de parar um momento continuou:

— Olha, Camilla, se te quero casar com Braz de Paiva, não é tanto por mim, como por ti mesma. Que leve o diabo as sargenterias-mores d'este mundo. Depois tiravam-m'a? E que importava, se tu ficasses alegre, se sarasses, se me ficasses por toda a vida? E depois, pelo inferno! um soldado de Belver e de Puig-Cerdá não se insulta assim ... Restava-me o prazer de me vingar d'elles, e, por alma de meu pai! isso e a saude de minha filha vale bem um milhão de sargentos-mores. Mas eu estou velho, Camilla, e tu és mulher, e depois da minha morte...

— Oh! não ficarei atraz de si, meu pai...

—Ficarás... ficarás. E não me digas que não, que era para me fazer perder a salvação. Ficarás... E depois, sósinha, uma mulher...Se Luiz Vasques fosse vivo, aquelle grande moço que Deus levou, nunca serias de outro; mas elle morreu, e por causa d'isso não has-de tu ficar solteira... para ahi sósinha...

— Meu pai, a mulher que prometteu a Luiz Vasques que nunca amaria outro, não pode ser feliz faltando ao que prometteu.

— E porque não, por alma de meu pai? O que se não póde remediar, remediado está, entendes? Elle morreu, foi pena; mas então? Ha mais homens n'este mundo, e ainda que não sejam tão bons como elle, podem fazer feliz uma mulher, entendes?..

*

— Não, meu pai, fôra impossivel. Homens como Luiz até do outro mundo véem reclamar as promessas que n'este se lhes fizeram. Nunca poderei ser ditosa, porque...

— Podes... podes. Com um milheiro de diabos! quem se atreveria a fazer infeliz a filha do sargento-mór de Villar? Nem o próprio satanaz o ousaria; e ainda que Luiz era valente, por vida minha!... E demais elle queria-te como aos olhos da cara... gostará de te ver feliz...

— Engana-se, meu pai—interrompeu Camilla. E depois, poisando a mão sobre o coração, continuou:— Olhe, sinto continuamente a voz d'elle aqui a recordar-me os nossos mútuos juramentos, vejo-o em sonhos, ouço-lhe até a voz a chamar-me sua, e ainda ha pouco me parecia vel-o alli volitar no espaço, quando estava a olhar pela janella...

E Camilla apontou ao dizer estas palavras para a janella, lançando o olhar sobre o firmamento. De repente ergueu-se, fitou os olhos espantados, levou a mão ao coração, deu um grito dilacerante, e cahiu como morta sobre a cadeira espaldar, em que estivera sentada.

João Peres recuou no auge do terror. Depois correu a ella, apalpou-lhe as faces e as mãos, e, ao sentil-a gelada, deu um grito terrivel e correu como doido para a porta da sala, que abriu de um só repellão, e d'ahi principiou a bradar em voz entoada pela expressão da mais tremenda agonia:

— Javel... Javel... Clara... Maria... acudam, acudam! Água! Javel... Água... água... Pelo inferno! Maria... Javel... Água... tragam água... Depressa... depressa...

E, a bradar sempre, tornou a voltar para junto de Camilla, e principiou a tenteal-a desassisada-

mente, e balbuciando palavras sem sentido e inspiradas pela demencia do terror e da afflicção.

Então a porta da sala abriu-se, e o Trinta e tres arremessou-se para dentro.

— Que é isto, capitão, que é isto? — bradou atrapalhado.

— A minha filhinha morreu ... a minha filhinha morreu—balbuciava como louco o sargento-mór, mexendo e tenteando atrapalhadamente o corpo de Camilla.

A estas palavras Luiz Vasques entrou de um salto para dentro da sala, e voou ligeiro como o pensamento para junto de Camilla. Arredou então João Peres com violento empurrão, e tomou a amante nos braços.

— Camilla... Camilla... Camilla!..—balbuciou elle em som cavernoso, e atirando as palavras ás golfadas pela bocca fóra, como se fossem sangue lufado pela ruptura de uma artéria.

E ao mesmo tempo o rosto descompoz-se-lhe medonhamente. Cobriu-o a pallidez esverdeada do homem morto pelo desespêro, as faces sulcaram-se-lhe em rofêgos violentamente contrahidos, e os olhos sumiram-se-lhe para dentro das órbitas, arremessando de lá a luz feroz da allucinação do suicída.

Ao receber o empurrão de Luiz Vasques, que, apanhando-o desprevenido, o fez parar a distancia de Camilla, o sargento-mór soltou um grito ferocissimo, e arremessou-se cego de raiva satánica sobre o aggressor. O Trinta e tres reteve-o porém ao passar, e João Peres teve tempo de fitar o homem, que tinha diante de si.

— E' elle... é elle... por alma de meu pai! —balbuciou em voz surda e recuando espantado como um autómato.

— E' elle, sim, é elle, em corpo e alma, vivo e sã. Volte a si, snr. João Peres—balbuciou o veterano, que não despregava os olhos, luzentes de anciedade, de cima do rosto de Camilla.

N'isto as criadas entraram de repellão na sala, e Javel correu para Camilla com uma tigella de água nas mãos. O Trinta e tres arrebatou-lh'a, e ia a despejal-a em cheio sobre o rosto da pobre menina, quando esta, por felicidade, estremeceu, e abriu de repente os olhos, que cravou no rosto do pai, que estava como collado ao solo pelo espanto e pelo terror.

Ergueu-se então de repente, hirta e pállida como um cadaver, sustentada pelo braço com que Luiz a cingia pelas costas,e disse em voz sobrenatural, sem desfitar João Peres:

— Meu pai, este casamento é impossivel... Eu vi a sombra de Luiz ... era elle...era elle...

Um grito de suprema ventura sahiu dos lábios do moço senhor de Encourados.

— A sombra não, anjo da minha vida,—balbuciou — a sombra não... E' elle... é elle próprio. Repara em mim, minha Camilla adorada, sou eu... é Luiz que te falla ... que está vivo... que está junto de ti... Anjo... anjo da minha vida...

Ao som d'aquella voz querida, Camilla estremeceu, como se a tocára uma pilha galvánica. Depois tombou sem forças sobre a cadeira, e procurou quem soltára aquellas palavras. Luiz Vasques descahira ajoelhado aos pés d'ella, de modo que quando a pobre innocente o encontrou com os olhos, achou os do amante fitos em si, e radiantes da mais doce expressão de amor e de felicidade.

Camilla fitou-o alguns minutos como que allucinada. Por fim o rosto começou-se-lhe a serenar pouco a pouco, um sorriso de amor e de ventura

suprema encrespou-lhe ao de leve a pequenina bocca. Fechou então os olhos, ergueu as mãos, e os lábios começaram a mover-se-lhe como repetindo uma oração íntima, ao mesmo tempo que pelas faces abaixo deslisavam suavemente as lagrimas. Depois os lábios pararam—as mãos descahiram—a respiração deixou de sentir-se...

Morreria de felicidade?

Luiz Vasques assim o suspeitou por um momento. Ao vel-a assim, soltou um grito terrivel, tomou as mãos d'ella nas suas, e fitou-a com anciedade terrivel. Mas os lindos olhos de Camilla tornaram a abrir-se. Aos pés d'ella estava Luiz Vasques, e de um lado o pai engolindo as lagrimas e remexendo-se convulsivamente agitado, e do outro o Trinta e tres fitando-a anciosamente. Um sorriso de amor e de suprema ventura tornou a enflorar os lábios da linda menina; mas a felicidade prostrára-a, e tirára-lhe as forças a ponto de a não deixar fallar nem mover-se.

Então o sargento-mór ergueu solemnemente as mãos sobre as cabeças dos dois amantes, e exclamou:

— Deus vos abençoe, e me tire os annos, que ainda tenho de viver,e os centuplique em vós cheios de milhares de venturas.

De repente parou, e, voltando-se para o Trinta e tres, bradou a meia voz:

— Trinta e tres, sentido! Vai ter com o meu compadre Fernão Silvestre, e diz-lhe o que se passa, entendes? Quanto a mim vou-me lá,vou dar cabo d'aquelle bargante da Barca...

— Perca o cuidado; já outro andou primeiro do que vocemecê — respondeu fleugmáticamente o Trinta e tres.

— Como, homem! Pois o ladrão morreu?

— Esta manhã, com Deus. Fui eu que o estoirei, e o mandei de presente ao diabo.

— Nunca as mãos te doam. Bem hajas—volveu o sargento-mór.—Que a bem dizer foi mal feito, entendes? e foste muito atrevido em me tirares o que me pertencia — acrescentou para não perder o costume de contradizer mesmo aquillo que mais o contentava.

O Trinta e tres encolheu os hombros, e apontou para Luiz e para Camilla.

A linda menina tinha a fronte pendida para a fronte de Luiz. Os lábios dos dois já se tinham tocado umas poucas de vezes, e os olhos, radiantes de amor e de ventura, não se podiam desfitar, como que a communicarem-se os mil milhares de sensaçoens, que a lingua não tinha palavras para dizer.

Era que a felicidade raiava outra vez em pleno brilho para elles.

N'essa mesma tarde o sargento e Luiz Vasques entravam nas ruínas dos paços de Encourados, e penetravam dentro do asylo do velho cavalleiro.

—Meu tio,—exclamou Luiz—venha abraçar o pai da minha noiva.

O velho cavalleiro deu um salto ao ouvir aquellas palavras, e ao ver diante de si o seu velho camarada, que estava acanhado pela consciencia da asneira, que fizera.

— E tens cara para apparecer diante de mim, João Peres? — disse rudemente.

—Compadre, uma asneira todo o mundo a faz, entendes? E demais eu pensava que o nosso Luiz era morto.

Seguiu-se uma polémica renhidissima, em que o sargento-mór contradizia com todas as forças dos seus robustos pulmoens as accusaçoens de Fernão Silvestre, entoadas com egual valentia.

Luiz Vasques deixou-os despeitorar á vontade, seguro de que a amisade extremosa, que os ligava, havia por fim de despartir agradavelmente a referta.

O sargento-mór foi quem se incumbiu de a terminar. Batido pelo amigo em todos os reductos da sua defeza, exclamou por fim :

— Compadre, sou um pedaço de asno, entendes ? Tenho dito, e não me digas que não, com um milheiro de diabos ! Sei o que digo. Portanto acabou-se; vamos casar os rapazes.

— Vamos, com Deus — replicou Fernão Silvestre, satisfeito da confissão, que o amigo fizera da sua derrota.

Os tres sahiram por fim para S. João de Areias, aonde Fernão Silvestre não teve remedio senão tornar a recolher-se, vencido d'esta vez pelas imprecaçoens atroadoras do sargento-mór, e pelas mais suaves persuasoens de Luiz, que lh'o rogava em nome de Camilla.

Ao sahir das ruínas, Fernão Silvestre parou, e, apontando para ellas, disse ao sobrinho :

— Luiz Vasques de Encourados, o solar de teus pais não deve ficar assim. E' preciso levantar outra vez essas ruínas, fazer reviver o alcacer de teus grandes antepassados, mas digno de ti, digno da alta fama dos teus feitos—

Em dilatal-o cuida, que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

— Meu tio,—replicou Luiz Vasques—eu penso ha muito na reedificação do solar, e, já que me falla n'isso, aproveito a occasião para lhe rogar o favor de se encarregar da direcção das obras.

Fernão Silvestre arremessou-se nos braços do sobrinho, cheio de orgulho e de satisfação.

— Obrigado, sobrinho, obrigado. Acceito.

E depois poz-se a caminho desafogadamente, e declamando em voz sonora e de cabeça alta:

Eu que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas d'este geito
Presago o coração me promettia;
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom signal que em mim se via,
Me poem o inclito rei nas mãos a chave
D'este commettimento grande e grave.

Quinze dias depois os sinos da igreja do couto de Encourados andavam em bolandas, agitados pelos criados do reitor da freguezia, que era ainda feitura do finado Vasco Mendes. O couto estava todo alvoroçado por festas e alegrias. A atmosphera resoava atroada pelo estoirar dos foguetes, pelo estrondo dos tiros e pelo rebombar dos morteiros.

N'esse dia ás onze horas da manhã, o tenente-general Luiz Vasques de Encourados, senhor donatário d'aquelle couto, e Camilla de Villalobos, filha única do sargento-mór de Villar, juravam diante de Deus serem eternamente um do outro.

O casamento foi feito com todas as solemnidades. Houve missa cantada, a que assistiram muitos fidalgos dos arredores, que, apesar de não terem em muito respeito a fidalguia da noiva, tinham em muita veneração a fidalguia do esposo, e sobretudo os dobroens do velho sargento-mór. Este e Fernão Silvestre foram os verdadeiros heroes da festa. O velho cavalleiro não prescindiu de nenhuma formalidade das que eram devidas ao sobrinho, e em razão d'elle á noiva. Foi elle próprio que lhes serviu de pagem durante toda a festa, de que era além d'isso rígido mestre de ceremónias, e quem no fim d'ella empunhando o thuríbulo, os incensou com a terrivel

fumarada dos tres ductos de incenso, a que tinham direito os senhores donatários d'aquelle couto. Fernão Silvestre estava radiante de felicidade, ao ver pôr rigorosamente em prática todas as velhas usanças, que recordavam a grandeza dos antigos ricos-homens de Encourados.

Em quanto a João Peres de Villalobos, esse gozava por outro modo. Vestido inteiramente de novo, revia-se orgulhosamente na farda côr de esmeralda, nos grandes laços de rendas da gravata, e nos cordoens que lhe atavam á cinta a terrivel espada de Belver e de Puig-Cerdá. Movia a cabeça em todas as direcçoens com vagarosa sobrancería, impondo com o olhar a admiração da sua grandeza,da sua felicidade e da felicidade de sua filha. De quando em quando assentava, por desfastio, um murro ou um pontapé n'algum desgraçado lapónio, que ousava passar desrespeitosamente por diante de tanta magestade. Fôra elle de mais a mais quem abríra o cortejo para a egreja, caminhando na frente com gravidade soberana, e assombrando os espectadores com a enormidade do seu novo chapéu embicado e com a severidade magestosa com que remexia o corpo nas encóspias do vistoso fardamento. Na volta da igreja não quiz ceder aquelle logar a ninguem, apesar de ser outro o que lhe competia; e á meza do lauto jantar de boda, que, por exigencia de Fernão Silvestre, se serviu nas ruínas do solar, despeitorou toda aquella soberanissima alegria, libando brinde sobre brinde á felicidade dos noivos, aos filhos e netos que haviam de ter, a Fernão Silvestre, aos senhores de Encourados, e por fim aos heroes de Belver e de Puig-Cerdá.

Ao Trinta e tres tocou tambem uma parte eminente na grande festa. Foi elle quem dirigiu a mosqueteria do couto,e quem teve a glória de pôr fogo

ao primeiro morteiro, que atroou a freguezia em honra dos noivos. Ao jantar não foi entre os criados mais parco em brindes do que o amo o foi entre os senhores. Por essa razão foi elle quem mais estendeu as honras da festa. Na manhã do dia seguinte ainda foi achado a solemnisal-a, roncando de barriga para o ar, entre as ruínas do solar com uma bemaventurança, com que depois se confessou por bem pago das attribulaçoens, que tinha soffrido até então.

Durante tres annos o céu fez chover, a plenas mãos, lirios e rosas sobre aquella ditosa familia. Ao fim d'elles, uma grande desgraça enlutou aquelle felicidade. Fernão Silvestre, dirigindo em pessoa o apeiamento de uma das paredes do solar, que o fogo desaprumára, foi esmagado por uma pedra, que imprevistamente resvalou do alto do muro. O velho cavalleiro morreu como devia morrer um homem d'aquella témpera, e morreu como desejava. Acabou dentro do solar dos seus antepassados. A realisação d'este seu desejo não deixou comtudo de causar profundissima dôr a todos aquelles, que tão devéras o estremeciam, e de cuja felicidade era sincero compartilhador. Diante d'esta dôr, cahida de súbito no seio d'aquella ventura, se elle podésse, repetiria então, com o seu poeta favorito:

Assim vai alternando o tempo iroso
O bem co'o mal,o gôsto co'a tristeza.
Quem viu sempre um estado deleitoso ?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza ?

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME.

NOTAS

(DO PRIMEIRO VOLUME)

Nota I — Pag. 6

O primeiro mosteiro de monges do monte Cassino ou de S. Bento, que houve na freguezia de S. Salvador de Villar de Frades, foi fundado, segundo se diz, por S. Martinho de Dume, arcebispo de Braga, no anno de 556. Século e meio depois succedeu a invasão dos árabes, e o humilde cenóbio, que outra cousa não era a fundação do santo arcebispo, foi desolado como tantos outros de maior vulto do que elle. N'este estado se conservou até o anno de 1100, em que D. Godinho Viégas, ascendente dos senhores de Azevedo, o reedificou mais avantajadamente, e dotou de grandes rendas, reservando-se certas regalias e privilegios, de alguns dos quaes continuaram a gozar os seus successores até á total extincção do convento, em 1832. Todos sabem o auge de opulencia e poderio, a que chegou a ordem dos benedictinos, e todos sabem tambem que os excessos e abusos, a que esta opulencia a levou, a fizeram cahir tão abaixo, como cahiram mais tarde os jesuítas, que séculos depois conseguiram exceder a antiga grandeza d'ella. No século xv o mosteiro de Villar estava abandonado, porque a ordem já não podia sustentar dois mosteiros tão próximos como eram Tibaens e Villar. N'esta época Villar já era domínio dos arcebispos de Braga. Foi então que da seguinte maneira se levantou a nova congregação monástica, que possuiu Villar até 1832. Mestre João, famoso médico de el-rei D. João I, que depois foi bispo de Lamego e de Vizeu, e Affonso Nogueira, doutor bolonhez *in utroque jure*, que depois foi bispo de Coimbra e de Lisboa, juntando-se com Martim Lourenço, afamado prégador, e

outros amigos, resolveram abandonar o mundo e recolher-se aonde podessem servir a Deus em vida contemplativa. Com esse intento sahiram de Lisboa, e vieram peregrinando até o Porto, onde o bispo D. Vasco II, grande amigo de mestre João, que em Lisboa o havia curado de grave enfermidade, os acolheu benignamente, e lhes deu, para habitarem, a egreja de Santa Maria de Campanham. A transferencia de D. Vasco para o arcebispado de Evora foi grande calamidade para a devoção dos pobres cenobítas. D. Durando, que lhe succedeu, não tendo as mesmas rasoens de affecto para com mestre João, consentiu que o cura de Campanham, que via com maus olhos os intrusos habitadores da sua egreja, os expulsasse, e lançasse á força fóra d'ella. Viram-se os pobres devotos sem abrigo, e, assim desalentados, continuaram a sua peregrinação até Braga, onde foram bem recebidos pelo arcebispo D. Fernando da Guerra, que, condoído d'aquella orfandade, fez mestre João pároco de Villar, aonde se acolheu com os companheiros. Succedeu isto em 1425. O que lhes acontecera no Porto trazia, porém, sobresaltados aquelles bons homens, que de um momento para outro poderiam ser expulsos de Villar, como o tinham sido de Campanham. Aquelle trágico exemplo avisou-os que não deveriam descançar unicamente no respeito que a sua vida exemplar e devota inspirava aos fieis, pelo que, para occorrer a novas provaçoens, pensou mestre João, e pensou bem, que era melhor fazer de Villar coisa sua, do que usufruil-a por beneplácito de estranhos. Tomou, pois, o caminho de Roma, e lá, depois de muitos trabalhos e sollicitaçoens, alcançou por fim, por influencia de D. João I, que Martinho V, célebre papa, por ter na sua eleição despartido o scisma, que então laborava a egreja, confirmasse a sua congregação, que já era conhecida entre o vulgo pelo nome de beguínos ou bons homens de Villar. Apoz esta confirmação despediu mestre João para Portugal o seu amigo e companheiro o doutor Affonso Nogueira, o qual, vindo por Veneza, trouxe de lá o hábito azul e a regra dos cónegos de S. Jorge em Alga, e vestiu, e regularisou d'esta fórma a nova congregação monástica. Mestre João ficára em Roma e não sem intento. Depois de confirmada a congregação, restava empenho egualmente essencial, restava dar-lhe vida propria, libertando-a da dependencia do arcebispo. Mestre João, auxiliado pela influencia da côrte portugueza, foi por fim tão feliz n'este empenho, como o tinha sido no primeiro. Eugenio IV,

successor de Martinho v, desmembrou Villar dos bens do arcebispado, e deu o velho convento aos bons homens do mestre João *in perpetuum* e sem dependencia alguma. Esta infracção do direito de propriedade, e a ingratidão dos beguínos, irritou justamente o arcebispo D. Fernando, que se oppoz tenazmente ao desmembramento, e fez tremer os novos frades, em razão do muito valimento que sabiam que elle tinha em Roma. Aqui interveio o affecto de D. João I pelo seu antigo médico. A rogo de El-Rei o arcebispo pacificou-se, mas com a condicção de que o reitor de Villar nunca poderia entrar em jurisdição, sem ir a Braga receber do arcebispo confirmação da sua eleição, e pagar-lhe um marco de prata em reconhecimento de dependencia e senhorio. Para consolar mestre João, D. João I fez ao mosteiro muitas mercês de dinheiros e terras, azando com este favor que por muito tempo passasse por moda, entre os grandes donatarios e gente opulenta, o beneficiarem pinguemente o mosteiro dos loyos de Villar. D'aqui proveio o tornar-se o convento senhor do couto de Villar, que D. Sancho I, a rogo do bispo D. Pedro Salvador, coutára a favor do mosteiro de D. Godinho Viégas, e tambem do ainda mais antigo couto de Manhente na margem direita do rio. Além d'isto o mosteiro apresentava e collava, como padroeiro, dezenove ou vinte freguezias, era isempto de muitos impostos, e tinha regalias e privilegios de tal ordem, que era considerado um dos mosteiros mais opulentos de Portugal.

Tal é em resumo a historia do mosteiro dos padres de S. João Evangelista, loyos, beguínos ou bons homens de Villar, que com o auxílio de tamanhas riquezas levantaram sobre o pobre cenóbio benedictino de S. Martinho de Dume, e sobre o mais espaçoso mosteiro de D. Godinho Viégas, o magnífico edifício, que ainda hoje existe sobre as margens do Cávado, a pouco mais de uma légua de Braga.

Nota II — Pag. 6

Quem quizer fazer ideia perfeita do que eram entre nós as ordenanças, leia o *Regimento dos capitaens-móres*, etc., de 10 de dezembro de 1570, a *Provisão das ordenanças* de 15 de maio de 1574, e o Alvará de 18 de outubro de 1709. Para a anterior organisação militar portugueza consulte-se o *Regimento da guerra* de El-Rei D. Diniz, na Ordenação Affonsina, L.º I, tit. 51-70, e tit. 71, onde se encontra o *Regimento dos coudeis*, e a cada pas-

so nos outros livros, onde apparece em muitos parágrafos de differentes titulos legislação concernente a este assumpto.

Antes da guerra da independencia, principiada pela revolução de 1640, não havia entre nós exército regular, exército na accepção em que hoje se toma. Até então todo o homem era soldado, e como tal era obrigado a ter armas, segundo a qualidade de sua pessoa e os haveres que possuia. Póde dizer-se que até essa época todo o paiz era vasto quartel de tropa, onde os soldados estavam em descanço, mas que tomavam as armas ao primeiro toque de alarme, e seguiam para a guerra sob o commando dos differentes chefes, que a organisação social e militar d'essa época lhes designava. As ordenanças foram um maior gráu de organisação dado a esse todo disperso e informe; mas apezar d'isso não lhe imprimiu o caracter de exercito. Era como que uma immensa guarda nacional e nada mais. A longa duração da guerra da independencia e a vinda do marechal de Schomberg por essa occasião a Portugal, foi que fez apparecer a primeira amostra de exército regular entre nós, a qual se foi depois reformando pouco a pouco á imitação do que já estava em uso na França, na Espanha, e na Allemanha.

Nota III — Pag. 11

Assim se chamam nas esfolhadas do Minho as espigas de milho vermelho. O feliz, que depára com ellas, tem direito a abraçar aquella das raparigas presentes, que mais lhe agradar.

Nota IV — Pag. 14

A invasão franceza de 1808 foi auxiliada pela Espanha, que ao mesmo tempo que Junot se encaminhava a Lisboa, nos invadia pelo Minho com um exercito ás ordens do general Taranco, e pelo Alemtejo e Algarve com outro commandado pelo marquez del Soccorro. Uma divisão de quatro mil homens, ás ordens do general Carrafa, acompanhou tambem o exército francez, que entrou em Lisboa, obedecendo como general em chefe a Junot.

A prisão de Fernando VII e a nomeação de José Bonaparte para rei de Hespanha levantaram os espanhoes contra Napoleão. Os exéicitos, que tinham em Portugal, tiveram logo ordem de retirar para Espanha. O marquez

del Soccorro, general do exército do sul, obedeceu logo; mas Carrafa, que tinha succedido a Taranco, que morrêra no Porto, no commando do exército do norte, declarou-se por Napoleão em Lisboa, e entregou a Junot as tropas do seu commando que ahi estavam com elle. D. Domingos Ballesteros, que commandava no Porto, não seguiu o exemplo do seu general em chefe; e em cumprimento das ordens que recebera da Espanha retirou do Porto no dia 7 de junho de 1808, levando comsigo o general Quesnel e mais authoridades francezas, de que se apoderára no dia anterior.

Desde o dia 7 até o dia 18 de junho o Porto esteve sem governo, concitado por indecisoens e receios devidos pela maior parte ao ânimo, ou covarde ou talvez que affeiçoado á dominação franceza, do brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa, que fôra anteriormente governador das armas. D'estas indecisoens e d'estes receios foi a cidade tirada no dia 18 pelo capitão de artilheria, João Manoel de Mariz, que sahindo do quartel de S. Ovidio, á frente de alguns soldados, proclamou a restauração da casa de Bragança, e deu azo, com este passo, a definir-se de todo a situação. Immediatamente depois d'este acontecimento nomeou-se popularmente uma Junta de supremo governo, de que foi presidente o bispo D. Antonio José de Castro, que nomearam tambem governador, e vogaes o doutor provisor Manoel Lopes Loureiro, o vigario geral Luiz Dias de Oliveira, o desembargador juiz da corôa José de Mello Freire, o desembargador aggravista Luiz de Sequeira da Gama Ayala, o capitão João Manoel de Mariz, o major Antonio da Silva, Antonio Matheus Freire de Andrade e Manoel Ribeiro Braga.

Esta Junta desagradou desde logo a Mariz, apezar de ser membro d'ella. Mariz, ao que parece era homem de coragem e de acção, mas de intelligencia de pouco alcance. Os seus actos e as suas opinioens eram totalmente dirigidos pelo tenente-coronel de engenheiros Luiz Candido Furtado, de quem era intimamente amigo. Como homem de vistas largas e de vasta intelligencia, Luiz Candido comprehendeu logo que o único governo possivel n'aquella occasião era um governo puramente militar, não só para se proceder immediatamente ao armamento do paiz, mas para refrear com mão énergica as demasias populares, que começavam já a prognosticar o que viriam a ser de futuro, em razão das condescendencias que n'essa occasião foi preciso ter para com o enthusiasmo patriótico do povo. A Junta, presi-

dida por um bispo e composta na sua maioria por homens togados e paisanos, desagradou-lhe, e este desagrado transformou-se em rancor, quando viu convidar o general Bernardim Freire de Andrade a vir occupar o seu logar de governador das armas, logar a que elle aspirava, e que esperava conseguir por influencia de Mariz. A chegada de Bernardim Freire exasperou-o. Tramou logo contra elle uma sublevação popular, e, auxiliado por Mariz que facilmente arrastou comsigo, tentou tambem fazer depôr a Junta e todas as outras authoridades constituidas.

A energia de Bernardim Freire e o respeito que o povo tinha pelo bispo fizeram abortar a sublevação. Mariz e Luiz Candido foram presos e levados diante dos tribunaes. Mariz foi condemnado a degredo perpétuo para Angola, e Luiz Candido a morrer enforcado. D'estas duas sentenças nenhuma se cumpriu. Chegou-se a designar dia para a execução de Luiz Candido, chegou-se a levantar a forca na Cordoaria, chegou o povo a agglomerar-se para ver executar o condemnado, mas tudo aquillo não passou de méra burla, com a qual o bispo o salvou das iras populares. Na noite que precedeu o dia marcado para a execução, Mariz e Luiz Comdido foram embarcados a bórdo de um navio, que partiu immediatamente com elles para o Rio de Janeiro, remettidos á justiça do principe regente para d'elles fazer o que julgasse conveniente.

Estes são os factos, a que se allude no texto.

Nota V — Pag. 17

As casas de todos os lavradores opulentos do Minho têem para o lado da *estriqueira*, a qual é geralmente nas trazeiras d'ellas, um amplo espaço, ao rez do pavimento superior e a toda a largura d'elle, coberto pelo telhado, que d'este lado se estende para fóra da casa, como nos *chalets* suissos, sustentado sobre esteios de pedra ou de madeira. Este espaço sem resguardo algum mais do que o telhado, é o que no Minho se chama *varanda*. Para ellas se sóbe da *estriqueira* por escada de pedra, e, com raras excepçoens, por ella se entra para a cosinha, que é geralmente a parte do edificio que tem porta para alli.

Nota VI — Pag. 25

Como a sciencia do brazão é de certo desconhecida pela maior parte dos leitores d'este livro, não é fóra de

propósito o dizer aqui d'ella o que é necessario, para se comprehender bem o valor das armas dos senhores de Encourados.

Elmo aberto — Só podiam uzar de elmo aberto nas armas os fidalgos de antiga linhagem. O elmo cerrado indicava fidalguia recente. Só depois da quarta geração é que se podia abrir o elmo.

Cruz firmada no escudo — Cruz cujas pontas terminam nas extremidades ou orla do escudo; que o occupa de lado a lado, e não fica isolada no campo, deixando algum espaço entre as pontas d'ella e a orla d'elle.

Paquife — Assim se chamam as folhagens, que sahem do elmo pelos lados do escudo. Em boa armeria o paquife não póde ser de outra côr nem de outro metal, senão d'aquelles de que se compoem o escudo.

Timbre — É a insígnia que orna o alto do elmo. O timbre é reputado a parte mais illustre das armas; porque estas póde-as uzar qualquer fidalguelho, por mais recente que seja em data; mas o timbre, em boa lei de armaria, só póde ser usado por fidalgo antigo e de ascendencia illustradissima.

Toiro arremetente — Em armaria todos os animaes se representam com as qualidades, que os caracterisam, e segundo ellas se denominam. Assim o leão diz-se rompante, o toiro arremetente, o cavallo corrente, o urso levantante e ameaçante, o lobo caçante, o cervo corrente, a onça saltante, o elefante andante, a raposa espreitante, a águia voante, o gavião caçante, a cabra passante, o porco montez fugente, etc. — O animal do timbre significa quasi sempre que aquelle que o tomou praticou algum feito com ânimo igual ao do animal representado.

Toiro, armado de vermelho — Quando se diz que o animal está armado d'esta ou d'aquella côr ou metal, vale o mesmo que dizer que tem os cornos, os colmilhos, a lingua ou as unhas d'aquella côr ou metal, de que se diz estar armado.

A respeito dos metaes e côres ouça-se o que diz Antonio de Villas-Boas Sampaio, na Nobiliarchia, cap. XXVI:

« Para a composição dos escudos no uso da ármaria servem sómente os dois metaes de oiro e prata; e quatro côres naturaes correspondentes aos quatro elementos de que se formou o mundo. São estas — a cór vermelha que se chama *goles*, e corresponde ao fogo; azul que se diz *blao*, e corresponde ao ar; verde que se nomea *sable*, e corresponde á agua; negra chamada por outro nome *sinoble*, e corres-

ponde á terra. Dos metaes, o ouro significa nobreza, fé, sabedoria, fidelidade, constancia, poder e liberalidade; a prata denota vencimento, eloquencia, limpeza, humildade e riqueza. As côres tambem tem diversos significados. O vermelho significa victorias, ardis e guerras; o azul zelo, caridade e lealdade; o verde esperança e fé; o negro firmeza, obediencia, honestidade e cortezia. As outras côres, que não são tidas por naturaes, como pardo, amarello, e outras de misturas, não servem para a armaria, sob pena de ser tido por falso e não nobre o escudo que as tiver. Todo o escudo de armas ha-de estar composto d'estas quatro côres e d'estes dois metaes, ou de parte de uns e outros. »

Nota VII — Pag. 54

De Joanne, o pobre, nenhum dos muitos escriptores, que d'elle fallam, conta outra coisa mais do que dizer que era descendente dos condes de Urgel, e que veio de Espanha a Portugal, onde se fez ermitão, primeiro no monte de Sampaio de Midoens, a pouca distancia de Airó, onde fundou uma ermida em honra de S. Silvestre, e depois aqui no Airó, onde levantou outra ermida com a mesma invocação. O mais que d'elle dizem é que foi muito acceito á rainha D. Filipa e a D. Affonso, primeiro duque de Bragança, que o consultavam muito a miude, e o veneravam como santo. Vid. Jorge Cardozo, Diccionario Geographico de Portugal, verb. Airó; Carvalho, Corographia, vol. I; Villas-Bôas, Nobiliarchia, cap. VIII; Ceu aberto na terra (Chronica dos loyos), Agiologio lusitano, etc., etc. A Chronica dos loyos diz que elle morreu a 12 de janeiro de 1436.

No capitulo V d'esta novela ponho na bocca do cónego Valentim o que penso ácerca d'este personagem mysterioso.

Em 1809 já nada existia da ermida de Joanne, o pobre, cujas ruinas tinham sido aproveitadas para a construcção da que em 1650 foi levantada no mesmo local pelo ermitão Simão Alves de Lemos, com a invocação da Senhora da Boa Fé. Vid. Cardozo, Dicc. Verb. Airó, e Fr. Agostinho de Santa Maria, Santuario Marianno, L.º 1.º, tit. 37, vol. IV, pag. 149. Da ermida da Senhora da Boa Fé, que segundo diz o padre Cardozo, era um pequeno eremiterio, que tinha algumas cellas para quem ahi quizesse viver em penitencia, ainda ha poucos annos existiam as ruinas e a capella. Eu proprio as vi, e visitei muitas ve-

zes. Hoje, segundo me consta já nada existe de tudo isso porque os aldeoens das povoaçoens das abas do Airó demoliram as ruinas e a capella, levando pouco a pouco a pedra lavrada para a aproveitarem em muros e soleiras de casas.

Nota VIII — Pag. 74

Ductos de incenso é o que vulgarmente chamam incensadellas, o acto emfim pelo qual aquelle que empunha o thuribulo, o levanta pela cadeia á altura do rosto, e depois, baloiçando-o, arremeça a fumacira á cara do incensado. A cada acção d'estas chamavam antigamente um ducto. Cada posição official, civil, militar ou ecclesiastica tinha direito a um certo numero de ductos—dois, tres, quatro, cinco, segundo a pragmática das incensaçoens.

E' preciso confessar que a comedia humana, se porventura foi em outros tempos mais honesta do que hoje, tambem foi mais ridicula e burlesca.

Nota IX—Pag. 68

A impossibilidade, que achei em harmonisar as admiraveis contradicçoens dos contemporáneos ácerca da figura de Bernardim Freire, levou-me a descrevel'a pelo retracto que d'elle fez o famoso Domingos Antonio de Sequeira, que, por ser feito por tal pintor, deve ser reputado perfeitamente semelhante.

(DO SEGUNDO VOLUME)

Nota X — Pag. 19

A respeito da prisão e assassinato de Bernardim Freire, veja-se o officio do barão de Eben, datado do Porto a 26 de março de 1809, (depois de ter fogido de Braga), e a sentença do conselho de guerra instaurado em Vianna para investigar ácerca das causas do assassinato do mesmo general e dos outros officiaes, a qual foi proferida a 18 de novembro de 1809 e se acha nas Ordens do dia de Beresford, anno de 1809, pag. 188.

A respeito das intrigas de Eben e infamia com que

abandonou Bernardim Freire ao furor da plebe, veja-se a *Memoria* dos factos populares na provincia do Minho em 1809, escripta por José Valério Velloso, cónego da collegiada de Barcellos.

Nota XI — Pag. 56

Historico. D'esta forma é que foi salvo, n'esta mesma occasião o conego José Valério Velloso. Vide Memoria citada, pag. 18, edicção de 1823.

Nota XII — Pag. 84

A scena do assassinato do brigadeiro Luiz de Oliveira da Costa, foi-me contada pelo meu amigo o snr. Manoel Ferreira Quiques, que d'ella foi casualmente testemunha presencial.

O meu amigo o snr. Carlos Gandra possue um volumoso manuscripto de que é author um ecclesiastico, contemporáneo d'este acontecimento, e que se intitula *Memorias chronológicas, criticas e circumstanciadas da invasão dos francezes em* 1809, *e privativas da muito nobre e sempre leal cidade do Porto*, no qual se narra da seguinte maneira o assassinato de Luiz de Oliveira: —

« Não param aqui os horrorosos attentados, e novos crimes amontoam sobre os outros. Concebem o atroz projecto de mattarem o ex-governador das armas Luiz de Oliveira e outros, que estavam entregues á justiça e presos nas ditas cadeias (Relação). E o mesmo foi pensal-o que executal-o! É por força arrancado o brigadeiro Luiz de Oliveira da cadeia, o qual apparece tremendo e quasi nú, e abraçado com uma imagem de Nossa Senhora, a quem se encommendava como na sua derradeira hora de vida. Não são bastantes as suas supplicas para lhe concederem a confissão; e, á força de golpes de ferro, é desgraçadamente morto, sendo um dos principaes malfeitores Constantino Gomes de Carvalho, soldado de pé do castello da Foz e natural de Barcellos, o primeiro que descarregou uma cutilada no desgraçado Luiz de Oliveira!!

Como se vê, a narração do MS. Gandra diverge da do snr. Quiques, em quanto á pessoa que primeiro feriu Luiz de Oliveira. Comquanto o manuscripto, apezar de ser redigido sem criterio, sem estylo e mesmo sem grammática, seja documento importantissimo para a historia d'aquella época, não só por historiar pelo miudo todos os

acontecimentos, mas, e sobretudo, por ser o reflexo da opinião do vulgo ácerca dos factos, que se succediam uns aos outros com espantosa rapidez, ainda assim preferi a narração do snr. Quiques, por ser de testemunha presencial e de toda a maneira insuspeita, á do author do MS. que além de se não dar por testemunha de vista do assassinato, era membro da classe, a que, segundo o snr. Quiques, pertencia o primeiro assassino que feriu o desgraçado Oliveira.

Nota XIII— Pag. 92

Do MS. Gandra copio em favor do leitor, amigo d'estas curiosidades históricas, os trechos seguintes relativos ás linhas de fortificação e sua defeza:

« Na grande e dilatada linha de defesa da parte do norte da cidade haviam, como já disse, 35 baterias, que estavam dispostas e repartidas pelo espaço de duas léguas, que tanto occupava a dita linha: — a 1.ª era S. Cosme em Campanham; a 2.ª S. Luiz, no alto do Pinheiro ou Cavádo, e eram defendidas pelo primeiro batalhão da primeira brigada (*); A 3.ª era a bateria do Senhor do Padrão, por detraz da capella do Senhor do mesmo nome; a 4.ª S. Jorge, no alto do pinhal do monte Cativo; estas eram guarnecidas pelo 2.º batalhão da 1.ª brigada; A 5.ª S. Pantaleão, no monte das Enfestadas; a 6.ª S. Maria, no alto do monte Cativo; que eram defendidas pelo 3.º batalhão da 1.ª brigada; a 7.ª S. Salvador, ao Senhor do Bomfim; a 8.ª Santa Clara, no Moinho de Vento do Senhor do Bomfim, e a 9.ª Senhor da Boavista, sobre a estrada das Antas; que eram guarnecidas pelo 4.º batalhão da mesma 1.ª brigada. A 10.ª bateria era Santo Ildefonso, na Póvoa de Cima; a 11.ª a de S. Filipe, á quinta dos Congregados; eram defendidas pelo 1.º batalhão da 2.ª brigada. A 12.ª bateria era a da Senhora do Carmo, na eira da Empegada; a 13.ª era a de S. João Evangelista, no moinho do Fernandes; e eram defendidas pelo 2.º batalhão da 2.ª brigada. A 14.ª bateria era S. Pedro no Lindo Valle; a 15.ª era S. Domingos na Arrotea, que eram defendidas pelo 3.º batalhão da 2.ª brigada. A 16.ª bateria era a Senhora da Lapa, no monte da Lapa; a 17.ª S. Fructuoso; no logar do Serio; e a 18.ª Santo An-

(*) Refere-se ás brigadas de ordenanças de que fallo no texto.

tonio, no monte do Regado, que eram defendidas pelo 4.º batalhão da mesma 2.ª brigada.

A bateria 19.ª S. Francisco, no Monte Pedral, era o quartel general d'esta grande linha, e o centro d'ella; e era defendida pelos corpos de reserva, e independente dos outros commandos. A bateria 20.ª S. Paulo, na Falperra; a 21.ª S. Thomé; eram defendidas pelo 1.º batalhão da 4.ª brigada.

A 22.ª S. Gonçallo, e a 23.ª S. Barnabé, á Prelada, eram defendidas pelo 2.º batalhão da mesma brigada; a 24.ª S. Sebastião; a 25.ª S. Thiago; eram defendidas pelo 3.º batalhão da mesma brigada. A 26.ª S. Miguel, em Lordello, era guarnecida pelo 4.º batalhão da dita 4.ª brigada. A 27.ª, S. José, ao Prado da Fabrica, e 28.ª S. Mathias, em Ramalde, eram defendidas pelo 1.º batalhão da 5.ª brigada. A 29.ª S. Martinho, e a 30.ª S. Duarte, aquella em Ramalde e esta no Campo das Casas, eram defendidas pelo 2.º batalhão da dita brigada. A 31.ª S. Gregorio, e a 32.ª S. Braz, eram defendidas pelo 3.º batalhão da mesma brigada. A 33.ª S Bruno, reducto do Pinhal; 34.ª Senhora da Luz, 35.ª S. Raimundo, eram defendidas pelo 4.º batalhão da dita 3.ª brigada.

As baterias da parte do Sul da cidade e rio Doiro eram as seguintes: — 1.ª Santo Antonio e a 2.ª a Raza, que eram defendidas pelo 1.º batalhão da 5.ª brigada. A 3.ª Senhor de Padrão, e a 4.ª Monte Alto, que eram defendidas pelo 2.º batalhão da mesma brigada. A 5.ª a bateria do Monte grande, que era defendida pelo 3.º batalhão da dita brigada; e a 6.ª bateria da Serra, que era defendida pelo 4.º batalhão da dita 8.ª brigada.

Era esta a ordem da defeza em torno da cidade do Porto, que apesar de seu grande valor na profiada defesa é sacrificada por fim ao desapiedado furor do brutal inimigo!... »

Tudo o mais que digo no texto relativo á organisação da defesa d'estas linhas é, com pequenas modificaçoens suggeridas pelas partes officiaes, copiada tambem d'este MS.

Nota XIV — Pag. 102

Assim o diz uma carta de um official inglez, escripta de Coimbra a 2 de abril de 1809, isto é, quatro dias depois da tomada do Porto, publicada no *Correio braziliense*, de 1809, pag. 520.

Tudo o mais que narro do acontecido durante os tres

dias, que Soult esteve em frente das linhas, é tirado do mesmo *Correio braziliense*, de 1809, pag. 510-515, e 520-522; e do MS. Gandra na extensa parte, que corresponde a estes successos.

Nota XV — Pag. 135

Isto conta o MS. Gandra do cónego José Valerio Velloso, author da *Memoria* acima citada. A verdade d'esta asserção deduz-se claramente da *Memoria* de Valerio, que segundo o MS., era em vaidades um admiravel parlapatão.

FIM DAS NOTAS

ERRATAS

N. B. Para não fazer muito longa esta lista, deixamos de apontar algumas irregularidades de pontuação e de orthographia, resultantes da alguma differença que existe entre a orthographia do author e a do «Commercio do Porto», onde esta novela foi primeiro publicada, as quaes escaparam por essa razão, ao rever as provas do volume.

Pag.	Linh.	Errata	Emenda
27	3	Souza	Castro
31	12	destribuiu	destribuíra.
45	6	outro	oitro
69	24	deixarmo-nos	deixarmos-nos
79	24	população	populaça
84	6	vieste	vi este
86	16	Parreira	Parreiras
90	3	léguas e desde	léguas desde
—	26	Sebastião	da primeira Sebastião
92	9	n.º 27	n.º 29
—	26	*No fim d'este paragrapho falta a chamada (*) á Nota XIII, que tambem se deixou de indicar no fim da página.*	
93	10	Hespanha	Espanha *(E assim todas as vezes que esta palavra se achar orthographiada de outra maneira)*
135	34	not. XVI	not. XV.
138	13	morto	inerte
164	8	pararsm	pararam
193	11	se, eu ficasse	se eu ficasse
204	14	aquelle	aquella
206	31	na sua	a sua
210	35	Para ellas	Para ella
213	10	fumacira	fumaceira